

SOCSCI

## Estudo aprofundado de uma amostra de associações científicas

Ana Delicado, ICS-UL

Raquel Rego, SOCIUS-ISEG-UTL

Inês Pereira, CIES-IUL

Cristina Palma Conceição, CIES-IUL

Luís Junqueira, ICS-UL

Patrick Figueiredo, ICS-UL

Cristiana Bastos, ICS-UL

Fevereiro de 2012

Projeto SOCSCI- Sociedades Científicas na Ciência Contemporânea

PTDC/CS-ECS/101592/2008



## Índice

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. METODOLOGIA.....	4
3. OBJETIVOS DAS ASSOCIAÇÕES.....	13
3.1 MISSÃO DAS ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS.....	13
3.2 CRIAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS.....	16
3.3 TRANSFORMAÇÕES DAS ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS.....	29
4. ATIVIDADES.....	38
4.1 ENCONTROS CIENTÍFICOS.....	38
4.2 PUBLICAÇÕES.....	52
4.3 DIVULGAÇÃO E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA.....	61
4.4 ACONSELHAMENTO / LOBBY.....	80
4.5 APOIO PROFISSIONAL.....	89
4.6 ATIVIDADES DE I&D E TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO.....	95
5. PARTICIPAÇÃO ASSOCIATIVA.....	103
5.1 VOLUME DE SÓCIOS.....	103
5.2 CARACTERÍSTICAS DOS SÓCIOS.....	106
5.3 ADESAO ÀS ASSOCIAÇÕES.....	115
5.4 PARTICIPAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO.....	119
5.5 BENEFÍCIOS DA PERTENÇA.....	123
5.6 PROBLEMAS DAS ASSOCIAÇÕES.....	126
6. FUNCIONAMENTO INTERNO.....	129
6.1 ÓRGÃOS SOCIAIS.....	129
6.2 ORGÂNICA DAS ASSOCIAÇÕES.....	137
6.2. COMUNICAÇÃO INTERNA E EXTERNA.....	148
7. RELAÇÕES EXTERNAS.....	153
7.1 DEPENDÊNCIA E CONTESTAÇÃO – AS RELAÇÕES COM INSTITUIÇÕES LIGADAS AO GOVERNO CENTRAL.....	154
7.2 SOBREPOSIÇÕES, PARCERIAS E FILIAÇÕES INTERNACIONAIS – RELAÇÕES COM OUTRAS ASSOCIAÇÕES E REDES DE ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS.....	160
7.3 APOIOS, PEDIDOS E INTERCÂMBIOS LOCAIS: RELAÇÕES COM AS AUTARQUIAS, AS ESCOLAS E AS EMPRESAS.....	165
8. CONCLUSÕES.....	169
9. REFERÊNCIAS.....	174
ANEXO 1 GRELHA DE ANÁLISE DAS ASSOCIAÇÕES.....	179
ANEXO 2 GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PRESIDENTES DA DIREÇÃO.....	180
ANEXO 3 QUESTIONÁRIO DO INQUÉRITO AOS SÓCIOS DAS ASSOCIAÇÕES.....	185
ANEXO 4 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA DO INQUÉRITO AOS SÓCIOS DAS ASSOCIAÇÕES.....	190



## 1. Introdução

Este relatório sumariza os resultados obtidos na segunda fase do projeto SOCSOCI Sociedades Científica na Ciência Contemporânea, nomeadamente através do estudo aprofundado de uma amostra de associações científicas.

Após um trabalho de recenseamento e inquirição ao universo de associações científicas (Delicado et al 2011), que identificou cerca de três centenas e meia deste tipo de instituições e que concebeu uma tipologia de três ideais-tipo de associação (sociedades científicas disciplinares, associações profissionais de cientistas e associações de divulgação científica – Delicado, Rego e Junqueira 2011), esta fase concentrou-se no estudo aprofundado de 24 destas organizações, suportado por análise documental, entrevistas aos presidentes da direção e inquérito por questionário aos sócios.

Após uma breve caracterização da metodologia seguida, o presente relatório está dividido em seis secções: objetivos das associações; principais atividades; participação associativa; funcionamento interno; e relações externas. Há, no entanto, bastantes transversalidades entre estes temas, que se procurou assinalar ao longo do texto. Sempre que possível, foram salientadas as diferenças entre os três tipos de associação científica, ainda que os pontos em comum entre eles sejam mais frequentes. A análise é suportada com citações exemplificativas retiradas das entrevistas.

Este relatório é apenas um documento de trabalho, ainda “em bruto”, com repetições e imprecisões que serão devidamente corrigidas. É uma forma de apresentação preliminar de resultados e que servirá também como base para discussão no workshop agendado para dia 26 de abril.



## 2. Metodologia

A tarefa de recenseamento das associações científicas produziu uma listagem de pouco mais de 350 associações, sobre as quais foi recolhida alguma informação básica (nome, morada, data de fundação, objetivos, principais atividades, área científica), mais tarde complementada com um inquérito por questionário às associações (Delicado et al 2011). Com o objetivo de conhecer em maior detalhe estas associações, nomeadamente as suas atividades, historial, funcionamento, relações entre si e com outras organizações do campo científico, desenvolveu-se um estudo aprofundado sobre uma amostra destas associações.

Em primeiro lugar foi estabelecida a dimensão pretendida da amostra, designadamente 24 casos, um número nos que pareceu suficientemente largo para abranger a diversidade interna do universo mas também suficientemente restrito para esta tarefa ser exequível dentro dos prazos de desenvolvimento do projeto e compatível com as restantes atividades do mesmo. A amostra foi então estratificada em dois eixos principais: o tipo de associação científica<sup>1</sup> e a área disciplinar. A distribuição dos estudos de caso segue de forma lata a distribuição do universo de associações recenseadas (Quadro 1). Se no conjunto de sociedades científicas se procurou abranger todas as áreas disciplinares, no caso das associações de divulgação científica foram selecionadas apenas casos nas áreas científica onde é mais frequente este tipo de associação, para além de duas associações sem área disciplinar definida.<sup>2</sup> No que respeita às associações profissionais de cientistas privilegiou-se as associações de âmbito mais abrangente, sem vocação disciplinar, por um lado para evitar sobreposições com um projeto de investigação prévio sobre associações profissionais (Freire 2004), por outro lado para dar suporte à tese de mestrado do bolseiro do projeto.

Quadro 1 Distribuição do universo e amostra das associações científicas por tipo e área disciplinar

	Sociedades científicas disciplinares		Associações profissionais de cientistas		Associações de divulgação científica	
	Universo	Amostra	Universo	Amostra	Universo	Amostra
Ciências Exatas	8	1			23	1
Ciências Naturais	30	2	3	1	22	2
Ciências da Saúde	106	3			2	
Ciências Agrárias	11	1			1	
Ciências da Engenharia	27	2	1		4	1
Ciências Sociais	53	2	2		2	
Humanidades	21	1	2		14	
Interdisciplinar/Sem área	11		10	5	10	2
Total	261	12	18	6	78	6

<sup>1</sup> A tipologia de associações científicas, constituída por três “ideais-tipo”, emergiu dos resultados do inquérito (vide Delicado, Rego e Junqueira 2011).

<sup>2</sup> Neste tipo de associações foram deixadas de fora dos estudos aprofundados as associações das humanidades, maioritariamente arqueológicas. Tal deveu-se a um lapso de classificação da Associação Leonel Trindade – Sociedade de História Natural, que na sua génese desenvolvia trabalhos de arqueologia (o nome homenageia um eminente arqueólogo de Torres Vedras).

Não citar sem permissão



Dentro destes parâmetros, a escolha das associações submetidas a estudo aprofundado obedeceu a critérios eminentemente qualitativos, não tendo sido de forma alguma aleatória. Foram selecionadas associações sobre as quais se detinha já alguma informação (dando preferências às que tinham respondido ao inquérito, mas não de forma exclusiva) e em muitos casos que tinham potencialmente alguma relação entre si: por exemplo, uma sociedade científica e uma associação profissional da mesma área (a Sociedade Portuguesa de Bioquímica e a Associação Nacional de Bioquímicos); uma sociedade científica e uma associação de divulgação científica na mesma área (a Sociedade Portuguesa de Sistemas de Informação e a Associação para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação); uma sociedade científica e duas outras que dela derivaram (a Sociedade de Ciências Médicas, a Sociedade Portuguesa de Bioquímica e Sociedade Portuguesa de Neurologia).

Em cinco casos foi necessário substituir a associação inicialmente escolhida: num caso por a associação já não estar ativa, nos restantes por recusa dos responsáveis em conceder uma entrevista. Assim, o conjunto de associações sujeito a um estudo aprofundado encontra-se listado no Quadro 2.



Quadro 2 Amostra de associações sujeitas a estudo aprofundado

Nome	Tipo	Área científica	Local da sede	Ano de fundação	Nº de sócios	Objetivos
ABIC Associação dos Bolseiros de Investigação Científica	Associação de profissionais científicos	Sem área científica	Lisboa	2003	500	Representar os bolseiros de investigação científica e defender os seus interesses; Participar em todas as questões do interesse dos seus membros e designadamente na elaboração da política científica nacional; Defender e estimular, na medida das suas possibilidades, a atividade científica em Portugal.
ALT-SHN Associação Leonel Trindade - Sociedade de História Natural	Associação de divulgação científica	Ciências naturais	Torres Vedras	1998	28	Desenvolver trabalhos de investigação paleontológica, em particular sobre vertebrados fósseis, tendo igualmente como objetivo a promoção do património paleontológico e geológico.
AMONET – Associação Portuguesa de Mulheres Cientistas	Associação de profissionais científicos	Sem área científica	Lisboa	2004	200	Proceder a estudos relativamente a matérias relevantes para a efetivação da igualdade de direitos e oportunidades; Propor às instâncias competentes a elaboração, alteração ou revogação de quaisquer diplomas a fim de obter a plena igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres; Promover o esclarecimento e o debate sobre a situação das mulheres cientistas, divulgar os seus direitos e denunciar, por todos os meios, as formas de discriminação; Fomentar o intercâmbio de conhecimentos e experiências com outras organizações a nível nacional e internacional e colaborar com elas em iniciativas que possam contribuir para a prossecução dos fins da Associação.
ANBIOQ Associação Nacional de Bioquímicos	Associação de profissionais científicos	Ciências naturais	Porto	2000	600	Divulgação à sociedade em geral do que é a Bioquímica, objetivos, meios, função e importância; defesa dos direitos dos licenciados em Bioquímica; Promoção do intercâmbio entre Universidades, Indústria, do ponto de vista da Bioquímica e dos seus licenciados; Defesa dos interesses dos estudantes das licenciaturas em Bioquímica.
ANICT Associação Nacional de Investigadores em Ciência e Tecnologia	Associação de profissionais científicos	Sem área científica	Coimbra	2010	322	Apoiar e representar os Investigadores Científicos que trabalham em Portugal; Agir como parceiro no diálogo entre os Investigadores e o Governo, assim como outras instituições que participam na definição da política de Ciência em Portugal; Promover a excelência na investigação académica, autonomia e liberdade, em todas as áreas do saber; Contribuir para a disseminação do conhecimento científico para o público em geral.

Não citar sem permissão



Nome	Tipo	Área científica	Local da sede	Ano de fundação	Nº de sócios	Objetivos
APH Associação Portuguesa de Horticultura	Sociedade científica disciplinar	Ciências agrárias	Lisboa	1999	700	Visa apoiar e fomentar o progresso da Horticultura e contribuir para o aperfeiçoamento científico e técnico dos seus membros, estimulando a cooperação entre eles.
APS Associação Portuguesa de Sociologia	Sociedade científica disciplinar	Ciências sociais	Lisboa	1985	2300	Promover o desenvolvimento da Sociologia em Portugal e a criação de uma comunidade sociológica nacional; Encorajar a investigação e dinamizar a comunicação e o debate científicos; Incentivar e divulgar a análise sociológica da realidade portuguesa; Promover a integração dos sociólogos portugueses na comunidade sociológica internacional; Divulgar junto das instituições e da opinião pública a natureza e os contributos da Sociologia; Favorecer o relacionamento com outras disciplinas e outras comunidades científicas e grupos socioprofissionais; Promover a atividade profissional dos sociólogos e garantir um adequado cumprimento do seu código deontológico.
APSI Associação Portuguesa de Sistemas de Informação	Sociedade científica disciplinar	Ciências da engenharia	Braga	1992	150	Aproximar a comunidade interessada na gestão e desenvolvimento de sistemas de informação; Estimular a investigação e partilha do conhecimento no domínio dos sistemas de informação; Estabelecer ligações com outras comunidades técnico-científicas afins, nacionais ou estrangeiras
APDSI Associação para a Promoção e o Desenvolvimento da Sociedade de Informação	Associação de divulgação científica	Ciências da engenharia	Lisboa	2001	700	Proporcionar um fórum para debate sobre a Sociedade da Informação; Afirmar-se como força de pressão sobre os poderes públicos, instituições e sector privado no sentido de maximização dos benefícios da Sociedade da Informação; Promover a sensibilização e qualificação no domínio da Sociedade da Informação; Estimular a adequação do mercado às necessidades de desenvolvimento da Soc. da Informação e Conhecimento.
AVaC Associação Viver a Ciência	Associação de divulgação científica	Sem área científica	Lisboa	2004	150	Fomentar o envolvimento dos cidadãos na investigação científica; Promover, junto de entidades privadas e indivíduos, a investigação científica realizada em Portugal, evidenciando a sua elevada qualidade e competitividade internacional; Apoiar o desenvolvimento de carreiras em investigação, angariando financiamentos privados.
OTC Organização dos Trabalhadores Científicos	Associação de profissionais científicos	Sem área científica	Lisboa	1979	500	Defender e estimular, na medida das suas possibilidades, a atividade científica em Portugal; Colaborar na elaboração de uma política científica nacional; Lutar por uma correta aplicação da Ciência ao serviço do Povo Português e, à escala mundial, ao serviço da Paz, do progresso e da cooperação entre os povos.

Não citar sem permissão



Nome	Tipo	Área científica	Local da sede	Ano de fundação	Nº de sócios	Objetivos
Nuclio – Núcleo Interativo de Astronomia	Associação de divulgação científica	Ciências exatas	Cascais	2001	40	Os seus objetivos são a divulgação e o ensino da Ciência, em particular da Astronomia e Astrofísica. (website)
SiW Scientists in the World /Associação Cientistas no Mundo	Associação de divulgação científica	Sem área científica	Lisboa	2007	60	Promover o ensino da ciência nos países em vias de desenvolvimento, tanto ao nível básico como ao nível avançado; Divulgar e desenvolver novas tecnologias para melhorar a qualidade de vida das populações; Estimular o interesse pela ciência e promover a literacia científica na população em geral; Desenvolver material para o ensino e para a divulgação da ciência e da tecnologia; Contribuir para diminuir o fosso científico e tecnológico entre as várias regiões do mundo; Contribuir para o relacionamento internacional, a solidariedade e a cooperação entre os cientistas, educadores e estudantes das áreas de ciência e tecnologia.
SNESup Sindicato Nacional do Ensino Superior, Associação Sindical de Docentes e Investigadores	Associação de profissionais científicos	Sem área científica	Lisboa	1989	4000	defender e dignificar, em geral, o exercício da docência e da investigação científica; defender, em particular, os interesses socioprofissionais dos docentes e investigadores do ensino superior independentemente da natureza do seu vínculo, da sua categoria profissional e do seu regime de prestação de serviço; promover o estudo das questões relacionadas com a educação e a investigação científica em geral, e com o ensino superior em particular; fomentar a convivência intelectual e a solidariedade profissional entre docentes e investigadores das várias áreas científicas e das várias regiões do país, e igualmente entre docentes e investigadores nacionais e estrangeiros.
SCML Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa	Sociedade científica disciplinar	Ciências da saúde	Lisboa	1822	1100	contribuir para o aperfeiçoamento dos conhecimentos médicos em todos os ramos, nos seus aspetos teóricos e aplicados, de carácter individual, coletivo e social.
SPB Sociedade Portuguesa de Bioquímica	Sociedade científica disciplinar	Ciências naturais	Coimbra	1967	1000	promover, cultivar e desenvolver em Portugal a investigação e o ensino da Bioquímica e ciências afins e facilitar o convívio e troca de ideias entre os seus sócios



Nome	Tipo	Área científica	Local da sede	Ano de fundação	Nº de sócios	Objetivos
SPECO Sociedade Portuguesa de Ecologia	Sociedade científica disciplinar	Ciências naturais	Lisboa	1995	297	Promover o conhecimento da Ecologia, nos domínios da investigação e ensino. Estimular as interações dos investigadores nacionais e internacionais e promover a interdisciplinaridade. Promover a aplicação dos princípios ecológicos ao desenvolvimento, utilização e conservação dos recursos naturais. Colaborar com entidades, oficiais ou privadas, nacionais ou internacionais, no desenvolvimento e implementação de soluções ecologicamente adequadas para os problemas ambientais. Canalizar fluxos de informação relacionados com Ecologia. Sensibilizar os cidadãos para as questões ecológicas. “Fazer a ponte” entre os cidadãos e o governo, para os assuntos da conservação, ciência e política educacional.
SPES Sociedade Portuguesa de Engenharia Sísmica	Sociedade científica disciplinar	Ciências da engenharia	Lisboa	1997	110	Fomentar, em Portugal, o desenvolvimento da Engenharia Sísmica, Sismologia e Prevenção e Defesa contra os Sismos, promovendo a divulgação da informação, o intercâmbio científico e técnico entre os seus associados e a organização de reuniões, colóquios e conferências ou outras iniciativas de carácter análogo. Assegurar a representação Portuguesa nas Associações Europeia e Internacional de Engenharia Sísmica (EAEE e IAEE).
SPFilosofia Sociedade Portuguesa de Filosofia	Sociedade científica disciplinar	Humanidades	Lisboa	1977	120	Fomentar o progresso dos estudos filosóficos, pugnando pela sua expansão, excelência, ensino e divulgação.
SPQ Sociedade Portuguesa de Química	Sociedade científica disciplinar	Ciências exatas	Lisboa	1911	1500	Promover, cultivar e desenvolver, em Portugal, a investigação, o ensino e a aplicação da Química e das Ciências com esta mais diretamente relacionadas.
SPNeurociência Sociedade Portuguesa de Neurociências	Sociedade científica disciplinar	Ciências da saúde	Porto	1994	330	Promoção e desenvolvimento da pesquisa científica em neurociências e disseminação da cultura científica
SPNeurologia Sociedade Portuguesa de Neurologia	Sociedade científica disciplinar	Ciências da saúde	Lisboa	1982	400	Promoção do desenvolvimento da Neurologia ao serviço da população portuguesa através do fomento do ensino, da investigação científica, do intercâmbio e divulgação de conhecimentos científicos sobre as ciências neurológicas e da promoção de melhores condições de prestação de cuidados médicos e assistência aos cidadãos com doenças neurológicas.

Não citar sem permissão



Nome	Tipo	Área científica	Local da sede	Ano de fundação	Nº de sócios	Objetivos
SPPC Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica	Sociedade científica disciplinar	Ciências sociais	Lisboa	1989	490	Contribuir para a formação qualificada dos psicólogos clínicos, tanto no domínio da Psicoterapia Psicodinâmica como nas áreas da Consulta e Diagnóstico Psicológico
SPEA Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves	Associação de divulgação científica	Ciências naturais	Lisboa	1993	3100	Promover, dinamizar e divulgar o estudo da biologia das aves e desenvolver as bases científicas e técnicas para a aplicação de medidas de gestão e conservação; Promover a conservação das populações de aves que vivem no estado selvagem e dos seus habitats, em particular no território português; Contribuir para a valorização e promoção da Ornitologia, nas suas diversas vertentes, através da elaboração e divulgação de princípios orientadores desta disciplina.



O estudo aprofundado desta amostra de associações sustentou-se em quatro técnicas principais: análise documental, entrevistas em profundidade aos presidentes da direção, inquérito por questionário aos sócios e observação etnográfica em eventos promovidos pelas associações.

A análise documental foi feita sobre um conjunto de documentos recolhido para cada associação: estatutos, regulamentos, relatórios de atividades, website, publicações, artigos de imprensa, folhetos, etc.. A partir desta análise foram sendo preenchidas grelhas relativas a cada associação (ver Anexo 1), que por sua vez serviram não só para agregar informação mas também para adequar o guião de entrevista a cada caso.

O guião de entrevista (ver Anexo 2) foi concebido para abranger várias dimensões de análise: história da associação, atividades, funcionamento interno, relações externas, comunicação, representação e lobby, ética, presidente. De acordo com a informação previamente recolhida sobre cada associação, foram feitas pequenas modificações ao guião ou incluídas novas questões pertinentes. Destinava-se a ser aplicado ao presidente da direção de cada associação e apenas em 3 casos tal não foi possível, tendo a entrevista sido feita a um outro membro dos órgãos sociais (vice-presidente ou presidente da assembleia). Em dois casos a entrevista contou com a presença de um outro membro da associação, para além do seu presidente. E em casos foi considerado necessário realizar entrevistas suplementares: a um dos sócios fundadores (Associação Portuguesa de Horticultura), ao diretor executivo (Associação Viver a Ciência e Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves), aos responsáveis pela secção Ciência e Apoio aos Investigadores do SNESUP. No caso da Sociedade Portuguesa de Química, com o objetivo de fazer um verdadeiro estudo de caso, foram ainda efetuadas entrevistas ao diretor do Boletim, ao responsável da Divisão de Ensino e Divulgação da Química e do Grupo de Químicos Jovens. As entrevistas foram integralmente transcritas e sujeitas a análise através do software MaxQda.

Por ocasião das entrevistas, foi solicitada autorização para lançar um inquérito aos sócios de cada associação.<sup>3</sup> O questionário (individualizado para cada associação, mas com uma estrutura comum) continha perguntas sobre a adesão à associação, a participação em atividades, os benefícios de ser sócio, os problemas da associação, a pertença a outras associações e as características sociodemográficas dos sócios (ver Anexo 3). O inquérito foi efectuado online, com base no serviço SurveyMonkey (pelo que apenas abrangeu os sócios das associações com email conhecido), e decorreu entre Março e Novembro de 2011. As taxas de resposta por associação foram muito variáveis (Quadro 3), mas no total cifou-se em 9%, o que é manifestamente escasso. No entanto, muitas destas associações não têm ficheiros atualizados dos seus sócios (contrariamente ao que está estabelecido na maior parte dos estatutos, só em raros casos são

---

<sup>3</sup> Exceto no caso do SNESUP, por se considerar que o Sindicato tem uma natureza específica e uma área de atuação que em muito excede a ciência. O inquérito também não foi realizado no caso da Sociedade de Ciências Médicas (muitos sócios não têm email), da APDSI e da SP de Engenharia Sísmica (não responderam à solicitação), da AMONET (entrevista realizada tardiamente), da Scientists in the World (por estarem num processo de reorganização de ficheiros de sócios).



excluídos os sócios que não pagam quotas, por exemplo), pelo que o universo pode estar sobredimensionado. Pode também considerar-se que a propensão para responder a um inquérito deste tipo não é universalmente distribuída entre os sócios, que os mais envolvidos tenderão a mostrar mais interesse em responder, pelo que os resultados têm uma validade limitada.

Quadro 3 Respostas ao inquérito aos sócios das associações

	<b>Universo</b>	<b>Nº respostas</b>	<b>Taxa (%)</b>
ABIC	500	125	25,0
ALT-SHN	28	18	64,3
ANBIOQ	500	26	5,2
ANICT	322	73	22,7
APH	700	85	12,1
APS	1.500	53	3,5
APSI	150	9	6,0
AVaC	152	25	16,4
Nuclio	40	10	25,0
OTC	500	4	0,8
SPB	800	164	20,5
SPEA	2.188	94	4,3
SPECO	297	39	13,1
SPFilosofia	120	17	14,2
SPNeurociências	330	59	17,9
SPNeurologia	400	21	5,3
SPPC	490	31	6,3
SPQ	1.323	54	4,1
Total	10.340	907	8,8

Por fim, a observação etnográfica foi efetuada de forma não sistemática, em eventos promovidos pelas associações: simpósios ou encontros (ANICT, ABIC), congressos nacionais (AMONET, SP Química), assembleia geral (APS, ABIC), reuniões com investigadores (ANICT, ABIC, SNESUP), cerimónias de entrega de prémios (SCML), sessões comemorativas de efemérides (APS, SPQ), ações de divulgação científica (SPEA, Nuclio, Associação Viver a Ciência). Os diários de campo foram transcritos e integrados na presente análise.

O trabalho de campo para este estudo aprofundado de associações decorreu entre Fevereiro e Novembro de 2011.

### 3. Objetivos das Associações

Sendo a finalidade primordial deste projeto de investigação responder à questão “para que servem as associações científicas na ciência contemporânea”, os objetivos que estas organizações se propõem cumprir são necessariamente um ponto de partida obrigatório. Nesta seção serão discutidas três temas principais: a missão das associações científicas, no discurso dos seus presidentes; a história da sua criação, com particular ênfase sobre os fins que se pretendia atingir; as transformações pelas quais as associações passaram ao longo da sua existência, salientando, uma vez mais, as mudanças nos seus desígnios.

#### 3.1 Missão das associações científicas

A definição da missão das associações, tanto científicas como outras, está geralmente contida nos seus estatutos (vide acima na Tabela 2 e Delicado *et al* 2011). Porém, estes textos têm em regra um conteúdo altamente codificado (muitas vezes quase reproduzido de uma associação para outra), que expressa mais as intenções dos fundadores, um funcionamento desejável e ideal, que o que sucede na prática, no momento atual. Assim, foi pedido aos dirigentes entrevistados que definissem a missão atual das suas associações.

Encontrámos duas dimensões discursivas, com duas posições distintas em cada uma. Por um lado, alguns entrevistados optaram por definições de missão centradas nas funções e atividades da associação, salientando ora a sua unicidade

aquilo que uma Sociedade independente deve fazer é prestar um serviço de aconselhamento de parecer de perito, por uma razão muito simples, os sócios em Sociedades deste tipo, são Sociedades respeitadas com uma história muito importante, com sócios que cobrem todas as especialidades médicas, não há nenhuma que lá não esteja representada e dentro desses sócios gente de enormíssima qualidade intelectual. São no fundo os grandes académicos do país, os grandes médicos do país, os grandes cientistas médicos do país são sócios da Sociedade e portanto, a Sociedade pode, tem possibilidade de fazer *White Papers*, fazer opinião neutra vinda de peritos e é o que em boa verdade políticos deviam querer, eram opiniões independentes como deve ser, baseadas em critérios e objetivos científicos e não em opiniões de especialistas de generalidades (entrevista SCML)

a missão diria que continua a ser a mesma: promoção da ornitologia, dos valores, da conservação de aves e habitats, isto continua a estar no cerne da SPEA, mas felizmente chegamos já a muito mais gente do que apenas à comunidade científica. (...) é trabalhar para a conservação das aves, seus habitats e garantir um mundo, uma natureza saudável e sustentada para as gerações futuras, é a nossa missão e acho que temos cumprido (entrevista SPEA)

Eu acho que a nossa missão e os nossos objetivos são um bocadinho vagos: é promover a ciência, está a perceber o que é? (...) Nós temos uma linha mais ou menos orientadora, mas não é assim uma coisa muito estanque, queremos que haja diálogo entre a sociedade e os cientistas e que...



desesteriotipar, se podemos dizer isto assim, aquela imagem do cientista muito distante, e sempre os homens e coisas assim... gostamos de ter coisas que pudessem destruir isso, queremos levar mesmo a ciência às pessoas, que elas discutam como outra coisa de conhecimento qualquer. Se a gente discute e sabe de economia, mostrar que há coisas a saber. Mostrar que a ciência portuguesa faz coisas muito interessantes, tentando nunca empolar as coisas demais, é uma coisa que... senão acho que fica tudo com muito descrédito. Se toda a vez, um português descobre a cura do cancro e depois descobre a cura... não é isso. Mas mostrar que a ciência é feita assim pela base de coisas que são muito importantes mas que se calhar assim tanto como isso. E tornar a ciência um bocadinho divertida e chegar a pessoas que normalmente a ciência não chega, tentar preencher buracos que não há outras sociedades que estejam a fazer. (entrevista AVaC)

eu diria que há um objetivo que é central, que é contribuir para, eh, portanto, para, eh, a excelência do sistema científico nacional. Em absoluto. Ou seja, eh, portanto com tudo o que isso tem, em todas as suas vertentes, não é? Não só do ponto de vista de, do ponto de vista profissional, de carreiras, que também um objetivo nosso, não é? Portanto é, no fundo, representar os investigadores de carreira e tentar, de certo modo, defender a carreira de investigação, mas também tentar melhorar os processos de, de... Sei lá, de financiamento, de, de organização da Ciência, portanto contribuir... de comunicação de Ciência para a sociedade também, é um dos nossos objetivos importantes. Portanto, em todas as vertentes tentar, no fundo, melhorar o sistema científico. No fundo é isso (entrevista ANICT)

uma associação cujo objetivo fosse tentar observar, monitorizar, e zelar pela paridade de género a nível de todas as atividades e em especial tudo aquilo que tenha que ver com posições de topo nas carreiras científicas para se poder minimamente assegurar que as mulheres não continuariam a ser discriminadas indefinidamente(...) o objetivo “mindstatment” da AMONET é contribuir para a melhoria da situação das mulheres académicas, ponto final, em todas as suas vertentes (entrevista AMONET)

#### ora a sua pluralidade

estas sociedades, a maior parte das vezes funcionam para fóruns, para organizar conferências e publicar as atas das conferências, fundamentalmente é para isso. E nós temos reuniões desse género, que tem variado, mas digamos em média três/quatro anos (...) aonde se apresenta trabalho, onde as pessoas discutem, são três dias de reunião onde, digamos, este grupo de cento e poucas pessoas se junta e discute, digamos, os avanços dos seus trabalhos. (...) Depois a associação tem uma parte importante que é a representação internacional; ela está representada em duas associações internacionais (...) para além desta parte importante das conferencias, nós temos tentado animar a associação no sentido de ter uma intervenção mais junto da sociedade e junto dos poderes públicos, no fundo para tentarmos um pouco mostrar aos governantes e às autoridades, e também, digamos, ao público em geral, que o problema sísmico é um problema importante, e que não devemos estar de costas voltadas para isso (entrevista SPES)

fundamentalmente a sociedade existe para promover conferencias, trabalhos, estudos, apoio também no que for preciso, exceto em publicações porque não temos meios para isso (entrevista SPFilosofia)



A sociedade tem quatro pilares principais de ação, que eu para que lhe possa falar algo mais estruturado. E esses pilares são sobretudo a internacionalização, no sentido que a sociedade procura promover o contacto de cientistas portugueses com outros laboratórios estrangeiros, e também, portanto, procura afirmar a nível de ciência o que se faz cá fora, cá dentro, lá fora. Temos outro pilar de... nomeadamente atribuímos bolsas de investigação, bolsas de mobilidade, procuramos incentivar a participação de cientistas portugueses em reuniões internacionais. No outro nível, temos a promoção da excelência da investigação em neurociências, e portanto, com vários preceitos, atribuímos prémios de investigação, prémios que procuram distinguir projetos de investigação, prémios que procuram distinguir artigos científicos publicados em revistas de maior impacto. Portanto, temos esse esforço também de valorização da comunidade científica, dos nossos sócios, naturalmente. Num outro nível, temos também uma outra ação que visa promover o regresso de neurocientistas portugueses que estão em laboratórios estrangeiros. Essa atividade é feita em parceria com a IBRO (International Brain Research Organization), e aquilo que fazemos é atrair para as reuniões científicas internacionais, neurocientistas portugueses, jovens normalmente, doutorados, ou estudantes de doutoramento em nível avançado que desenvolvem atividade científica em laboratórios estrangeiros, que já são conhecidos pela qualidade do que fazem, e procuramos atrair-los para participar na reunião nacional, porque ao fazer isso aumentamos a capacidade de crítica da própria reunião, e também aproximamos as pessoas das unidades de investigação no país. E portanto procuramos fazer isso. (...) Outro nível de atividade importante de atividade da SPN é a divulgação científica. Portanto, nesse sentido, uma das principais atividades que desenvolvemos anualmente é a promoção das comemorações da semana internacional do cérebro. (entrevista SP Neurologia)

Por outro lado, outros entrevistados enfatizaram ora a dupla natureza da associação, profissional e científica, de formação e representação de interesses

tem logo, desde o início, o garante do rigor de regulamentação e controlo do exercício profissional, para além deste aprofundamento teórico e metodológico da Clínica Psicológica. Portanto, tem estas duas vertentes de aprofundamento científico e de regulação da vida profissional. (entrevista SPPC)

a Sociedade de Neurologia tem tido sempre um papel de ser, digamos, uma escola para a formação dos neurologistas, portanto, é pela sociedade de neurologia que os internos começam a apresentar trabalhos, a assistir a reuniões científicas (...) Temos possibilidades de fazer mais coisas, não é, como seja divulgação, para merecer interlocutor da neurologia portuguesa, tudo o que diga respeito à neurologia, mas para além da formação dos nossos internos e da atualização de todos os neurologistas, que é o nosso objetivo principal, também servimos de dar a cara, e de interlocutores para fora. (entrevista SPNeurologia)

A missão atual da APS penso que é a que sempre foi, é de uma Associação Profissional Científica o que há, não apenas isso mas um aspeto muito significativo da nossa identidade e penso que do nosso sucesso também no número de sócios que temos é ter sempre esta dupla perspetiva que é por um lado acompanhar, promover, incentivar a investigação científica na nossa área sobre temas de atualidade ou não e ao mesmo tempo acompanhar aquilo que são as preocupações e as dificuldades necessidade de inovação também de quem faz sociologia, ou não de ou de quem tem o diploma em Sociologia e exerce uma profissão que não é necessariamente uma aplicação de conhecimentos que



obteve na formação, mas não deixa de ser Sociólogo por isso e portanto é acompanhar essas dinâmicas, essas mudanças. (entrevista APS)

ora a natureza única da associação, traçando as fronteiras com outra

a Sociedade Portuguesa de Bioquímica é uma Associação nitidamente criada com objetivos de promoção científica, promoção onde a Disciplina, isto é não é uma Sociedade Profissional, não é uma Sociedade virada para o desenvolvimento de carreiras por exemplo ou para o exercício de uma profissão, é a Sociedade Portuguesa de Bioquímica na outra vertente é a Associação dos Profissionais de Bioquímica então a Sociedade tem como objetivo a promoção da Bioquímica enquanto Disciplina do saber e o que desenvolve são atividades que por um lado facilitam a vida aos investigadores, aqueles que produzem a Bioquímica digamos assim e que facilite a vida aqueles que querem disseminar o conhecimento de Bioquímica de um modo geral para a sociedade tem essas duas grandes vertentes que é a produção de conhecimento de Bioquímica em si e é a difusão desse conhecimento para a sociedade em geral (entrevista SPB)

a nossa associação chama-se Associação Nacional de Bioquímicos. Portanto temos mais preocupações profissionais embora nunca esquecendo a bioquímica como ciência e a como a nossa atividade principal, mas é mais profissional. (entrevista ANBIOQ)

### 3.2 Criação das associações científicas

Na génese das associações científicas encontram-se dois processos muito distintos: a criação autónoma, de “geração espontânea”, e a separação a partir de uma associação-mãe.

No caso das associações de “geração espontânea”, uma parte substancial surge em contexto universitário ou, menos frequentemente, no âmbito de um Laboratório do Estado. Tal sucede tanto nas sociedades científicas disciplinares

a génese da SPECO está ligada com a Faculdade de Ciências de Lisboa e com o facto da faculdade de ciências de Lisboa, o seu quadro de investigadores e professores, serem cidadãos muito preocupados com as questões ambientais e com a conservação em particular...tanto mais que houve várias sociedades que tiveram a sua origem, emergiram na faculdade incluindo a Liga para a Proteção da Natureza (LPN), a Sociedade de Botânica, enfim à uma série delas, e portanto no domínio da ecologia também existe um grupo muito forte aqui na faculdade que trabalha em ecologia (entrevista SPECO)

A Sociedade Portuguesa de Engenharia Sísmica, SPES, foi criada em 1973 com o apoio do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, LNEC, e do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, na continuidade do Grupo Português de Engenharia Sísmica que já cumpria, embora informalmente, os objetivos estatutários da SPES. (website SPES)

como nas associações de divulgação científica



nós na altura estávamos todos a trabalhar no Observatório de Astronomia de Lisboa, e o Observatório foi contactado para fazer a revisão científica de um Dicionário para a Astronomia e aquilo que nós fizemos foi, os termos que nós tínhamos conhecimento a partir em casa fizemos mas depois sentimos alguma necessidade de ir à procura de informação em português, não sabíamos como traduzir determinados termos para ver enfim se aquilo era prática comum etc. e deparamos com um problema que foi haver muito pouca informação em português, muito pouca mesmo, e achamos uma falha, está a fazer falta um Portal que agregue informação sobre essa área em português (entrevista Nuclio)

Somos um grupo de cientistas portugueses, o núcleo duro vem aqui do Técnico, eu fui aqui aluno e formei uma associação aqui com os meus colegas da licenciatura em engenharia física, era o “Círculo da Física”, ou trazíamos cá as escolas ou íamos até às escolas tentar ensinar física experimental com objectos simples, coisas de baixa tecnologia, e foi assim o nosso primeiro projeto, também foi um bocadinho isso, como levar o ensino experimental da ciência sem exigir grandes recursos, sem grandes dinheiros, sem grandes investimentos. (entrevista SiW)

#### e nas associações de profissionais científicos

isto surgiu especificamente, nós já aqui na Universidade do Porto, entre colegas já tínhamos conversado um bocado e tal, trocado algumas impressões, eh, mas a Associação em si surgiu na Universidade do Minho porque... E, portanto, dado essa situação, as pessoas também, os investigadores de lá juntaram-se e também conversaram e trocaram impressões (entrevista ANICT)

Nós achamos que a criação da associação resultou dum grupo de pessoas pequeno, que começou a movimentar aqui em Coimbra, cerca de 10 pessoas, mas que por força das circunstancias, não chegaram propriamente, isso já aconteceu em 1999, não se chegou propriamente a formalizar a associação e a criá-la do ponto de vista legal, portanto criou só a ideia de querer fazer a associação e depois no ano 2000 é que alguns desses elementos de Coimbra, juntamente com alguns elementos do Porto, formalizaram e criaram mesmo a associação com seus estatutos e os seus regulamentos publicados no diário da republica. (entrevista ANBIOQ)

No entanto, a maioria destas associações manifesta desde cedo uma preocupação em alargar o seu âmbito da associação para além da instituição fundadora (outras universidades) ou mesmo fora da esfera académica (prática profissional):

a maior parte dos bolseiros que formaram a ABIC eram da FCUL, era um grupo de bolseiros da área da Biologia, que se conheciam e se juntaram para -- tentando dinamizar também outros bolseiros de outros sítios -- formalizar uma Associação para defender os direitos dos bolseiros. (entrevista ABIC)

em 1985, houve uma reunião na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, promovida pela professora Maria Rita Mendes Leal, no sentido de que fazia sentido que as pessoas formadas em Psicologia Clínica continuassem com o trabalho de formação pós-graduada e de acompanhamento de formação nas diferentes áreas - neste caso da Psicologia Clínica seria o Psicodiagnóstico e a Psicoterapia, que eram as áreas, vá lá, preferenciais. E começámos a fazer aí...houve uma primeira reunião, em 1985, ainda na faculdade, em que se reuniram as pessoas que tinham sido formadas, de



certa maneira, por aquela entidade. Logo nessa primeira reunião, foi claro para nós que não fazia sentido ter aquilo num contexto académico. Primeiro tinha que se alargar o trabalho às pessoas formadas nas diferentes instituições – nomeadamente Coimbra, Porto, aquelas oficiais e ao ISPA, que era a escola privada da altura. Fazia sentido que todas as pessoas que, neste caso, estivessem dentro desta área da Psicologia Clínica pudessem trabalhar em conjunto. (entrevista SPPC)

Nestas narrativas dos momentos fundacionais está muitas vezes presente a referência à organização de encontros ou workshops que precedem e impulsionam a formalização da associação

Há depois umas reuniões, uns... a pretexto de falar de alguns temas da área que se realizaram em Évora, porque esta associação tem muita ligação com gente aqui do Minho, gente de Évora, e Coimbra. (...) E foi nesse espírito que acabou por emergir e teve que formalizar, e formalizou-se a Associação Portuguesa de Sistemas de Informação (APSI) (...) Aparece na sequência de um trabalho de doutoramento de um colega meu, Luiz Amaral, que envolvia a ligação com empresas que fosse duma maneira como as tecnologias da informação são geridas nas organizações, propostos planeamentos de sistemas de informação. E no âmbito do doutoramento ele faz um ou dois workshops onde convida empresas, académicos e fica a sensação de que falta ali qualquer coisa, faz falta alguma entidade que de alguma forma, enfim, dinamize aí a área. E daí foi emergindo a ideia de criar uma associação, ainda não era muito claro se era uma associação científica, se era uma associação mais orientada a profissionais. (entrevista APSI)

A ideia de criar a Associação Nacional de Bioquímicos surgiu no Fórum de Bioquímica, Inovação, Saúde e Indústria (FORBISI), realizado em Coimbra, em 1995. Nesse fórum foram discutidos diversos temas relacionados com os licenciados em Bioquímica nomeadamente a ligação das instituições formadoras com a indústria e instituições de saúde, a investigação realizada no âmbito da Bioquímica e a inserção dos licenciados em Bioquímica no mercado de trabalho. Estiveram presentes maioritariamente estudantes de Bioquímica das Universidades do Porto, Coimbra e Lisboa que iniciaram os primeiros contactos com a finalidade de criar uma associação nacional que defendesse os interesses dos Bioquímicos. Em 1998 realizou-se em Tomar (durante o XI Congresso da Sociedade Portuguesa de Bioquímica) a primeira apresentação dos estatutos da futura associação, elaborados pela Comissão Instaladora. (website ANBIOQ)

É pois comum que as associações iniciem o seu percurso como grupos informais, muitas vezes ligados por laços de amizade, e que vão percorrendo um caminho de crescente formalização

Fui sócio fundador, em 93, quando não pensava que isto podia ser uma coisa assim mais profissional, um grupo de amigos funda uma associação, para ser um bocado mais, para fazer alguns estudos de investigação e para promover a ornitologia (...) começou por ser uma associação puramente amadora, com o contributo de investigadores, ornitólogos e bird watchers também, formaram grupos de trabalho e regionais, grupos temáticos, começou a profissionalizar-se um pouco em 2001, 2002, começámos a ter o primeiro projecto LIFE sobre conservação no Alentejo, tivemos o apoio da Bird Life International, que é importantíssimo (entrevista SPEA)



nós éramos um grupo de amigos, colegas que estávamos todos a fazer doutoramento em Inglaterra, começou aí, que nos conhecemos, que são alguns dos fundadores, posso-lhe dizer quem são... que era eu, o António Jacinto, o Sérgio Dias e a Maria Mota, os que são assim mais... na altura estávamos a fazer doutoramento em Londres, éramos colegas, amigos, etc. E depois, cada um seguiu um bocado as suas vidas, a Maria e o Sérgio Dias foram para Nova Iorque, eu e o António Jacinto ficámos em Inglaterra, e a dada altura reunimo-nos todos em Portugal, uns mais cedo, outros mais tarde, no início do ano 2000, 2001... 2002 e reunimo-nos todos no IGC, quando voltámos para Portugal fomos todos para o IGC, e nunca perdemos contacto, continuámos amigos (...) Quando nos reunimos no IGC – à exceção do Sérgio Dias que foi para o Instituto Português de Oncologia – começámos a falar que era importante fazer uma coisa que nós aprendemos um bocado da nossa estadia em Inglaterra... e nos EUA. (...) E pensámos que a forma mais fácil de fazer isto era fazer uma Associação, e foi assim-assim que criámos a AVC. Obviamente que na altura a Maria Mota, é uma cientista portuguesa que tem feito imenso sucesso, nomeadamente com a malária, e na altura ela ganhou um prémio – acho que foi um grande financiamento da Europa - e na altura conheceu o Jorge Sampaio, que era o nosso PR da altura, e falou-lhe desta ideia, de criar uma Associação em que os cientistas se juntavam e tentavam fazer isso que eu acabei de descrever. E na altura o Jorge Sampaio ficou muito interessado nessa ideia. Os anos foram-se passando, também temos o nosso laboratório, também não temos 100% de tempo para dedicar à Associação, e aquilo foi sempre aquela ideia, nos jantares falávamos disso e nunca fizemos nada. E então o Jorge Sampaio um dia encontrou a Maria não sei onde e “Então, e a Associação?” e a Maria disse-me: “Leonor, temos de fazer alguma coisa, assim não dá!”. Então resolvemos lançar a Associação, foi isso que aconteceu. (entrevista AVaC)

Em alguns casos é notório o papel que figuras individuais desempenham na criação das associações, desempenhando um papel de “liderança carismática” que é comum nas associações (Young 1992). Tal é especialmente notório na história das sociedades científicas mais antigas, como a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais (Joaquim da Silva Tavares), a Sociedade Portuguesa de Química (Ferreira da Silva), ou a Sociedade Portuguesa de Bioquímica (Silvério Gomes da Costa), mas também surge em algumas entrevistas

o grande motivador da fundação foi o Prof. João Serrão e que durante, acho que havia uma certa pena de não haver uma instituição que promovesse a parte científica da filosofia em Portugal e portanto foi nessa altura que surgiu a sociedade. (entrevista SPFilosofia)

Em algumas associações é notória a influência do contexto internacional, nomeadamente a existência de associações congéneres no estrangeiro:

Também terá havido razões políticas, no sentido que era a década do cérebro, havia um investimento forte, sobretudo dos Estados Unidos, e digamos a emergência da importância das neurociências na Europa e enfim, não terá sido indiferente a este processo também o nascimento da Sociedade Portuguesa de Neurociências. (SP Neurociências)

...até ser formada a AMONET, Portugal não existia a nível europeu internacional, enquanto quase todos os outros países europeus tinham já associações de proteção, digamos assim, dos direitos das



mulheres, a palavra proteção está errada mas enfim. Portanto, associações cujo objetivo é lutar pela igualdade de género. Portugal não tinha nem se falava nisso a nível organizado (entrevista AMONET)

No caso das associações de divulgação científica sem disciplina definida, os fundadores reclamam também como justificação para a criação da associação o ineditismo da ideia, a inexistência de associações semelhantes no país ou mesmo no mundo

isto começou por uma série de cientistas que voltaram do estrangeiro e aperceberam-se que no estrangeiro se fazia muitas coisas que não se fazia aqui em termos de divulgação de ciência. Tanto se dava mais para a ciência, como as pessoas eram mais conhecedoras de ciência, falava-se mais de ciência nos jornais, na televisão, e tudo de uma maneira que permeava a sociedade do que permeava aqui. Então, tentaram criar uma Associação, que é a nossa Associação, que é como se diz “grassroots” (...) era uma coisa que nós achamos que não havia e continua a não haver, que é investimento privado na Ciência. Toda a gente concorre às bolsas da FCT, concorre aos projectos da FCT, é tudo FCT, é o Estado e há poucas coisas dos privados. (...) não há assim um financiamento privado como vemos lá fora. E das nossas conversas, e muito pela Maria Mota, ela foi o grande motor de tudo isto, e pensámos “O que é que vamos fazer?”. Gostávamos de ter uma plataforma que nos possibilitasse fazer duas coisas. Uma era fazer “awareness”, fazer com que a sociedade portuguesa reconhecesse, que conhecesse pura e simplesmente quem são os seus cientistas, o que é que eles fazem, onde é que eles estão e como a ciência pode contribuir para o avanço da sociedade, para a educação. Por um lado, fazer isso: aproximar os cidadãos comuns da ciência, dos cientistas. Desmistificar um bocado a imagem do cientista, que não é um homem de meia-idade com o cabelo desgrenhado a fazer experiências loucas no laboratório e que não tem empatia com mais ninguém, e que vive isolado. Não é essa a imagem dos cientistas modernos, acho eu. Por outro lado, pensámos nós que fazendo isto, poderíamos sensibilizar os cidadãos, as empresas, etc. a participarem na investigação do seu país, e como não podemos fazer todos experiências, poderiam dar um euro, dois euros, algum dinheiro, que criasse um fundo alternativo ao Estado, essa era a nossa grande ideia. (entrevista AVaC)

a ideia era trabalhar na intercessão de outras atividades de cooperação e desenvolvimento com a ciência, que é uma área que nós não encontramos mais ninguém no mundo, pode ser que exista mas nós não encontramos, a trabalhar nesta área. Nós somos todos cientistas, sem experiência no mundo da cooperação, mas vários de nós por visitas mais ou menos privadas, ou de voluntariado em países em desenvolvimento, Moçambique, Timor, etc., deparámo-nos com os problemas que existem nesses países, é difícil visitar sem ficar sensibilizado, e no meu caso particular visitei Timor e voltei a pensar no que é que um cientista teórico e inútil como eu podia fazer para ajudar o país, na altura em 2004, tinha visto aquele entusiasmo da reconstrução e refundação do país, muita gente estava a ajudar, os países, Portugal, as ONGs. O que me apercebi é que havia muito trabalho a fazer ao nível da educação e ao nível daquilo que chamamos aliteracia científica. E portanto, pensámos em projetos educativos e introdução de pequenas tecnologias, etc. Começámos por ver aquilo que havia feito, ou a ser feito nesse domínio e não encontramos nada, para nossa surpresa acho que isto é um conceito original de fazer cooperação de fazer com países em desenvolvimento, a nível da promoção da literacia científica, educação científica, transferência de pequena tecnologia, e portanto foi isso que nos levou a fundar a associação. (entrevista SiW)

No caso das associações de teor disciplinar (sociedades científicas mas também associações profissionais), o seu surgimento está frequentemente ligado ao desenvolvimento da área científica de base. A título de exemplo, a APS surge em 1985, uma década depois da criação da primeira licenciatura em sociologia no ISCTE e por altura da entrada no mercado de trabalho dos primeiros licenciados em sociologia pela Universidade Nova de Lisboa e pela Universidade de Évora e da criação da licenciatura na Universidade do Porto (Machado 1996, 2009). Entre os fundadores encontram-se tanto os “pioneiros” que iniciaram atividade antes de 1974 (Adérito Sedas Nunes, Maria de Lurdes Lima dos Santos, António Barreto, A. Teixeira Fernandes) como docentes e investigadores do “período de institucionalização universitária” (Boaventura Sousa Santos, António Firmino da Costa, Maria Carrilho, A. Brandão Moniz) (Costa 1988). No momento de criação colocaram-se duas questões fundamentais: se deveria haver uma ou mais associações (designadamente uma sociedade científica e uma associação profissional); e quem deveria ser acolhido na associação. Existiam duas posições dominantes, uma defendia o estatuto científico da associação e a restrição do acesso a professores e investigadores; a outra considerava que a associação deveria ser inclusiva e acolher também os profissionais em sociologia. Prevaleceu a ideia da associação única e inclusiva (tendo mesmo absorvido a efémera Associação Profissional dos Sociólogos Portugueses), pelo que a APS tem tido um papel importante na quebra de barreiras institucionais, entre departamentos de universidades e entre académicos e profissionais (Machado 1996; Baptista e Machado 2010; informação recolhida na sessão comemorativa 25 anos APS).

Também no caso da bioquímica a criação de associações surge associada ao processo de institucionalização da disciplina. No entanto, com a criação de uma cadeira universitária, é fundada uma sociedade científica disciplinar

foi um grupo de pessoas ligadas à Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, porque havia uma Disciplina da Medicina que era a Química Fisiológica por sua vez veio da Histologia, as pessoas que estudavam as células que se começaram a interessar sobre o que se passava dentro das células e começou a chamada Química Fisiológica e portanto foi esse corpo que deu origem àquilo que agora se chama Bioquímica e em determinada altura esse grupo de pessoas mais ligadas à Química Fisiológica acabou por criar uma Sociedade a que chamou Sociedade Portuguesa de Bioquímica. Os registos mais antigos que nós temos acho que são em 1972 mas é possível que as pessoas já tivessem organizadas antes, antes da formalização da nova Sociedade. (Entrevista SPB)

e com a criação da licenciatura uma associação profissional disciplinar

licenciados em bioquímica só há a 25 anos para cá, e eramos poucos também, nós achávamos que eramos um grupo de licenciados e de investigadores não muito reconhecido na medida em que eramos poucos, portanto, eramos poucos conhecidos, a bioquímica também ainda era um ciência pouco divulgada, só depois quando começaram outros projetos como por exemplo do genoma humano e outros, o da clonagem, quando se começou a falar de certos fenômenos do nível molecular, do ADN, de proteínas em geral, com mais talho a nível molecular, aí é que as pessoas



começaram a se preocupar um bocadinho e a entender melhor o âmbito da bioquímica e do talho molecular que a bioquímica tem. Mas até aí era natural, portanto ainda não era muito conhecido, em Portugal as coisas acontecem ainda mais devagar do que no resto... (...) achávamos que eramos um grupo pouco conhecido, que tínhamos muito para dar, todos nós queríamos fazer investigação, e eramos muito motivados, e ainda hoje somos, acho eu, os bioquímicos em geral são pessoas empenhadas, e querem investigar, tem o perfil de investigador, e portanto achávamos que fazia sentido organizarmos numa associação formal, legal, que promovesse o bioquímico como atividade profissional. (entrevista ANBIOQ)

Esta ligação ao desenvolvimento disciplinar é particularmente patente no caso das associações que surgem a partir de outras pré-existentes. Com base na progressiva especialização disciplinar, a Sociedade de Ciências Médicas deu origem a dezenas de outras associações, o que acabou por a deixar quase esvaziada de sócios e de funções:

Isso mudou muito, começou a mudar há mais de 15 anos, mas começou a mudar muito à medida que aconteceu um fenómeno que, aconteceu em todo o Mundo, neste tipo de Sociedades não temáticas (não de especialidade, são Sociedades transversais) que levou ao aparecimento das Especialidades Médicas, cada vez mais sofisticadas, cada vez mais concentradas no seu próprio saber especializado, começaram a criar as suas próprias Sociedades específicas. E isso é um fenómeno da segunda metade do século XX em todo o Mundo em que a especialização médica começa a surgir o desenvolvimento tecnológico, o desenvolvimento científico e portanto estas Sociedades muito transversais começam a perder um bocadinho a razão de “être”, no sentido de serem o centro de transmissão de conhecimentos, conhecimentos científicos, digamos assim, específicos em determinadas áreas e isso foi progressivamente acompanhado por um desertar digamos assim dessas reuniões em que cada vez menos pessoas iam, portanto as pessoas acabavam por ir para as suas próprias Sociedades, às reuniões das suas próprias Sociedades e deixou de ser de facto local lógico para ir apresentar temas que são muito especializados (...) se reparar nasceram muitas secções que no fundo representam muitas delas as novas Sociedades especializadas, nasceram na Sociedade das Ciências Médicas na altura em que não havia propriamente especialidades médicas, começava-se de facto a desenhar o conhecimento especializado em determinadas áreas, mas sem muitos aficionados, digamos especialistas na matéria e foram criadas de facto como secções da Sociedade, que viveram sempre dentro da sede da Sociedade mas já tendo as suas atividades próprias, mas ainda como secções, portanto em que todos eles, todos os Médicos são estatutariamente sócios da própria Sociedade de Ciências Médicas mas ao mesmo tempo sócios da sua secção. Depois as secções foram progressivamente crescendo e a partir de um certo nível de crescimento e de importância acabam por se constituir em Sociedades independentes, e a partir do momento em que se constituem em Sociedades independentes, saem da Sociedade mãe, neste caso a Sociedade de Ciências Médicas e também de facto os seus sócios deixam de frequentar as reuniões da Sociedade de Ciências Médicas e portanto o que aconteceu foi um desertar progressivo das novas gerações, as antigas gerações continuaram a ir mas as novas gerações começaram a não ir às reuniões da Sociedade (entrevista SCML)

Mas também algumas associações geradas a partir da SCML já se fragmentaram em novas associações:



SOCSCI

a Sociedade vem desde os anos 40, foi criada ainda nos bons tempos dos clássicos da neurologia e psiquiatria, porque era a Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria, porque na altura não havia neurologia independente da psiquiatria nem psiquiatria... e portanto aquilo era neuropsiquiatria. Era uma única Sociedade, onde estavam as grandes pessoas da época (...) naturalmente as especialidades foram-se desenvolvendo, aqui como em toda a parte – passou a haver especialidades independentes de neurologia, por um lado, e psiquiatria por outro (...) Mas depois, com as ordens médicas e tal, passou a haver uma diferenciação, portanto, houve uma independência das Sociedades que levou também a que, as Sociedades acabassem por se separar. Aliás, a separação foi muito pacífica, são interesses diferentes, havia um grande campo de interesses para cada uma das partes e que não dizia respeito à outra (...) na Sociedade de Neurologia neste momento há, sub, digamos, sub-Sociedades, umas são autónomas mas andam todas na órbita porque as pessoas são as mesmas, enfim, quer dizer, há uma Sociedade de Epilepsia, uma Sociedade de AVC, que saíram, digamos, da própria sociedade de neurologia mas os sócios são os mesmos, quer dizer, os neurologistas estão numa e estão noutra e portanto aquilo acaba por haver, não há uma separação, nem há qualquer conflitualidade, a gente dá-se todos bem até porque no fim somos as mesmas pessoas. Por exemplo, sou presidente da Sociedade de Neurologia mas também sou vice-presidente da Sociedade de AVC, e portanto grande parte das pessoas da Sociedade de AVC são neurologistas, e portanto, nós damos todos bem e portanto temos este chapéu grande que é a Sociedade de Neurologia e mesmo em Sociedades que são consideradas mesmo autónomas são por conveniência, muitas vezes administrativas, mas continuamos todos a vir às mesmas reuniões, a mesma coisa, porque somos todos neurologistas (entrevista SPNeurologia)

Em alguns casos, o surgimento de uma nova disciplina (e correspondente associação) está ligado à intersecção entre diferentes disciplinas:

antes disso havia a comunidade científica dedicada às neurociências que tinha ligações, principalmente à Sociedade Portuguesa de Neurologia, num determinado ramo, mais clínico, e havia outro mais bioquímico, que normalmente andava ali a espera da Sociedade Portuguesa de Bioquímica. Portanto havia uma secção de neuroquímica dentro da Sociedade Portuguesa de Bioquímica portanto, digamos que esse é o histórico do nascimento da Sociedade Portuguesa de Neurociências. Ou seja, havia uma espaço que não estava ocupado, das neurociências, e que basicamente andava ali entre a neurologia e a bioquímica e pronto, e as pessoas juntaram-se e formaram um grupo próprio, uma sociedade científica. (...) Eu diria que as necessidades foram principalmente científicas, no sentido em que as pessoas que estudam neurociência não se reviam na plenitude, no âmbito da neurologia, que num certo sentido, era demasiado clínico, nem se reviam na plenitude na bioquímica, que é uma sociedade muito lata, e portanto não focada no âmbito daquilo que as pessoas investigam, que é neurociência. É um pouco... neste processo de afirmação científica e de criação de um corpo de pessoas que se dedicam a estudar uma matéria. Penso que essa é a principal razão de ser do nascimento da Sociedade Portuguesa de neurociências. (entrevista SPNeurociências)

A Sociedade de Ciências Agrárias é outro caso de “associação-mãe” que deu origem a outras associações subdisciplinares. Porém, a motivação para a autonomização da Associação Portuguesa

de Horticultura é distinta, residindo na vontade de ampliar a base de recrutamento de associados fora do campo científico:

nós fomos criados e ficámos como uma secção autónoma da Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal, porque fisicamente é isto, esta sede é da Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal, partilhamos esta ocupação e nós realmente fomos criados como uma secção especializada. Era mais fácil haver já uma instituição que nos recebesse que nós começarmos do princípio. Depois a certa altura (...) a APH resolveu ficar independente e foi nessa altura que foram publicados os estatutos e tudo e portanto tornou-se completamente independente da Sociedade de Ciências Agrárias em termos estatutários e tudo. Essa foi a grande alteração, e isto porquê? Porque havia certas condicionantes que nós gostaríamos que a APH tivesse que a Sociedade de Ciências Agrárias não aceitava. Nomeadamente a Sociedade de Ciências Agrárias é uma sociedade virada só para licenciados. Professores, técnicos, mas tudo o que fosse licenciado, e nós, como Associação Portuguesa de Horticultura, não como a sociedade científica mas como associação técnico-científica queríamos que englobasse tudo, desde professores, investigadores, técnicos, até agricultores e isso não era bem visto, até pela SCAP, e então nós sentimos que nos podíamos tornar independentes. (entrevista APH)

Paradoxalmente, na génese de algumas associações científicas é possível entrever algum papel impulsionador por parte do Estado, quer na origem dos fundadores quer nos motivos para a criação da associação:

a associação foi criada por um conjunto de pessoas que tinham estado ligadas à Missão para a Sociedade da Informação, pelo menos no ponto de arranque e a ideia era prosseguir no lado da sociedade civil com o mesmo tipo de objetivos de difusão e de promoção da sociedade da informação e do conhecimento. Começou em 2001, e os primeiros sócios foram exatamente... eu sou o sócio número um, vinha portanto da Missão para a Sociedade da Informação, também tinha sido presidente e, rapidamente fomos conhecendo pessoas. (...) A Missão para a sociedade da informação é no âmbito do Ministério de Ciência e Tecnologia da altura e que no governo do António Guterres, naqueles entre 1995 e 1996, teve como responsabilidade criar o Livro Verde para a Sociedade da Informação do Conhecimento. (entrevista APDSI)

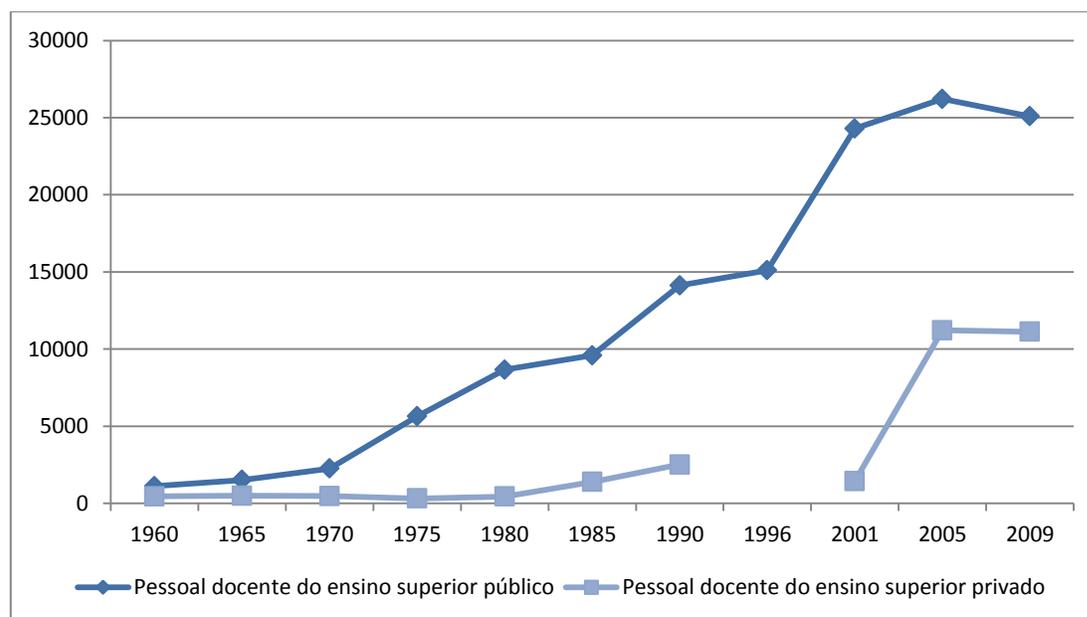
foi iniciativa nossa. Portanto, a ideia foi nossa de formar a Associação, mas assim que tivemos essa ideia, realmente fizemos alguns contactos e realmente tivemos um feedback positivo de outras Instituições. Estou a pensar nomeadamente na Fundação para a Ciência e Tecnologia, no Ministério da Ciência... Fomos também à Comissão Parlamentar de Educação e Ciência, também tivemos um feedback positivo por parte da Comissão... E também das Universidades e das Instituições, dos Laboratórios onde estamos inseridos. Eh, aqueles que foram contactados, em geral deram também, portanto, uma indicação positiva para que, para que nós formássemos a Associação. (entrevista ANICT)

depois surgiu nessa mesma altura um convite do Ciência Viva para dinamizar a Astronomia no verão mas com um pedido muito específico, que fossem feitas as divulgações no interior do País, os locais que são menos atendidos por esse tipo de iniciativas e foi assim que nós começámos a criar o Portal, que é o Portal do Astrónomo e a fazer divulgação científica no interior do País a é que nós éramos

vinte e tal pessoas que estávamos, o Observatório todos os Astrónomos a fazer o Mestrado, o Doutoramento, o Pós-Doc juntaram-se a nós alguns Astrónomos amadores e pronto e criámos a Associação. (...) acabamos por criar o Nuclio com alguma ideia de Associação a constituição era uma coisa um bocadinho ainda fora do nosso dia a dia e precisámos de alguns conselhos muito úteis e acabámos por criar uma Associação sem fins lucrativos acabámos por criar com divulgação em cima da Astronomia (entrevista Nuclio)

Se a criação da maioria destas associações terá beneficiado fortemente do aumento da massa crítica do sistema científico português (primeiro com a criação de licenciaturas, depois de mestrados e doutoramentos, com os correspondentes aumentos de docentes e discentes nas diversas áreas científicas), é sobretudo nas associações profissionais de cientistas que este efeito é mais notório. A evolução global do pessoal docente do ensino superior (Figura 1) e dos investigadores (Figura 2) e dos bolsiros (Figura 3) em Portugal mostra que a criação da OTC em 1974, do SNESUP em 1989, da ABIC em 2003 e da ANICT em 2010 se inserem na tendência de expansão dos recursos humanos em ciência.<sup>4</sup>

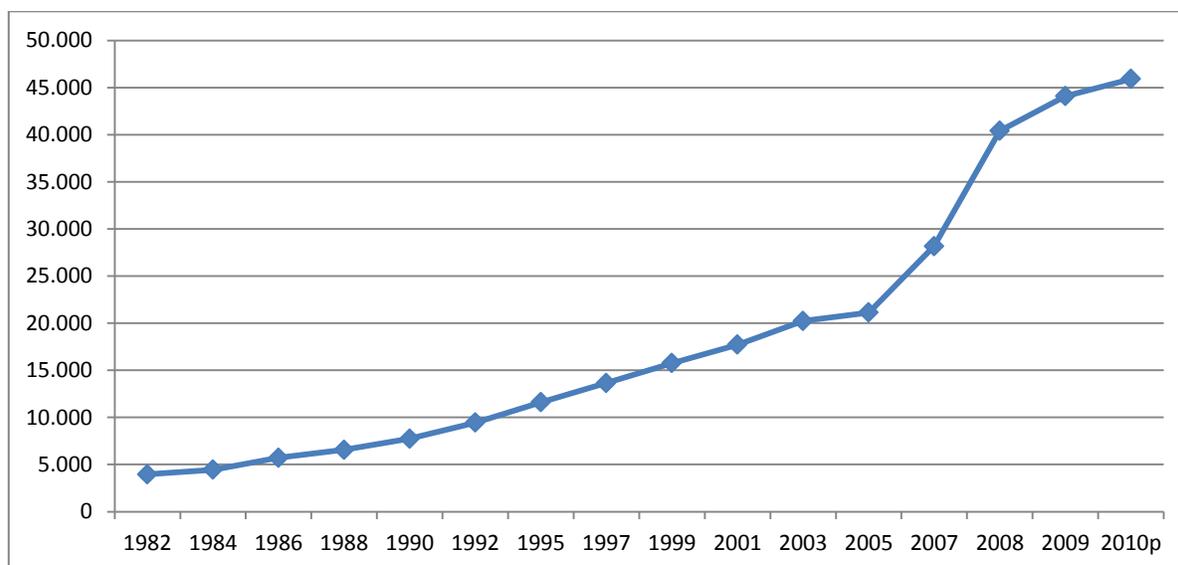
Figura 1 Evolução do pessoal docente do ensino superior 1960-2009



Fonte: dados de 1960 a 1990 Barreto et al 1996: 96; dados 1996 GPEARI 2005a e 2005b; dados 2001 a 2009 GPEARI 2011a

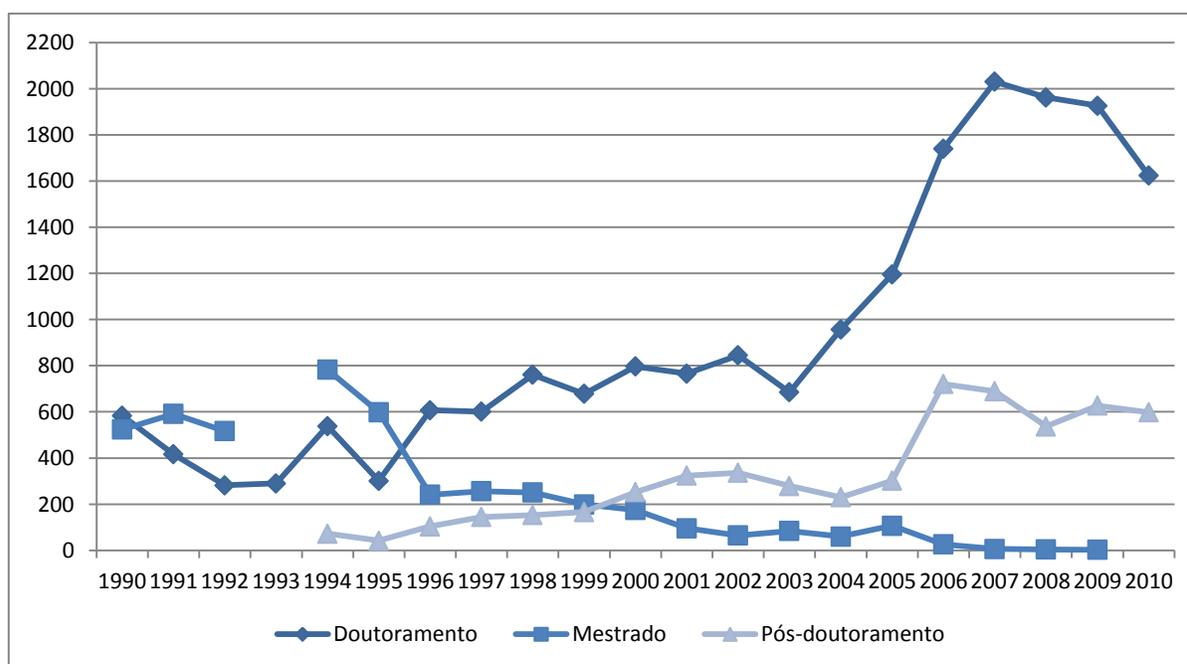
<sup>4</sup> A criação da OTC em 1974 estará sobretudo ligada ao processo de democratização. Esta associação tem maior expressão nos Laboratórios do Estado e congrega não só investigadores mas também pessoal técnico.

Figura 2: Evolução dos investigadores em ETI 1982-2010



ETI – Equivalente a Tempo Integral; Fonte: GPEARl 2011b

Figura 3 Evolução das bolsas mestrado, doutoramento e pós-doutoramento concedidas pela JNICT/FCT 1990-2010\*



Fonte: GPEARl 2003a, 2006a, 2006b e FCT<sup>5</sup>

<sup>5</sup> <http://www.fct.pt/estatisticas/bolsas/>



Entre estas quatro associações há diferenças sobretudo quanto à sua base de recrutamento de associados, que têm a ver com os momentos históricos de criação. A criação da OTC em 1974 estará sobretudo ligada ao processo de democratização. Esta associação tem maior expressão nos Laboratórios do Estado e congrega não só investigadores mas também pessoal técnico.

ela nasceu logo a seguir ao 25 de Abril de 1974 e foi batizada, quer dizer foi oficializada e os Estatutos em 79 (...) Os grupos fundadores foram (...) pessoas ligadas à Universidade e intelectuais independentes, digamos assim, pronto mas depois, gerando grandes reuniões ou assembleias surgiram em 74/75 essas eram... tinham a participação de investigadores, técnicos, e também docentes universitários, portanto eram todos esses sectores e depois aí houve algumas discussões que.... Alguns afastaram-se nessa altura porque eram, digamos, eram favoráveis a um sindicato assim a colaborar com a associação, não é? Mas depois pronto, a maioria aceitou a associação. Mas portanto eram digamos as mesmas pessoas que se têm mantido ao longo do tempo interessado dos grupos mas com maior peso para os investigadores dos Laboratórios, portanto não docentes, as instituições de investigação que não estão ligadas ao Ensino Superior, estou a incluir o caso da Fundação Gulbenkian, o Instituto Gulbenkian de Ciência. (...) Também é uma característica da Associação, engloba não só quem faz investigação, os Investigadores, o trabalho científico não se faz apenas com Investigadores, como vocês sabem, faz-se também com Técnicos de Investigação. Bom a nossa primeira grande, grande esforço, digamos, aliás com bons resultados, foi trabalhar na criação de uma carreira de investigação (entrevista OTC)

O SNESUP congrega sobretudo docentes do ensino superior, público e privado, politécnico e universitário:

O Sindicato Nacional do Ensino Superior a Associação Sindical de Docentes e Investigadores, nasce no final dos anos 80, em 89 concretamente nós fizemos 20 anos muito recentemente e foi por altura os Docentes do Ensino Superior sentirem que havia uma lacuna no suporte, no apoio naquilo que eram as... a defesa dos interesses dos Docentes a este nível, havia uns outros Sindicatos que davam apoio mas não havia nada, especificamente e exclusivamente dedicado ao Ensino Superior e então, um conjunto de colegas entendeu por bem assumir uma organização dessas, ficar mais direcionada para o Ensino Superior e a dar este apoio aos Docentes do Ensino Superior e aos Investigadores (entrevista SNESUP)

No caso da ABIC e da ANICT, a sua fundação corresponde mesmo ao surgimento de “novas” posições na carreira científica: os bolsеiros e os investigadores contratados ao abrigo do Programa Ciência 2007-2009. A estas novas posições correspondiam vulnerabilidades, necessidades e dificuldades específicas, como a ausência de cobertura da segurança social para os bolsеiros ou a indefinição do estatuto dos investigadores contratados nas instituições e a renovação dos seus contratos:

a maior parte dos bolsеiros que formaram a ABIC eram da FCUL, era um grupo de bolsеiros da área da Biologia... Que se conheciam e se juntaram para... tentando dinamizar também outros bolsеiros de outros sítios e... formalizar uma Associação para defender os direitos dos bolsеiros. (...) Inicialmente, lutava-se muito em melhorar o Estatuto porque... que era, penso que o primeiro estatuto era de 2001



e depois foi renovado em 2004, e houve uma grande discussão entre os próprios bolsiros fundadores de quais é que seriam as reivindicações (...) houve uma discussão se os bolsiros deviam pagar IRS ou reivindicar pagar IRS, ou a questão da Segurança Social. E também, ainda me lembro, quando eu me juntei à ABIC, de se discutir o direito a férias, o direito a licenças de maternidade e paternidade... (entrevista ABIC)

Basicamente, portanto, isto surgiu como resultado à política do Governo de contratação de investigadores por Universidades. Na verdade, já há, pronto, já há investigadores há mais tempo, não é? Mas agora, recentemente, é que aumentou muito o número, não é? (...) os investigadores viram-se um bocadinho numa situação mal definida, em muitos casos. Porque muitas das Instituições ainda os viam como Bolsiros, no fundo, agora que passaram a ter um, ter um contrato, depois havia uma heterogeneidade muito grande entre os próprios investigadores. Alguns, como eu, por exemplo, vinham do estrangeiro, já tinham alguma experiência, e portanto queriam era, de facto, fazer, formar um grupo de investigação e ter investigação independente. Outros ainda estavam muito sob a alçada, sob a alçada de um membro sénior... Isto tudo para dizer que as pessoas muitas vezes sentiam-se, algumas pessoas sentiam-se um bocadinho perdidas, não é? (entrevista ANICT)

Porém, também em alguns dos outros casos houve uma questão específica que motivou a constituição da associação, uma “injustiça” (Boltanski e Thevenaut 1991) cuja resolução se tentou promover através da ação coletiva. No caso do SNESUP terá sido a proposta de desindexar o sistema retributivo da carreira docente universitária do da carreira da magistratura, que foi aceite sem contestação pelos sindicatos dos professores.<sup>6</sup> No caso da AMONET, o episódio que provocou a sua constituição foi o processo de avaliação das licenciaturas, atribuído a uma comissão constituída exclusivamente por homens, num momento em que o sistema universitário estava já fortemente feminizado:<sup>7</sup>

Portanto no ano 2003 procedeu-se a uma avaliação a nível nacional de todas as licenciaturas que se lecionavam em todas as instituições universitárias, mas não só universidades do país. (...) O que é que sucedia? O processo consistia na nomeação de uma comissão, a nível nacional constituída por professores, investigadores, cientistas de cada área disciplinar que fazia depois a avaliação de todas as licenciaturas dessa área das instituições, percorriam o país e.....Ora bem, no ano 2003 de repente, e isto foi poucos dias antes de nos ser comunicado que a comissão viria proceder a essa avaliação, no dia X talvez menos de uma semana antes soubemos como era constituída essa comissão que vinha avaliar todas as licenciaturas na área das ciências e engenharia do ambiente, que nesse momento no país havia mais de 20 não sei se 22 ou 24 licenciaturas na área de ambiente. Essa comissão era constituída por 13 homens e 0 mulheres, sendo que como todos sabem intuitivamente devem ter a perceção de que na área de ambiente há muitas professoras e investigadoras, isto hoje não saberão com certeza os números mas eu também....é um pouco difícil, creio que pelo menos 55%, 60% serão

---

<sup>6</sup> [www.snesup.pt](http://www.snesup.pt)

<sup>7</sup> Em 2001 as mulheres representavam 37,6% dos docentes no ensino superior universitário público, em 2009 esse valor é 39,5% (GPEARI 2011a). Em 2001 as mulheres representavam 44,8% do total de investigadores (em ETI) e em 2009 essa proporção subiu para 45,6% (GPEARI 2003b e 2011c). Vide também Lees 2002 sobre a participação de mulheres em sociedades científicas de neuroquímica.



mulheres de todos os níveis. Mas portanto a comissão era constituída por 13 homens, mas não foi apenas a comissão para a área de ambiente que tinha este tipo de constituição, a comissão da química era igualmente constituída por creio que 16 homens, agora não sei se eram 16 se eram 15, se eram 17 mas pronto, exclusivamente por homens, lembro-me que a da física creio que eram 18 pessoas, entre as quais havia 1 mulher e 17 homens e por aí fora, se fosse analisar a constituição das comissões seguia toda este figurino. É evidente que relativamente ao ambiente, eu fiquei estarecida comecei a falar com os colegas e conseguimos organizar um abaixo-assinado protestando contra, com a posição desta comissão acontece que nessa altura existia um órgão chamado CNAV –Comissão Nacional de Avaliação do Ensino Superior (...) e essa comissão era também constituída só por homens, eu creio que 7 homens ou 6 homens uma coisa assim, havia dois lugares vagos na altura. Muito bem, evidentemente que dado curto espaço de tempo que mediou entre nós tomarmos conhecimento da constituição da comissão e a comissão vir fazer a avaliação, não aconteceu nada, portanto mas a partir daí escrevemos para o senhor Provedor de Justiça, para o então Ministro, na altura era Ministro da Ciência (...) para o Ministro da Tutela que era a competência na altura das universidades e escrevemos evidentemente também, sei lá, ao Reitor, a todas as pessoas que teriam algum papel, ou pelo menos que teriam que tomar conhecimento daquilo que se estava a passar e poderiam tomar alguma posição relativamente a este facto. E em paralelo os colegas de química fizeram o mesmo também, aqui da química e depois pessoas de outras universidades começaram também a reagir e portanto houve um despertar de consciência a nível de várias instituições para semelhante despautério. Demorou um pouco, bastante tempo, até que o senhor Provedor de Justiça respondeu mas respondeu depois passados três meses e respondeu muito favoravelmente, dizendo que de facto tal situação era inaceitável e o senhor Provedor de Justiça escreveu para o ministro a dizer que não podia ser tinha que ter cuidado quando de futuro se voltassem a nomear comissões digamos assim, porque a paridade de género deve ser uma preocupação que tem que estar presente a todos os níveis. O tal CNAV rapidamente nomeou uma senhora pelo menos para o lugar que tinha livre na sua composição mas pouco depois o CNAV acabou por desaparecer, portanto diluiu-se no éter. Pronto vistas as coisas nesta perspectiva poderíamos dizer que não se alcançou nada mas de facto não foi assim porque houve um grande impacto, eu diria que....foi talvez a primeira vez em que houve uma chamada de atenção a nível nacional para este facto, a partir daí nós pensámos infelizmente no final do século 20 ainda precisaríamos de ter uma associação cujo objetivo fosse tentar observar, monitorizar, e zelar pela paridade de género a nível de todas as atividades e em especial tudo aquilo que tenha que ver com posições de topo nas carreiras científicas para se poder minimamente assegurar que as mulheres não continuariam a ser discriminadas indefinidamente (entrevista AMONET)

### 3.3 Transformações das associações científicas

Se no caso das associações centenárias a sua história é demasiado longa para aqui se traçar a sua evolução e mudança ao longo do tempo, nas associações criadas nas últimas décadas é pertinente analisar algumas das transformações que por que têm passado.



Em primeiro lugar, na maioria das associações é detetável um crescimento em termos do volume de sócios ainda que algumas refiram também a tendência contrária (ver secção 5). Para além da acima referida mudança da estrutura das qualificações no país, tal deve-se a uma procura de alargamento do recrutamento de sócios, em termos de área disciplinar

Durante muito tempo a sociedade esteve muito vinculada à parte vegetal e nos últimos anos, com a entrada para a direção de pessoas que trabalham em ecologia animal, do qual eu faço parte, temos estado a fazer um esforço muito grande no sentido de alargar digamos o espectro dos nossos associados e temos fomentado muito essa questão e de facto hoje em dia já temos... digamos que praticamente todas as pessoas que trabalham em ecologia são sócias da Sociedade Portuguesa de Ecologia, portanto, pessoas que fazem mesmo investigação em ecologia. (entrevista SPECO)

mas sobretudo de situação profissional<sup>8</sup>

fizemos ainda nos últimos 5 anos dois encontros nacionais dos bioquímicos clínicos, aí, procuramos juntar de uma forma ainda mais específica só os bioquímicos com atividades nas análises clínicas. Porque tem vindo a crescer, esse grupo de bioquímicos, são cada vez mais. Se no início estávamos mais voltados para investigação de universidade, ou universitária, académica ou em empresas, agora... (...) Agora somos também técnicos de laboratório, cada vez mais. (entrevista ANBIOQ)

em relação às mudanças pelas quais a APS passou, são mudanças de crescimento contínuo, de crescimento em número de sócios e também em atividade. Em número de sócios muito significativo e também com alguma alteração da composição dos sócios, essas mudanças refletiram-se sobretudo numa deslocação para uma maior importância do papel das mulheres na... das sócias mulheres, não é? E também o que é muito positivo numa distribuição mais equilibrada geograficamente e ao nível dos diferentes papéis, dos diferentes tipos de experiência profissional, enquanto inicialmente quando a Associação foi fundada os sócios eram fundamentalmente recrutados no meio universitário atualmente isso já não é assim, portanto, grande volume de sócios está fora da academia, o que também é uma coisa muito positiva (...) uma das razões pela qual mudámos os Estatutos e também para alterar a própria, para criar a possibilidade de termos sócios não sócios de diferentes categorias mas oferecendo diferentes possibilidades de ser sócio de acordo também com o perfil, isto é nós neste momento temos sócios efetivos que são os sócios que reúnem todas as condições e podem usufruir de qualquer, não é benefício, enfim, podem usufruir de todos os direitos, inclusivamente fazerem parte dos Órgãos e temos sócios que são pessoas que podem ter interesse pela Sociologia, ter curiosidade etc. mas não têm formação em Sociologia (entrevista APS)

houve sempre uma tendência para manter o SNESup como Sindicato abrangente ao nível do Ensino Superior não excluindo colegas que pudessem de alguma maneira ter uma relação de trabalho subordinada ao nível do Ensino Superior preferencialmente ligada à lecionação mas também não excluindo outras vertentes e outros âmbitos. Nós temos feito um esforço mais recentemente para

---

<sup>8</sup> Em algumas associações a tendência é inversa, de estreitamento: “houve um momento que realmente se decidiu que não era uma associação orientada aos profissionais da área, que era mais de natureza académica, e neste aspeto não tem havido grandes alterações.” (entrevista APSI)



abrangermos também colegas, nomeadamente da investigação, darmos apoio a este tipo de pessoas que estão também no Ensino Superior e que nos pareciam que de alguma maneira pudessem estar um pouco não era à margem mas acabava por não ser muito claro onde é que eles se podiam integrar e nós até com uma recente campanha de sindicalização que fizemos com uma Newsletter dedicada principalmente por Investigadores quisemos dar um apoio aqui muito forte que está previsto nos nossos Estatutos por esta visão abrangente que naturalmente hoje em dia assume um peso muito significativo ao nível do Ensino Superior. (...) atualmente com o sistema que nós temos montado e até com um aumento muito significativo não só de pessoas que estão diretamente ligadas à Investigação, mas também colegas que acabam por entrar para o Ensino Superior mas que vêm o seu acesso à carreira de alguma forma dificultada a nossa missão continua atual embora tenha uma abrangência julgo eu ainda maior porque no fundo temos várias pessoas que contribuem para o Ensino Superior Nacional e que dão o seu contributo em diferentes áreas de atuação muitas vezes até sem se conhecerem umas às outras sem se relacionarem umas às outras e provavelmente até com sentido infelizmente de alguma desconfiança sobre o colega do lado e uma das nossas preocupações tem sido também o chamar à atenção que é preciso procurar uma convergência de pessoas no Ensino Superior e mostrar que não é porque alguém está na carreira universitária, ou na carreira politécnica, ou na carreira de investigação, ou é bolseiro ou pós-Doc, o do quer que seja que existe aqui um confronto, mas pelo contrário devem colaborar e partilhar todas o mesmo sentido e o mesmo caminho do Ensino Superior em termos de missão (entrevista SNESUP)

#### Menos frequentemente registam-se alterações na forma de adesão dos sócios

dantes um novo sócio tinha que ser proposto por dois sócios o que era um esquema muito comum que segue quase uma tradição de alguns clubes restritos digamos assim, só pode entrar alguém desde que quem esteja dentro apadrinhe. E isso manteve-se na Sociedade até bastante tarde, mas hoje já não existe a uma determinada altura fizemos uma alteração dos Estatutos e hoje já não essa regra (...) Esta alteração dos Estatutos que acabou com isto foi há uns seis anos talvez, cinco, seis anos talvez, mas portanto será um... Se eu tivesse que escolher algo emblemático, digamos assim, escolheria este pequeno detalhe mas que revela muito sobre a alteração de contexto, porque isto é a passagem de uma comunidade fechada em que só entra quem está dentro do texto para uma comunidade aberta o conhecimento universal também (entrevista SPB)

Em segundo lugar, outro tipo de transformações pelas quais as associações científicas dizem respeito às atividades desenvolvidas. Nuns casos assiste-se à ampliação do tipo de atividades

Em relação às atividades também crescemos em número de atividades, primeiro organizávamos sobretudo os grandes momentos e aliás continuam a ser os grandes momentos são os Congressos que fazemos de 4 em 4 anos, inicialmente fazia-se uma espécie de Congresso intermédio, nem tenho a certeza se se chamava assim, mas era um pouco a ideia, a ideia era manter a atividade entre os Congressos e fazer pelo menos grandes encontros para enfim discutir aquilo que os sócios na altura entendessem pertinente, depois desmultiplicámos um pouco essas atividades e temos ..... enfim não é que seja propriamente inovação, mas temos tido cuidado, atenção, vontade de organizar coisas fora de Lisboa e se não organizamos mais é porque a logística se torna bastante mais complicada (entrevista APS)



SOCSCI

a Sociedade teve pontos, altos e baixos, na sua existência, dependendo da disponibilidade das pessoas que estavam na direção e para aí há cerca de três anos, três/quatro anos, chegámos a fazer um... digamos, uma reflexão muito grande sobre o que é que queríamos fazer para o futuro, porque achámos que estávamos a fazer muito pouco – porque não tínhamos muito dinheiro, há dificuldades de obtenção de financiamento - tirando o encontro anual, que foi aquela atividade que fomos mantendo, não tínhamos outras atividades, portanto tínhamos de dar uma grande volta à sociedade. (...) E então decidimos que era o momento que era: fazer um último esforço e que se o último esforço fosse consolidado então manteríamos a Sociedade; se esse esforço não se visse, digamos, recompensado, que desistiríamos. E então decidimos ter um, uma série de atividades que foram muito importantes para a revitalização da sociedade e que estão em causa, por exemplo: estabelecemos parcerias com sociedades internacionais, não é; temos sobretudo uma grande ligação com a Sociedade Espanhola de Ecologia, portanto, produzimos e participamos em encontros internacionais e organizamos encontros internacionais; decidimos criar uma revista de ecologia online – uma revista científica que já tem, já saiu o primeiro número em Janeiro e que agora está disponível o segundo número, segundo número, e que tem tido uma boa adesão, e que portanto nós esperamos que também atraia pessoas (entrevista SPECO)

As aves marinhas, também podia referir que foi outro salto da SPEA, a partir de 2006, 2007. As aves marinhas não se podiam estudar antigamente, ou podiam-se estudar mal. Aqui podemos ir para uma estrada para o campo, contar as aves, vê-las, mas no mar a história é outra. Não se pode ir para um barco como se anda em terra. Só a partir do momento em que a tecnologia permitiu fazer-nos acessos aéreos, pôr chips em aves para saber onde elas andam, hoje em dia vamos a um ninho, pomos uma mochilinha às costas da ave, e sabemos em cada segundo, onde a ave estava, se estava a mergulhar, se estava a voar para a esquerda, conseguimos tirar-lhe a história toda e fomos pioneiros a nível da Europa. Neste momento, nós e os espanhóis estamos a exportar tecnologia, conhecimento para EUA, México, África do Sul, para a bacia Mediterrânica, toda, estamos na vanguarda disso. E esse, realmente, foi outro salto da SPEA, o programa marinho, também foi... e aí, sim, temos investigação bastante boa (entrevista SPEA)

#### noutros ao aumento de relevo de determinadas atividades

Consoante os diferentes financiamentos não é? Já foi melhor no passado do que agora a nível nacional, já vamos .... E enfim tem sido sempre um crescente embora nos últimos anos temos-nos focalizado mais na formação de professores do que nas outras atividades. (...) Eu acho que o Nuclio tem agora um peso maior em termos de apoio aos docentes, no apoio aos educadores no sentido de darmos formação para fazer investigação científica em sala de aula. A Astronomia é daquelas poucas ciências em que eu não preciso criar, eu não preciso construir um laboratório na escola para levar os estudantes a fazer trabalho, a investigação científica em Astronomia é feita (a maior parte, não é?) utilizando imagens que são feitas pelos grandes telescópios e ter imagens disponíveis em qualquer momento, agora eu preciso é ensinar o professor a utilizar isso em sala de aula adaptado ao polígono essa tem sido a nossa luta nestes últimos tempos. (entrevista Nuclio)

Uma coisa que estamos a pensar fazer, e que vamos fazer com certeza, é por exemplo agora termos uma parceria com a Fundação Champalimaud e vamos organizar um congresso, e eles vão-nos pagar por isso, mas mais uma vez para organizar é preciso que alguém faça. Vai ser a Joana, vai ser toda a



gente da associação, vai trabalhar um bocadinho para a organização disso, vai trazer algum dinheiro, que nós esperamos... isto é um exemplo das coisas que estamos a pensar, aí a Associação vai ter um bocadinho de mudar os seus objetivos, que é tentar fazer serviços (entrevista AVaC)

noutros ainda à perda de protagonismo de certas atividades, como a publicação e a difusão de informação científica aos pares

...por outro lado também o facto de o panorama ter de alguma forma mudado. Daí que se sentia muita falta, nos primeiros anos, de locais onde se publicasse, locais mais nacionais. Entretanto surgiram conferências de origem... embora que apareçam até como internacionais ou ibéricas, apareceram outras de âmbito talvez mais alargado que a APSI, a logica das publicações também mudou e tornou-se mais exigente em termos daquilo que se espera das publicações, e portanto a APSI, enquanto necessidade de preencher este espaço desapareceu um bocadinho, portanto tem ficado esta conferência com seu valor mais em termos de encontro de comunidade do que propriamente até como espaço de publicação (entrevista APSI)

Isto é um fenómeno que está a acontecer em todo o mundo neste tipo de Sociedades muito antigas que desempenharam um papel critico porque foram congregadoras da ciência médica numa altura em que a medicina, em que ainda era possível ter-se uma visão generalista da ciência médica. Neste momento não é possível e a especialização é muito grande quer tecnológica, quer científica e portanto de certa forma estas Sociedades foram-se esvaziando sobretudo da intervenção dos sócios. Isso é uma das razões, mas não é só, que uma das outras razões, julgamos nós, tem muito a ver também com o tipo de informação que nós usamos atualmente que é uma informação como nós sabemos eletrónica e portanto o ir fisicamente a um local para discutir seja o que for e para transmitir informação numa sociedade que é muito solitária na aquisição de informação neste momento, cada um de nós está no seu computador e vê tudo, modificou muito os hábitos de clube que representa isto, portanto o verdadeiro, noção de clube de encontro interpares modificou-se e modificou-se em todo o mundo (entrevista SCML)

Em alguns casos a alteração de atividades conduziu mesmo a uma reorientação substancial do seu âmbito. Por exemplo, a SPEA converteu-se de uma sociedade científica para uma associação de divulgação científica com intensa atividade de investigação

A missão atual não se destaca muito daquela que é a missão desde que foi criado, a forma como se chega às pessoas é que talvez tenha mudado um bocadinho, portanto houve uma evolução do que foi uma organização muito mais científica, para uma organização muito mais virada para as pessoas no geral, para a sociedade comum. (entrevista SPEA)

e a ALT-SHN tem vindo a transformar-se de uma associação local de arqueologia num polo de investigação em paleontologia

como as coisas evoluem, neste momento, a Associação Leonel Trindade, já só usamos a designação ALT – Sociedade de História natural, porque daqui a um tempo vamos passar a ser exclusivamente Sociedade de História Natural, isto porque há cerca de 4 anos, decidimos reconfigurar toda a Instituição, porque nós começámos a montar um laboratório, que neste momento é um dos



melhores laboratórios da Península Ibérica, em termos de preparação e estudo sistemático de vertebrados, mas com maior incidência no Jurássico, e então tudo isso levar à criação de novos departamentos, departamentos de suporte de uma atividade de investigação científica na área da paleontologia, também da parte das ciências, mas não com tanta relevância, desde um departamento de informação geográfica de onde estão a sair teses de mestrado. (entrevista ALT-SHN)

Uma terceira dimensão das transformações das associações ao longo do tempo diz respeito ao funcionamento interno. Aqui registam-se três tipos principais de mudança: a criação de núcleos especializados internos, que podem ser o ponto de partida para a autonomização de uma nova associação ou uma forma de prevenir “separatismos”

tem havido dentro da Sociedade Portuguesa de Bioquímica uma dinâmica também ela de subgrupos todas as sociedades científicas acabam por ter subgrupos nós temos e tal como a Sociedade Portuguesa de Bioquímica emanou um subgrupo da Sociedade de Ciências Médicas, há vários grupos da Bioquímica, existe o grupo de Biofísica, existe o de Radicais Livres, existe o de Educação em Bioquímica tem sido interessante verificar a dinâmica destes grupos ao longo dos tempos. Por exemplo a Sociedade Portuguesa de Neurociências emanou da Sociedade Portuguesa de Bioquímica, porque havia um grupo de Neuroquímica que em determinada altura atingiu uma determinada dimensão saiu e formou-se a Sociedade Portuguesa de Neurociências. (entrevista SPB)

um maior envolvimento dos sócios em função de interesses de orientações mais especializadas e portanto isso só é possível fazer ao nível das secções temáticas, não é? E também porque isso é o modelo é o perfil que têm as outras Associações com que trabalhamos e portanto aquela aproximação de que lhe falava há pouco com colegas, o interconhecimento de sociólogos dos diferentes países sei lá, que possam fazer projetos conjuntos, portanto essa aproximação se nós não estivermos organizados em secções as coisas ficam bastante mais complicadas, e o facto de estarmos organizados em secções permite que cada secção organize melhor a sua atividade promova os seus próprios encontros faça dos seus próprios call, possa publicar os resultados das investigações que se fazem nesse domínio da especialidade, portanto parece-nos que isso é vantajoso em todos os aspetos (entrevista APS)

as mudanças na constituição dos órgãos sociais, com o objetivo de refletir as transformações nas associações

alterámos a composição da Direção, nos Estatutos anteriores só havia um Vice-Presidente e agora temos dois Vice-Presidentes além disso acrescentámos mais uma pessoa, mais um Vogal à composição da Direção, e porque é que isso aconteceu, porque sentimos, nós todos temos vidas complicadas e sobretudo quando se trata da proximidade dos Congressos, quando se trata de organizar os Congressos é bastante difícil gerir tudo aquilo que temos que fazer, portanto essa..... por outro lado também como disse há pouco nós criámos uma intensidade de atividades muito grande que implica também termos mais gente na Direção para que enfim possamos fazer uma divisão do trabalho mais equilibrada e também mais eficaz com uma maior capacidade de resposta (entrevista APS)

e, menos frequentemente, a profissionalização das associações, com a criação de cargos remunerados

isto cresceu um bocado, ainda passou por uma fase de semiprofissionalização, há 10 anos tínhamos aqui dois funcionários mais um em part-time, e foi nessa altura que eu ingressei, já depois de ter saído dos órgãos sociais, e ingressei aqui como profissional, passámos a 5 pessoas e hoje somos 52 (...) começou por ser uma associação puramente amadora, com o contributo de investigadores, ornitólogos e bird watchers também, formaram grupos de trabalho e regionais, grupos temáticos, começou a profissionalizar-se um pouco em 2001, 2002, começámos a ter o primeiro projeto LIFE sobre conservação no Alentejo (...) trouxe formação a muitas pessoas, por exemplo, para estar aqui no cargo de Direção, passei por formações intensas de fund raising, gestão financeira, gestão pessoal, gestão de recursos humanos (...) o segundo grande arranque foi o Projecto LIFE nos Açores, que permitiu implementar a SPEA no Açores e ter o maior projeto, ainda hoje foi o maior projeto, foi premiado como um dos cinco melhores projetos da União Europeia, teve uma componente muito grande conservação, salvámos uma espécie de extinção que tirámos do livro vermelho das espécies em ameaça de extinção crítica, fizemos muita investigação, associámos a teses de doutoramento, de mestrado, sobretudo a outras entidades, sobretudo a Universidade de Coimbra, fizeram um bom trabalho também. A partir daí, ficámos definitivamente lançados. (entrevista SPEA)

Vários fatores estão na base das transformações das associações. Para além dos já atrás mencionados aumento da massa crítica e mudanças nas disciplinas científicas, podem também ser identificados alguns “adjuvantes” e “opponentes”. Do lado dos “adjuvantes” estão, por exemplo, as parecerias internacionais

tivemos o apoio da *Bird Life International*, que é importantíssimo, a BL trouxe não só os primeiros fundos, aqueles que permitiram arrancar com o financiamento para os projetos, como trouxe formação a muitas pessoas, por exemplo, para estar aqui no cargo de Direção, passei por formações intensas de fund raising, gestão financeira, gestão pessoal, gestão de recursos humanos, houve aqui uma grande ajuda, sem isso não era possível. O facto de nos inserirmos na *Bird Life International* foi decisivo, também, ajudou imenso mesmo. (entrevista SPEA)

estabelecemos parcerias com sociedades internacionais, temos sobretudo uma grande ligação com a Sociedade Espanhola de Ecologia, portanto, produzimos e participamos em encontros internacionais e organizamos encontros internacionais (...) mas digamos que o projeto mais importante foi a implementação da rede LTER Portugal, que é Rede de... em inglês é Long Term Ecological Research, portanto, é uma rede de sítios que existe a nível mundial, de sítios de naturalização a longo prazo (entrevista SPECO)

e foi isso que levou à reconfiguração foi levar a outro patamar, então a outro nível de investigação científica, no funcionamento em rede, em que as pessoas que se fazem ou sócias efetivas, investigadores associados, ou investigadores efetivos, que temos as coisas hierarquizadas, tornar uma rede, uma rede que já se está a estender aos EUA. Neste momento temos uma colaboração com o Museu de História Natural de Los Angeles, temos em Espanha, na Universidade Autónoma de



Madrid, com a..., em Espanha, América, França também, com a Universidade de Lyon (entrevista ALT-SHN)

#### o apoio (ou pelo menos reconhecimento) por parte do Estado

Talvez as formas de atuação tenham mudado um pouco pela maneira como a ABIC também é vista por outros parceiros, porque embora com algumas dificuldades, começa a ser mais fácil marcar reuniões com partidos políticos ou com... ou com os órgãos da tutela, ou mesmo comunicar com os média, porque já conhecem a ABIC e já conhecem os problemas dos bolseiros. (entrevista ABIC)

#### e o apoio por parte do sector empresarial

a grande viragem na sociedade de neurologia foi com a eleição do, de um colega do Porto, que é o Professor Pereira Monteiro, que de facto, dinamizou isto, fazendo reuniões regulares – havia com alguma irregularidade – e depois também receber, portanto, as verbas de laboratórios e tudo, acabar por rentabilizar as coisas, e neste momento a Sociedade de Neurologia tem uma situação financeira confortável, que não tinha antes deste, Dr. Pereira Monteiro (...) e portanto, com essa dinâmica e tal, a industria farmacêutica tem investido porque a neurologia também começou a ter um desenvolvimento, uma perspectiva diferente – o problema não era da neurologia, o problema era da investigação e do desenvolvimento da ciência médica – a neurologia era uma especialidade onde poucos medicamentos existiam, não é, havia meia dúzia de coisas e mais nada. E de facto, grande parte das doenças neurológicas começaram a ter um grande desenvolvimento em termos de investigação e de tratamento, começaram a aparecer fármacos e portanto a indústria farmacêutica começou a interessar-se pela neurologia, pelas coisas que se receitavam, não é. E agora há cada vez mais fármacos, por exemplo como os anti-epilépticos, com fartura vão aparecer novos anti-epilépticos e novos... e portanto os laboratórios vão investindo na sua divulgação, e nós temos feito a politica de essa divulgação ser feita através da Sociedade, através de simpósios, através da participação dos laboratórios com stands nos nossos congressos , e portanto vai havendo receitas, pagam para isso não é, para estar lá e tal, e esse dinheiro que é para a Sociedade (entrevista SPNeurologia)

Como “opponentes”, algumas associações referem a competição com associações profissionais ou outras instituições do sistema científico, que se “apropriam” das atividades e recursos que podiam ser canalizados para as associações científicas

É muito difícil encontrar sócios, as pessoas da área da filosofia estão sempre muito mais interessadas no lado da associação de professores. E há uma associação de professores que se associa em Coimbra, e portanto há muita dificuldade em ganhar sócios, e portanto nossa sociedade bate com grandes problemas, sempre se bateu com grandes problemas financeiros. (entrevista SPFilosofia)

vamos ter agora uma reunião para percebermos melhor alguma discussão sobre isso, se deve ser a Sociedade Portuguesa de Engenharia Sísmica se deve ser uma coisa mais ampla, porque, digamos, como ela é chapéu mas não tem poder executivo – tem muito mais poder uma Faculdade de Engenharia do Porto ou por exemplo aqui o Técnico ou a Universidade de Aveiro – porque é aí que se faz o trabalho, é aí que está o dinheiro para a investigação, etc, ou no Laboratório de Engenharia Civil,



do que propriamente na Sociedade Portuguesa de Engenharia Sísmica. Aí não tem, a sociedade portuguesa de engenharia sísmica tem um budget pequeníssimo, não é, que são as quotas dos seus associados, e que são 100 ou 120 pessoas, não é, portanto, o dinheiro que tem dá para organizar umas coisas, fazer algumas publicações, ter a página mais ou menos em ordem e pronto, não lhe permite, não tem budget, não tem fundos, para conseguir fazer esse tipo de coisa. (entrevista SPES)

Em alguns, poucos casos, as associações enfrentam mesmo o risco de extinção

E portanto a Sociedade teve pontos, altos e baixos, na existência, dependendo da disponibilidade das pessoas que estavam na direção. E para aí há cerca de três anos, três/quatro anos, chegámos a fazer, digamos, uma reflexão muito grande sobre o que é que queríamos fazer para o futuro, porque achámos que estávamos a fazer muito pouco – porque não tínhamos muito dinheiro, há dificuldades de obtenção de financiamento - tirando o encontro anual, que foi aquela atividade que fomos mantendo, não tínhamos outras atividades, portanto tínhamos de dar uma grande volta à sociedade. (...) E então decidimos que era o momento que era: fazer um último esforço e que se o último esforço fosse consolidado então manteríamos a sociedade; se esse esforço não se visse, digamos, recompensado, que desistiríamos. (entrevista SPECO)

Acho que a Associação tem de dar um salto este ano ou no próximo ano, senão acho que pode ser um fracasso, acho eu. Pode acabar, o que é facto é que não temos maneira de nos sustentar, os salários que nós temos são todos pagos pela FCT e da maneira como as coisas estão não sei como é que vai ser... isso também me preocupa um bocadinho. (...) Então decidimos no próximo mês nos reunirmos e tentarmos fazer um “brainstorming” para estabelecer as nossas prioridades e como é que nós vamos conseguir manter a associação. Acho que neste momento estamos a passar por uma fase em que a associação pode acabar. Não temos maneira de pagar salários a estas pessoas que trabalham para a associação. Como lhe estava a dizer, são Pós-Docs da FCT. (entrevista AVaC)

## 4. Atividades

### 4.1 Encontros Científicos

A organização de congressos ou encontros é uma das atividades com as quais são identificadas as associações científicas, constituindo um dos pilares da sua funções comunicacional (Schimank, 1988).

A convenção anual é um evento de grande significância nas sociedades científicas americanas. Estas reuniões satisfazem várias necessidades das associações e seus membros. As reuniões proporcionam à disciplina ocasiões para exprimir a solidariedade, integridade e abrangência do seu campo. Novas direções são indicadas e o conhecimento novo é comunicado prontamente entre os sócios. Para os membros individuais, estas reuniões têm dois significados principais. Em primeiro lugar, a convenção é um veículo importante para proporcionar aos membros da disciplina recompensas que podem ser traduzidas em prestígio e legitimidade na sua universidade ou centro de investigação. As pessoas são premiadas pelas comunicações apresentadas, pela eleição para os órgãos sociais nacionais, pela nomeação para cargos em comissões da associação, etc. Por outro lado, a presença na convenção transmite cosmopolitismo e indica aos da instituição de origem uma tentativa de se manter a par do campo (Bloland 1982: 79)

Em termos da sua periodicidade, as associações revelam uma diversidade de situação que vão desde a realização anual, no caso da Sociedade Portuguesa de Neurologia e da Associação Portuguesa de Sistemas de Informação, até à realização em intervalos de 4 anos para a Associação Portuguesa de Sociologia. O ciclo destes eventos é por vezes marcado pelo ciclo dos eventos internacionais das respetivas especialidades.

há uma Sociedade Internacional de Ciências Hortícolas que já tem muitos anos, foi no século XIX que iniciou e já há congressos internacionais há uma série de anos. Esta sociedade internacional organiza também o Congresso Internacional de Ciências Hortícolas que ocorre também de quatro em quatro anos portanto geralmente os nossos ibéricos eram no intervalo entre os internacionais e o ibérico, ficava ali no meio. (entrevista APH)

em Portugal, a reunião da SPN segundo o estatuto, é anual. Só que em função da decisão estratégica da FENS, tomou a uns anos atras de favorecer a inclusão de cientistas de diferentes nações na reunião bienal da FENS, a SPN associou-se a esta ideia e então passou a organizar, ano sim, ano não, a reunião em Portugal (...) Exatamente, para intercalar com a reunião da FENS, então o que na prática acontece é que de dois em dois anos a SPN reúne inclusivamente em assembleia geral, na cidade Europeia onde se organiza a reunião da FENS, em conjunto com a reunião da FENS. (entrevista SPNeurociências)

O sucesso destes encontros em reunir a comunidade disciplinar é também variável. Algumas das associações tem uma perceção muito positiva da adesão dos associados aos congressos e encontros



como lhe digo, isto é mais ou menos uma Meca, tudo da neurologia portuguesa, todos os neurologistas têm um objetivo, pelo menos, no início de cada ano de ir às reuniões, portanto, é uma coisa que as pessoas consideram é poder ir às reuniões. Às vezes não se pode, ou estão de serviço ou indisponibilidade, mas, os neurologistas tendem a aparecer sempre na reunião. Se não vêm numa vêm a outra, também pode não dar muito jeito, se temos uma reunião no Porto uma pessoas de Faro torna-se... é preciso motivação para vir, mas enfim, vêm. (entrevista SPNeurociências)

O Congresso Nacional do SPB será um dos suponho eu, será um dos maiores nacionais, oscila mas será um congresso que acontece de dois em dois anos e que tem à volta de 600 pessoas, agora com a crise vamos lá ver como será mas terá à volta das 600 pessoas anda a baixar já houve congressos assim mas em média talvez 600 pessoas, para um congresso nacional é bastante bom. (entrevista SPB)

são bastante participados. E este é especial, pelo encontro do centenário, deverá ter cerca de 600 participantes. Isto já é um encontro grande mesmo a nível internacional. Nós temos sempre uns quantos convidados estrangeiros também. Vêm sempre pessoas de Espanha, algumas, no passado eram mais mas de qualquer modo ainda continuam a vir (entrevista SPQ)

Tem havido evolução. As nossas projeções para a próxima reunião apontam para 60, 70 por cento, que é muito muito significativo. Digamos que em média as reuniões contam com a participação de 40, 50 por cento. Este ano realmente será mais participada. (entrevista SPNeurociências)

Por outro lado, outras associações mostram dificuldades em atrair a comunidade disciplinar para os encontros. Entre os fatores para este insucesso estão, por exemplo, a crescente internacionalização da ciência e a concorrência com os congressos internacionais (Crawford, Shin e Sorlin 1993)

como a oferta do ponto de vista científico é tão grande hoje em dia que, os próprios investigadores que, apesar de ser sócios da SPECO, preferem que, não tendo nem financiamento, nem tendo tempo para irem a todas as reuniões que existem hoje em dia, a nível internacional, preferem apresentar o resultado do seu trabalho em reuniões internacionais do que em reuniões nacionais, e foi isso que começou a levar a que a sociedade começasse a perder um bocadinho a visibilidade (entrevista SPECO)

o pouco envolvimento dos associados devido à falta de disponibilidade

Não tanto quanto nós gostaríamos, mas sim tem alguma expressão, sabemos que infelizmente ao nível do Ensino Superior todos nós ainda por cima com os dias que correm vamos sendo, vamos vivendo atulhados em burocracias em papéis para preencher e acabamos por ficar com muito pouco tempo disponível para aquilo que gostaríamos de fazer e estes momentos como o Congresso que seriam importantes para ter as pessoas, acabam por não ter também tantas pessoas quanto nós gostaríamos, mas aqui sempre a minha perspetiva que sou um bocado pessimista neste âmbito um Sindicato que chegámos recentemente ao associado número 5000 devia ter um Congresso com quase tantos associados quanto os que tem. (entrevista SNESUP)



ou o próprio desconhecimento das atividades

Um facto é indesmentível, professores de filosofia que nunca ouviram falar da sociedade, que não sabem que há uma sociedade científica, nem da associação de professores. Mas assim, as pessoas mais possível de ouvir falar por causa que são sindicais ou, pronto, pessoas mais ligadas a essas praticas. Agora há muitas pessoas que desconhecem por completo, e pessoas, não estou a falar de pessoas de Trás-os-Montes para o fundo, estou a falar de pessoas de Lisboa, estou a falar de colegas meus! (entrevista SPFilosofia)

Para algumas associações estes encontros representam momentos importantes de captação de novos associados

E os alunos participam connosco não só, muitas vezes até a apresentar trabalhos como é lógico, quando estão a fazer as suas dissertações ou quando acabam ou assim, até por exemplo na organização, o que eu acho que é importante porque motiva gente nova para este tipo de eventos. E depois eles acham engraçado como é que se faz isto, como é que não se faz e, portanto, participam muito e nós trazemos sempre muita juventude. Isso é verdade, isso felizmente também é outra coisa que nós conseguimos, que é trazer juventude, tem de ser. (entrevista APH)

Mas sem duvida a atividade que traz mais novos sócios são os encontros. Portanto, além dos que costumam ir, há sempre pessoas locais, normalmente professores de filosofia e estudantes que contactam pela primeira vez com a sociedade, muitas vezes nunca ouviram falar da sociedade... (entrevista SPFilosofia)

No caso das sociedades científicas disciplinares, o objetivo destes encontros é proporcionar um espaço de encontro da comunidade científica portuguesa que trabalha na disciplina

Portanto, temos nessa situação que... É uma conferencia, mas que não sendo uma conferencia de topo, o que é que vamos ter aqui... Se é em inglês, provavelmente são trabalhos que foram rejeitados em outro lado. Portanto OK, vamos ficar com o português. Com espaço mais de encontro, sem pretensões a ser um local onde se espera que as pessoas tenham as publicações para fazerem curriculum. (entrevista APSI)

é um sitio onde as pessoas todas se encontram, é uma oportunidade de convivermos, de trocarmos impressões, e de falarmos de várias coisas, enfim de a gente se encontrar, pois de outra maneira é difícil encontrar um sitio onde se encontram mais neurologistas naturalmente, e portanto, isto é importante para as pessoas conversarem, para trocar ideias, para falar de tudo, das coisas mais importantes, menos importantes, até de ensaios clínicos, e de trabalhos, só em termos sociais a gente fica a saber o que é que se passa. (entrevista SPNeurologia)

É um dos pilares da atividade da Sociedade, porquê porque o ponto de encontro por excelência de toda a comunidade, de todas as pessoas que façam bioquímica em qualquer uma das suas vertentes, investigação em qualquer um dos subdomínios da bioquímica, educação, divulgação (entrevista SPB)



Podíamos pensar numa situação em que não houvesse encontros nenhuns nacionais. Os químicos que fazem investigação iam só aos encontros internacionais, mas ficavam a desconhecer a comunidade nacional, de que é forma ela se estrutura e isso é bastante importante. (entrevista SPQ)

Estes encontros permitem também às associações atingir outros objetivos, como abrir a possibilidade de trazer figuras científicas de primeiro plano a Portugal:

nessas reuniões anuais que fazemos muitas vezes trazemos estrangeiros, são as pessoas de topo em determinadas áreas, e portanto, damos um nível científico bom, estrangeiros e nacionais, também há cá muita gente boa, obviamente, não é, mas tentamos sempre ir buscar os melhores do mundo, não é, ou pelo menos os melhores da Europa, considerados como tal (entrevista SPNeurologia)

iremos sempre ter um convidado internacional, normalmente pessoas de mais alto nível temos conseguido até agora, por vezes ficamos até surpreendidos porque principalmente no mundo anglo-saxónico eles não tem a perceção que nós temos isso no ensino secundário, e portanto pode sempre haver sempre um bocado de inibição de pessoas de mais alto nível científico irem fazer comunicações para professores que não correspondem, assim, o ensino deles um pouco, assim, um bocadinho inferior... E mesmo assim pelo contrário, mesmo este tipo de pessoas tem vindo com toda facilidade, isto é muito gratificante. (entrevista SPFilosofia)

ou promover a associação localmente através da organização dos eventos nas universidades e politécnicos de diversos pontos do país

E, a ideia é percorrer o país todo, portanto, não são organizadas sempre no mesmo sítio. São organizadas por diferentes grupos – tem sido, sei lá, começou aqui em Lisboa, depois passou para... já não lhe consigo dar a ordem exata mas, foi ao Porto, foi ao Algarve, foi aos Açores, foi ao Minho, foi a Aveiro, a última foi em Aveiro, em Outubro passado. (entrevista SPES)

E para nós também, não só ver o que os outros estão fazendo nas várias áreas do conhecimento, mas também estes encontros vão fazendo uma rotação pelas várias universidades. Nas próprias instituições podemos ver melhor o que se passa em cada uma delas. (entrevista SPQ)

nós tentamos sempre que seja num sítio completamente diferente de onde foi o outro, e portanto, se se, o último foi no norte pois tentamos que o seguinte seja no sul, depois outra vez Lisboa e depois... descentralizamos, completamente e... associamo-nos sempre a uma universidade, em que tem uma forte componente de organização local, sim, e isso é precisamente para promover, divulgar a sociedade, e angariar pessoas nos outros sítios, sim. (entrevista APH)

são todos os anos em diferentes localidades, portanto tentamos diversificar, acho que este vai ser o 10º ano que repetimos uma localidade, que vai ser em Braga, já foi há 5 anos ou assim, tem sido, já foi em Portimão, antes foi em Viseu, antes em Évora, são sempre apoiados por universidades, portanto são quase sempre em instalações de universidades, exceção foi o ano passado em Portimão, onde havia 2 escolas secundárias muito dinâmicas, uma das quais estão colaboradores nossos de longa data da sociedade e que a câmara municipal de Portimão foi muito solícita e nos disponibilizou ali



um território excelente, e portanto não foi uma universidade mas não nos faltou nada por causa disso (entrevista SPFilosofia)

Na organização dos encontros, a parceria com associações estrangeiras pode servir como meio de superar a dimensão reduzida de determinadas áreas disciplinares entre a comunidade científica portuguesa.

Não temos um congresso propriamente só nosso, só de horticultura, temos é um congresso ibérico, porquê? Porque nós temos ligações com diferentes instituições ou diferentes associações congéneres, nomeadamente com a congénere espanhola que é a Sociedade Espanhola de Ciências Horticolas e isto porque, como deve calcular, o nosso meio é relativamente pequeno e numa península que tem tantas afinidades aqui com Espanha, que é um país muito maior que nós, com muito mais gente que já há uns anos que organizamos este congresso em comum. Este congresso funciona de quatro em quatro anos e já fizemos seis edições portanto um ano é em Espanha e outro é aqui em Portugal, de quatro em quatro anos. (entrevista APH)

Em alguns casos, as associações nacionais tiveram recentemente a oportunidade (ou estão para fazê-lo num futuro próximo) de trazer a Portugal importantes reuniões científicas de âmbito internacional, através da ligação que mantem às associações internacionais da sua área disciplinar.

Isto é para ver que realmente foi o maior desafio e foi um sonho sempre da Associação Portuguesa de Horticultura que, repare, num país tão pequeno comparativamente com o mundo inteiro, em que a organização destes congressos é sempre muito disputada, nós termos realmente conseguido trazer aqui para Portugal um congressos destes... E foi com Espanha, mas de facto o grande trabalho foi aqui em Portugal porque as sessões técnicas, as sessões científicas foram todas aqui no centro de congressos e depois houve visitas técnicas em Portugal e em Espanha, aí é que houve a parte espanhola que ficou incluída. E por acaso até na segunda-feira tivemos uma reunião e estava aqui o professor Carlos Portas, que foi o sócio fundador da associação, connosco e ele até estava ali sentado naquela mesa e disse assim: “E temos de ver uma coisa, porque todas as sociedades em todo o mundo que organizam um congresso internacional geralmente depois afundam... E nós não afundámos, nós conseguimos sobreviver!”. É para lhe explicar que isto foi uma coisa muito grande para nós, e foi realmente... Uma maravilha. (entrevista APH)

Nós neste momento estamos a trabalhar muito para a conferência mundial, porque é um acontecimento único, que vai ser único nos próximos não sei quantos anos. Nós organizámos, cá em Portugal, a conferência europeia de engenharia sísmica, foi em 1986 – que foi feita no LNEC – conseguiu-se trazer, não me lembro ao certo mas setecentas, oitocentas pessoas, e agora que tivemos esta oportunidade de conseguir trazer a conferência mundial para Lisboa, é um salto enorme em termos de organização, em termos de pessoas, porque é um mundo inteiro que esperemos que venha a Lisboa por aquela altura com, digamos, as pessoas mais capazes e os grandes centros a estarem cá, portanto, esperemos que as coisas corram bem, embora haja este problemas financeiros e económicos que estamos a atravessar, mas esperemos que mesmo esta atividade sísmica recente, no Japão e noutros locais, faz mexer muito com todos nós e faz mexer muito com a engenharia sísmica, com a sismologia, e que levanta muitos problemas. E portanto, é muito importante, é a



aposta neste momento, é a aposta que tudo corra bem, e que a gente possa fazer uma conferência que seja boa e que marque, digamos, uma época, não é, que é a organização da conferência. E portanto, neste momento, os nossos esforços vão todos nesse sentido, que pode imaginar é de facto uma coisa muito grande, somos poucos e é uma coisa muito grande porque exige planear as sessões, arranjar as lições principais, ter uma escolha dos melhores nomes, mas ter também uma escolha que seja geograficamente bem estendida, desde o Japão, Rússia, Europa, digamos, depois América, Américas (central e do Sul), e até mesmo África, que tem pouco desenvolvimento nesta matéria, mas mesmo assim...e a Austrália, Oceânia, etc, não é, que tem gente muito importante e que queremos que venham todos a Lisboa. Portanto, este é o esforço neste momento que estamos a fazer e que é grande, porque somos poucos, as tais cem pessoas para organizar esta conferência importante. (entrevista SPES)

A importância da organização destes encontros não se limita apenas no prestígio que conferem, mas também por poderem servir para motivar o envolvimento dos associados mais alargado dos associados ou mesmo a captação de novos membros

temos o chamado LOC - *local organizing committee* - que é um grupo pequeno de sete ou oito pessoas, que neste momento reúne todas as semanas, tem vários pelouros, dentro destas sete ou oito pessoas um tem o pelouro científico outro tem o pelouro da logística do centro de congressos, outro tem o pelouro das visitas técnicas, ou do programa cultural, etc por aí adiante, não é? Mas depois temos outros comités, digamos, mais amplos, com representantes da Universidade do Porto, (...) vamos ter uma reunião no LNEC aonde vão participar, digamos, estas diversas comissões, que é um grupo ainda de 50 ou 60 pessoas - estes são os executivos, ou conselheiros (entrevista SPES)

Portanto foi uma oportunidade única para as pessoas viverem o que é um congresso deste género e os jovens então estavam deliciados, tivemos muita gente a trabalhar connosco, quer na organização, a parte toda dos trabalhos da receção dos resumos, daquilo tudo, foi feito com muitos jovens, com muitos estudantes que nós conseguimos e eu acho que temos de ir por aí não é? Temos de entusiasmar as pessoas para fazer esse tipo de coisas. E eu acho que sim, as pessoas são muito entusiastas... (entrevista APH)

A organização de um grande evento de reunião dos associados é menos presente entre as associações de divulgação científica. Neste tipo de associações os eventos organizados tendem a ser dirigidos ao exterior da associação e não necessariamente aos seus associados. Algumas associações, como a Associação Viver a Ciência e a Scientists in the World, não organizam eventos deste tipo. A APDSI organiza um encontro anual, mas em moldes diferentes de um congresso

há um pormenor que é importante porque é pouco comum entre nós, o Fórum da Arrábida é uma organização anual que é um *think tank* portanto um conjunto de pessoas que de há vários anos para cá, há nove anos para cá se não me engano, oito anos (...) Há um conjunto de pessoas que se reúnem durante dois dias, num sítio isolado, e portanto sobre o tema geral de pensar o futuro da sociedade da informação depois anualmente há um subtema. Fazem uma reflexão, depois de algumas recomendações genéricas, mas de qualquer maneira a ideia é exatamente esta, é um *think tank*, que é uma coisa que também não é muito comum. (entrevista APDSI)



As restantes associações de divulgação organizam encontros de associados semelhantes aos das associações científicas disciplinares, com regularidade variável

Custa-me um bocado, no momento em que já houve vários convites que eu fiz a pessoas que já estavam a fazer isto, aquilo, ou aqueloutro. Basta, mas é preciso alguém fazer e se ninguém faz não aparece feito e as pessoas não vêm por inércia o mínimo que consegui foi um encontro anual só para associados (entrevista Nuclio)

Depois outro papel importante que temos é o de promover os encontros, o congresso ornitologia, reunimos toda a comunidade que trabalha em aves, reunimos a todos nesses congressos que são de 3 em 3 anos. (entrevista SPEA)

O último foi em 2009, o encontro de jovens investigadores em paleontologia, em princípio este ano vai haver outro mais no modo de conferências. Estamos a organizar com a Câmara Municipal de Torres Vedras uma exposição sobre a paleontologia e vamos aproveitar e como nós temos, uma investigadora de grande renome internacional do Museu de História Natural na Suécia, que retirou umas amostras do Jurássico, que encontrou uma grande diversidade das primeiras plantas com flor, são das mais antigas. (entrevista ALT-SHN)

Quase todas as associações profissionais organizam algum tipo de reunião regular de associados, dedicada aos temas de representação de interesses profissionais. Em termos da sua organização estes podem ser divididos em dois grupos. Algumas associações organizam eventos mais dedicados à discussão interna, sobretudo com participação dos associados.

Fazemos também, com alguma regularidade as jornadas profissionais da bioquímica, e aí a ideia é juntar bioquímicos das varias áreas da atividade, um pouco para fazermos sempre o ponto da situação, como é que a licenciatura está a ser divulgada junto a sociedade, se achamos que estamos a aumentar o conhecimento, se achamos que temos ainda que intervir em diversas áreas. Que nós temos várias áreas de intervenção. Portanto temos a investigação, ensino, análises clinicas (...) Tudo faz parte das jornadas, portanto discutimos todas estas áreas, como é que estamos distribuídos, se estamos bem representados, se achamos que temos aí que alterar alguma coisa, ou fazer algum tipo de iniciativa que venha aí a alterar essa condição. (entrevista ANBIOQ)

Nós realizámos o último Congresso do SNESup, foi apenas o terceiro, temos vinte anos de história, não são assim tantos quanto isso, realizámo-lo o ano passado está a fazer agora um ano em Maio e é um momento que permite reunir num encontro os seus diversos associados as suas diferentes estruturas para debatermos problemas que as pessoas vão sentindo, por ser um momento que não é tão regular quanto isso ele pode assumir um carácter mais importante de partilha e de troca de experiências, eventualmente esta sua pouca experiência fica atenuada também porque nós reunimos frequentemente os órgãos a nível nacional, quer da Direção, quer na própria articulação com a Comissão Permanente ou com o Conselho Nacional e como convidamos sempre a estarem presentes quer os delegados regionais quer os delegados sindicais, há uma troca de informação que é muito maior, que faz com que talvez não exista uma necessidade tão grande de reunir toda a estrutura do SNESup ao nível de um Congresso com maior frequência quanto isso, isto é um momento em que pode permitir com mais tempo e sobre diferentes assuntos, e convidando outras pessoas que possam



estar tão dentro do SNESup para poder ajudar, pelo menos a discutir o que é o Ensino Superior e o que deve ser o papel do SNESup no Ensino Superior. (entrevista SNESup)

Outras organizam eventos mais centrados na participação de entidades externas, como o Ministério da Ciência e seus organismos, empresas, ou outros atores importantes no sistema científico. As últimas conferências da ABIC, ANICT e da AMONET, por exemplo, contaram com a presença de representantes da Fundação para a Ciência e Tecnologia e do Ministério da Educação, da União Europeia, das Universidades, e de empresas de base tecnológica. Estas organizações são convidadas a apresentar comunicações a uma plateia constituída pelos membros das associações. Tal como no caso anterior têm por objetivo criar um espaço de discussão dos assuntos relevantes para as associações.<sup>9</sup>

Mas, temos vindo a realizar uma Conferência bienal, de dois em dois anos, uma Conferência de Emprego Científico porque achamos que é muito importante porque tem, tem feito uma reflexão do Emprego Científico, ao longo deste tempo todo. (...) É muito importante em termos de divulgação e também de, da reflexão que é feita durante a Conferência que normalmente é sempre muito interessante. (entrevista ABIC)

o objetivo dos Simpósios é justamente...é uma ação também mediática e contribuir para um espaço para que se gere um espaço de discussão para que haja colaboração de pessoas que vêm de instituições internacionais evidentemente é uma oportunidade única, todos temos agendas muito complicadas e tudo, portanto é a única hipótese de que haja um pretexto e até alguns subsídios para poder trazer essas pessoas cá para alargarmos o espaço de discussão e obviamente que cada Simpósio tem depois um tema mais específico de acordo com a situação social, económica mais concreta dos anos em que se verifica, por isso é que este ano tema escolhido foi o “Women Globalization”, enquadra-se perfeitamente na crise que estamos a viver (entrevista AMONET)

Em termos da participação nos congressos, o aspeto mais saliente é a sua importância enquanto elemento de integração dos jovens na comunidade científica. A participação dos investigadores em início de carreira nestes eventos é encorajada pelas associações, que lhes fornecem a oportunidade de fazer as primeiras apresentações públicas do seu trabalho. No Encontro da SPQ em Julho de 2011 no qual foi feito trabalho de observação, a participação de jovens investigadores (em fase de doutoramento e pós-doutoramento) foi muito significativa. O público das sessões plenárias e de algumas sessões paralelas foi maioritariamente constituído por jovens investigadores. Estes foram também os principais participantes na sessão de posters, que é especialmente dirigida à apresentação dos seus trabalhos.<sup>10</sup>

há um grande interesse dos mais novos; é a primeira Sociedade onde as pessoas se inscrevem, é a Sociedade Portuguesa de Neurologia, é, fundamentalmente como lhe disse, a estufa... cresce, não é, os neurologistas para os internos, e fomenta sempre isso, não é, nas avaliações dos internos, anuais e

<sup>9</sup> Notas Simpósio ANICT, Notas Simpósio Internacional AMONET, Notas IV Conferência de Emprego Científico - ABIC

<sup>10</sup> Notas XXII Encontro Nacional SPQ



no fim da especialidade, valoriza-se a participação na Sociedade; se os internos de neurologia não vão às reuniões da Sociedade de Neurologia não faz assim muito sentido, não é? E portanto, valoriza sempre isto e estimula-se as pessoas a irem e as pessoas vêm que é importante para elas, que não é só pelo currículo, é também pelo que se aprende lá e pelo facto de as pessoas estarem todas umas com as outras, não é? Vê-se os internos de Lisboa, encontram os do Porto, os de Faro, de aqui e de acolá, e tal, e temos uma possibilidade sem grandes encargos, praticamente, de termos uma panorâmica da neurologia toda, correndo as áreas todas, não é preciso ir para o estrangeiro, nem coisa nenhuma, nem inscrições nem... nem inscrições caras, nem viagens de avião nem hotéis, enfim, nós fazemos os possíveis por albergar os participantes sem encargos para quem apresenta coisas, quem apresenta trabalhos, quem é autor, enfim, quem participa no programa, nós não cobramos inscrições e tendencialmente, dentro do possível, também não há encargos nem com comidas nem com hotéis, portanto aquilo é quase de graça, é praticamente de graça, não é, e portanto, é uma maneira de acarinhar as pessoas, os internos. (entrevista SPNeurologia)

Sim, isso há quase sempre, há quase sempre de jovens quer a nível de doutoramento e tudo quer a nível de estudantes de licenciaturas ou mestrados. Isso há sempre. Até porque nós, é muito engraçado que quando fazemos um evento quando pomos os preços pomos sempre um preço de estudante, que é sempre mais em conta. E isto porque tentamos estar sempre ligados com as escolas superiores agrárias exatamente para trazer alunos. (entrevista APH)

O que tem ocorrido com regularidade, doctor-consorcium. Já, talvez desde já a primeira edição que isto ocorre, portanto um encontro de estudantes de doutoramento que apresentam o que andam a fazer, onde mais do que o tema e o assunto, e o contributo, é a maneira de lá chegar, as abordagens de investigação. E isso tem ocorrido também com alguma regularidade. (entrevista APSI)

Muito orientada aos estudantes da área. Porque também, esse foi uma decisão de há alguns anos, de há aqui três ou quatro anos, começou-se a sentir uma pressão muito maior em termos das publicações e da qualidade das publicações. Ora, uma conferência nacional onde a língua é o português, onde até se vai aceitando alguma coisa em inglês, mas uma conferência que não pretende ser de primeira linha, mais um momento de encontro da comunidade e de fazer a ligação aos estudantes de mestrado e doutoramento na área. Daí que não é a primeira escolha de publicação de quem quer que seja, não é. Portanto, de quem quer que seja no sentido de... Será a primeira escolha dos estudantes de mestrado ou dos primeiros anos de doutoramento. Até como preparação para a publicação em conferências internacionais e em revistas. Portanto, temos nessa situação que... É uma conferência, mas que não sendo uma conferência de topo, o que é que vamos ter aqui (entrevista APSI)

E nós temos desde a fundação um encontro anual, da sociedade, que é feito de propósito essencialmente para os jovens ecólogos, não é, irem apresentar os seus trabalhos (entrevista SPECO)

O participante típico é um aluno de Doutoramento, ou recém Doutorado que faz investigação em Portugal esse é o inscrito típico digamos assim. Há alguns estrangeiros que vêm, mas a larga maioria são portugueses que estão em Portugal a fazer investigação em Portugal, a larga maioria são bolseiros, há uma fração significativa de alunos finalistas do Segundo Ciclo de Bioquímica, portanto há ali uma fração curiosa de alunos que ainda estão em formação mas que já têm uma grande



apetência pela investigação e querem participar, saber o que é que está a acontecer aliás porque muitos deles ou vão escolher estágio ou vão fazer estágio ou pensam fazer Doutoramento e ali é uma grande montra, mas eu diria que o inscrito típico é um aluno de Doutoramento português a fazer investigação em Portugal. (entrevista SPB)

Em alguns casos estes encontros conseguem atrair participantes estrangeiros de países com mais proximidade com Portugal, por proximidade linguística

O que esse Congresso trouxe de novo foi uma participação muito grande de estrangeiros, coisa que normalmente não acontecia, essa participação dos estrangeiros foi sobretudo de brasileiros, portanto isso foi bastante significativo e isso é novo (entrevista APS)

ou por proximidade geográfica

Vêm sempre pessoas de Espanha, algumas, no passado eram mais mas de qualquer modo ainda continuam a vir, porque houve uma altura em que a situação inverteu-se entre Portugal e Espanha. Houve uma altura em que a investigação em Portugal era mais importante que em Espanha, a algumas décadas, em química notava-se, de facto estávamos em nível mais elevado que os espanhóis, mas depois, enfim, o peso demográfico e o investimento que os espanhóis fizeram em ciência inverteu isso. (entrevista SPQ)

Noutros casos os encontros contam também entre o seu público profissionais não ligados à investigação

Quem é que vai apresentar comunicação são também e muito no meio as pessoas que não estão a fazer investigação em sentido estrito, mas são pessoas que no âmbito das suas atividades, nas Câmaras, nas Autarquias, nas Empresas, enfim nas Associações, nas ONG, têm que fazer, têm um conhecimento da sua experiência fazem muitas vezes relatórios de diagnóstico, desenvolvem planos de intervenção, bom e de tudo isso também vão dar conta ao Congresso. (entrevista APS)

representantes dos municípios

...antes aparecia mais gente dos municípios, ultimamente tem aparecido menos, eu creio que se calhar até é por causa de problemas financeiros porque, digamos, embora seja barato mas custa dinheiro, não é – é preciso pagar as inscrições na conferência – não sei se é por isso se não mas nesta última apareceu menos gente, mas já houve outras no passado onde, digamos, a participação das autarquias foi grande – lembro-me de uma no Minho, que nós fizemos em Guimarães, há quatro ou cinco anos, e que estava extremamente participada por pessoas vindas dos municípios da zona (entrevista SPES)

professores do ensino secundário,

Portanto essa fração de sócios que é professor do Ensino Secundário não tem tanto peso na Sociedade Portuguesa de Bioquímica como tem na Sociedade Portuguesa de Química mas já se nota, existe e tipicamente nesse caso são pessoas que já tiraram o curso de Bioquímica, começaram a dar



aulas no Secundário e de vez em quando vão ao Congresso porque têm curiosidade de saber o que está a acontecer é porque têm necessidade de atualização. (entrevista SPB)

e até alunos do ensino secundário

Nós fizemos o último Congresso, nosso foi o Congresso de Bioquímica no Porto, fizemos sessões dentro do Congresso só para alunos do secundário foi mesmo esquema de fazer alguns seminários que em vez de nós irmos à escola, pedimos à escola para ir lá o que é que acontece o Congresso estava a decorrer e os alunos tiveram acesso, todas as comunicações por painel, não digo tanto as orais até porque é tudo em inglês daí a adesão e mesmo o nível não é para eles mas há depois as comunicações por painel, em cada um investigador tem o seu poster e está lá para explicar individualmente o seu trabalho e os alunos tiveram acesso a essas sessões portanto puderam andar entre os posters entre as sessões de painéis a ver os trabalhos a ver o que se fazia e a falar diretamente com os investigadores. (entrevista SPB)

A inclusão de outros públicos nos encontros motiva as associações a proporcionar conteúdos acessíveis a um público menos especializado.

O que tentamos fazer é um esforço de... mas não sou capaz também de dizer como isso se traduz na prática, porque às vezes as coisas são muito subtilezas, isto vê-se de maneiras muito...quase indelévels. Mas há essa preocupação da atual direção de, por exemplo, isso nota-se talvez com um exemplo que seja, num convite...nos convites que são endereçados para um convidado internacional. Nós podíamos convidar pessoas com grande gabarito, mas que seriam pessoas cuja atividade científica ou maneira de se expressar, ou vertentes filosóficas a que pertencem, teriam um discurso completamente impenetrável para pessoas do secundário. E nós evitamos isso. (entrevista SPFilosofia)

Também no Encontro da Sociedade Portuguesa de Química, que tem uma proporção importante de professores de ensino básico e secundário entre os seus associados, os espaços de discussão dedicados a temas mais alinhados com a atividade destes profissionais constituem uma dimensão importante do encontro. Estes temas foram incluídos em todo o espectro de atividades do encontro – sessões plenárias, comunicações orais, posters - sem ocuparem uma posição secundária em termos do número de sessões ou de dimensão da assistência.<sup>11</sup>

Para além das grandes reuniões ou congressos, que se organizam no mínimo com periodicidade anual, as associações organizam também outras reuniões de dimensão mais reduzida. Todas as associações científicas disciplinares organizam reuniões deste tipo, muitas vezes como parte da dinâmica de subgrupos organizados por área de interesse – núcleos e divisões subdisciplinares ou temáticas.

Estes encontros podem ser de natureza mais académica, explorando subáreas de uma disciplina científica

---

<sup>11</sup> Notas XXII Encontro Nacional SPQ



fazemos mas é uma coisa mais temática – está aberto da mesma maneira, quem quiser vir vem na mesma – mas, digamos, que o programa do congresso é mais abrangente, temos de correr a neurologia toda para interessar toda gente, não é, e a outra é mais temática é mais pequena, mas está aberta a todos os núcleos e a todos os sócios. (entrevista SPNeurologia)

o seminário se encontra na atividade, e com pessoas muito destacadas do direito e mesmo algumas pessoas que não estando diretamente ligadas a filosofia em geral, são pessoas que no direito, algumas pessoas importantes a nível intelectual, algumas pessoas que gostam de pensar nas questões mais de principio, e portanto questões de discussões para a filosofia, que embora não sejam filósofos, nem sejam, nem pronto, profissionalmente não sejam membros da Sociedade, são pessoas que discutem e que participam nesse seminário (entrevista SPFilosofia)

Por outro lado, podem ser dirigidos a temas não diretamente ligados à investigação como as relações entre a ciência e a sociedade

a própria Sociedade e as sucessivas Direções começaram a oferecer um tipo de encontros, digamos assim, que já não eram tanto não eram de facto, não são e incidentes sobre temas especializados de medicina mas procurando encontrar temas que são transversais a todas as especialidades, (...), precisamente para atrair médicos de diferentes especialidades, portanto matérias que interessam a todos desde a ética da medicina, aspetos económicos da medicina, aspetos da relação da medicina com os media, por exemplo estou-me a lembrar de alguns, as mulheres na medicina, a ciência na medicina, senso lato, a investigação médica feita por médicos, foi um dos últimos que aconteceu (entrevista SCML)

ou o ensino e a divulgação de ciência

Nós aqui por exemplo o que é que este Grupo de Educação já fez, já fez as primeiras jornadas Nacionais de Educação em Bioquímica que tem este nome mais ou menos formal mas juntou pela primeira vez todos os coordenadores de Cursos de Bioquímica de Portugal parece irrelevante mas penso que já existem onze, pelo menos onze Cursos de Bioquímica a questão já é relevante foi a primeira vez que se juntaram todos para se conhecerem todos e o objetivo não foi juntarem-se todos para decidirem todos para fazer fotocópias do mesmo Curso de Bioquímica nas várias Universidades, foi só para aprenderem uns com os outros, os erros de uns não precisam de ser repetidos pelos outros se falarem todos (entrevista SPB)

... também tínhamos um encontro de ensino de divulgação da química, tínhamos sempre muitos professores do secundário (SPQ)

Noutros casos, podem procurar a interação entre investigadores e outros profissionais de uma mesma área científica

Olhe, por exemplo, os simpósios da olivicultura houve um já em Elvas, portanto na zona do azeite, este último foi em Santarém, agora este último será em Mirandela que é exatamente a zona, já houve outro em Castelo Branco, portanto são tudo as zonas onde há produção de azeite. E isto porque no fundo nós também vamos à procura de zonas onde haja gente a trabalhar nessa matéria,



cá está, vamos ter com as escolas superiores agrárias que têm essa matéria. Agora este é em Mirandela porque, com sabe, há ali uma grande produção de azeite e do olival, depois eles fazem uma feira também ligada ao olival na mesma altura, há uma associação que é dos olivicultores de Trás-os-Montes e são eles que vão também participar connosco, há a Universidade de Trás-os-Montes que vai também participar na organização e a Escola Superior Agrária de Bragança. (entrevista APH)

Quanto a esta ligação com o campo profissional, fizemos uma coisa, tivemos uma experiência que foi muito, muito interessante e que está aqui foi este ciclo de conferências Ciência e Profissão que fizemos em todos os locais onde existe formação em Sociologia, fizemos isso com a colaboração dos colegas dessas Universidades e portanto o compromisso foi envolver colegas da Academia não é? Colegas ligados à investigação e colegas do mundo profissional digamos assim e portanto no fundo em que tivemos um panorama nas várias regiões que foi como é que se deu esta trajetória que lhe estou a falar, como é que os pioneiros vão marcar o lugar fora das Universidades e portanto fazem o arranque e são a primeira imagem de marca sobre o que é que um Sociólogo pode fazer fora da investigação. (entrevista APS)

Ou ainda servirem para alcançar um público mais abrangente

as Noites da Sociologia, que este ano foi no Algarve, e foi numa livraria, numa livraria aliás bastante interessante e foi absolutamente surpreendente que o espaço estivesse completamente cheio, quer dizer surpreendente não é que os temas e os oradores não fossem estimulantes, mas nós sabemos que atualmente às vezes é um bocado difícil termos público não é? (...) Um pouco de tudo, Sociólogos sim, jovens Sociólogos sobretudo porque estas noites foram organizadas em colaboração com a Faculdade de Economia da Universidade do Algarve (...) depois havia pessoas que não sei se são Sociólogos, mas não me pareceu e não... Seguramente não estavam ligados à Universidade, porque eu dei aulas na Universidade do Algarve, portanto conheço razoavelmente bem os Sociólogos da Academia e não era o caso, portanto acho que havia também alguma dinâmica de alguma curiosidade das pessoas que se interessam por esse tipo de temática e que se dispuseram a ouvir o que é que os Sociólogos têm a dizer sobre isto. (APS)

mas fizemos já várias reuniões e sempre que há estas reuniões convidamos a comunicação social para estar presente, para ouvir as discussões, etc, pelo menos na parte, temos sempre uma parte dedicada não propriamente a problemas técnicos – aí é mais difícil entrar, porque alguns são um pouco, um pouco mais duros em termos de desenvolvimento matemático, físico ou coisa assim, não é – mas temos sempre uma parte dedicada a essa matéria, e portanto pautamos a nossa associação no sentido que não seja apenas uma coisa fechada mas que seja aberta, digamos, para o exterior. (entrevista SPES)

Ou em conferências ou em estudos, temos muitos estudos e temos bastantes eventos e conferências... E às vezes as duas coisas, portanto, temos a conferência, depois sai um estudo e depois há às vezes uma outra conferência na sequência do estudo. Portanto é um caminho que fazemos com relativa regularidade. Ainda agora temos um próximo evento sobre o BPO, *Business Process Outsourcing*, aí tem a ver com, digamos, com a maneira de gerir sistemas de informação. Ele era orientado primeiro era para a administração pública, mas pronto, em termos gerais, para as



organizações. Fizemos primeiro o estudo e agora vamos fazer a conferência, o estudo com uma apresentação não é? (entrevista APDSI)

Estes eventos são também uma oportunidade para o desenvolvimento de relações institucionais com associações científicas afins.

nós vamos fazer uma reunião conjunta, já tivemos uma em 2009, que foi com a Sociedade de Neurocirurgia – nessa altura não fizemos a nossa reunião – oficialmente fizemos uma conjunta, e portanto, a receita parece que agradou e eles propuseram-nos fazer outra vez a mesma coisa. No fim a organização acaba por ser mais de um do que do outro, eles têm a reunião deles lá no Porto naquele sítio e convidaram-nos para integrar, e portanto, e juntamos as nossas tamanquinhas e vamos fazer uma reunião das duas sociedades. Como não é só neurologia nem neurocirurgia chamou-se Neuro, porque neuro é comum à neurologia e á neurocirurgia. (entrevista SPNeurologia)

Sim, nós como fazemos eventos por temas, nós fazemos eventos temáticos além desse congresso ibérico que não tem tema específico, engloba todas as áreas da horticultura, nós temos um simpósio de olivicultura... Talvez lhe diga alguma coisa, tivemos agora a semana passada em Braga um colóquio de horticultura biológica, juntamente com uma outra sociedade, se calhar não conhece, é a Sociedade Portuguesa de Engenheiros Zootécnicos, eles fizeram a parte animal e nós fizemos a parte vegetal. (...) tivemos também com uma de parques e jardins... Agora fizemos 35 anos e organizámos aqui, até foi no Instituto Superior de Agronomia, um seminário sobre o tema “a horticultura volta à cidade”. Isto porquê? É a temática das hortas urbanas, que agora está muito na moda, até na televisão se ouve muito falar disso. Por acaso até tenho pena de na altura não ter falado do outro tipo de ligação com eles mas funcionou muito bem com a Associação Portuguesa de Arquitectos Paisagistas. (entrevista APH)

São uns encontros que surgiram há uns anos essencialmente, eram organizados pela nossa delegação do Porto, com a Galiza, com o colégio de químicos da Galiza, e são encontros interessantes... nesse âmbito, se quiser são encontros regionais quase, não é, embora do lado português isso não esteja explicitado, e depois os oradores também podem ir de outras regiões, mas normalmente os encontros tem sido sempre, quando são em Portugal, no Porto, ultimamente houve um em Aveiro, mas são sempre no Norte. (entrevista SPQ)

O Grupo de Stress Oxidativo sobretudo também faz encontros com os espanhóis, isto é relativamente vulgar e é muito salutar, duas comunidades em vez de fazerem dois encontrosinhos se juntam e fazem um encontro, é um exemplo de cooperação que devia passar para a sociedade em geral quando a lógica da reunião se sobrepõe à lógica da educação portanto existem várias atividades que decorrem ligadas aos grupos que são atividades que acabam de ser da Sociedade porque dos seus grupos que têm formato que os grupos decidem (entrevista SPB)

No caso das associações de profissionais científicos, são organizadas também outras reuniões para além das já referidas. Estas são organizadas como forma de divulgar a associações e promover o recrutamento de novos membros



O que a ABIC tem procurado fazer é ser uma representante da comunidade a nível nacional e essas reuniões dos bolsiros são importantes para aumentar a divulgação da ABIC nos diferentes sítios onde há bolsiros. (entrevista ABIC)

E depois, houve um período inicial em que tivemos várias reuniões locais, em que angariámos bastantes membros, talvez tenhamos chegado à centena, passado a centena talvez, logo nos primeiros meses. (entrevista ANICT)

Ou a sua organização é motivada pelo surgimento de problemas específicos

Sim, sim, agora por causa da docência não-remunerada houve ações de esclarecimento, sessões de esclarecimento no Porto e na Faculdade de Ciências, acho que é na Faculdade de Ciências, acerca desta questão da Docência não-remunerada, também está planeadas fazer mais. E recentemente tivemos novas reuniões com os Sindicatos para tentar, para que possa haver uma ação conjunta em relação a esta questão da Docência não-remunerada, já planeando este período de campanha eleitoral do novo Governo que vai ser eleito. (entrevista ABIC)

depois tentamos promover reuniões de conjunto, ainda recentemente a propósito desta questão do voluntariado, temos promovido reuniões com a Universidade de Lisboa, a Universidade do Porto, a Universidade de Aveiro por exemplo e é curioso que nas reuniões encontramos sempre não só os investigadores, bolsiros mas também docentes e tentamos nas reuniões fazer perceber às pessoas que esta confluência de diferentes perspetivas pode ser enriquecedora no Ensino Superior (...) foram questões que partiram do tema do voluntariado e destas questões e destas pessoas a dar aulas gratuitamente, porque conjuntamente com a ABIC e essas reuniões foram organizadas juntamente com eles. Sentimos que este era um problema não só para os investigadores ou para os bolsiros mas no fundo é todo Ensino Superior (entrevista SNESup)

## 4.2 Publicações

As publicações são uma importante atividade das associações científicas, sobretudo das sociedades científicas disciplinares, pelo lugar que ocupam (ou ocupavam) na divulgação dos resultados de investigação. A nível internacional, esta função tradicional das associações científicas tem vindo a sofrer alterações, com o aumento do volume de publicações científicas e a passagem das revistas para grupos editoriais comerciais (Doyle et al, 2004; Shad, 1997). Os processos de internacionalização da ciência que têm beneficiado o crescimento das revistas de âmbito internacional têm um forte impacto sobre as publicações produzidas pelas associações portuguesas, da qual estas associações têm plena consciência.



A "Sinapse" também começou por essa altura; antes houve várias fases, houve uma altura em que havia uma revista da Sociedade Portuguesa de Neurologia, que acabou, que foi extinta... foi naquela fase anterior... começou bem, mas depois as pessoas começaram a não mandar trabalhos de qualidade e tal – nós temos um problema com a revista que é portuguesa que é, naturalmente quem faz coisas que tem, que vê que possa ter uma visibilidade internacional, um impacto maior, vai procurar uma revista estrangeira, é este o dilema, nós só temos uma revista portuguesa onde se publica aquelas coisas caseiras e tal, que não se publica em mais parte nenhuma, ou se queremos ter uma revista de grande prestígio temos este problema que é as pessoas naturalmente querem valorizar o trabalho que tiveram e vão procurar uma revista estrangeira. De modo que há esta dicotomia entre as revistas estrangeiras e portuguesas temos esse problema, nós não temos uma massa crítica suficiente para ter material de qualidade e quantidade para ter uma revista (entrevista SPNeurologia)

levando a que em alguns casos as revistas fossem mesmo extintas ou estejam em processo de reformulação

Mas nessa altura foi mesmo quando se agudizou esta questão das publicações e portanto o esforço de publicar em português, quando qualquer publicação é preciosa em termos de curriculum, para ir para uma revista, por ser portuguesa, dificilmente sequer se consegue colocar no patamar das revistas de tipo A, deixamos aqui nalguma excitação. Portanto a aposta passou a revista eletrónica mas que apesar de ter ficado montada, não chegou a arrancar. (entrevista APSI)

repare que aqui há um problema que os artigos científicos é que um bom artigo científico de grande qualidade não é publicado num jornal da Sociedade de Ciências Médicas é enviado para uma revista internacional de topo, e portanto não pode ser publicado, não pode, aliás por direitos de autor - copyright- e isso imediatamente esvazia de interesse o trabalho científico, de certa forma não é que fosse impossível mas não seria com certeza o artigo original que vai para lá, isso só um doido, também se for para lá ou é muito bom, e se é muito bom então porque é que vai para um jornal que na prática não tem visibilidade internacional e portanto suponho que tinha problemas delicados porque não se ia publicar o que não valia a pena, só para encher espaço. Portanto eu acho que o jornal da Sociedade das Ciências Médicas vamos ver o que é que se consegue fazer em relação a isso mas eu não estou muito otimista para o futuro imediato, portanto está suspenso, o que é pena. (entrevista SCML)

Bom, eu penso que precisamente porque a qualidade da química em Portugal aumentou, e a Revista Portuguesa de Química teve o seu papel e a sua importância. Bem, ela inicialmente surgiu ainda mesmo antes da Sociedade ser fundada, que era a Revista de Química Pura e Aplicada, surgiu em 1905, e era simultaneamente uma revista onde se publicavam artigos, nem todos eram de investigação, a maioria não eram de investigação mas alguns seriam, mas tinha a parte do noticiário, funcionava como o boletim dos químicos mesmo ainda não existindo uma Sociedade. Depois em 1911 tornou-se um órgão da Sociedade, foi publicada com alguma irregularidade mas depois apareceu a Revista Portuguesa de Química que era só para artigos de investigação em 1958 se não me engano, e na altura muitos dos nossos investigadores era aí que publicavam os seus poucos trabalhos que iam publicando. (...) Depois entretanto, como sabe, as pessoas foram fazer os doutoramentos para fora, para Inglaterra sobretudo, Estados Unidos alguns também, França tinha



sido antes, na altura já não havia muito essa ligação, e depois começaram a tentar também publicar em revistas internacionais, muitas vezes em associação com as pessoas com quem tinham trabalhado, porque penso que a maior parte não tinha capacidade para publicar sozinho. E, bom, nos anos 80 e 90 isso tornou-se cada vez mais vulgar e portanto as pessoas: “ah, vou meter um artigo na Revista Portuguesa de Química para quê? Não tem impacto nenhum...”, embora ela aparecesse no Chemical Abstract, e portanto era indexada internacionalmente, mas não tinha prestígio, as pessoas lá só iam publicar aqueles artigos em último recurso ou então apareciam artigos de egípcios, enfim, investigadores que também não conseguiam publicar em mais lado nenhum, e não sei porque descobriam a Revista Portuguesa de Química, mandavam para lá os artigos e portanto não tinha assim um papel muito relevante. Nós depois tentámos reativar, com artigos convidados, aqueles investigadores que de facto faziam trabalho de qualidade. Isso ainda deu alguns números. Entretanto, depois surgiu um consórcio para editar as revistas de química europeias, e a condição primeira para se entrar nesse consórcio é desistir da revista nacional que era fundida com a revista europeia, que estava a ser criada na altura, e portanto nós aproveitámos; acho que foi uma boa medida. Na altura por acaso tive algumas dúvidas mas acho que foi uma boa decisão ter acabado com a Revista Portuguesa de Química e passarmos a integrar esse consórcio. (entrevista SPQ)

Noutros casos as associações não tem a intenção de produzir um periódico de natureza científica, seja por falta de recursos

Publicação é, por exemplo... Não temos nenhuma publicação. Porque seria preciso um financiamento, não temos na altura uma publicação periódica... (entrevista SPFilosofia)

ou por desinteresse em fazê-lo

...não fazemos, porque era esvaziado de sentido. Porque do ponto de vista científico, a comunidade de neurocientistas portugueses não precisaria de uma revista para publicar, porque há imensa oferta internacional e global. Do ponto de vista de suporte em papel para circular a informação, concluímos que não há, é obsoleto atendendo a facilidade que os mecanismos eletrónicos... (entrevista SPNeurociências)

Os casos em que as associações disciplinares publicam periódicos mostram alguma diversidade na direção tomada para estas publicações. Algumas associações optam por manter um periódico destinado à comunidade científica, em que a publicação de comunicações orais apresentadas em eventos organizados pelas associações tem um peso importante.

Temos vários trabalhos de colóquios que têm acontecido e que depois ficam um bocadinho perdidos. Temos aqui, por exemplo, isto que lhe estava a dizer, este trabalho interno mesmo com os formandos, que pode ser muito mais aproveitado, dentro desta produção de saber e pensar e comunicar todos estes saberes que se vão trabalhando aqui. (entrevista SPPC)

portanto a nossa revistas sai só duas vezes por ano que coincide com as nossas duas reuniões anuais, em que há sempre a parte dos resumos do que vai ser ou que foi apresentado na respetiva reunião, mas também estamos abertos, por outro lado, a outras sociedades que fazem da nossa revista também a sua revista, por exemplo a Sociedade de Neuropediatria publica na nossa revista, a



Sociedade de Neurocirurgia também publica os resumos dos seus trabalhos e tal, e se quiserem publicar outras coisas publicam também, não é; a sociedade de epilepsia e tal, enfim todas as sociedades afins da neurologia usam a sociedade. (entrevista SPNeurologia)

Outras associações, que tem uma base de associados mais diversa, constituída também por profissionais não investigadores, como professores do ensino básico ou empresários, produzem um periódico com conteúdos também destinados a esse público.

Que tem exatamente a função também de, além das notícias sobre a associação, sobre o que nós fazemos, temos sempre quatro ou cinco artigos mais técnico-científicos de divulgação das atividades... Do que existe no mundo, em Portugal e no mundo. (...) Público geral, exatamente. A ideia é essa, se o nosso público-alvo, os nossos sócios são também muito ecléticos logicamente que o que o nosso público-alvo... (entrevista APH)

é uma revista de noticiário, tem artigos de divulgação, alguns dirigidos ao ensino secundário, e essencialmente é para irmos mantendo o contacto (entrevista SPQ)

há um diretor que tem uma equipa e eles fazem mais a parte do noticiário, e eles é que digamos, é que planificam a revista, portanto, eles é que convidam pessoas a escrever os artigos, vão coordenando aquilo que é recebido, que é sujeito a avaliação, todos os artigos que são submetidos são sujeitos a avaliação, mas os artigos em grande parte são submetidos por sócios, são quase todos sócios da sociedade. (entrevista SPQ)

Noutros casos poderão ser vocacionadas para a divulgação científica

É assim: já passámos por várias fases, passámos pela fase da Revista em papel que circulava era distribuída entre todos os sócios, isto no tempo em que as vacas eram mais ou menos gordas, depois passámos pelo tempo das vacas magras e agora estamos no tempo em que não há vacas basicamente. A publicidade começou a cair muito e portanto tivemos que abandonar o papel e hoje a revista existe on-line. Existe uma revista on-line que serve propósitos de divulgação (entrevista SPB)

ou ainda que combinem conteúdos de natureza distinta.

Era muita coisa, era um misto de tudo, poderia ser, o que se pensou e que poderia ser um jornal das ciências médicas, não apenas de artigos de opinião, como ensaios que os sócios pudessem, que fossem interessantes sobre matérias mais diversas como também por exemplo artigos científicos (entrevista SCML)

é uma combinação; portanto, a revista Ecologia Online é dividida em várias secções, e portanto nós tentamos ter sempre uma entrevista a uma pessoa, nós para já, para atrair o público, portanto, a ideia é que as pessoas proponham artigos para ser publicado não é, mas para já, para atrair o público, decidimos que os primeiros volumes iriam ser volumes temáticos. Então o primeiro volume foi sobre como foi... como corresponde ao último trimestre do ano de 2010 foi sobre o ano internacional da biodiversidade, que foi o ano passado; este que está a sair esta semana é sobre os países lusófonos, porque nós queremos agora, uma das outras atividades da Sociedade é criar sinergias com os países lusófonos, portanto este número agora é dedicado aos países lusófonos; o próximo vai ser dedicado

ao Mar, visto que é uma estratégia do governo não é, o Mar e assim sucessivamente. (...) depois temos uma secção que é artigos científicos; depois temos uma secção que é de artigos de divulgação científica; depois temos outra secção que é sobre projetos, projetos já estejam concluídos em que as pessoas divulguem o seu projeto – e depois temos uma sobre resumo também de teses de doutoramento, de mestrado, estágios que já estejam concluídos, portanto é uma revista que faz a combinação, digamos, dos outros dois. (entrevista SPECO)

Bom, a revista não pretende, nunca pretendeu ser uma espécie de concorrente das revistas de sociologia já existentes, a intenção da revista é por um lado e é por isso que ela é uma revista online, dar o nosso contributo no sentido de ir divulgando em acesso aberto, aquilo que os sociólogos portugueses estão a produzir lá, e a revista mantém na linha editorial aquilo que são os nossos princípios de associação científica e profissional, desse ponto de vista a revista é um espaço aberto à diversidade também de textos a publicar, nós publicamos por acaso isso ainda não aconteceu pela simples razão de que ainda não nos foram postos mas estamos abertos a propostas, mas também lançámos dois números, não é? Esperamos que entretanto sejam propostos, mas estamos abertos à publicação de artigos científicos, mas também à publicação de reflexões sobre as experiências que decorrem do exercício da profissão sobre outras perspetivas, estamos abertos também à publicação de relatórios de projetos mais na lógica de working papers (entrevista APS)

A mudança para suportes de distribuição eletrónica das publicações um aspeto importante a apontar. A facilidade de distribuição e a redução de custos associadas a estes novos suportes são atrativos para as associações científicas.

Mas tínhamos também revistas vocacionadas sobretudo para... duas revistas em papel mesmo... uma que se chamava Cadernos de Ecologia, que era uma assim de divulgação mais mesmo de divulgação (...) uma Revista de Biologia que já era artigos mais científicos (...) criámos a tal revista de ecologia online... que é de muito mais fácil distribuição, muito mais barata e muito mais fácil de seguir a todos os lados (entrevista SPECO)

Embora em alguns casos, estas mudanças sejam constringidas pelas características da base de associados

E a minha vontade, quando eu comecei este mandato, a ideia que eu tinha era disponibilizar a revista só em formato, só que nós temos um problema, a nossa associação, como já percebeu, é uma associação eclética com muita gente e se eu lhe disser que um terço, talvez menos de um terço dos nossos associados nem sequer têm email, o que dificulta. Por exemplo, a nossa congénere espanhola não tem nada em papel, é tudo eletrónico e quando eu disse ao meu colega que há muitos sócios que não têm email ele disse “não têm email?!”, é que eles são muito elitistas, eles são diferentes, são uma SCAP de Espanha. Eles não têm agricultores nem empresários como nós, eles são elitistas. Eles sim, agora nós não é possível, não conseguimos. E eu ainda pensei em perguntar às pessoas quem é que queria, porque há sítios que fazem já para quem quer em formato digital e em formato papel para as pessoas. Falta-nos isso, falta-nos essa parte porque realmente a revista é o que nos leva mais. (entrevista APH)



Embora seja menos frequente, algumas associações de divulgação produzem também revistas. Estas revistas podem ser organizadas em moldes semelhantes aos de um periódico científico

foi editado no âmbito do congresso internacional que foi criado em Espanha e que a primeira vez que saiu de Espanha foi em Torres Vedras, fomos nós que organizámos, e então aproveitamos para fazer o lançamento da revista, um número gratuito impresso mas que agora vai passar a ter uma versão impressa mas numa gráfica e a versão revista de artigos, uma revista, review, vai passar a estar só online. (entrevista ALT-SHN)

O Airo é uma revista muito específica sobre ornitologia, está indexada e tem alguns artigos. O problema é que nós temos também o anuário, que supostamente é mais dirigida para os bird watchers, pessoas que gostam de ver aves mais raras. Nós temos comité que regista as aves mais raras que aparecem em Portugal, e isto era mais ou menos o boletim oficial dele, mas depois os bird watchers mais amadores começam a enviar notas que já são mais artigos científicos, e acabamos por ter as coisas divididas em duas publicações, quando se calhar o futuro era juntá-las numa. De qualquer maneira, temos a única revista científica sobre ornitologia em Portugal. Suponho que há mais trabalho a fazer, tem poucos artigos, as pessoas já não querem publicar no estrangeiro, o facto de indexarmos a revista ajudou, mas não ajudou tudo... (entrevista SPEA)

Ou dirigida a conteúdos de divulgação científica

Exatamente, [o objetivo é] chegar a todos. “A Pardela”, é uma revista que consegue compilar... é chamado produção caseira, no nosso caso acho que de muito boa qualidade, tanto pelo conteúdo como pelo design que tem, e conseguimos chegar um bocadinho a todos, temos pequenas notícias que fazem um lamiré do que existe, não apenas atividades da SPEA (...) Conseguimos também ter um espaço para crianças, desenvolvido para crianças, queremos que haja também a parte científica, mas também um bocadinho daquelas curiosidades das aves, que são curiosidades científicas mas que todas as pessoas acham piada, porque é que o melro tem o bico amarelo, por exemplo. São pequenas curiosidades mas que realmente conseguimos do ponto de vista da ciência chegar a toda a gente de forma simples. (entrevista SPEA)

As revistas das associações profissionais têm uma natureza diferente. No caso da ANBIOQ, que é uma associação profissional de uma área disciplinar, a revista procura oferecer conteúdo científico, embora seja organizada em moldes diferentes de uma revista científica.

Mantemos uma atividade de publicação semestral, portanto cada ano tem duas edições de um boletim informativo onde temos artigos científicos. Escritos por bioquímicos ou não, mas que tenham, que façam referencia a investigação ou a alguma atividade na área de bioquímica. É uma forma também de divulgarmos as atividades que vamos fazendo ou que vamos fazer, e.... Que que é que nós temos mais... Sugerimos alguns livros (...) nós escolhemos o tema, escolhemos os cientistas que gostaríamos de obter a colaboração. Portanto, não é um sistema referee do ponto de vista clássico de uma revista científica. (entrevista ANBIOQ)

Por outro lado, o SNESup, uma associação profissional transversal em termos disciplinares, publica uma revista que tem como objetivo a reflexão sobre o ensino superior e a atividade profissional



...temos a Revista que tem outro âmbito que é uma Revista que tem um carácter trimestral e acaba por fazer não apenas uma síntese de alguns acontecimentos que possam ter sido relevantes neste período mas tem essencialmente uma preocupação de abrir linhas para o futuro, convidar pessoas para apresentarem a sua opinião a sua reflexão sobre algo, no fundo assume-se como um instrumento que permite incentivar à reflexão ao debate e marcar também uma posição sobre aquilo que deve ser um caminho para o Ensino Superior entre vários possíveis mas que nós como Sindicato assumimos como temos que ter uma postura aqui por positiva, apresentar algumas alternativas. E a Revista assume muito este carácter de uma imagem forte de um Sindicato que se quer ativo e que se quer participativo. (entrevista SNEsup)

A OTC, associação de natureza semelhante ao SNEsup, combinava na sua publicação “Ciência e Técnica” os temas delineados nos seus objetivos, a atividade profissional e a promoção do uso responsável da ciência. Esta publicação acabou por ser extinta, por estar dependente do financiamento da FCT, sem o qual a associação não tem condições para manter.

nós tivemos uma publicação, que se chamava “Ciência e Técnica” mas que já terminou há vários anos, não é? E focava também estas problemáticas que eu estou a referir, portanto neste momento não temos assim uma publicação aquela que se relaciona com a nossa atividade internacional (...) basicamente por falta de capacidade de trabalho e também por razões financeiras, porque, pronto custava algum dinheiro e nós chegámos a ter durante vários anos tivemos até para essa revista tivemos um fundo, não sei se ainda há, tivemos um fundo da FCT (...) Pronto e nós concorremos e tivemos subsídio, durante alguns anos tivemos esse subsídio, mas depois terminou não se conseguiu renovar (entrevista OTC)

A publicação de boletins ou *newsletters* é transversal a todas as associações, tanto na sua existência como na função que desempenham. Estas publicações procuram sobretudo constituir um elo de comunicação entre as associações e os seus membros, divulgando as atividades das associações ou notícias consideradas relevantes para a sua base de associados.

temos um boletim que é mais ou menos assim uma espécie de jornal de notícias, um noticiário que também publicamos duas vezes por ano, chama-se “Noticias SPN”; começou quando tínhamos uma coisinha muito pequenina que era, (...) que era uma coisa mais ou menos doméstica, depois passámos para uma coisinha que era mais, um bocadinho maior, que eram os “NeuroNoticias”, e agora temos o “Correio SPN” que é fundamentalmente uma coisa mais tipo jornal, em que nós dizemos o que é que está a acontecer agora, o que é que fizemos, quais são... temos uma agenda sobre as próximas reuniões internacionais – uma pessoa chega ali, internacionais, que digam respeito à neurologia, uma pessoa pode chegar e ver que congressos é que há por aí, que possam interessar - pomos umas notícias sobre a reunião anterior (entrevista SPNeurologia)

além disto existe uma Newsletter que serve propósitos sobretudo de informação, é assim é onde se divulga que vai haver o congresso disto e daquilo, que vai haver um curso disto e daquilo, que a Sociedade Portuguesa de Química também está a fazer um congresso não sei quê, informamos factos muito diretos sobre o que está a acontecer no Mundo relativamente na área Bioquímica. É na newsletter que podem aparecer, sei lá, se um sócio é premiado no Japão, tinha uma colaboração com



investigadores japoneses e fez algo que o Japão considerou muito relevante e deram-lhe uma medalha no Japão e anunciámos na Newsletter o sócio tal recebeu uma medalha no Japão. É uma Newsletter típica de uma determinada comunidade sobre factos não é como alguém que escreve um artigo sobre determinado assunto (entrevista SPB)

Temos uma newsletter, é um veículo de comunicação com os sócios e com o público em geral, é aberta ao público. Porque os sócios têm uma área interna, mas toda a parte mais administrativa podem aceder, relatórios de contas, todas essas componentes, então a newsletter serve para comunicar aos sócios que não estão tão presentes, como ao público em geral. A última foi editada no princípio do ano, nós inicialmente pensámos em fazer bimensal, mas vamos passar a fazer trimestral, porque ainda dá bastante trabalho, vai ser lançada no fim deste mês. A newsletter é um aspeto mais interessante, na perspetiva da divulgação daquilo que nós fazemos, digamos que é uma comunicação porque as pessoas sabem o que fazemos e o que é que estamos a fazer. (entrevista ALT-SHN)

É semanal, todas as quartas-feiras. O dia da semana foi mudando um bocadinho, mas todas as quartas-feiras sai. Com pedidos de apelo, se precisamos de voluntários para uma iniciativa, uma feira, para se houver candidaturas ou ofertas de emprego que existam na SPEA, pontualmente se se proporcionar e se for ao encontro ao que a SPEA promove... iniciativas de outras instituições com géneros, por exemplo. (...) Sim, também com informações gerais, eventos que organizamos, resultados de projetos, atualidades no nosso site...é enviada semanalmente. (entrevista SPEA)

Mas até ao ano passado tivemos sempre uma newsletter anual em que era uma folha que na versão eletrónica em que dava para clicar, tinha um resuminho de toda a notícia, dava para clicar e procurar toda a informação no site ou onde fosse. Distribuíamos tipicamente por email, também distribuimos quando tivemos aquele ciclo de palestras na Gulbenkian, púnhamos lá para quem quisesse e passasse, levar. (entrevista AVaC)

As outras publicações, uma delas é quinzenal a Newsletter tem uma abrangência mais geral, segue para todo o Ensino Superior e tem no fundo notícias que se vão passando da quinzena anterior para todo o Ensino Superior, depois temos uma Newsletter de Ciência e Tecnologia mais direcionada para os Investigadores que é mensal no fundo tenta fazer um resumo daquilo que possa ser os acontecimentos interessantes ou algumas dicas que possam interessar a este público- alvo (entrevista SNESup)

As associações científicas produzem ainda outro tipo de publicações, de natureza não periódica, que podem ser de natureza bastante diversa, alguns específicos a um tipo de associações, outros que se mostram mais transversais. Por exemplo, entre as associações disciplinares, publicam-se em alguns casos, atas de congressos e outros eventos organizados

Nós fizemos isto tudo no nosso mandato, mais duas ou três que também fizemos. Isso realmente é importante porque é o que fica também destes colóquios, destes eventos. As pessoas têm sempre aqui alguma coisa a que podem recorrer, e ainda hoje quando vamos aos eventos levamos atas antigas e coisas antigas e ainda se vendem, porque as pessoas têm necessidade deste tipo de publicações, porque em português não há muito, por exemplo o espanhol e o brasileiro traduz tudo, mesmo livros que há técnicos traduz tudo, nos não. Como não traduzimos os livros técnicos



em português, há muito poucos nesta área, as pessoas recorrem a isso, portanto eu acho que isto é uma mais-valia para a associação e acho que temos de continuar assim neste sentido. É exatamente para publicar as atas, é o que resulta disto. (entrevista APH)

No caso das associações de divulgação científica são publicados livros com destino a um público não especializado. Por exemplo, a Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves publica vários livros destinados a observadores amadores, como *Guia das Aves de Portugal* ou o *Aves dos Açores*<sup>12</sup> e a Associação Viver a Ciência produz conteúdos que tem como destino um público juvenil, como *Os amigos da menina do mar*

Isto foi de um projeto que partiu disso, a Raquel faz... tudo coisas que tenham a ver com histórias, é criar ali um envolvimento com as crianças. Isto é, saem estes óculos daqui que depois têm este bocadinho branco, isto é maré alta, quando sai a água fica a maré vaza, isto é tudo sobre a maré, os animais que se encontram nas pocinhas de maré. Depois o polvo, para se ver bem... o que ele faz, metes aqueles óculos por baixo e vêes assim, percebes? Depois o polvo lança a tinta preta que é para os predadores (que a maior parte das pessoas não sabem que os golfinhos comem os polvos). Eles têm de comer qualquer coisa, a gente acha que eles comem ervas, são tão queridos... mas para mostrar que o próprio golfinho deixa de ver, fica assim... isto faz um efeito muito giro, explica uma série de coisas entre a função e a forma dos peixes, ou seja, um peixe é assim porque lhe deu, mas porque isto lhe dá alguma vantagem. E isto foi um livro que tem a ver com esta história, porque a Raquel conta as histórias (AVaC)

A um nível mais transversal ao tipo de associação são publicadas, em alguns casos, edições comemorativas de marcos importantes da história da associação ou da disciplina científica que representa

uma publicação que nós fizemos sobre os cem anos da neurologia, porque se comemora os cem anos da fundação da especialidade de neurologia – no Hospital Santa Marta, com o Egas Moniz, foi o primeiro serviço de neurologia que houve no país – e portanto, fizemos já uma separata da “Sinapse” dedicada só aos cem anos de neurologia, com as figuras e os factos mais importantes destes cem anos. (entrevista SPNeurologia)

este foi um livro que nós produzimos para comemorar os dez anos da sociedade da informação em Portugal, portanto este aqui no fundo marca o início da sociedade da informação. Aliás, são os documentos legais que permitem a elaboração do livro verde. E depois este que comemora dez anos da sociedade da informação (entrevista APDSI)

Noutros casos, as associações publicam textos que procuram constituir recomendações para o poder político e procuram ter um impacto na sociedade (ver secção 4.4)

a Sociedade tem publicado mais apenas textos de intervenção (...) tem um texto que foi produzido em 2003 ou 2004, numa reunião em que se tentou esquematizar quais eram os principais problemas para a mitigação do risco sísmico fez um programa até, houve um programa que foi feito

---

<sup>12</sup> <http://www.spea.pt/catalogo/listaprodutos.php?cat=19&sessao=1>



naquela altura, digamos, uma proposta e que está lá, pode fazer o download dessa matéria, tem uma parte técnica muito ligada, ligada à reabilitação, como é que se pode fazer reabilitação de edifícios, que é uma das partes importantes, em que nós sentimos, digamos, que para diminuir o risco sísmico há que reforçar os edifícios que têm pouca resistência sísmica, há que fazê-lo, e portanto, tem uma parte técnica sobre isso como é que se faz, e depois tem uma discussão como é que se podia fazer; claro que já está um pouco desatualizada, no sentido em que já foi feita há dez anos atrás ou oito anos atrás, mas de qualquer forma os princípios básicos estão ali e nós vamos produzir, naturalmente nós vamos produzir novos textos e novos papéis, para tornar as coisas atualizadas (entrevista SPES)

este agora é um recente que tem a ver com as tomadas de posição do grupo de alto nível, aqui da associação que é do plano tecnológico da agenda digital, tem incluído dez tomadas de posição, a primeira foi sobre o plano tecnológico, em Janeiro de 2006, pela apresentação pública, até à última do plano tecnológico da agenda digital que foi agora apresentado no último mundial das telecomunicações e da sociedade da informação. (entrevista APDSI)

### 4.3 Divulgação e Educação Científica

No contexto atual a importância da divulgação da ciência junto de públicos não especializados – ou seja, da promoção de um maior (re)conhecimento público dos conhecimentos de base científica e das suas implicações, das práticas e métodos de investigação, ou dos seus protagonistas – tem sido cada vez mais evidente (Gregory e Miller 1998; Costa, Ávila e Mateus 2002; Delicado 2006; Conceição 2011). Tanto mais quando muitas das questões hoje alvo de debate público acabam por estar de algum modo relacionadas com o universo da ciência e quando o próprio desenvolvimento tecnocientífico se vê dependente do suporte dos cidadãos e da existência de jovens interessados em prosseguir carreiras nestes domínios. As associações científicas poder-se-ão, pois, perspetivar como agentes privilegiados neste esforço de aproximação entre os conhecimentos/instituições/profissionais da ciência e a população em geral (Rogers 1981, Hin e Subramanian 1999, Macedo 2001, Miller et al 2002, Evans 2010).

Praticamente todas as associações alvo de análise no estudo agora apresentado reconhecem a pertinência deste tipo de esforços e admitem ser esta uma área na qual estas entidades podem (ou devem) ter um papel relevante.<sup>13</sup> E, de facto, embora algumas tendam a manter-se mais afastadas destas funções, a grande maioria inclui algum tipo de ação de divulgação e/ou educação científica entre as suas atividades. Tal acontece não apenas no caso das associações que assumem esta como a sua principal missão (e que, como seria de esperar, são também aquelas que

---

<sup>13</sup> A título ilustrativo, a SPB fez mesmo questão de salientar que inclui no seu congresso uma sessão de discussão sobre o tema. Só num caso se deu conta de alguma tensão, entre os associados, quanto à pertinência do desenvolvimento deste tipo de esforços pela associação.

comparativamente desenvolvem esforços mais intensos e diversificados nesta área) mas, também, no caso das aqui designadas sociedades científicas disciplinares ou ainda, embora com uma preponderância bastante menor, no caso das associações de profissionais técnico-científicos (é entre este último grupo que se encontram as poucas associações que não desenvolvem qualquer tipo de iniciativa deste tipo).

O leque de ações desenvolvidas neste âmbito pelas associações é diversificado. Do ponto de vista dos públicos-alvo estas dividem-se em dois grandes grupos: por um lado, atividades dirigidas a estudantes, nomeadamente do ensino básico e secundário (que podem ter, ou não, ligação direta a atividades enquadradas no âmbito dos sistemas de ensino formal);<sup>14</sup> por outro lado, atividades vocacionadas para o contacto com públicos mais alargados, onde se incluem predominantemente adultos sem especialização académica ou profissional na área científica em causa. Conforme se verá, estas últimas adotam, por seu turno, modalidades de comunicação várias, nalguns casos assentes na promoção de contactos presenciais dos públicos com os especialistas, noutros baseadas na difusão de informação através da internet ou junto dos meios de comunicação social, entre outros.

No que respeita às ações para crianças e jovens, boa parte dos dirigentes entrevistados deram conta de as suas associações serem frequentemente contactadas por escolas do ensino básico e secundário no sentido de providenciarem contactos de investigadores, professores do ensino superior ou outros especialistas que se disponham a participar em encontros com alunos (que, geralmente, se traduzirão em palestras ou, mais pontualmente, noutras atividades de cariz mais prático). Na medida do possível, as associações procuram dar resposta a tais pedidos, na maioria dos casos servindo como intermediárias nestes contactos, apoiando a identificação dos profissionais que melhor se adequam ao solicitado e reforçando junto destes o interesse da sua colaboração com as escolas. Várias das associações dispõem já, entre os seus associados, de um leque de pessoas com alguma experiência e interesse neste tipo de eventos; mas algumas salientam também a dificuldade em angariar este tipo de colaboração.

Nós não temos tido dimensão para isso [divulgação científica]. Apoiamos algumas coisas, somos contactados imensas vezes para participar naquilo e naqueloutro... Quando é possível nós participamos, agora não temos é... às vezes vêm escolas pedir coisas, mas a gente não tem disponibilidade para andar a correr o país. Quando é possível a gente apoia mas não é uma coisa sistemática. (...) As pessoas quando trabalham no hospital não têm disponibilidade para andar... mas sempre que possível, dá-se um apoio... desde que haja pessoas disponíveis – contactamos pessoas que tenham maior disponibilidade ou afinidade com aquilo que se pede – e depois fica à consideração de cada um. É claro que não temos estrutura para fazer presenças sistemáticas aqui e acolá. (entrevista SPNeurologia)

---

<sup>14</sup> A ligação às escolas de ensino não universitário é também uma dimensão de atuação da Sociedade Alemã de Química introduzida nos anos 80 (Rilling 1986).



Produzimos alguns materiais de divulgação sobre o que é a sociologia, o que é a sociologia em Portugal, etc., e fizemos algumas deslocações a escolas do ensino secundário, vários membros da Direção fizeram isso. Mas não o temos feito de modo sistemático. Na altura fizemos [2009], ultimamente temos respondido a esse tipo de solicitações... quando nos pedem alguém, dependendo do sítio, dependendo da zona geográfica, tentamos que alguém se encarregue. (entrevista APS).

Temos sessões para esclarecimento, e um pouco de informação, aos alunos do secundário (desde o 10º ao 12º ano). São alunos que, em princípio, estão indecisos quanto à carreira que vão seguir, científica ou não... Temos tido algumas solicitações das próprias escolas e nós também oferecemos esse serviço. Portanto, temos sido requisitados para algumas sessões de esclarecimento, sobre o que é bioquímica, onde é que é possível obter a licenciatura de bioquímica (...), o que faz o bioquímico, em que é que se forma, como que é que nós estudamos, onde é que podemos obter formação, qual é a nossa área de especialização. Geralmente a maior parte dos bioquímicos fazem investigação. (entrevista ANBIOQ)

Não raras vezes são, porém, as próprias associações que promovem também iniciativas dirigidas às escolas, seja de modo mais autónomo ou em parceria com outras instituições (Agência Ciência Viva, Ministério da Educação, autarquias, etc.; nalguns casos a propósito das comemorações de Anos ou Semanas Internacionais dedicadas a determinados temas).

Entre estas iniciativas contam-se, com maior frequência, a organização de palestras, tertúlias ou outros encontros similares – eventos regra geral orientados para a transmissão e discussão de teorias científicas e suas aplicações, e/ou para a apresentação de investigadores e suas práticas profissionais. Esta modalidade é particularmente comum entre as sociedades científicas disciplinares, sendo também adotada (a par de outras) nalgumas das associações de divulgação científica ou, muito mais raramente, nas associações de profissionais.

No nosso site temos um leque de palestras que são dadas por especialistas e podem ser dadas em qualquer ponto do país a pedido de qualquer pessoa. Penso que depois isto depende da disponibilidade do especialista para ir lá, depende de onde é, que tema é, não é assim completamente *à la carte*, não é? Mas por exemplo um professor que está numa escola secundária em... Mogadouro, e quer fazer algo diferente com os seus alunos (naquela parte da área escola, numa área de projeto ou por estar a dar biologia e está a dar fotossíntese, digamos assim), pode pedir para ir lá um especialista dar uma palestra sobre qualquer coisa que tenha a ver com fotossíntese. Não a fotossíntese em si porque isso já é o professor que ensina, mas o problema das plantas transgênicas e dos riscos associado (...) Basta ir ao site, ver o nome da pessoa e contactar a pessoa. Já me têm pedido a mim, isto acontece muito para as escolas. Tipicamente para as escolas. (entrevista SPB)

Nesse sentido, uma das principais atividades que desenvolvemos anualmente é a promoção das comemorações da Semana Internacional do Cérebro. Provavelmente na 3ª semana de Março. Podemos dizer que somos os principais promotores da Semana do Cérebro em Portugal, numa parceria com a Ciência Viva. Portanto, procuramos divulgar ciências indo a escolas, recebendo alunos nos laboratórios, organizando mesas redondas, palestras, exposições, etc. Enfim, uma grande



SOCSCI

número de atividades que envolvem muitos cientistas, muitos jovens desse país. (...) Há uma forte interação, sobretudo movida pela Semana Internacional do Cérebro, em que os neurocientistas, a traves da SPN e apoiados pela SPN, vão a dezenas/centenas de escolas por todo o país, e recebem nas unidades de investigação escolas, grupos de estudantes. E essa mobilidade extravasa muito a Semana. Acontece ao longo de todo ano. Por exemplo, eu amanhã vou a uma escola na Lousã porque entretanto isso já foi falado no âmbito da Semana, não era possível ajustar os horários, passou a ser daqui a dois dias. E sei que em Maio vou a uma escola de Sta. Maria de Feira... E, assim como eu faço, muitos outros colegas o fazem. Portanto extravasa muito a Semana do Cérebro, e é uma atividade que, digamos, também ultrapassa a própria sociedade, ou seja, é iniciada pela sociedade, e incentivada pela sociedade, dinamizada pela sociedade, mas depois passa a ser quase um hobby, uma responsabilidade individual dos cientistas que interagem com as escolas. (entrevista SPNeurociências)

Nalguns casos, mais pontuais, regista-se a promoção de concursos dirigidos a estudantes, nomeadamente das chamadas “olimpíadas” (com realização anual e ligação a outros eventos similares a nível internacional), onde se procura testar/estimular os conhecimentos detidos pelos jovens numa determinada área disciplinar. Em regra estes eventos tendem a ser organizados sob a chancela de sociedades científicas (à exceção das olimpíadas da informática). A popularidade destes concursos tem levado a que se comece a perspetivar o seu alargamento a áreas habitualmente não consideradas (como é o caso da filosofia; concurso, porém, ainda não implementado).

Nós temos uma série de atividades... Relacionadas com o ensino secundário temos várias. Organizamos, por exemplo, já há mais de dez anos, as Olimpíadas de Química - que são duas, umas para os mais velhos (para o 10º, 11º e 12º) e depois a júnior (que são para o 7º, 8º e 9º). Isso movimenta muitos alunos e cada vez mais escolas. Por ano 250 escolas e mais de 3000 alunos. Aqui temos um apoio importante do Ministério da Educação porque para organizar isto obviamente há custos. Depois, dessas olimpíadas, os melhores vão às olimpíadas internacionais, que é uma coisa que não existia. Já existem olimpíadas pelo menos em matemática, física, química e penso que em biologia também, internacionais. É uma coisa que tem piada porque começou nos países de leste, ainda no tempo do comunismo. Está relacionado com a importância que os países do bloco comunista davam à ciência. Eles tinham estas competições, que depois vieram a ser alargadas a todos os países do mundo. Penso que não mudou muito a estrutura. E, nós, foi há dez anos, salvo erro, que começámos a ir também a estas olimpíadas internacionais. (entrevista SPQ)

No sábado passado tivemos a final das olimpíadas nacionais, as Olimpíadas de Informática. Depois há uma equipa, a equipa vencedora, que vai às olimpíadas internacionais, que este ano são na Tailândia. É uma iniciativa de natureza regular que nós fazemos e que também tem uma componente científica relevante. Nós somos membro nacional da IFIP, a International Federation for Information Processing, e as olimpíadas da informática são organizadas pela UNESCO. (entrevista APDSI)

Para estudantes do secundário, temos uma iniciativa que começamos agora. Fizemos um projeto, foi uma ideia minha e felizmente foi logo encaminhada pela Sociedade: lançar as olimpíadas da filosofia (...) Pode parecer um pouco estranho, as olimpíadas da filosofia quando comparadas as olimpíadas de



química, física ou matemática, em que há problemas com resoluções objetivas. (...) Em filosofia, temos que puxar pela cabeça e arranjar qualquer coisa que dê visibilidade, e que interesse os alunos e os professores. E a ideia seria, começando com conteúdos mais objetiváveis, em que a correção fosse mais simples, mais acessível, fazermos qualquer coisa... por exemplo, no 11º ano, no início do programa há uma unidade que é lógica, lógica e argumentação, e pensamos em começar por isso. Posso estar errado, mas penso que seria talvez a nossa primeira iniciativa exclusivamente virada para o ensino secundário, portanto, o ensino não superior. Infelizmente, submetemos o projeto ao Ministério da Educação, que é o primeiro lugar a quem competiria apoiar uma iniciativa deste gênero, e não temos nada de negativo, só que não tivemos resposta, e já submetemos a muito tempo. (...) Pronto, esperemos que seja só uma demora e que haja... Porque também nunca seria uma coisa, em termos logísticos e de necessidade de financiamento, como as de física ou de matemática, que tem imensos alunos, não é? Portanto aqui seria provavelmente para alunos de um só nível de escolaridade, no 11º ano, e provavelmente não haveria muitos que estivessem interessados nisso. (entrevista SPFilosofia)

Noutras associações são por vezes organizadas de visitas de grupos escolares a laboratórios ou a locais e “trabalho de campo”, ora aproveitando a disponibilidade de instituições de investigação com as quais a associação mantém contactos privilegiados por via de alguns dos seus associados (SPNeurociências), ora potenciando as estruturas/projetos de investigação científica desenvolvidos no quadro das próprias associações (como a SPEA ou a ALT-SHN).

Isso é uma boa forma de nós ensinarmos aos alunos (bem como a alguns dos nossos sócios), algumas das questões que tratamos. Para que as pessoas tenham uma compreensão diferente do próprio planeta... Acho que isso consegue-se debater melhor e ensinar melhor (alguns aspetos a nível das alterações climáticas, qual o impacto que as alterações climáticas têm nos ciclos, no planeta, etc.) ao ver as coisas na prática (...) São coisas que temos dificuldade em explicar quando fazemos um powerpoint... é diferente estar no campo, a explicar-lhes todas essas variantes, o que é um rio, o que é uma... “vocês vejam as diferenças dos bivalves... os animais que aqui viviam não se extinguiram todos, mas desapareceram daqui, surgem mais a montante nos mesmos ecossistemas...” (entrevista ALT-SHN)

A ideia de “abrir as portas” de alguns espaços mais paradigmáticos do campo científico a visitas de alunos do ensino secundário tem sido também, de algum modo, adotada pela SPB quando esta promove a presença de grupos de alunos no seu congresso nacional. Esta traduz-se não só na organização, no quadro do congresso, de sessões especificamente dirigidas a jovens estudantes não universitários mas, também, na possibilidade de estes acederem a outras das atividades do congresso, como por exemplo as sessões de posters, onde podem contactar diretamente com os trabalhos científicos aí apresentados e com os seus autores.

[Da nossa iniciativa específica] fizemos, no Congresso de Bioquímica no Porto, sessões só para alunos do secundário. Em vez de nós irmos à escola, pedimos à escola para ir lá. Fizemos alguns seminários para eles e, como o Congresso estava a decorrer, os alunos tiveram acesso... designadamente a todas as comunicações por painel (não digo tanto as orais até porque é tudo em inglês e mesmo o nível não é para eles). Nas comunicações por painel, cada investigador tem o seu poster e está lá para explicar



individualmente o seu trabalho e os alunos tiveram acesso a essas sessões portanto puderam (...) ver os trabalhos, ver o que se faz, e a falar diretamente com os investigadores (que alguns deles ou a maioria deles até são alunos de doutoramento e têm uma grande predisposição para falar com o aluno do secundário). E aí dá para qualquer pessoa explicar aquilo que faz numa linguagem, e num contexto, acessível a alunos do secundário. Esta iniciativa, que nós chamámos Bioquímica de Portas Abertas, correu bastante bem, tivemos umas centenas de alunos ali da área do Porto. Foi a primeira vez nestes termos, mas correu bastante bem. (entrevista SPB)

Noutros casos há uma mais clara aposta na dinamização junto dos alunos de atividades de carácter prático, orientadas segundo um modelo de ensino experimental das ciências, suportadas na produção de conteúdos para o efeito e, por vezes, na tentativa de formação dos professores para a sua utilização. Este tipo de estratégia (aliás também presente, em boa medida, nalgumas das visitas de campo) assume especial relevância entre as associações mais especificamente dedicadas à promoção da cultura científica, sendo muito mais escassa nas sociedades científicas disciplinares (praticamente circunscrita a alguns casos de envolvimento na comemoração de Anos/Semanas temáticas) e ausente nas associações de profissionais.

Este tipo de abordagem, mais prática, que nós fazemos de facto com os alunos, é fundamental. Criámos um departamento de educação e formação, para gerir essa componente. (...) Temos uma área destinada aos workshops e ateliers. Depois varia muito consoante a faixa etária dos alunos. Um workshop ou um atelier para o 10º ou 12º é manifestamente diferente de um para o 7º, 8º ou 9º ano. As crianças têm formas diferentes de estar e absorvem conhecimento de uma maneira completamente diferente. (...) No fundo, vamos para exemplos práticos, com um fóssil real, etc. Fazemos estas brincadeiras que com eles. (...) Isso funciona muito bem com as escolas. (entrevista ALT-SHN)

Este é outro projeto... faz-se muitas coisas com as escolas, mas muito pouco com o infantil, com o pré-escolar. Antes de fazer seja o que for, a Raquel foi lá tentar perceber porque é que não se faz. E uma das razões é porque as professoras não sabem. Como é que vão ensinar o que não sabem? Este projeto tem esta dupla vertente, foi-se perguntar aos miúdos o que eles queriam saber, sobre dois ambientes à volta deles, sobre a beira-mar e sobre o campo (isto começou por e fazer no Algarve). E ao mesmo tempo, as educadoras também, o que é que elas queriam saber. Daqui resultaram duas caixas, a caixa da beira-mar e a caixa do campo, que trazem estes dois livrinhos. (...) a Raquel Gaspar é contadora de histórias e já fazia coisas assim, muito giras (vai para a floresta, conta a história da fada Oriana, e depois ensina às crianças montes de coisas sobre a natureza, a biodiversidade... Agora está a trabalhar muito com o livro a "Menina do Mar" (inspirado nas coisas da Sophia de Mello Breyner) (...) Então a Raquel contava a história às crianças, levava animais a sério (levou polvos, levou aquários do Vasco da Gama) para as crianças poderem tocar e perceber. Por exemplo, a babosa é um peixe que não tem escamas, porque vive nas rochas, nas pocinhas de maré e quando aparece a maré, está sempre a ser mandado contra as rochas, se tivesse escamas, estava morto, portanto tem um muco para escorregar e não se magoar. Mas é importante eles tocarem e aperceberem-se destas coisas todas. (entrevista AVaC)



Nestes casos, tais atividades de ensino experimental traduzem-se por vezes em projetos com abrangência nacional. Veja-se o exemplo da participação da APEA no projeto “Um bosque perto de si”, em parceria com a Agência Ciência Viva (iniciativa lançada inicialmente a propósito do Ano Internacional das Florestas, que desafia os estudantes dos ensino básico e secundário a estudar ecossistemas florestais da sua região, e tem permitido um levantamento exaustivo da biodiversidade de dezenas de bosques no país).

Estivemos a participar no projeto “Bosques” da Ciência Viva também, queremos começar uma ligação mais forte com eles nos Açores e na Madeira. (...) Tivemos uma iniciativa o ano passado, que foi feita com diversas escolas a nível nacional, não acompanhei bem essa ação, mas culminou com a vinda de eurodeputados, que acompanharam os alunos. Eles puderam escolher a que deputado queriam enviar uma carta, e no final o Nuno Melo do CDS, teve uma presença, foi mesmo à escola. Os miúdos, claro, adoram estas coisas e é bom... e em escolas mais deslocalizadas, no Alentejo... E é bom, conseguimos chegar às escolas... Os miúdos gostam destas coisas, de fazer trabalhos, pensar as atividades do extracurricular, é mais fácil falar com miúdos e é muito giro falar com miúdos. (entrevista SPEA)

Noutros, as ações decorrem mais diretamente de projetos de formação de professores na área de especialidade da associação e/ou do intuito de envolver os jovens estudantes, e as suas escolas, em projetos de observação e recolha de informação que chegam mesmo a contribuir para iniciativas científicas a nível internacional. É o caso das ações desencadeadas pelo Nuclio, nomeadamente no âmbito programa mundial Galileo Teacher Training Programme (coordenado pela associação) que tem promovido a capacitação dos professores para o desenvolvimento, junto dos alunos, de um conjunto vasto de observações astronómicas, em muitos casos suportadas no acesso a telescópios colocados em diversas partes do globo e operados localmente via internet. Pontualmente nalgumas destas observações têm vindo mesmo a obter-se resultados relevantes no que toca ao avanço do conhecimento científico nesta área, potenciado pela possibilidade de registo em bases de dados onde colaboram tanto astrónomos profissionais quanto amadores, a nível internacional, no que pode ser quase um retorno aos primórdios da disciplina (Lankford 1981). O Nuclio é, aliás, parceiro noutros projetos europeus que adotam este tipo de metodologia de envolvimento de alunos do ensino secundário (designadamente no quadro da iniciativa "European Hands-on Universe").

No Nuclio tem agora um peso maior o apoio aos docentes, o apoio aos educadores no sentido de darmos formação para fazer investigação científica em sala de aula. A astronomia é daquelas poucas ciências em que eu não preciso construir um laboratório na escola para levar os estudantes a fazer trabalho... a investigação científica em astronomia é feita, na maior parte, utilizando imagens que são feitas pelos grandes telescópios. Hoje temos imagens disponíveis em qualquer momento e em qualquer lugar. Agora preciso é ensinar o professor a utilizar isso em sala de aula... essa tem sido a nossa luta nestes últimos tempos. (...) O Nuclio neste momento é responsável por um programa de formação de professores a nível mundial, chamado Galileo-Teacher Training Programme. Começou no Ano Internacional de Astronomia. Eu fui convidada para coordenar esse programa chave no ano



internacional. A ideia era adotar aquilo que nós fazíamos em Portugal e exportar essa ideia para o mundo inteiro. Já temos representantes em cerca de cem países, milhares de professores têm feito formação. (...) É uma coisa que se espalha “viroticamente”. (entrevista Nuclio)

Outras iniciativas têm um carácter mais local e, por vezes, com uma forte componente de solidariedade social. Veja-se, por exemplo, a iniciativa levada a cabo no âmbito da AVaC, por uma das suas associadas, que, partindo de alguns dos materiais por si já desenvolvidos para públicos infantis, tem vindo a dinamizar sessões junto de crianças vítimas de doenças graves (atividade, por seu turno, associada também a uma estratégia de angariação de fundos para um prémio científico).

Então esse projeto da “Menina do Mar”, e com as crianças do IPO, acho que correu muito bem, uma experiência fantástica e super enriquecedora. Estava a lidar com crianças do IPO no ambulatório, que tinham leucemia. Não é qualquer pessoa que tem estofa e sensibilidade para estar durante 3 meses com as crianças, 1 vez por semana, a dar a conhecer a vida marinha, com a história da “Menina do Mar”. Levava para lá peixinhos, bichinhos do mar, explicou um bocado de ciência aquelas crianças e depois elas expressaram a sua criatividade. (...) A ideia da oficina é a seguinte: as crianças fazer isto com a Raquel e depois têm um artista com elas para poderem pôr numa tela o que aprenderam, as coisas que gostaram mais ou princípios que acharam mais giros de explicar. Depois pegamos nestes quadros e vendemos num leilão, a que as crianças também foram. Foi uma coisa muito gira, elas ficaram muito orgulhosas também... Isto serviu para angariar dinheiro para dar um prémio de investigação em cancro. Conseguimos angariar com isso e mais uma série de coisinhas à volta, 10 mil euros, fizemos o livro e uma grande parte do livro, para além dos direitos de autor que estamos a dar aos autores, reverteu para esse prémio. (entrevista AVaC).

A associação de divulgação científica Scientists in World tem procurado, por seu turno, desenvolver projetos de ensino experimental das ciências junto de escolas de países menos desenvolvidos, nomeadamente dos PALOP. Não obstante as dificuldades enfrentadas até ao momento (designadamente de ordem financeira e logística), a associação conta já com algumas experiências neste domínio (ex. o atelier “física da música” realizado em Angola; alguns contactos diretos com alunos e professores de S. Tomé e Príncipe, tendo por mote as medições astronómicas de Eddington realizadas no local à 90 anos e que comprovaram teorias avançadas por Einstein) e perspetiva outras para um futuro próximo.

Temos feito uma série de projetos a custo zero (porque às vezes oferecem-nos as viagens, parcerias com outras ONG, por exemplo, a ACEP – Associação de Cooperação entre os Povos). Fizemos um projeto bastante giro, no Huambo, em Angola, no verão passado, a que chamámos “Física da Música”, com uma ONG local (é uma organização que acolhe órfãos de guerra, entre os 8 e os 18 anos). A ACEP já costuma fazer uns ateliês de formação artística, de pintura, de desenho, etc. e desafiaram-nos para fazer um ateliê de educação científica, com estas novas coisas, de fazer experiências com objetos do dia-a-dia – “não vale a pena dissociar o científico dos vossos ateliês artísticos”. Então construímos instrumentos musicais com objetos do dia-a-dia, de cordas, percussão e sopro, e através desses instrumentos musicais, aproveitámos para ensinar física (as ondas, a corda



a vibrar, as ondas sonoras dentro da flauta, etc.) (...) Tentámos também fazer umas palestras para as escolas, mais ou menos na mesma altura, sobre o tema da astronomia e gravitação, por causa do aniversário de umas experiências que tinham sido feitas 90 anos antes, na Ilha do Príncipe. (...) Tentámos mostrar que também houve acontecimentos científicos nestes pontos do globo, onde normalmente não acontecem. E, portanto, fizemos contactos lá, o que é uma motivação muito grande e orgulho para eles, é uma forma de os incentivar a ter educação científica, experimental, na escola. A ideia é constituir uma rede de escolas em cada um dos países lusófonos, mobiliza-los para desafios e novas aprendizagens na área da física e de outras ciências, sempre tendo por base experiências reais. (entrevista SiW)

A SPEA em vindo a apostar ainda em ações de educação ambiental desenvolvidas junto das escolas que se situam nas regiões alvo dos seus projetos de preservação ambiental. Tais iniciativas traduzem-se em programas pedagógicos, desenvolvidos em articulação com os professores e os currículos escolares. Para além do intuito de apoiar os processos de ensino das ciências e de estimular o interesse dos jovens por estas matérias, estes programas têm também como objetivo promover uma maior sensibilização das comunidades locais para as questões da conservação da biodiversidade.

Sim, de educação ambiental, com algumas escolas. Nós desistimos de fazer educação ambiental a nível nacional, não tínhamos pretensões de fazer um programa de educação ambiental, de nos oferecermos para qualquer escola... Geralmente temos os nossos projetos mais a nível local e apostamos mais nas escolas que têm a ver com esses nossos projetos. A mensagem passa mais diretamente, temos mais para mostrar e a mensagem assim torna-se eficaz e permite-nos concentrar os nossos recursos onde os podemos usar. Em vez de estar a dispersar muito e depois não ter grandes resultados. Aí, não diria que temos uma ação muito importante nem somos muito conhecidos do público geral, mas onde atuamos, aí somos bem conhecidos. Por exemplo, em S. Miguel, o nosso centro ambiental faz programas pedagógicos com os professores e integrados nos currículos escolares em todas as escolas da ilha. Em todos os concelhos nós trabalhamos com eles. Acho que é o nosso melhor exemplo. (entrevista SPEA)

É, aliás, interessante notar que várias as associações de divulgação científica contactadas referiam a importância dos contactos com as escolas e da capacitação dos professores para o ensino experimental das ciências não só como uma forma de promover a educação científica dos jovens mas, também, de sensibilizar as comunidades locais para estes temas (que, nalguns casos, acabam por estar diretamente implicados no quotidiano das populações e nas suas práticas e opções)<sup>15</sup>, transformando as crianças e jovens em agentes privilegiados de divulgação científica junto das suas famílias. Por seu turno, a formação dos professores (potenciada pela participação em projetos deste tipo) acaba por ser várias vezes referida como uma forma de garantir a

---

<sup>15</sup> Veja-se, por exemplo, a necessidade de garantir a segurança das populações em áreas que possam vir a ser afetadas por erupções vulcânicas, ou de promover práticas de exploração agrícola, turística, etc. ecologicamente sustentáveis ou responsáveis do ponto de vista da preservação do património (natural, arqueológico, paleontológico, etc.).



manutenção e expansão destas atividades de divulgação/educação científica junto das comunidades escolares, particularmente importante quando muitas das associações se confrontam com alguma escassez de meios para aprofundar estes esforços (designadamente de recursos humanos e/ou financeiros).

Um outro exemplo: para o próximo mês de Abril, convocamos os educadores a envolver os seus estudantes, durante esse mês, na divulgação na astronomia em ações para as comunidades locais. São os meninos que põem os telescópios para seus pais, para seus avós, irem à escola observar o céu. Numa outra iniciativa, também mundial, que é o bite sky rangers (são os protetores do céu noturno), nós convidamos os estudantes a promover ações de consciencialização para o problema da poluição luminosa (que tem implicações não só para poder ver as estrelas mas também para a nossa própria saúde e até para o ambiente). (...) Assim conseguimento chegar a muito mais gente. Eu tenho sempre muitos pedidos para nós irmos, por exemplo, ao norte do país ou outras regiões fazer divulgação, falar com os alunos, etc. Se eu trazer cá educadores de todo o país, que depois na volta são capazes de fazer aquilo que nós fazemos cá, acabamos por prestar um serviço melhor. Se não, temos “três gatos-pingados” a viajar por esse mundo fora e sem dar conta das encomendas! (entrevista Nuclio)

Nós escolhemos claramente o público jovem, as crianças, como principal veículo de transmissão da nossa informação, como veículo de divulgação do cérebro dentro das famílias, na sociedade. Enfim, não é uma estratégia assim tão deliberada mas acaba por funcionar assim... e fará sentido. (entrevista SPNeurociências).

O projeto dos bosques foi muito direcionado para as escolas, para as crianças. A vontade é, por essa via, transpor aquilo para as famílias, através do que as crianças levam. Claro que as atividades de fim-de-semana, são mais atividades para família, mas como é que se lá chega? Se calhar nas escolas é muito fácil chegar às crianças e tentar que elas levem a mensagem, que os pais a percebam e se interessem... que é o mais difícil. (entrevista SPEA)

Temos alguns projetos em preparação. Tínhamos um projeto muito giro, uma rede de 3 escolas na Ilha do Fogo, em Cabo Verde. Era uma parceria com um projeto europeu, com um grupo de investigação aqui do Técnico. Eles têm um projeto europeu de sensibilização de risco vulcânico numa série de regiões do mundo, uma delas é a Ilha do Fogo, em Cabo Verde. A ideia era instalar três sismógrafos, em três escolas da ilha do Fogo. (...) É preciso comparar, cruzar os sinais de diferentes pontos da ilha, se três sismógrafos, em três cantos diferentes da ilha medirem vibrações ao mesmo tempo, isso significa que houve um terramoto nalguma parte do mundo e pode-se tentar calcular... Isto era um projeto muito interessante. Neste momento aguardamos financiamento para o desenvolver, não sabemos se o vamos desenvolver ou não. Uma das nossas grandes limitações é o tempo das pessoas, que dedicam à associação; e a segunda, é naturalmente obter financiamentos para os projetos. O trabalho é sempre voluntário, mas pagar as viagens, a logística, etc... Portanto, este projeto era muito interessante porque mexe numa série de aspetos que têm a ver com o tipo de atividade e de objetivos que nós temos. Primeiro, era ensino experimental com aparelhos verdadeiros. Nós tivemos uma missão preparatória lá em Cabo Verde (procurámos escolas, identificámos professores e os professores ficaram entusiasmados). Há uma parte em que falam dos tremores de terra e dos vulcões, por causa da ilha, da geofísica da ilha. Mas, para explicar os gráficos



dos sismógrafos só podem fazer um risco no quadro... O que a gente estava a oferecer é uma coisa real, é uma coisa que se integrava muito bem no ensino (...) Portanto, introduzíamos o ensino experimental com aparelhos verdadeiros, não só com coisas que saem dos livros ou da imaginação, e, para além disso, o ensino cooperativo, já que eles tinham de colaborar e comparar dados entre escolas (...) Isto seria uma coisa que, se depois estivesse ligado à internet, não só os miúdos poderiam ver lá no laboratório da escola, mas se o sinal fosse difundido pela internet, onde quer que tivessem internet, com o seu portátil, podiam receber os dados e trabalhar os dados, em grupo, até fora do arquipélago, fora da ilha. E para além disso, o que estava por detrás deste projeto, era como disse a sensibilização para o risco vulcânico, não era só o ensino, mas o nosso parceiro tinha como grande objetivo sensibilizar as pessoas da ilha do Fogo para não construírem casas em zonas onde o risco é maior. (...) Em vez de serem estes cientistas que iam para lá de uma forma ou de outra, com folhetos ou campanhas de informação, tentar informar as pessoas, seriam os próprios alunos na escola que fariam esse projeto de sensibilização, fariam entrevistas aos familiares, aos pais, aos avós... Através dos miúdos chegar à população, misturar o projeto educativo com o projeto de sensibilização do risco vulcânico. Isto é um protótipo, um paradigma do que gostaríamos de fazer. Neste caso, como noutros, estamos à espera de financiamento, ou à procura... (entrevista SiW)

Em termos globais, outra estratégia adotada por várias associações científica tendo em vista a aproximação das populações ao universo da ciência tem assentado no desenvolvimento de ações especificamente dirigidas a públicos adultos (onde se podem incluir jovens não necessariamente captados por via académica). Em boa medida, algumas destas acabam por transpor para públicos mais alargados experiências igualmente desenvolvidas junto das escolas.

Também neste domínio (público em geral) se regista com maior frequência a opção por modalidades de divulgação científica de carácter discursivo, traduzidas na realização de palestras ou tertúlias, onde figuram como oradores principais especialistas no domínio científico em causa (em regra, investigadores e/ou docentes do ensino superior). Este tipo de eventos tentem a ser (à semelhança do que se verificou com os públicos escolares) ligeiramente mais privilegiados pelas sociedades científicas disciplinares (embora, também neste caso, nem todas estas os realizem). Ainda assim, algumas das associações especificamente dirigidas à divulgação científica adotam igualmente esse modelo, bem como, mais raramente, as associações de profissionais. Quase sempre se tenta que os temas tratados nestas sessões sejam de interesse geral, permitindo a discussão de algumas aplicações de base técnico-científica ou a apresentação de casos/pessoas que possam suscitar mais curiosidade entre público diversificados (pelo seu carácter singular ou inovador). Nalguns casos é de assinalar também alguma preocupação em deslocar estas iniciativas para espaços mais à margem do campo académico, procurando assim atrair públicos mais diversificados.

Nós temos iniciativas mais viradas para jovens. Tivemos uma iniciativa que chamamos “Temas da Sociedade da Informação à volta de um copo”, em que escolhemos, por exemplo, locais emblemáticos para jovens... São apresentados um ou vários vídeos sobre temas “para a frente” e depois temos a comentar ou a moderar pessoas de renome, que têm experiência ligada aos temas que estão em discussão. E ainda por cima são oferecidas duas bebidas aos participantes! (...) Uma



delas foi animada pelo António Câmara, da YDreams, e pela Elvira Fortunato, da Universidade Nova. (...) Têm sido [encontros com boa participação], mas nós gostaríamos de ter avalanches e... não temos exatamente avalanches. A primeira teve quarenta ou cinquenta pessoas, não foi mau... A comparação que eu vou fazer não é absolutamente correta, mas a ideia era ter um evento como as atividades da Ted... A intenção é pôr pessoas a falar de coisas que são interessantes, mas que não são imediatas em termos de perspectivas de futuro, e com uma componente que possa interessar a jovens. Uma visão mais futurista das coisas. (entrevista APDSI)

Não é uma preocupação central da associação. Mas, aliás, as Noites da Sociologia são, de certo modo, um pouco isso... Porque as Noites da Sociologia têm sido sempre fora do espaço académico. (...) É uma ação para levar a sociologia, enfim, levar o debate sociológico, a outros que não são necessariamente sociólogos. Inicialmente as noites da Sociologia faziam-se na livraria Barata – aí a própria livraria fazia divulgação e, portanto, tínhamos um público heterogéneo, não é? Depois já fizemos noutros locais. Há dois anos fizemos no Chapitô. E, nos anos em que fazemos os Congressos, integramos as Noites no programa do Congresso. Normalmente é sobre um tópico relacionado com a temática central do Congresso e idealmente também fora do espaço académico onde normalmente fazemos o Congresso. Por exemplo, no Congresso que fizemos no Minho, as Noites de Sociologia decorreram no estádio, sobre desporto. (...) Os públicos? Um pouco de tudo, sociólogos, sim, jovens sociólogos, sobretudo. Nessas Noites que foram organizadas em colaboração com a Faculdade de Economia da Universidade do Algarve (...) claro que houve também uma mobilização dos alunos (e de outros, antigos alunos), mas depois havia pessoas que não sei se são sociólogos, mas não me pareceu... (...) Acho que havia também alguma curiosidade das pessoas que se interessam por esse tipo de temática e que se dispuseram a ouvir o que é que os sociólogos têm a dizer sobre isto. (entrevista APS)

Na direção anterior houve uma iniciativa muito importante, que, aliás, foi subsidiada pela Fundação Gulbenkian (nós não tínhamos possibilidade de fazer isso sozinhos) [ciclo de conferências “Medicina: modos de vida” (2009)] Aliás, houve duas iniciativas. Na antepenúltima direção houve também um ciclo organizado pela Sociedade das Ciências Médicas que teve lugar na Fundação Gulbenkian – “Encontros com a Medicina” [2004/05]. Uma grande série de conferências para o grande público, um ano de divulgação extremamente frequentado, foi um grande sucesso, com temas muitíssimo variados, com muitos participantes. Foi um ano inteiro de divulgação! E foi organizado pela Sociedade de Ciências Médicas num local que, obviamente, atraiu muito mais público. Mas também era para o grande público... isso foi fundamentalmente dirigido ao grande público, para educação na área da medicina (entrevista SCML)

Nós fazemos sessões de divulgação para a sociedade em geral. Geralmente escolhemos temas mais simples, mais latos, que não assustem as pessoas, porque se nós levarmos temas muito específicos e moleculares... Esta, por exemplo, foi no âmbito da “Coimbra: capital da cultura”: nós apresentamos um grupo de sessões de divulgação, com títulos bastante latos e apelativos. Convidamos alguns investigadores e, felizmente, tivemos a sorte de todos aceitarem o nosso convite, honrando-nos com a sua presença. Investigadores na área da ciência, em Portugal... Correu muito bem essa iniciativa. (entrevista ANBIOQ)



Uma outra modalidade de divulgação técnico-científica dirigida a públicos mais alargados – que permite também algum contacto com profissionais especializados, bem como com exemplos concretos de objetos de estudo ou aplicações científicas – é a organização de passeios de campo, de sessões de observação/demonstração ou de visita a laboratórios. Este tipo de prática é menos frequente entre as associações contactadas, tendendo (à semelhança do verificado quanto às visitas escolares deste mesmo tipo) a encontrar-se somente entre as iniciativas de algumas associações de promoção de cultura científica, como é o caso (à exceção da APH, disciplinar) da SPEA, do Nuclio e da ALT-SHN.

Nós também temos outros tipos de eventos... as visitas vitivinícolas (já vai ser a décima segunda). Isto é um sector diferente, dirigido ao público em geral. Vai-se visitar uma zona vitícola que seja emblemática, desta vez é ali a zona de Távora Varosa (lá para o norte), que é muito conhecida pelos espumantes (o Murganheira), e faz-se essa visita. Vamos visitar adegas, vamos visitar empresas que são ligadas à parte da horticultura. Já houve situações onde mesmo dentro dessas visitas havia colóquios, havia uma parte do dia dedicada a um colóquio mais técnico-científico. Nós agora não temos feito isso, por acaso. (...) Nas direções anteriores organizaram também visitas a jardins, a parques, organizaram também várias dessas visitas técnicas que têm sempre uma parte cultural. (...) Uma que nós queríamos organizar era aos Açores, porque as pessoas gostariam de ir. Mas não conseguimos, fizemos tantos contactos e não conseguimos apoio. Porque era preciso alguém lá, alguém localmente, que nos desse apoio, porque nós somos daqui e ir lá organizar uma coisa destas também sai caro. Essas são, entre as nossas atividades, aquelas mais lúdicas e que não são para o público técnico e científico. E também têm o seu público e também são importantes para a associação. Por acaso este ano também organizámos uma ao património oleícola (portanto olivicultura e azeite), no norte (em Mirandela), e não conseguimos gente... Tínhamos metade das pessoas que eram necessárias para conseguir... porque também temos despesas e temos de as cobrir. Enfim, em qualquer caso essas visitas são muito engraçadas porque é um público completamente diferente, alguns deles não têm nada a ver com horticultura e fizeram-se sócios só para ir a essas visitas. Foi uma ideia herdada das direções anteriores, que eu até nem dava muita importância ao início mas depois comecei a ver que realmente as pessoas tinham interesse. “Então quando é que é a visita vitivinícola?!”. Há pessoas fixas que todos os anos vão àquelas visitas. (entrevista APH)

“De olho nas aves” é uma atividade que se desenvolve ao sábado ou domingo de manhã ou à tarde (às vezes depende da maré) e que pretende proporcionar a qualquer pessoa a observação de aves no seu percurso de fim-de-semana... pode parar um bocadinho e ver uma ave que se calhar não sabia que existia. Se calhar não é uma gaivota, mas uma ave diferente. E, de repente, aparecem ali umas dez, quinze espécies diferentes, porque a pessoa parou connosco 10 minutos à beira rio. Isto é muito importante. Se calhar a Ciência Viva também percebeu isto... e por isso tem surgido, de há uns anos para cá, essa ligação, que queremos continuar a promover. (...) Nestas atividades junta-se gente com as mais variadas especializações. Há cursos que nós também fazemos... de identificação das aves pelos ossos, de identificação pelos cantos das aves... fizemos uma para invisuais... Os públicos são muito distintos e depende muito do interesse. Nem sempre são cientistas; são pessoas apaixonadas pelas aves, que não têm formação em biologia ou ornitologia, mas que foram desenvolvendo o



gostinho e acabam por querer participar. Sejam cá, seja lá fora. Também já fazemos excursões para Espanha e França, esgotam logo! E não vão apenas cientistas, é muito giro ver-se cada vez mais públicos completamente diferentes. (...) Saídas de campo, com a nova legislação, só podemos fazer para sócios. Há uma nova legislação que protege e favorece as empresas turísticas de natureza. As ONG, como nós, ficamos impedidas de fazer atividades desse tipo para o público geral, temos que fazer só para sócios. E não cobramos nada. (...) Ficámos com menos capacidade de levar pessoas para saídas, mas reconhecemos que é importante haver promoção de turismo na natureza, há mais empresas a aparecer no sector, começa a ser uma economia que vale a pena. Isso também é bom para a conservação, começa a ser valorizada economicamente por haver visitação, por haver turistas que querem ver natureza e aves. Se há empresas que aparecem, nós o que vamos fazer é juntar-nos com essas empresas e encaminhar pessoas para essas empresas. Acabamos por ser um portal para encaminhar as pessoas, queremos que eles apareçam e se desenvolvam e nos ajudem a conservar. Passamos a ser mais. (entrevista SPEA)

Para a população em geral, na semana da ciência e da tecnologia abrimos sempre as portas do laboratório de armazenamento. Embora, mesmo noutras alturas, se houver um grupo de 10 ou 15 pessoas que nos peça para mostrar a coleção, nós acedemos gratuitamente, sem qualquer tipo de problema. Agora, por exemplo, vamos ter um grupo de 30 pessoas de uma aldeia da costa oeste, de Torres Vedras, eles pediram-nos que gostavam de ver esses ossos. Vão-nos ver trabalhar, vão experimentar como é que se limpam os ossos, ver os ossos limpos... A nossa função, o nosso objetivo, acaba por ser uma função aberta, pública. O material é público, é de todos. (...) Esta relação de proximidade, o aproximar da comunidade à paleontologia, é fundamental. Ela permite uma poupança enorme [cita exemplos de apoio de moradores nas atividades de investigação/divulgação da associação]. E permite, por outro lado, satisfazer as próprias pessoas que sentem que estão a fazer coisas interessantes e úteis. (...) Nós entendemos que o modelo da investigação científica, ou de ensinar a ciência, hoje em dia já ultrapassa as próprias universidades, uma instituição de investigação científica tem, por assim dizer, uma responsabilidade em comunicar esse conhecimento, da forma mais direta possível, e tentar envolver a comunidade, ou a sociedade, nessa atividade (ALT-SHN)

Uma vez que algumas destas associações (de divulgação científica) incluem entre os seus sócios um conjunto diversificado de pessoas, nem sempre profissionalmente ligadas à área científica em causa, muitos destes eventos de divulgação (passeios, observações, etc.) acabam por envolver tanto sócios como não-sócios. É, aliás, interessante notar que algumas destas associações promovem a adesão a várias das suas atividades por parte de pessoas que se podem considerar como “cientistas amadores”, envolvidos em projetos que acabam por ter, aliados a propósitos de divulgação e sensibilização, também uma componente de apoio ao avanço do conhecimento científico (nomeadamente, recolha de dados). Desse ponto de vista, nalguns casos, poder-se-ão equacionar como enquadradas no que se tem vindo a designar como iniciativas de “citizen science” (Irwin 1998; Leach, Scoones e Wynne 2005; Backstrand 2003; Conrad e Hilchey 2011; Dickinson, Zuckerberg e Bonter 2010; Boney et al 2009; Greenwood 2007; Hetland 2011). Veja-se, por exemplo, a participação daqueles amadores nos sensos de aves levados regularmente a cabo pela SPEA, pessoas que, participando em muitas das ações de formação realizadas por esta associação, acabam também por prestar um importante serviço na dinamização de ações de



observação anteriormente descritas, dirigidas a públicos não especializados (para além de, frequentemente, se constituem também como seus públicos). Exemplo semelhante é encontrado no caso da associação Nuclio.

Os cientistas colaboram, por exemplo, na parte de revisão do conteúdo científico. Os astrónomos amadores que fazem parte da associação colaboram muito no sentido de adaptar e apoiar o professor a adapta os recursos que a escola tem... e apoiam muitas das observações [para vários públicos]. Os professores também colaboram... e há ainda os informáticos. (...) Eu acho que há uma falta de cultura geral sobre o que é que é um astrónomo profissional e o que é que é um astrónomo amador. Essa ideia de que uns sabem mais do que outros é, em muitos casos, uma “patetice” de todo o tamanho. (...) Nos dias de hoje há muitos astrónomos amadores portugueses que fazem investigação científica muito sério e que colaboram com os profissionais. A diferença é que a sua profissão é outra. Claro que também há aqueles amadores que não sabem muita coisa, que estão a aprender, é como tudo... (entrevista Nuclio)

Outras formas de divulgação científica por vezes levadas a cabo pelas associações agora analisadas passam pela difusão de informação técnico-científica em suportes escritos, frequentemente via internet. Como se verificou no ponto anterior, muitas as associações publicam regularmente boletins informativos, nalguns casos dirigidos exclusivamente a sócios (que, como se viu, podem por vezes ser bastante diversificados), noutros tendo em vista alcançar públicos mais vastos. Algumas destas publicações têm especificamente propósitos de divulgação científica; outras aliam secções de divulgação e outras (de debate científico em sentido mais restrito, anúncio de atividades, etc.).

Estamos a falar de uma direção que é tudo pessoas... investigadores, professores da faculdade... que têm muitas tarefas e, portanto, o tempo é muito limitado. Mas tínhamos duas revistas, em papel mesmo. Uma que se chamava Cadernos de Ecologia, que era assim... mesmo de divulgação (...) Nós agora acabámos com as versões em papel e criámos a tal revista de ecologia online, que é de muito mais fácil distribuição, muito mais barata e muito mais fácil de seguir a todos os lados. (...) [aí] temos uma secção que é de artigos de divulgação científica (entrevista SPECO).

Aproveitando as potencialidades proporcionadas pela internet, algumas (mais escassas) associações optam ainda por difundir por essa via gravações dos encontros realizados com público alargados (APDSI) ou vídeos de divulgação científica com a sua chancela (SPB). A APDSI, por exemplo, disponibiliza também na sua página um glossário de termos associados à “sociedade de informação” (organizado pela própria associação) como forma de estimular a divulgação e apropriação destas expressões pela sociedade.

Mais recentemente lançámos outra iniciativa: temos um canal no Youtube. O que pomos no Youtube... enfim a nossa vocação não é fazer filmes todo o tempo mas temos tido algumas colaborações com empresas. Por exemplo, com a empresa de multimédia “Take the Wind” de Coimbra, nós prestámos alguma assessoria científica num projeto que eles estavam a fazer um sobre diabetes e em contrapartida eles fizeram um filme de divulgação de bioquímica que está no canal de



Sociedade Portuguesa de Bioquímica no Youtube (...) Está lá esse filme, que é um filme de divulgação da Sociedade Portuguesa de Bioquímica. Já temos planeado outro filme com eles, que vamos fazer sobre alguns assuntos que têm maior impacto social. Por exemplo biorradiação. Não vamos discutir factos... Pode ser biorradiação, pode ser HIV Sida, por exemplo. Portanto são filmes que nós vamos conseguindo, aos quais fazemos escrutínio científico e outros parceiros fazem a produção, e que nós disponibilizamos para o público que quiser. E isto é válido também para outras sociedades científicas com quem temos algumas parcerias, disponibilizamos para eles e disponibilizamos para todo o mundo. Aliás o filme é em inglês. Disponibilizamos também um filme que foi feito por um grupo de sócios, foi feito no contexto da sua investigação, mas entrou dentro de um concurso da SPB, foi premiado e nós pedimos depois para divulgar. E está no Youtube. E tem um pequeno vídeo sobre diabetes que serve também de apresentação. (entrevista SPB)

Também a AVaC e o Nuclio (ambas vocacionadas para a promoção da cultura científica) procuram explorar mais ativamente este meio de comunicação para efeitos de divulgação científica. A AVaC mantém ativamente um blog, com várias rubricas regulares de divulgação, em que se procura, para além de promover a discussão de alguns temas de base científica, acompanhar as principais notícias que circulam na internet neste domínio, bem como explorar, por exemplo, formas de articulação entre ciência e múltiplas manifestações artísticas (música, literatura, etc.). Já o Nuclio procurou manter deste a sua génese o Portal da Astronomia, espaço privilegiado para divulgação regular de notícias sobre o tema, esclarecimentos, curiosidades, etc. Pese embora o seu sucesso em termos de utilizadores e o reconhecimento do seu interesse por parte da associação, a disponibilização regular de novas peças nesse espaço tende a revelar-se difícil, muito em particular pela escassez de recursos humanos com disponibilidade de tempo para acompanhar esse processo (ex. traduzir textos). Para superar esse problema, têm vindo a procurado colaborar mais ativamente com o Observatório Astronómico do Sul (com maior capacidade para a produção de conteúdos em português).

Pois, o Portal do Astrónomo é um daqueles problemas... É uma coisa muito aflitiva! Não foi o caso, mas toda a vez que há um novo projeto europeu as pessoas criam um Portal... mas depois não há mecanismo de financiamento destas coisas. Podíamos tentar ter publicidade (que não é mau), mas um portal virado para a educação (...) eventualmente não atinge os números necessários para conseguir ter financiamento desse tipo. É uma luta constante o que nós fazemos para alimentar o portal. Porque alimenta-lo com conteúdo como deve ser dá muito trabalho. Só quem nunca fez é que não sabe o trabalho que dá produzir ou editar uma notícia, e estar em permanência... Para fazer uma notícia por semana uma pessoa perde uma manhã ou um dia inteiro, para fazer uma coisa com qualidade que seja útil para os professores, para quem quiser... Neste momento o portal está, coitadinho, passando por uma fase em que as pessoas [os membros da associação] têm pouco tempo para dedicar... Eu tento contactar instituições, que estão ligadas à astronomia, a pedir que forneçam informação. Mas elas têm problemas para alimentar os próprios sites, quanto mais... Seria um serviço que prestavam à comunidade, mas ninguém... Eu, como cidadã, gostaria de ser informada sobre onde estão a ser investidos os impostos que eu pago, no que respeita à investigação científica. (...) E para um educador, para um professor... eu não quero só saber da notícia a dizer se Marte tem água ou não. Quero saber porque é que isso é interessante, como é que se sabe... ou como é que inclui isso



no currículo, como é que presta essa informação a estudantes. Para um professor isso é fundamental. Há dois ou três dias atrás ouvimos dizer que iríamos ver uma lua gigantesca no céu. Se eu disser que ela era 1% maior do que é normal... a sério! (...) O portal gostaria de prestar essa informação com regularidade, mas para isso eu precisava de ter financiamento, ter uma pessoa dedicada que alimentasse o portal sempre com esse tipo de informação. (entrevista Nuclio)

A associação Viver a Ciência (AVaC) destaca-se ainda por desenvolver um conjunto de outras iniciativas no domínio da comunicação pública da ciência, que, em termos comparativos, revelam um carácter mais diversificado e inovador. Constituindo-se como uma plataforma para o desenvolvimento de projetos individuais neste domínio (regra geral de jovens investigadores com experiência de trabalho no estrangeiro), a associação tem vindo a procurar apostar em novas modalidades de aproximação à sociedade, em muitos casos orientadas pelo intuito de levar a ciência até espaços onde habitualmente estes temas não se encontram presentes. Entre as iniciativas por estes levadas a cabo contam-se, por exemplo (para além das ações desenvolvidas junto de públicos infantis, já referidas), a publicação de dois livros que relatam biografias de cientistas (“Vidas a Descobrir”, sobre mulheres cientistas no espaço lusófono; e “Profissão Cientista: retratos de uma geração em trânsito”, sobre jovens cientistas portugueses, projeto que acabou por dar origem a um programa de televisão emitido pela RTP e a um programa de rádio emitido na TSF); a produção de exposições fotográficas de carácter artístico (“Laboratório de Imagem” e “Vidas a Descobrir”, com base no projeto editorial anteriormente citado), levadas quer a espaços de divulgação científica (por exemplo, na iniciativa Noite dos Investigadores, em que a associação tem tido participação ativa) quer a outros locais com presença de públicos mais diversificados (ex. LxFactory); projetos em que se procura aliar ciência e humor, e que se têm traduzido na promoção de eventos de “stand-up” protagonizados por investigadores e na publicação de textos humorísticos na imprensa escrita; entre outros. Tendo em vista auxiliar aos investigadores e as instituições científicas no seu contacto com os cidadãos, a AVaC produziu e difundiu ainda um pequeno manual intitulado “Comunicar Ciência”, e tem apoiado a organização de alguns workshops neste domínio.

Por exemplo, fazer uma exposição na LX Factory... ninguém vai lá por nada de ciência, mas da mesma maneira que uma pessoa vê uma exposição de fotografia de outra coisa qualquer, se calhar vê de cientistas e aprende um bocadinho sobre daquilo. Ou, em termos de teatro, fazer comédia científica, stand-up comedy... A nossa ideia anda muito por aqui: chegarmos a públicos que normalmente não se chega. Depois isto desenvolve-se de acordo com o interesse que a pessoa tem. Eu gosto de fotografia e de imagem, então agora faço um documentário.... O David, que também trabalha connosco, gosta de teatro e de humor, junta o amor que tem pela ciência com isso... Não são coisas impostas a ninguém, as próprias pessoas é que surgem com as ideias. Depois podemos aceitar ou não. Temos no nosso website “procuram-se ideias”! Queremos que as pessoas venham ter connosco. E achamos que elas farão melhor as coisas se unirem dois gostos que têm... Por exemplo, a Raquel, (...) tem outros interesses, é contadora de histórias e já fazia coisas muito giras... (entrevista AVaC)



Outro mecanismo de divulgação científica, utilizado de modo relativamente mais transversal às diversas associações analisadas, é a tentativa de captação do interesse de jornalistas – nomeadamente da imprensa escrita mas, também, de outros media – para a publicação de peças sobre temas de ciência. Vários dos entrevistados deram conta de as suas associações serem, em alguma frequência, contactadas por jornalistas que buscam algum tipo de esclarecimento de base científica aquando da preparação das suas peças. Pese embora vários lamentem o carácter por vezes pouco informado de tais solicitações, a orientação algo sensacionalista de muitos dos trabalhos publicados neste domínio ou o facto de estes contactos visarem frequentemente a exploração de controvérsias ou acontecimentos episódicos (ex. grandes sismos, eclipses), muitos destes afirmam tentar dar resposta, na medida do possível, a tais solicitações, orientando os jornalistas para o contacto com especialistas no tema em causa. Nalguns casos, regista-se, porém, por parte das associações, uma procura mais ativa da imprensa, tendo em vista não só a publicitação de algumas atividades destas entidades mas, também, a difusão de informação científica que se julga ser de interesse público. Os meios de comunicação social são frequentemente reconhecidos como um veículo privilegiado de contacto da população em geral com as questões da ciência (os seus conhecimentos, aplicações, instituições, dilemas e controvérsias).

Neste âmbito veja-se, por exemplo, a iniciativa da SPES ao formar um grupo de cerca de duas dezenas de especialistas que se disponibilizaram, junto dos meios de comunicação social, para dar entrevistas ou para participar em programas no sentido de promover o interesse e debate público sobre o problema sísmico, bem como aumentar a perceção das populações e das autoridades acerca dos riscos a este associados.

Em síntese, a maioria das associações científicas tende, de algum modo, a envolver-se no esforço de divulgação da ciência e da tecnologia em Portugal. São relativamente raras as associações que nunca promoveram algum tipo de atividade neste domínio, mesmo que, em muitos casos, esta esteja longe de ser considerada como a sua principal missão, ou que tendam por vezes a atribuí-la preferencialmente a outras entidades.

Para o grande publico temos, agora neste ano internacional temos tido uma serie de iniciativas, mas em geral não temos muito...podemos apoiar iniciativas que haja mas não é prática muito fácil para nós estarmos a fazer isso. Podemos através dos museus ou dos meios de comunicação fazer alguma coisa, mas não nos centramos muito nisso. (entrevista SPQ)

Neste campo é de salientar que a organização de comemorações temáticas (ex. Ano internacional da Química, entre outros) tem acabado por constituir um mote importante para uma participação mais ativa de algumas associações em iniciativas de promoção da educação científica dos jovens ou de comunicação pública da ciência para públicos mais vastos. Se, por vezes, tal envolvimento tende a por ser relativamente episódico, noutros casos pode admitir-se que estes eventos têm suscitado uma atenção crescente das associações a esta área de atividade. E é importante



salientar que algumas delas acabam mesmo por se constituir como o principal dinamizador, no país, deste tipo de comemorações.

Considerando os diferentes tipos de associações científicas, as de pendor mais estritamente profissional são aquelas que tendem a manter-se mais distanciadas das práticas de divulgação científica, muito em particular aquelas que representam profissionais de diversas áreas disciplinares (no caso da ANBioq registou-se um envolvimento mais ativo, designadamente em ações de informação/orientação vocacional acerca das atividades profissionais dos bioquímicos). Ainda assim, algumas destas admitem ter algum interesse neste domínio, equacionando a possibilidade de, no futuro, vierem a desenvolver algumas iniciativas na área.

Sim, nós temos tido essa discussão dentro da própria Direção. Como não temos uma Direção muito grande, tentamos não dispersar o nosso trabalho, mas gostávamos também de alargar um bocadinho o espectro... Até porque achamos que é importante... há muitas pessoas que quando ouvem falar de política dos bolseiros podem sentir-se “Ah, isto não interessa.” (entrevista ABIC)

Também temos um grupo de trabalho a estudar possíveis atividades de divulgação científica. Tivemos uma ideia, no ano passado, que não foi para a frente por manifesta falta de tempo. Tratava-se de levar os investigadores a comunidades mais remotas, por exemplo através de parcerias com Câmaras Municipais... a comunidades não-urbanas, que normalmente têm pouca exposição à ciência. Levar lá, por exemplo, alguns investigadores para falarem ou com alunos de escolas ou mesmo com a comunidade em geral, não é? Dar uma palestra, fazerem um seminário ou alguma coisa assim. Não um seminário científico, mas um seminário sobre o que é fazer ciência. E há outras possibilidades, que vamos estudar. No fundo, essa parte está um bocadinho mais atrasada do que a parte mais voltada para a política de ciência. Mas, em princípio, vamos tentar arrancar com isso este ano. (entrevista ANICT)

As sociedades científicas disciplinares tendem a demonstrar mais interesse no desenvolvimento de ações de divulgação. Em muitos casos estas circunscrevem-se, contudo, à realização de eventos relativamente “tradicionais” – próximos dos modelos de comunicação habitualmente utilizados no campo estrito a investigação científica o do ensino – como é o caso da organização de palestras ou outros encontros similares, frequentemente orientados para a transmissão de conhecimentos de base científica, numa perspetiva tendencialmente educacional.

Como seria de esperar, são as associações científicas que se orientam mais especificamente para objetivos de promoção de cultura científica aquelas que realizam não só um maior número de ações nesta área mas, também, aquelas que exploram modalidades mais diversificadas de contacto com os públicos (tanto no que toca aos suportes utilizados, como aos próprios conteúdos). Na maioria destes casos são de salientar, para além da exploração mais intensa de espaços informais de aprendizagem, por exemplo as tentativas de articulação entre a ciência e outras formas de manifestação cultural, a associação a projetos de desenvolvimento local, de sensibilização ambiental ou de solidariedade social, ou, ainda, a promoção de novas formas de articulação entre profissionais técnico-científicos e “amadores”.

#### 4.4 Aconselhamento / Lobby

Uma das funções das associações científicas que a literatura científica tem vindo a sinalizar (Schimank, 1988) é o aconselhamento em matéria de política científica, ou seja, a auscultação das associações como representantes de um domínio do saber, como especialistas. Esta função pode ser desempenhada no âmbito de um trabalho jornalístico ou outro do sector privado, mas é geralmente resultante da colaboração com organismos públicos, como tribunais ou conselhos consultivos, onde podem ter inclusivamente assento permanente.

Os diferentes tipos de associações que identificámos, a saber as associações profissionais de cientistas, as de divulgação científica e as sociedades disciplinares, não parecem apresentar a este respeito diferenças significativas.

Uma das formas mais visíveis desta função de fornecimento de pareceres das associações científicas portuguesas tem sido a correção dos exames nacionais do sistema nacional de ensino, publicada nos jornais por associações de natureza sobretudo disciplinar, em resultado de uma colaboração com o Ministério da Educação.

...está representado no] Gabinete Educacional do Ministério da Educação. E portanto eles fazem, discutem os programas de ensino, os resultados das provas de avaliação, inclusivamente os manuais. (...) aliás fomos solicitados há pouco tempo justamente para fazer a avaliação das provas. (Entrevista APS)

...já temos um historial bastante importante de intervenção na parte curricular e na reflexão sobre o ensino, sobre os programas principalmente. Houve inclusivamente na altura em que era ministro o Professor David Justino, (...) houve uma série de conferências, reflexões, bastante alargadas, com o próprio ministro da educação, pelo menos na sessão de abertura e fecho, e das quais foram publicadas atas. (Entrevista SPECO)

Temos outra participação importante nesse âmbito que são as provas de química. Nós pertencemos ao conselho consultivo do GAVE e atualmente temos um protocolo (...) em que um elemento irá ver os exames antes deles serem, ficarem na forma definitiva. Porque é muito melhor isso do que depois estar a criticar, vir cá para fora. (Entrevista SPQ)

Podemos considerar que algumas das associações estudadas são ouvidas com regularidade o que pode ter a ver com o facto de integrarem personalidades do mundo político ou da sua área ser particularmente pertinente nos dias de hoje, como sucede com a APDSI:

De vez em quando [somos consultados] até para alguma legislação (...) ...acontece uma, duas vezes por ano, por coisas diversas, não interligadas entre si. (...) nós regularmente vamos à Assembleia. (Entrevista APDSI)



Outras associações da nossa amostra dão conta da existência de contactos mas de forma esporádica:

....de facto estava a esquecer-me que ainda anteontem fui à Direção Geral de Saúde em representação da Sociedade Portuguesa de Neurologia (...) ... na minha Direção foi a primeira vez que contactaram, mas não se esqueceram de nós e nós estivemos presentes e tivemos um papel importante e vamos ter, no trabalho que estamos agora a desenvolver. (...) nestes cinco, seis meses foi de facto este o contacto que tivemos, oficial... (Entrevista SPNeuro)

Por vezes os contactos institucionais existem mas não são sempre no sentido da emissão de pareceres de peritagem e esse reconhecimento parece até bastar a algumas associações:

...com o anterior ministro [da Agricultura] tivemos vários contactos e éramos chamados, não para dar propriamente pareceres, mas às vezes para participar em atividades. (Entrevista APH)

O facto de não serem mais ouvidas, não resulta apenas de falta de iniciativa das instituições públicas ou privadas, pois as próprias associações não parecem ter sempre recursos para o efeito, podendo neste caso inclusivamente associar-se a outras associações para rentabilizar o esforço:

Talvez seja uma falha nossa, mas sabe o que é? Também não conseguimos chegar a tudo, é difícil chegarmos a tudo. (Entrevista APH)

Às vezes também somos convidados para outros, devíamos lá estar mas não estamos, porque não dá para tudo. Algumas reuniões temáticas, não há tempo para tudo. (Entrevista SPEA)

E nós tendemos a responder, pelo menos naqueles que nós achamos que são essenciais. Infelizmente não temos capacidade para responder a tudo, não é? (Entrevista SPECO)

Portanto o que nós queríamos propor através da Ordem dos Biólogos era um sistema de especialização ou certificação dos profissionais, bioquímicos, biólogos e vários profissionais afins que fizessem, já que não temos Ordem, fizessem um exame à Ordem dos Biólogos em colaboração com a AMBIOQ, para poder obter um certificado.... (Entrevista ANBIOQ)

Outras vezes o papel que as associações científicas poderiam ter e parecem ter tido há décadas, de fornecer pareceres de peritagem, é substituído pela encomenda de estudos a entidades concorrentes como centros de estudos, ou pela consulta a cientistas de forma individualizada, ou ainda a centros de investigação, o que, como observa o nosso entrevistado da Sociedade Portuguesa de Neurociências, não deixa de ser uma forma menos independente de influência:

Na verdade achamos que as sociedades científicas deviam ser, por norma, consultadas pelas estruturas de gestão da ciência. Achamos que ninguém melhor do que as sociedades científicas, representa a comunidade científica. A gestão da ciência em Portugal, normalmente, é feita com recurso a consulta de grupo, cientistas individuais, ou laboratórios de ciência. O que está muito bem mas tem alguns efeitos perversos. Ou seja, digamos que a influência dos decisores diretamente por



grupos de interesse naturalmente e portanto as sociedades científicas aí afirmam-se como completamente independentes. Só representam cientistas. (Entrevista SPNeurociências).

...penso que não acontece desde a primeira metade do século passado, ou seja, a Sociedade fez muitos papéis de opinião e de guidelines para o poder político... (...) os sócios [faziam-no] *pro bono*, como é evidente em serviço da própria Sociedade e do país.... (...) nós temos aí grupos de estudo e mais alguma coisa (...) e nós vemos os nossos governos a pedir pareceres técnicos e a pagarem-nos, e bem, a uma série de grupos de peritagem; e nesse sentido a Sociedade não chamada para isso embora pudesse sê-lo (Entrevista SCML)

A perceção parece ser em boa parte de que os pareceres formulados não têm impacto, ou seja, como diria o senso comum «ficam na gaveta», por não estar institucionalizada, integrada na dinâmica das organizações essa consulta, ou porque os organismos formais simplesmente não funcionam.<sup>16</sup>

Têm as chamadas recomendações, nós fazemos, aliás está a ser feita (...); e esse papel foi enviado para as autoridades, para o Ministério da Saúde, para a Fundação para a Ciência e a Tecnologia; presumo eu que não foi para o lixo (...) e que esteja numa gaveta qualquer (...) é verdade que nós não estamos habituados a uma intervenção poderosa da sociedade civil... (Entrevista SCML)

Gostávamos que houvesse mais algumas [representações em conselhos] e não há. O Conselho Nacional do Ambiente podia ser mais alargado e outros temáticos, por exemplo o da caça, acho que era importantíssimo, porque cada vez que sai uma Portaria anual da caça temos que fazer queixa à Comissão Europeia; acabamos por ganhar todos os anos, são coisas que podem ser evitadas com diálogo e podíamos participar mais. (Entrevista SPEA)

Já temos sido convidados mas os órgãos consultivos em Portugal funcionam muito mal. (...) somos do Conselho Superior de Estatística, (...) do Conselho Consultivo da Educação... são esses grupos assim e não fazem nada, não é? Portanto não é por aí. (Entrevista APDSI)

Para além dos organismos formais de consulta, outros procedimentos são por vezes necessários para as associações científicas se fazerem ouvir. As associações científicas podem exercer influência ao nível da sua área de especialização<sup>17</sup> ou na defesa dos interesses do seu sector, designadamente da ciência, como sucede por vezes com as associações ditas profissionais de cientistas que fazem pressão junto dos decisores políticos no que respeita a política de contratação e o orçamento para a ciência e o ensino superior. Estas formas de pressão nem sempre são evidentes mas podem traduzir-se por exemplo num pedido de uma audição parlamentar. A estas formas de influência menos transparentes chamámo-lo de *lobby*. Se o termo em Portugal ainda causa alguma resistência, o seu uso a nível europeu por exemplo já é corrente e

<sup>16</sup> Sobre a escassa presença das associações científicas em órgãos consultivos vide Marques 1996.

<sup>17</sup> Por exemplo, sobre o papel político das associações científicas ligadas à conservação da natureza vide Scott, Rachlow e Lackey 2008; sobre saúde vide Vesiraki 2008.

pacífico, existindo de resto um registo comunitário para o reconhecimento desse estatuto às organizações da sociedade civil.

O sinal da estranheza que a palavra lobby suscita é-nos dado numa das entrevistas. Para uma das associações científicas, a palavra pressão associa-se a uma capacidade de sanção que só os sindicatos têm com as greves, por exemplo, pelo que prefere falar em influência:

Mas, pois, eu não gosto muito do termo “pressão”, mas se quiser dizer “influência”, sim. Eu penso que sim, se calhar nós tentamos exercer influência, sim. Porque pressão, por exemplo, eu associo mais pressão do ponto de vista por exemplo de um Sindicato, que tem no fundo meios de exercer pressão, por exemplo a greve ou protestos, ou o que for, não é? Nós, como não fazemos isso, não temos esses meios de... (...) E portanto a nossa atividade é mais de diplomacia e influência, mais do que de pressão. (Entrevista ANICT)

No entanto, tal como qualquer entidade associativa, a via judicial também é possível, mas a ela só o sindicato entrevistado parece recorrer:<sup>18</sup>

Depois temos estado numa outra intervenção mais a nível judicial, ainda recentemente fizemos uma queixa sobre um regulamento que contratou 200 voluntários da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa que depois acabou por reconhecer a própria Faculdade através do seu Diretor que o regulamento deveria ser revogado e acabou por recuar o que foi um passo importante nesta batalha contra o voluntariado no Ensino Superior. (Entrevista SNEsup)

O lobby parece ser praticado, ou pelo menos admitido como um instrumento para a ação enquanto associação científica, por outros entrevistados:

...mas digamos que aquilo tudo o que se faz tem com certeza dividendos eu diria muito altos mesmo aquilo que pode parecer nada de muito mediático ou extraordinário eu penso que as coisas menos mediáticas são até as mais efetivas, eficientes, por exemplo conversas com pessoas que possam à partida não estar sensibilizadas; portanto cada membro da AMONET que dedique um quarto de hora a conversar com uma pessoa que não estava ciente do problema e em relação à qual lhe pode explicar e demonstrar e apresentar algumas estatísticas o problema, eu penso que isso é capaz de ter um impacto maior do que se calhar alguma ação mais mediática, é isso que é preciso: é consciencializar as pessoas para que comecem a empenhar-se e eu volto a dizer que esse empenhamento tem que depois ficar incorporado a nível transversal em tudo o que se faz, nas instituições universitárias, académicas a todas as estruturas que estão ligadas ao poder, isso é possível eu acho em parte, não é só mas quer dizer é uma componente muito importante é de facto essa aproximação “*bottom-up*” de começar nas pessoas, são as mulheres e os homens não é só as mulheres, as mulheres e os homens que reconhecem a situação e estão dispostos a empenhar-se, nem que seja só um bocadinho para mudar a situação. (Entrevista AMONET)

---

<sup>18</sup> Sobre a ação dos sindicatos do ensino superior noutros países, vide Lawless 1981, Penner 1994, Ponack, Thompson e Zerbe 1992, Rhoads e Rhoads 2002 e 2005, Lafer 2003, Magney 2006.



De facto, uma das coisas que nós já há muito tempo andamos a falar, é tentar fazer pressão para que o IVA na Ciência não seja tão elevado, como acontece noutros países da Europa, que os bens têm um determinado IVA, mas tudo o que é para Ciência tem um IVA mais baixo, isso acontece em França, Espanha, Inglaterra, EUA, montanhas de sítios. Em Portugal, pagamos o IVA normal e uma das coisas que podíamos tentar fazer era essa campanha de baixar o IVA para a Ciência. Mas lá está, nunca fizemos isso porque mais uma vez é preciso que alguém... Na altura até nós pedimos para que uma rapariga que começou a trabalhar com a Maria Mota para começar a fazer um levantamento de quanto é o IVA nos outros países da Europa, ela até fez esse levantamento, só que pronto, depois é preciso que alguém se chegue à frente e que torne esses números numa coisa mais real, não é? O que é facto é que nunca fizemos isso, nunca quisemos, acho eu, ser políticos nesse sentido. Não somos uma Associação de defesa dos direitos dos cientistas ou o que seja. O nosso papel nunca foi... nunca quisemos fazer isso, nunca foi esse o objetivo, nunca apoiámos nenhum partido. (...) Quando eu estava a dizer que queríamos fazer ações com os políticos, não era... de certa maneira é uma ação de lobby, não é? Sim, na verdade é. Mas não era para influenciar esta ou aquela política, era mesmo chamar-lhes a atenção ou fazer-lhes acreditar que a ciência é uma coisa importante na sociedade. Porque nós achávamos, achávamos não, tínhamos a certeza: eles não eram cientistas, achávamos que ela comissão devia pensar em assuntos de ciência, não podia pensar em assuntos de ciência, porque eles não eram cientistas, não faziam a mínima ideia. Era um bocado mais nesse sentido. Mas de certa maneira, também é lobby, de facto. (Entrevista AVaC)

Há, no entanto, consciência de que há alturas em que é importante e possível agir, ou seja, nem sempre é adequado. A conjuntura em que vivemos por exemplo parece ser considerada como uma má ocasião para se fazer pressão por várias associações entrevistadas:

Não, não tem sido preciso.... (...) também estamos numa época má, não é, em termos políticos... (...) Temos de escolher as alturas... (Entrevista SPNeuro)

Fazer pressão também requer recursos, entre os quais tempo. Importa persistir e raramente será um processo com um sucesso imediato pelo que pode atravessar várias legislaturas pressupondo um reinício de contactos sempre que muda o Governo ou outros interlocutores chave. A proximidade dos decisores políticos parece ser fundamental:

Agora, e é engraçado, e não estou a falar em termos políticos, tínhamos já uma boa ligação com o Ministério da Agricultura anterior, agora com este temos de começar, isto é o recomeçar outra vez. Mas é importante e agora na última reunião que tivemos do conselho consultivo eles disseram exatamente isso, que era bom que a APH aparecesse nos corredores do ministério, e conseguimos com o anterior ministro e agora vamos ver. (Entrevista APH)

Sim, houve contactos com os partidos que levaram a que tivessem sido, em Dezembro do ano passado, apresentadas propostas de lei para alterar o Estatuto. Depois não foram aprovadas. E essas propostas foram muito baseadas na proposta que a ABIC fez. Depois a concretização depende dos partidos que estão no poder e ao interesse de vários partidos. (Entrevista ABIC)



Conclui-se também de algumas entrevistas que os recursos remetem para ausência de recursos humanos, da sua disponibilidade e de condições para suportar o trabalho associativo. O cruzamento de redes sociais, por exemplo, pode ser importante no acesso ao poder como revela a Sociedade Portuguesa de Química:

...nesta última legislatura tivemos um deputado que era químico, que era do PSD, mas para nós não nos interessava o partido, era químico e portanto era um contacto importante. Nós agora já, penso que da próxima vez já não vais estar. (Entrevista SPQ)

Mas sim, a parte lobby político era uma das coisas que a SPEA gostava de conseguir, e isso exige recursos, que também não conseguimos... apesar de eu achar que os temos cá dentro, não conseguimos dispensá-los de repente para isso, tudo isso tem de ser com mais tempo. (Entrevista SPEA)

Nas entrevistas transparece a noção de que vivemos também num país pequeno onde a comunidade científica acaba por se cruzar nas várias instituições pelo que é natural a consulta às associações:

...para avaliar bolsas para o painel da Química não é por ser Presidente, nem é por ser docente nem é por ser investigador é um bocado tudo ao mesmo tempo, porque dentro do meu currículo eles reconheceram capacidade para o fazer portanto se é verdade que as Sociedades não têm ligação direta formal institucional às agências governamentais também não deixa de ser verdade que as pessoas que lá estão, por uma via ou por outra acabam por ter, se quiserem acabam por ter eco junto da FCT. As Sociedades em si, por si não têm mas também não é, também não vamos dar ideia que isto são dois mundos completamente separados que nunca se encontram, no fundo as pessoas são sempre as mesmas têm é ...vestem várias roupas não é? Vestem várias roupas mas enfim a comunidade é sempre a mesma. (Entrevista SPB)

Há assim evidência de ações de pressão com sucesso:

Temos feito uma série de *démarches* para fazer chegar esta informação aos... aos diferentes meios sociais e políticos. Houve um contacto grande com (...) os agentes políticos nos últimos, sei lá, 7-8 anos e que se saldou numa ...recomendação que foi feita agora e aprovada na Assembleia da República (... uma série de recomendações aprovadas por unanimidade por todos os partidos em que se define no fundo uma política para atacar o problema sísmico... (...)) Foi um processo muito longo (...) pedimos reuniões diversas com deputados, comissões de obras públicas, com... membros do Governo... (...) ... eventualmente poderia acontecer que, digamos, na formação desse tal grupo de trabalho, que se viesse a criar, que a SPES fosse ouvida ou.. nós já nos dispusemos, digamos, à disposição de quem... porque, porque, ali, essa recomendação é uma recomendação ao Governo, portanto, o Governo é que deveria tomar iniciativa para avançar com essa criação. Claro que as coisas não andam assim, é preciso empurrar, não é, e portanto a SPES tem muito aqui a função de promover, de fazer lobbying, desculpe o termo: de chatear, não é, para que as coisas andem para a frente. É muito isso. E portanto, sempre que pode, sempre que há um sismo, faz um pouco de lobbying nesse sentido e para mostrar a situação que nós temos que... que... que... não é uma situação brilhante se tivermos um sismo – como já.... eu creio que isso é publico – mas no sentido de



criar condições para que se possa, se possa avançar, e portanto, a SPES tem também escrito cartas ao poder público, ao governo, a dizer o que é que se pode fazer, mesmo em situações de crise onde não há dinheiro mas há pequenas coisas que podem ser feitas, e portanto, nós tentamos sempre que possível dar alguma coisa para tornar esse assunto um pouco mais fácil de (Entrevista SPES)

E temos contactos e conhecimentos, atuamos a nível das reuniões com ministérios, com institutos públicos. Quando há algum assunto, sabemos a que portas bater, levamos documentos fundamentados e tentamos sempre defender os nossos pontos. E na maior parte das vezes acaba por ter algum efeito. (Entrevista SPEA)

Seguramente que tem, repare, há muita coisa que nós viemos a defender que foi acontecendo. Nós entregamos regularmente trabalhos na assembleia da república, aos diferentes grupos parlamentares, enviamos quase todos os nossos estudos do presidente da república aos membros do governo que faça sentido e isso vai de algum modo influenciando. (Entrevista APDSI)

O facto de já virmos alertar para estes problemas há algum tempo, já vem... a forma como somos recebidos já é um bocadinho diferente. Já há algumas propostas da ABIC, embora não seja assumido, mas que mais tarde depois vêm a ser, vêm a ser usadas como... (...) A ABIC tem vindo a defender pelo menos a transformação dos bolseiros de Pós-Doutoramento em contratos e quando, quando foram criados os contratos de Ciência, foi de certa forma já um transformar estes pós-docs em contratos de trabalho, tal como a ABIC tinha reivindicado... (...) Há outra altura positiva, que agora me lembrei, que foi, mas foi uma alteração pequena, isso foi no Concurso de Bolsas de 2009 que o prazo para entregar as candidaturas era 1 de Setembro e a ABIC alertou que era complicado para os bolseiros terem os orientadores disponíveis para entregar a candidatura naquela data e então foi possível alargar um pouco o prazo, e também a questão dos bolseiros já terem terminado o doutoramento, no caso dos bolseiros pós-doc que tivessem terminado o doutoramento até dia 1 de Setembro também foi, foi alterado ligeiramente o Regulamento para permitir que os bolseiros pudessem participar no Concurso. (Entrevista ABIC)

Bom a nossa primeira grande, grande esforço, digamos, aliás com bons resultados, foi trabalhar na criação de uma carreira de investigação, essa carreira a que hoje se chama o Estatuto da Carreira de Investigação Científica e que surgiu em 1980, depois sofreu alterações e tal...; portanto nós demos uma grande contribuição para isso, foi na altura em que os poderes públicos ainda ligavam digamos à ralé, coisa que hoje já não acontece, a não ser com os *boys* (Entrevista OTC)

E também casos de insucesso persistente, como sucede com a Associação Portuguesa de Sociologia ou com o único sindicato entrevistado:

Diria que globalmente sim, aquilo em relação ao que temos tido uma grande dificuldade tem sido com as habilitações para o ensino secundário, bom, isso aí penso que temos fracassado sucessivamente. (...) [Mesmo com uma socióloga no Ministério da Educação?] Penso que é o menos recomendável ainda, não pela pessoa em causa, mas acho que fica ainda mais difícil convencer os próprios colegas, provavelmente para não se sentirem, teria mais resistência a ceder a lobbys provavelmente. (...) ...faz parte daquilo que está nos nossos Estatutos, nas nossas obrigações, e



portanto isso consta dos nossos programas de candidatura sistematicamente, consta da nossa linha de atividade, que é pedir audiências à tutela e expor pela enésima vez a questão, mas francamente não temos sido bem sucedidos dentro desse ponto de vista. (Entrevista APS)

Com o Ministério não temos tido tanta simbiose, eles estão muito apagados, talvez voluntariamente afastados do diálogo conosco, nós no entanto já temos colocado o problema. Ainda há cerca de três meses fizemos um pedido de audiência conjunto com o Ministério com a ABIC e com a FENPROF sobre este assunto especificamente; até ao momento não recebemos qualquer resposta por parte do Ministério (...) Daquilo que eu conheço pelo menos nestes últimos tempos, sempre tem existido esta resistência, houve uma maior abertura ao diálogo, quando da questão dos Estatutos e da revisão do Estatuto da Carreira quer Técnica, quer Universitária, mas talvez por imposição legal (...) no fundo gerou-se ali uma abertura para se poder discutir alguns dos problemas que o Ensino Superior vinha vivendo mas a partir desse momento, a partir do momento em que terminaram essas negociações e que no nosso caso particular não chegámos a acordo com a proposta que o Ministério nos apresentou e não assinámos depois esse acordo sentimos que os ânimos arrefeceram que não houve uma correspondência às nossas solicitações perante o Ministério. (...) ... houve um esforço para reforçar a competitividade da Ciência da Investigação em Portugal e de isso é bom, agora muitos desses investigadores cada vez mais quando estão ligados a Instituições de Ensino Superior têm, sobretudo em programas de terceiro ciclo estão a ser cada vez mais desviados das atividades da investigação científica para, ou quando não são têm que continuar a fazer uma coisa, mas fazer também outra, essa é algo que também nos preocupa, algo sobre o qual nós gostaríamos muito de falar com o Ministério mas a receptividade para responder à pergunta, a receptividade do Ministério é nula, é inexistente (Entrevista SNEsup)

Os alvos de pressão não passam só pelos decisores políticos nacionais, como demonstra o caso da APS, que se uniu a outras organizações estrangeiras aparentemente sem alvo concreto mas com um claro intento de contrariar a tendência da hegemonia das publicações científicas em língua inglesa:

...colaborámos com a ESA, a Associação Europeia. A Associação Europeia convidou as Associações Nacionais em Outubro para uma grande reunião, aliás muito interessante, em Paris; participaram 23 Associações de Sociologia e portanto o pretexto enfim, a ideia era não só um interconhecimento entre as Associações, mas também estudar algumas ações comuns entre as Associações e a ESA, foi feito também um memorando nessa reunião onde justamente se insistia também num reconhecimento das publicações em Sociologia nas línguas nacionais (Entrevista APS)

Os alvos do lobby podem ser o Governo, parlamentares ou organismos públicos como a fulcral Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) no âmbito da política de ciência:

Eu acho que com a FCT temos tido uma relação bastante, bastante estreita, e sabemos que já houve várias, várias propostas nossas que foram de facto adotadas pela FCT, portanto eu acho que temos tido algum impacto. Do ponto de vista das, de diálogo, por exemplo com as Universidades e com os Laboratórios, também penso que temos algum. Apesar de que aí as coisas já são um bocadinho mais difíceis de avaliar (...) aquilo depois tem que passar pelos canais apropriados, tem que ir ao Senado,



tem que ir a não sei... Portanto aí, depois, como as coisas têm um processo bastante mais demorado, para já ainda não conseguimos avaliar qual o grau de impacto que podemos ter. Com a FCT não, é muito mais simples, não é, as decisões são tomadas quase logo ali, não é. “Isso é uma boa ideia, vamos falar com as pessoas, e ver se se pode implementar.” (Entrevista ANICT)

Sim, com o Ministério temos tentado, ainda assim, sempre que possível, sempre que os assuntos possam ser necessários discutir, fazemos aquilo que nos compete que é enviar as nossas posições a solicitar esclarecimentos ou reuniões; mas temos também privilegiado outro tipo de contactos com a Assembleia da República nomeadamente com a Comissão Parlamentar de Educação e Ciência, mas também com os Grupos Parlamentares. (...) ...junto da Comissão Parlamentar de Educação e Ciência procuramos ter um acompanhamento muito próximo de tudo o que tem a ver com a vida dos investigadores, o que tem a ver com programas de financiamento, fazemos também intervenções junto da Fundação para a Ciência e Tecnologia quando isso é necessário... (Entrevista SNESup)

Os assuntos que suscitam ações de lobby podem ser muito concretos, como se verifica com a ABIC, alguns chegam a ser colocados nos programas de atividades (vide Scott, Rachlow e Lackey 2008), de acordo com o entrevistado da APDSI, outros ainda remetem para processos mais longos e complexos como a constituição de uma Ordem profissional, exemplo de que nos dá conta a ANBIOQ:

Às vezes colocamos no programa de atividades. Tanto que estava aqui no programa de atividades uma iniciativa que se transformou num manifesto sobre o artigo 35º da Constituição Portuguesa. (Entrevista APDSI)

Nós aí, o nosso plano, se houver essa transferência, ou essa mudança para Ordem, e é essa a vontade dos associados, vamos ter que insistir mais nessa tecla, obviamente, e ter que ampliar, melhorar, otimizar a nossa relação com o estado e comunicar mais e melhor com eles, portanto ai, se passarmos para a ordem essa transição também está implicada. (...) Portanto, na área de saúde, o Ministério da Saúde recorre muito em Portugal às Ordens para regulamentar os profissões. E os bioquímicos que se estão a, cada vez mais, ampliar, em número nas áreas da saúde, veem-se um pocado preocupados, atrapalhados as vezes, para...[serem ouvidos]. (...) Embora nós não queiramos ou não achamos que seja necessário constituir uma Ordem, as vezes os colegas vem com o argumento de que de outras maneira será muito difícil termos essa representação legal e institucional (Entrevista ANBIOQ)

Um dos fatores que pode também explicar o fraco poder de lobby e de participação das associações científicas nas políticas públicas é a sua pulverização e a ausência de uma federação ou associação agregadora, como a FEPASC tentou ser em tempos (Gonçalves 1996) e à semelhança da American Association for the Advancement of Science (Teich 2002, Barke 2003) ou da COSCE em Espanha (Guinovart 2009).

#### 4.5 Apoio profissional

As associações científicas proporcionam aos seus sócios um conjunto de serviços que podem ser agregadas sobre o rótulo genérico de apoio profissional: formação e informação, bolsas e prémios, aconselhamento jurídico.

No domínio da formação, os colóquios e conferências, destinados geralmente a públicos com interesses específicos, associados ou não, são promovidos sobretudo por sociedades científicas

...o alvo [eram]de estudantes de medicina, que era trazer figuras de grandes médicos mundiais do Mundo, que tivessem tido uma vida profundamente marcante e influenciante, ou seja gente, médicos cientistas que tivessem contribuído para um enorme avanço da medicina e que a sua própria vida como médicos e cientistas fosse inspiradora de jovens médicos, que foi o ciclo a que chamámos *Ways of life* e que tivemos quatro ou cinco conferências (...) essa gente é rara e que se pretendeu que fossem motivo de inspiração fundamentalmente para os estudantes médicos, repare que ali o alvo era atraí-los e *Ways of life* em boa verdade o que se pediu a cada um deles é que trouxesse a sua experiência o que fizeram muito bem mas foram primorosamente escolhidos, a experiência deles era uma experiência extraordinária. (entrevista SCML)

ou workshops ou seminários; já fizemos sobre resíduos, já fizemos sobre OGMs; fizemos este sobre o LTER, fizemos vários sobre o LTER, sobre qual é a oportunidade ou não de se criar a rede, também isso era mais, portanto sim, também temos alguns workshops que são mais para o público científico. (entrevista SPECO)

Já os cursos de formação, destinados a associados e outros grupos com um interesse específico (investigadores, estudantes, professores do ensino básico e secundário, representantes de empresas ou autarquias) (vide Rilling 1986, Schmink 1988, Alvarez 2007), são promovidos tanto por sociedades científicas

nós já tivemos há três anos salvo erro, até um curso de formação muito sofisticado em que nesta área de medicina genómica organizado por um cientista não médico, cientista do Instituto Gulbenkian de Ciência, José Leal que foi organizado por ele mas até com alguns convidados estrangeiros, ele quis organizar no âmbito precisamente para que aquilo tivesse uma conotação fortemente Médica. (entrevista SCML)

estamos a investir em cursos técnicos e já fizemos duas edições do primeiro curso que foi o *Curso de restauração ecológica de dunas*, que teve uma adesão muito grande por parte de pessoas de autarquias e etc. agora tamos a pensar organizar um outro sobre gestão de habitats urbanos; portanto cursos técnicos, muito vocacionados para a parte de aplicação direta. (entrevista SPECO)

Nós temos um centro para o ensino da filosofia, o CEF (...) as Sociedades são todos centros de formação. Portanto, ter uma bolsa de formadores autónomos e a própria Sociedade cria em colaboração com esses formadores ações de formação, que... solicitando a creditação dessas ações, junto do Ministério. Primeiro a creditação como centro, isso tem que ser tudo... julgá-lo pelo centro... pelo conselho científico e pedagógico da formação contínua de Braga. E portanto, precisamos



primeiro nos justificarmos como centro, e depois desenvolvermos... apresentarmos as propostas das ações. (...) Eu vou contactando as pessoas, estamos a ganhar uma bolsa de formadores que nós queremos que seja de melhor qualidade possível, portanto, incluindo pessoas universitárias. (entrevista SPFilosofia)

Temos uma carteira de palestras também, e já organizámos ações de formação para professores do secundário. Os nossos encontros – também tínhamos um encontro de ensino de divulgação da química, tínhamos sempre muitos professores do secundário, mas atualmente temos muito menos porque o ministério já não reconhece essas idas como formação dos professores (entrevista SOQ)

#### como por associações profissionais

na Conferência anterior também se tinha realizado esse [curso], esse sobre currículos, e achamos que faz sentido, até porque a Conferência agora tem tido uma componente também de Feira de Emprego e acho que faz sentido então também fornecer aos participantes da Conferência uma ferramenta de “como procurar emprego”, mas especificamente na área científica, portanto tem características diferentes (...) e achamos que esse é um ponto que seria muito importante para reforçar o emprego científico em Portugal. Posso dizer-te que neste momento estamos a discutir as questões do empreendedorismo e se poderemos participar na organização de cursos de empreendedorismo para bolseiros ou mesmo na divulgação de cursos, dos cursos já existentes. Achamos que também é um, é um conhecimento importante no contexto. (entrevista ABIC)

Acho que lhe posso chamar E-Learning ou formação online, na área da bioquímica clínica. Porque é típico haver cursos para por exemplo desenvolvimento de uma determinada técnica com metodologia de laboratório, haver cursos online. Portanto as ferramentas de aprendizado são lançadas, em formato PDF ou a traves de documentos. E é suposto os inscritos lerem os documentos e obterem a informação complementar, e depois responderem a perguntas. Portanto nós nesse âmbito da bioquímica clínica já estamos a funcionar como uma plataforma de E-Learning. (entrevista ANBIOQ)

#### como por associações de divulgação científica

O Nuclio neste momento é responsável por um programa de formação de professores a nível Mundial que é chamado Galileo-Teacher Training Program (entrevista Nuclio)

fazemos cursos de identificação de aves, cursos de ornitologia, cursos de identificação pelo canto. De vez em quando aparece um sócio com uma ideia de fazer um curso com uma ideia diferente, apareceu há tempos alguém que via as características dos ossos das aves e como identificar as aves pelos ossos, quando se vê restos de aves mortas, aí teve uma adesão bastante grande, foi engraçado, um tema que não nos tínhamos lembrado, um curso cheio de gente para assistir. Geralmente esses cursos fazemos 5, 6 por ano, de identificação de aves, e são concorridos. (entrevista SPEA)

posso dar o exemplo de um ciclo de workshops que temos este ano, exclusivamente dedicado aos sistemas de informação geográfica (...)ficámos extremamente surpreendidos quando vemos que a maior parte dos participantes eram técnicos nas Câmaras Municipais. Inclusive, vieram do Minho, para terem este tipo de formação, e nós este ano pensámos em de facto aumentar a oferta, mediante os sistemas de informação geográfica, vários tipos de bases de dados, para nós também é vantajoso,



porque os acordos que nós fazemos com as entidades formadoras é que permitam uma ou duas pessoas internas, neste caso temos acesso a formação gratuita, ganhamos sempre know how, isso é extremamente vantajoso para nós.(...) O ano passado, tivemos depois algumas formações mais terrivelmente técnicas, desenho arqueológico, das técnicas de preparação em laboratório para a paleontologia, incidimos muito na questão da segurança (...) damos também algumas formações na área cultural, esta sim, já vemos que há uma grande confluência de pessoas de diversas áreas. Sobre financiamento de projetos culturais, demos o ano passado, este ano temos o desenvolvimento desses mesmos projetos culturais, está na segunda fase, que é dado pelo Rui Matoso, e tem sido talvez dos que tem tido mais afluência de participantes. Temos pessoas ligadas a Associações, pessoas ligadas a outros sectores culturais, como o teatro. (entrevista ALT-SHN)

na parte de formação de professores, tivemos algumas atividades de formação de professores em Timor Leste (...) A linha quatro também esteve ativa, tivemos uns cursos de formação em Luanda, de certificação, que atraiu não só académicos locais, como pessoas das ONGs ambientais, etc., funcionários, não sei o nome, mas o equivalente ao Ministério do Território, etc. Foi um projeto que chamamos financiamento Robin dos Bosques, foi o Prof. Amílcar Soares, aqui do Técnico, foi lá fazer um projeto de formação para as petrolíferas, pagaram, o curso que ele deu, e depois ele aproveitando esse pagamento, ficou mais 2 ou 3 dias e deu este curso gratuito para académicos, para pessoas de ONGs (entrevista SiW)

Um outro instrumento ao alcance das associações para a disseminação de informação científica são os centros de documentação e bibliotecas (Rilling 1986; Schimank 1988). Porém, a maioria das associações científicas não dispõe deste tipo de estrutura. No caso das que possuem biblioteca ou centro de documentação (sobretudo sociedades científicas disciplinares), o seu acervo consiste em livros e publicações especializadas

termos uma biblioteca dedicada à História Natural e à paleontologia, cerca de 800 livros, algumas revistas, que são 800€ em subscrição por mês, anual. E temos desde 1980, até 2010 a revista e vamos manter a subscrição, é uma revista que não existe cá em Portugal, então é colmatar de certa forma um pouco das falhas que existem a nível da paleontologia, colmatar algumas falhas com as universidades, que possam ter. (entrevista ALT-SHN)

revistas obtidas através de acordos de permuta

Nós tínhamos uma, nós inicialmente era no museu, era na politécnica, e tínhamos um local na, no museu e história natural, no jardim botânico, em que tínhamos muitas revistas, etc. entretanto mudámos a sede para aqui, porque quando a faculdade de ciências mudou para aqui era pouco prático manter lá a sede, e aqui temos a partilhar um gabinete pequeno com outras associações – o que reduz a capacidade de espaço – e também como a nossa revista deixou, foi descontinuada, as nossas revistas foram descontinuidas, digamos que aquela permuta de, de revistas acabou por se ir esvaziando, e agora recomeçou outra vez, pronto, com a , com a revista de ecologia online, porque há a possibilidade sempre de produzir um PDF, da revista que nós enviamos, PDF esse que nós enviamos, por exemplo, temos uma mailing list e que enviamos. E portanto já retomámos, já existem



outra vez revistas a pedirem-nos para fazer intercâmbio e portanto, esse centro documental (entrevista SPECO)

#### teses de mestrado e doutoramento

Houve uma altura que fizemos aqui um projeto que envolvia a questão multimédia e coisas do gênero, e arranamos até um financiamento para fazer uma recolha de dissertações de mestrado e teses de doutoramento feitas em Portugal na área, e portanto ficamos com um repositório de dissertações e teses. Aproveitando também uma dinâmica aqui na Universidade do Minho com uma repositório institucional, pegamos em todas as publicações das conferências e da revista e criamos um repositório. Passamos a ter aqui um acervo de publicações digitais na área interessante que colmatava a falta de acesso que havia a essa documentação. (entrevista APSI)

#### e espólio histórico

a Sociedade vai fazendo é precisamente a manutenção e o tratamento dos espólios de antigos sócios, que cedem, alguns preciosos e que também até aí têm sempre cá está nós recorremos sempre às fundações, especialmente à Fundação Gulbenkian que financia uma coisa que é uma coisa com começo e fim, porque se não fosse a Fundação a gente não fazia, porque não tínhamos dinheiro, mas nesse sentido temos muita proteção precisamente porque há um valor histórico a manter e acaba por ser um repositório muito importante para as própria a história da medicina a história actual (entrevista SCML)

não temos um acervo assim muito rico mas temos algumas publicações, para além das nossas, e livros antigos, também temos alguma coisa. (entrevista SPQ)

Os prémios e bolsas são uma forma de apoiar financeiramente a investigação científica e estimular a adesão às associações (são geralmente reservados a associados), mas também de conferir prestígio e reconhecimento simbólico aos investigadores<sup>19</sup>:

a Sociedade dá subsídios digamos assim, que podem ser pedidos por exemplo um investigador jovem quer ir a um Congresso a um sítio qualquer do Mundo, pode pedir apoio à Sociedade Portuguesa de Bioquímica e aqui nós damos um apoio limitado com determinado numero digamos 250 euros, 250 euros não é muito mas pode fazer a diferença, pode fazer a diferença entre um determinado jovem em início mesmo conseguir chegar a Londres e apresentar o seu trabalho ou não conseguir, isso pode fazer toda a diferença e essa primeira participação num Congresso internacional por exemplo é muito catalisadora, as pessoas podem-se entusiasmar muito com isso, mas portanto o facto de nós darmos subsídios e bolsas, e obviamente só o fazemos aos sócios, para quem está inscrito, e isso funciona também como um elemento que estimula as pessoas a serem sócios. (...) no Congresso do Porto esta empresa de multimédia “Take the Wind” patrocina um prémio e nós abrimos um concurso, para os sócios que quisessem, ou quem quisesse submeter para apreciação de um produto multimédia que

<sup>19</sup> “O seu controlo de um sistema de recompensas de alcance disciplinar torna a Sociedade [Alemã de Química] um ator indispensável, mesmo que indireto, no ciclo de reprodução do trabalho científico” (Rilling 1986: 250)



depois era avaliado e era atribuído o prémio, vá lá, depois um grupo participou e ganhou é o que tem o filme muito bem feito sobre milóides está no canal do Youtube. (entrevista SPB)

SPECO tem um prémio que normalmente é um prémio que é dado nos encontros anuais, e que tem três critérios, portanto: tem que ser um membro estudante; tem que ser sócio da SPECO, obviamente; e tem que ter qualidade no trabalho que ele apresenta. A ideia é promover de facto a qualidade nos trabalhos e simultaneamente promover a integração dos estudantes na sociedade (entrevista SPECO)

A importância desses prémios é o reconhecimento que as pessoas têm pelo seu trabalho científico; às vezes pode não ser exatamente científico, pode ser um trabalho em prole dos químicos e da química em Portugal. (entrevista SPQ)

a Sociedade das Ciências Médicas tem sempre os prémios tem uma parceria com os Laboratórios Pfizer desde há 50 anos que tem sido uma relação excelente, tem dado uma contribuição muito importante para a investigação médica e essa contribuição, claro que quem a paga do ponto de vista monetário são os Laboratórios Pfizer mas quem lhe dá prestígio é a Sociedade de Ciências Médicas e de facto o grande prestígio que os prémios Pfizer têm deve-o, total e exclusivamente à Sociedade de Ciências Médicas desde há 50 anos, portanto cá está como rigor na avaliação dos projetos, avaliação dos projetos cuidadosa, baseada exclusivamente no critério mérito e é isso que foi a pouco e pouco tornando o prémio Pfizer num prémio merecido pelos melhores investigadores o melhor prestígio (entrevista SCML)

Os prémios e bolsas são exclusivamente conferidos por sociedades científicas disciplinares, maioritariamente na área das ciências da saúde.<sup>20</sup> Porém, também se encontram noutras áreas científicas, como a química<sup>21</sup> ou a filosofia<sup>22</sup> e numa das associações de divulgação científica.<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> Por exemplo, a SPNeurologia concede a Bolsa “Egas Moniz” de Apoio ao Internato de Neurologia (para estágios realizados fora do país durante o internato de Neurologia), a Bolsa “Nunes Vicente” de Neuroepidemiologia (para investigação epidemiológica), a Bolsa de Investigação Clínica em Doenças Neuromusculares (para investigação clínica), o Prémio “António Flores” (trabalhos apresentados na reunião da SPNeurologia na forma de cartaz/poster ou comunicação oral breve), o Prémio “Corino de Andrade” (trabalhos originais apresentados nesse ano nas reuniões da SPNeurologia na forma de comunicação oral alargada), o Prémio “João Alfredo Lobo Antunes” (trabalhos apresentados em reuniões internacionais por sócios) e o Prémio “Orlando Leitão” (casos clínicos ou pequenas séries, apresentados em cada reunião da SPN, patrocinado pela Biogen Idec). Fonte: [www.spn.pt](http://www.spn.pt)

<sup>21</sup> A SPQ confere o Prémio Ferreira da Silva (destinado a homenagear químicos portugueses cuja atividade científica seja particularmente proeminente ou que tenham contribuído de forma especial para o desenvolvimento da Química no País), a Medalha Vicente de Seabra (para premiar um trabalho de investigação em Química desenvolvido em Portugal por um investigador de idade inferior a 40 anos), o Prémio Alberto Romão Dias (trabalhos na área da Química Inorgânica e Organometálica), o Prémio Luso-Espanhol de Química (em conjunto com a Real Sociedad Española de Química) e o Prémio Químicos Jovens (que premeia a divulgação científica feita por jovens com menos de 35 anos, que concluíram o doutoramento nesse ano e sejam sócios). Fonte: [www.spq.pt](http://www.spq.pt)

<sup>22</sup> Prémio de Ensaio Filosófico da Sociedade Portuguesa de Filosofia, patrocinado primeiro pela Fundação Calouste Gulbenkian, depois pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia



Por outro lado, os prémios contribuem também para aumentar a visibilidade das associações. Por exemplo, a cerimónia anual de entrega de prémios da SCML decorreu em 2011 na Aula Magna da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e contou com a presença do diretor da Faculdade, da Secretária de Estado da Ciência, do Ministro da Saúde, e de uma representante da “maior empresa biofarmacêutica do mundo”, que os patrocina. Depois de discursos mutuamente laudatórios e da apresentação breve dos trabalhos científicos premiados, foi encerrada a sessão com um “porto de honra”.<sup>24</sup>

Outras formas mais raras de apoio proporcionado pelas associações científicas (sobretudo associações profissionais de cientistas), são as bolsas de emprego

O que fazemos também, nós temos aquela secção da oferta de emprego, não é emprego, é trabalho, e colaborámos já em duas situações uma com o Ministério da Administração Interna e outra com o INE para recrutamento de pessoal para ações que eles precisavam com base exatamente nas pessoas que se inscreviam, portanto que estão nessa bolsa e no INE até foi mais alargado foi uma Bolsa geral a própria recolha das candidaturas, organização daquilo tudo em ficheiro e envio para o INE. (entrevista APS)

os estágios profissionais

e achamos que é uma carência no país, nós achamos que as vezes os licenciados tem alguma dificuldade por um lado em criar o seu próprio negocio. E por outro lado em encontrar oportunidades de emprego. Portanto o que nós resolvemos fazer foi uma rede de transferência de conhecimento através dos próprios licenciados. Uma rede de estágios profissionais, que está também a começar, a qual os licenciados podiam aceder. Nós temos já preparadas várias propostas em termos de estágio, científico, obviamente, mas em meio acadêmico, em meio empresarial, portanto temos já varias propostas, tanto aqui da unidade de investigação do Biocamp como de diversas universidades, portanto, universidade de Coimbra, universidade do Porto, já aceitaram colaborar, no Minho... Portanto pertencer a rede a qual os licenciados iriam então aceder, inscrever-se numa determinada área para um estágio profissional, e depois no meio real, fazer investigação, na academia, na empresa, ou já no laboratório de análises (entrevista ANBIOQ)

e o apoio jurídico

em termos do apoio jurídico ou de aconselhamento jurídico, nós temos vários advogados especializados mas muitas vezes as questões que nos colocam não são propriamente do foro jurídico, são quase procedimental. Por exemplo, nós dentro da Direção também temos essa preocupação em ir respondendo aos colegas que nos fazem perguntas, umas que são contratuais, outras são de relacionamento com a Instituição. Por exemplo, quando nós percebemos que os Estatutos da Carreira Docente Universitária iam ser negociados e ao mesmo tempo o Estatuto de Educação Científica ia ficar para trás, procurámos incluir no Estatuto da Carreira Docente que tivessem a ver

---

<sup>23</sup> A AVaC atribui o Prémio Simbiontes para financiar investigação na área da oncobiologia, o Prémio Ciroestaminal para a área das ciências biomédicas e o Prémio Citomed para a imunologia (já descontinuado).

<sup>24</sup> Diário de campo, 17 de Novembro de 2011.



com o trabalho dos Investigadores, por exemplo os direitos de propriedade os direitos de autor (entrevista SNESUP)

#### 4.6 Atividades de I&D e Transferência de Conhecimento

Pese embora muitas associações enunciem entre os seus objetivos a promoção da investigação científica ou tecnológica, muito poucas são as que, de modo direto, participam ativamente em projetos de pesquisa. Nalguns casos tal envolvimento não será sequer perspetivado como relevante no quadro da missão das associações; noutros ele tenderá a revelar-se difícil ou inviável; noutros ainda ele será mesmo equacionado como menos desejável, já que poderia significar algum tipo de concorrência face a outras instituições científicas ou alguma perda de independência nas posições assumidas pela associação.

A SPECO tem uma característica... Há muitas sociedades que executam trabalhos de investigação, estudos de impacto ambiental, etc. Nós, desde o princípio, assumimos uma postura que pretendemos que seja o mais isenta possível, e portanto, tomámos a decisão de não participar em estudos de impacto ambiental, e ser uma sociedade científica na aceção estrita da palavra científica. (entrevista SPECO)

No que respeita a esta dimensão de análise, entre as sociedades científicas disciplinares é, porém, interessante destacar o caso da SPECO. Não obstante o facto de esta associação rejeitar, por princípio, envolver-se diretamente em projetos de I&D, nos últimos anos acabou por desencadear esforços importantes no sentido de desenvolver, em Portugal, melhores condições para a investigação continuada no domínio da ecologia (designadamente no que toca à monitorização das alterações registadas a esse nível no país). Tal traduziu-se na promoção de condições (angariação de financiamentos, promoção de parcerias, etc.) para o estabelecimento em Portugal de uma rede de sítios de monitorização ecológica, e sua integração numa rede internacional já existente. Esta iniciativa procurou, assim, criar instrumentos de suporte continuado à investigação (por exemplo, através da possibilidade de obtenção de dados de forma regular e sistemática), estimular a competitividade e o trabalho em parceria entre várias universidades portuguesas, bem como, ainda, promover a incorporação de processos de participação pública na instalação deste tipo de infraestruturas.

[Nesse âmbito] o projeto mais importante foi a implementação da rede LTER Portugal, que é a rede (em inglês) Long Term Ecological Research. É uma rede de sítios que existe a nível mundial, de sítios de monitorização a longo prazo, porque... Digamos, que os financiamentos das atividades de investigação estão muito dependentes dos financiamentos dos projetos, que são normalmente de curto prazo – são três anos – e normalmente é muito difícil a pessoa ganhar um segundo projeto dentro da mesma linha... temos que estar sempre a inovar e a fazer coisas diferentes. O que é certo é



SOCSCI

que, com as alterações que hoje existem no mundo à escala global (sobretudo a nível de problemas ambientais) há uma falha de informação de longo prazo. Temos informação dispersa, quer temporalmente, quer espacialmente, e que não dá resposta às necessidades da sociedade. E existe esta rede, que começou nos Estados Unidos há vinte anos. Depois expandiu-se para a Europa, mais ou menos há seis anos, no âmbito de um projeto europeu (do 6º Programa Quadro), cujo objetivo era implementar ou convencer os países a criar a sua própria rede. E de facto eles conseguiram: em três anos vinte e tal países aderiram, entre os quais Portugal. E, portanto, nós nos últimos três anos estivemos a implementar esse processo em Portugal, foi a SPECO que liderou todo o processo de criação da rede nacional. Nós agora temos uns sítios (começámos por quatro) que foram financiados pela FCT e cujo lançamento oficial vai ser no fim de Julho. (...) A maneira como a rede foi estabelecida nos outros países... (...) Normalmente foram iniciativas de universidades, que acharam que era importante, e que auto-propuseram os seus sítios de investigação como sítios. (...) Bom, nós inicialmente, quando decidimos criar a rede, começámos a fazer workshops com representantes de várias universidades no sentido de: primeiro, saber qual era o interesse que as pessoas viam nesta iniciativa (de se criar esta rede de monitorização a longo prazo); depois, saber que sítios é que as pessoas achavam que seria importante Portugal ter, que tipo de sítios é que podíamos ter. Também se podíamos abrir, digamos, arbitrariamente, atendendo àquilo que as pessoas diziam (“eu quero que seja este sítio”), ou se teríamos de ter uma estratégia mais sustentável, que partisse de sítios que tinham já apoio financeiro consolidado. Mais valia termos menos, mas com uma sustentabilidade a longo prazo... Porque aquilo que nos disseram, tanto nos Estados Unidos como em muitos outros locais, é que esta autodefinição dos sítios leva, em muitos casos, a que não se envolvam verdadeiramente, porque não têm... Como não foram criados numa estratégia de sustentabilidade, (...) não têm protocolos de monitorização estandardizados, é difícil a comunicação entre os sítios... portanto, acaba por existir uma rede muito grande de sítios mas que não estão a funcionar enquanto rede, que é o objetivo a que se propõem. E quando nós fizemos estas reuniões, em que tivemos uma grande adesão – portanto, nós convidámos pessoas de todas as universidades e todas as pessoas disseram que era fundamental para Portugal ter esta rede e que estavam dispostos a colaborar – mas, quando chegámos à parte da definição, “então como é que vamos implementar isto”, foi muito complicado porque rapidamente percebemos que, de facto, quase cada equipa queria o seu sítio e isso traduzia-se numa multiplicidade de sítios enorme. No fundo esta ideia de rede, que também passa pela cooperação entre universidades, não existia. (...) Então fomos ter com a FCT e dissemos: “nós queremos criar esta rede, há uma solicitação internacional para que Portugal crie a rede; e nós achamos que para a rede ter viabilidade futura deve preencher estes requisitos”. Teria de ter sustentabilidade – “precisa de financiamento de base” – o que [uma vez que foi lançado m concurso] os obrigou [às universidades] a colaborar uns com os outros. Deveria incluir logo a dimensão social (...) Os projetos ganhadores têm isso: têm equipas que têm trabalhado em processos de economia ecológica e a parte social, em termos de processos de participação pública. (...) Também dissemos “gostaríamos de ter um painel internacional, para ser absolutamente isenta a seleção dos sítios; achamos que não devemos ir logo para muitos sítios – devemos ir para um número reduzido numa primeira fase – até para pôr a rede a funcionar de uma forma colaborativa, efetivamente. (...) E portanto conseguimos que a FCT acedesse a isto: abriu concurso, fez o painel internacional, houve dezanove propostas, foram selecionados quatro sítios. (entrevista SPECO)



Os restantes exemplos de envolvimento recente, por parte das associações, em projetos que possam ser considerados como vocacionados para a investigação científica encontram-se em entidades que, no âmbito do presente relatório, se consideram como associações de divulgação.

A SPEA tem vindo, de forma continuada, a desenvolver iniciativas de recolha regular de dados no território nacional (no caso, “sensos de aves”). Para além do seu interesse intrínseco, estas acabam por constituir uma importante fonte de informação para outros projetos de pesquisa (realizados no âmbito de outras instituições). É também interessante notar que tal recolha e sistematização de dados tem vindo frequentemente a ser operacionalizada (regra geral por associados) através da colaboração entre profissionais especializados e “amadores”. Por outro lado, é de destacar a participação da associação em projetos de conservação da natureza (que obviamente implicam, para além de outras dimensões, uma importante componente de investigação científica aplicada). Na sua maioria estes têm sido financiados por fundos europeus e coordenados pela SPEA, em parceria com outras entidades portuguesas (universidades, centros de investigação, organismos públicos do sector do ambiente, etc.); e quase sempre têm contado com a colaboração de estudantes de mestrado ou doutoramento, contribuindo assim para processos de formação avançada.

Bom, investigação pura – saber comportamentos de aves, dinâmicas de voo, coisas muito específicas – nós não temos feito. Confiamos que as universidades fazem o seu papel. E comunicamos bem com os ornitólogos que trabalham nas universidades, são quase todos nossos sócios, portanto acabamos por ter uma boa rede de conhecimentos para isso. O nosso papel é mais ao nível de censos e de monitorização de aves. Temos esse projeto de censos de aves comuns, temos os censos de aves marinhas, temos a definição de áreas marinhas protegidas, temos o censo do priolo, etc. (...) A partir do momento que começámos a ser conhecidos e que veem em nós uma referência nacional para a ornitologia, as pessoas vêm ter connosco naturalmente. Por exemplo, a nível de candidaturas a fundos comunitários, temos uma taxa de sucesso brutal, muito alta mesmo. Em todos os “LIFEs” que nos candidatámos até agora, só um foi rejeitado. E as pessoas reconhecem isso em nós, veem algum profissionalismo e uma garantia de sucesso alta. Então também nos procuram bastante para parcerias de projetos. E nós também os procuramos, quando sabemos que há um tema, temos que procurar uma parceria, sabemos que sozinhos não vamos conseguir nada, pelo contrário. (entrevista SPEA)

De forma similar, o Nuclio tem estado envolvido em alguns projetos de investigação, a nível internacional. Em regra estes visam a observação e análise de imagens para mapeamento de astros, e procuram beneficiar da colaboração de professores e alunos (em geral do ensino secundário), numa perspetiva de “citizen science” (Raddick et al 2010; Borne et al 2009; Wiggins e Crowston 2011). A associação acaba por funcionar como estrutura de apoio técnico-científico à participação de escolas nestas iniciativas.

Há vários projetos... Por exemplo, o dos asteroides, é uma coisa desenvolvida pela NASA que visa o mapeamento do céu, fazer o mapa dos asteroides que andam por aí, para ver se algum deles pode constituir uma ameaça para o nosso planeta (mesmo cumprindo as suas órbitas). Então, o que



acontece é que essas imagens são muitas e não há cientistas capazes de investigar tudo. Por isso procuram apoio... e há amadores, professores, alunos, que podem identificar alguns que já se conhecem, mas que não se conhecia a órbita, ou encontrar novos. (...) O projeto começou em 2007, foi lançado em Tóquio. Eu ouvi falar e Portugal aderiu logo, com uma escola, onde estava uma professora que também foi convidada para ir comigo a Tóquio falar de um outro projeto científico que nós fizemos aqui na Escola da Cidadela. Ela aderiu logo e no ano seguinte também ensinou outra professora. No outro ano já eram sete escolas em Portugal. E veio o Ano Internacional de Astronomia... eram quatro ou cinco países, passaram a ser vinte e dois porque no Galileo [programa de formação de professores] também fizemos muita publicidade. Em 2009 eu encontrei o coordenador do projeto internacional dos astroides... ele ria e dizia “eu não tenho mãos a medir, não sei que fazer, tenho vinte países querendo participar”. (...) Então agora tiveram que fazer um consórcio com um grupo que está a construir um telescópio de grandes dimensões para dar vãsão ao número de escolas a participar na campanha. (...) Isto tem passado muito mais por projetos internacionais, deste tipo. Às vezes há um [investigador em Portugal] que diz “olha, eu tenho um projeto assim, não querem?” Mas são poucas as pessoas, e já não dá! Aliás, o Nuclio tem tido muita gente a bater à porta, que quer ajuda para projetos-piloto, campanhas de observação de supernovas, há vários... Mas é complicado. (entrevista Nuclio)

A ALT-SHN dispõe, por seu turno, do seu próprio laboratório de investigação, na área da paleontologia, e, através de trabalho de campo, tem vindo a sinalizar e recolher diverso material de interesse comprovado neste domínio. A associação acolhe regularmente estudantes de pós-graduação (mestrado/doutoramento), que aí desenvolvem os seus trabalhos de pesquisa; e colabora com diversos investigadores, a nível nacional e internacional. O facto de desenvolver pesquisa numa região rica em termos de vestígios (ao nível geológico e paleontológico) tem facilitado estes contactos, mais ainda quando algumas das descobertas aí efetuadas se revelam particularmente decisivas no estudo, por exemplo, das alterações climáticas do planeta ou dos movimentos das placas tectónicas.

Nós começámos por montar um laboratório que, neste momento, é um dos melhores laboratórios da Península Ibérica em termos de preparação e estudo sistemático de vertebrados, (com maior incidência no jurássico). Isso levou à criação de novos departamentos, departamentos de suporte à investigação científica na área da paleontologia, também (embora não com tanta relevância) de outras ciências. Por exemplo, um departamento de informação geográfica, de onde estão a sair teses de mestrado. Tenho neste momento 6 pessoas a fazer doutoramentos. A perspectiva foi... é uma instituição em que se tem uma noção da realidade física, geológica e paleontológica de uma determinada região. E isso levou a outro patamar, ao nível de investigação científica. (...) A pessoas que se fazem, ou sócias efetivas, ou investigadores associados, ou investigadores afetivos (temos as coisas hierarquizadas)... está-se a tornar uma rede, uma rede que já se está a estender aos EUA. Neste momento temos uma colaboração com o Museu de História Natural de Los Angeles, temos em Espanha, na Universidade Autónoma de Madrid, temos em França também, com a Universidade de Lyon. (...) [Em Portugal] colaboramos muito (mais na perspectiva da geologia do que da paleontologia) com a Faculdade de Ciências, são os nossos parceiros principais ao nível da investigação. Colaboramos também com o Museu Nacional de História Natural. Têm apresentado um projeto,



quem lhes está a dar o apoio somos nós, a comissão científica são membros nossos, quem dirige o processo são membros nossos. O Museu não tem um contacto tão direto com os materiais como nós temos. Nós temos 300 e tal sítios para escavar. (entrevista ALT-SHN)

No que toca ao envolvimento das associações em iniciativas de transferências de tecnologia – nomeadamente do campo científico para o campo empresarial – os exemplos tendem a ser ainda mais escassos. A generalidade das associações analisadas não demonstra qualquer tipo de atividade nesta área. Aliás, sabe-se também que, em Portugal, têm sido relativamente poucas as empresas que estabelecem contactos próximos com as instituições científicas tendo em vista a transferência de tecnologia (Godinho e Caraça 1999). Quando existentes, tudo indica que tais contactos se farão, de modo direto, entre as empresas e as entidades que se dedicam especificamente a atividades de I&D no país, acabando as associações, salvo raras exceções, por não desempenhar qualquer papel relevante neste domínio. Assim sendo, a relação destas com o sector empresarial tenderá a concentrar-se essencialmente na procura de patrocínios ou, nalguns casos (designadamente nas associações de profissionais), na identificação de oportunidades de emprego para jovens qualificados.<sup>25</sup>

Essa ligação não tem funcionado muito bem... Em tempos tivemos uma modalidade, que era o sócio coletivo. Neste momento não temos nenhum, porque as empresas, mesmo que tenham atividade em química, não demonstram um grande interesse em ter esta ligação. Embora, neste momento, já haja alguma alteração... Por exemplo, já é a segunda vez que celebramos um protocolo com duas empresas de química portuguesas importantes – aliás, uma delas é portuguesa, a Hovione, a outra é multinacional, a Solvay. É a segunda vez que eles lançam uma iniciativa em que percorrem as universidades à procura de projetos que possam depois desenvolver. Nós pertencemos à comissão que depois irá avaliar os projetos. Mas, nos anos 50/60, penso eu, (...) aí sim, tivemos bastante apoio da indústria. Vê-se nas nossas publicações todas as empresas que apoiavam a nossa sociedade. Mas isso depois desapareceu praticamente ao longo da década. (...) Bom, eu penso que isso está relacionado com o facto de grande parte da nossa indústria não fazer investigação científica. São indústrias de “chave-na-mão”, que recebem as instalações e depois pouca inovação introduzem. Portanto não reconhecem à investigação uma grande importância, nem veem nela, para a sua atividade, uma grande importância. Também, por outro lado, a investigação científica em Portugal é relativamente recente. Penso que só há relativamente pouco tempo é que poderia haver já alguma participação significativa dos investigadores na atividade industrial. Mas eu sei de vários colegas que recebem solicitações da indústria, só que são para resolver pequenos problemas que não têm nada de novo... Penso que a associação pode ter algum papel [na relação entre a academia e a indústria], como se viu por estas iniciativas que agora citei, mas, muitas vezes, a relação será bilateral, a indústria irá aos laboratórios que quiser, penso eu, fazer os contactos diretamente. É assim que eles recrutam as pessoas, porque atualmente já há alguns doutorados na indústria, por exemplo. (entrevista SPQ)

---

<sup>25</sup> Para além de outros eventuais serviços de apoio, nomeadamente na área da formação profissional, citados no ponto anterior. Sobre esta questão, ver também o ponto 8 do presente relatório.



Tal não invalida que, em situações pontuais, alguns dos eventos organizados por associações científicas (nomeadamente congressos, simpósios ou jornadas técnicas) acabem por se constituir como espaços de encontro entre empresas e profissionais técnico-científicos a trabalhar noutros setores (universidades, centros de investigação, hospitais, administração pública, etc.) – seja numa ótica de circulação de informação técnico-científica entre estes vários agentes ou, por vezes, também numa perspetiva de divulgação de novos produtos introduzidos no mercado pelas empresas.

Por exemplo, os simpósios da olivicultura. Já houve um em Elvas, portanto na zona do azeite, este último foi em Santarém, agora será em Mirandela (...), já houve outro em Castelo Branco, portanto, são tudo zonas onde há produção de azeite. E isto porque no fundo nós também vamos à procura de zonas onde haja gente a trabalhar nessa matéria. Vamos ter com as escolas superiores agrárias que têm essa matéria. Agora este é em Mirandela porque, com sabe, há ali uma grande produção de azeite... Depois eles fazem uma feira também ligada ao olival, na mesma altura. Há uma associação, dos olivicultores de Trás-os-Montes, e são eles que vão participar connosco, há a Universidade de Trás-os-Montes que vai também participar na organização e a Escola Superior Agrária de Bragança. (...) Nós não somos uma sociedade científica, somos uma sociedade técnico-científica, portanto estes eventos funcionam... aliás, toda a associação funciona com os patrocínios. Vamos à procura de patrocinadores e muitas vezes o que acontece é que os patrocinadores desses eventos são, eles próprios, empresas de adubos ou empresas de pesticidas e chamam agricultores. Eles dizem: “damos tanto e queremos tantas entradas grátis”. Fazemos uma troca e eles levam muitos produtores com eles, o que é muito engraçado. É bom, essa diversidade. Depois, geralmente, (...) tentamos sempre que haja mesas redondas, em que nós chamamos produtores para discutirem os assuntos, para levantarem os problemas, o que é que têm, o que é que não têm, o que é que acham que se pode fazer no futuro. Isso facilita também essa entrada dos próprios produtores. As pessoas sentem-se bem porque também discutimos os problemas deles. Juntamos os académicos com as outras pessoas que precisam de nós também. (...) Nós agora trabalhamos um pouco com as associações de produtores, porque há muitas associações de produtores... É muito mais fácil chamá-los e eles próprios chamam os seus associados. É claro que me vai dizer que as linguagens são diferentes, claro que é tudo diferente, mas nós, académicos, temos de saber falar para os outros e, em conjunto, vamos tentando chegar a uma conclusão. É isso que nós temos tentado fazer. (...) Nós temos outro tipo de visitas, as visitas técnicas. No fundo, junta-se as duas vertentes dos eventos: é o evento em sala, com apresentação de comunicações e discussões, e depois tem outra parte em que se vai ver casos de sucesso, agricultores, situações que é importante... (...) Vai-se visitar mais que uma empresa, os agricultores, produtores, falam da empresa, no fundo fazem reclame à sua própria empresa, e quem participa geralmente são os participantes dos eventos. (...) Não lhe vou dizer que é tudo fácil, há grupos que são muito fáceis e há outros que são mais complicados, mas isso é como tudo na vida (entrevista APH)

Depois temos [nos congressos] os simpósios que a indústria também promove a propósito de um medicamento novo. Com certeza que eles não são beneméritos, estão aqui para ganhar dinheiro, não é? Nós temos que ter uma relação ética com eles... E a contrapartida que nós temos, além de eles pagarem (ou seja, darem uma contribuição para a sociedade), organizam esses simpósios. Não fazem



só a propaganda do medicamento mas, habitualmente, trazem pessoas – nacionais ou estrangeiras, muitas vezes estrangeiras – que vêm fazer uma panorâmica, uma atualização sobre o tema. (...) Portanto, nesse simpósio, a pessoa vai lá para aprender, não é só para saber o que os laboratórios querem dizer sobre o medicamento, falam sobre a doença ou a situação que leva à utilização do medicamento. (entrevista SPNeurologia)

Numa perspectiva de promoção do emprego científico e de estímulo à introdução no mercado de novos produtos de base tecnológica, algumas das associações de profissionais técnico-científicos têm, por seu turno, vindo a apostar (ou pretendem fazê-lo) na promoção de contactos entre empresas e jovens altamente qualificados, bem como em eventos que visam estimular o empreendedorismo destes jovens, tendo em vista a criação de novas empresas.

Temos uma Feira de Emprego. Acho que faz sentido também fornecer aos participantes da Conferência uma ferramenta de “como procurar emprego”, mas especificamente na área científica, que tem características diferentes (...). É difícil para nós avaliar os resultados da Feira, pois não sabemos se continua a haver contacto, mas... O número de empresas cresceu desde 2008 (...) há muito mais interesse das empresas em contratar doutorados ou pessoas com uma formação superior, o que é importante. (entrevista ABIC)

[Nas Jornadas Profissionais da Bioquímica] ainda temos outras atividades, temos algumas pessoas que estão em gabinetes de transferência de tecnologia, investigação aplicada a outras áreas, não só a bioquímica (portanto, áreas de interface). (...) Achamos que é uma carência no país, achamos que às vezes os licenciados têm alguma dificuldade, por um lado, em criar o seu próprio negócio e, por outro lado, em encontrar oportunidades de emprego. Portanto o que nós resolvemos fazer foi uma rede de transferência de conhecimento através dos próprios licenciados. (...) Temos já varias propostas, tanto aqui da unidade de investigação do Biocamp como de diversas universidades (...) Portanto, pertencer a uma rede à qual os licenciados iriam então aceder, inscrever-se numa determinada área para um estágio profissional, e depois em meio real, fazer investigação, na academia, na empresa, ou já no laboratório de análises (alguns laboratórios também vão participar nesta rede). Tentar transferir, não tanto o conhecimento... bom, também, porque o conhecimento está dentro das pessoas. Tentar transferir estes licenciados já para um meio diretamente de trabalho e, por outro lado, torná-los mais empreendedores. Porque se nós conseguirmos que as pessoas se motivem com novos projetos em novas áreas, se calhar também vão eles próprios querer desenvolver o seu projeto. (...) Geralmente são pessoas que se interessam pela ciência, querem criar, querem formular novas tecnologias, aplicações. Geralmente quem arrisca vir para esse curso é porque está um pouco fascinado pela ciência. Isto devia acontecer de uma forma geral, mas... (...) Os licenciados ficaram bastante animados, já se inscreveram, mas só vamos começar no próximo ano porque candidatamo-nos àquelas bolsas de emprego do Instituto do Emprego (...) Ainda não sabemos também se vai funcionar ou não, porque as coisas tem andando um bocado difíceis... (entrevista ANBIOQ)

Estou-me a tentar lembrar de outros grupos de trabalho que tenham sido feitos... Ah, um para comunicação com o meio empresarial no sentido de estudar a transferência de tecnologia: como é que se pode aumentar a transferência de tecnologia, desde o meio académico para o meio empresarial. Uma das coisas que está a ser estudada é a criação de uma espécie de fundo comum



de... de empreendedorismo científico, vá... Não sei se se vai chamar isso, nem se vamos chegar a esse ponto, mas no fundo a ideia é essa: é tentar obter financiamento de empresas em que a ANICT pode servir de intermediário, no fundo, para selecionar aqueles investigadores que tenham mais potencial de empreendedorismo, para fazerem uma empresa de base científica. Nós não distribuíamos fundos, não é? Até porque isso, quer dizer, não está sequer no âmbito da Associação. O que poderíamos fazer era organizar o processo. (...) A ANICT seria, no fundo, um meio de ligação entre o meio empresarial e o meio académico. (entrevista ANICT)

Finalmente há que referir o caso específico da SiW. Esta associação, vocacionada para o contacto com países menos desenvolvidos (nomeadamente com os PALOP), tem vindo a desenvolver iniciativa de transferência de “pequena tecnologia”. Mais em concreto estas traduzem-se na transferência, para esses países, de fornos solares (o que implicou também algumas ações de formação, no local, para o uso e construção destes equipamentos), bem como no desenvolvimento de outros aparelhos que funcionam tendo por base tecnologias bastante simples, de baixo custo e “amigas do ambiente”. A associação explora, assim, o facto de estas podem ser facilmente difundidas naqueles contextos, com benefícios económicos para as populações locais e com algum potencial de sensibilização/capacitação dessas populações no domínio de tecnologias de simples utilização ou produção.

Como disse, a linha 3 [de atividade da associação], com os fornos solares, tem sido muito popular. As pessoas acham muita piada, é uma aposta forte, temos estado a apostar sobretudo na parte da energia: temos os fornos solares, temos uma coisa original que desenvolvemos que é uma arca frigorífica solar. Aqueles meus colegas foram agora ver o protótipo, estavam todos entusiasmados! (entrevista SiW)

Em suma, as associações científicas tendem a desempenhar um papel bastante marginal quer no que toca à realização de atividades de I&D quer no que respeita à transferência de tecnologia para o sector empresarial. Ainda assim, é de salientar, no caso das associações orientadas para a promoção de cultura científica, algum envolvimento direto em projetos de pesquisa que, com alguma frequência, exploram novas formas de participação de “amadores” neste tipo de atividades e/ou demonstram uma considerável ligação à realidade específica de determinados territórios.

## 5. Participação associativa

Os sócios constituem uma componente essencial da vida das associações. Esta secção procura caracterizar a participação associativa em termos do volume e características dos sócios, os processos de adesão e participação nas associações, os benefícios da pertença e as dificuldades vividas pelas associações. Tem por base não só as entrevistas aos dirigentes das associações mas também os inquéritos aos sócios realizados em 18 das 24 associações (ver caracterização da amostra no Anexo 4).

### 5.1 Volume de sócios

Em primeiro lugar, o volume de sócios das associações estudadas é bastante diverso, variando entre as poucas dezenas e os vários milhares. Mesmo dentro de cada tipo de associação a heterogeneidade é significativa: nas sociedades científicas oscila-se entre pouco mais de uma centena de associados (SPFilosofia, SPES) e mais de um milhar (SPQ, SCML, SPB, APS); nas associações profissionais de cientistas varia entre os 350 associados da ANICT e um número dez vezes superior no SNESUP; as associações de divulgação científica tendem a ser pequenas (menos de uma centena de associados), mas a SPEA ultrapasso os dois milhares.

A maioria dos entrevistados refere uma tendência de crescimento no número de associados

está a crescer, agora está em cerca de 350, provavelmente vai chegar aos 370 na próxima reunião, ou ali a roçar os 400... (entrevista SPNeurociências)

com um crescendo muito diminuto mas sim, tem vindo a aumentar. Digamos que o aumento felizmente não é compensado negativamente pelas pessoas que deixam de pagar ou que deixam de relacionar-se, portanto, acabamos por ter um saldo positivo muito pequeno. (entrevista SPFilosofia)

curiosamente e até ao contrário do que nós acabámos por recear principalmente quando se começou a falar em meados do ano anterior sobre as dificuldades financeiras, sobre os cortes nos vencimentos nós de alguma maneira antevíamos que pudessem ter por um lado alguns dos colegas que quisessem deixar de ser associados para fazer de alguma maneira face a estas dificuldades mas também que iriam diminuir as pessoas que regularmente se queriam associar ao SNESup, felizmente não foram, não correspondeu às nossas expectativas mais pessimistas e ainda bem e temos mantido o número de associados em que o número de associados continua sempre a crescer e acaba por ser até um crescente significativo para o universo do Ensino Superior, estamos a falar para lhe dar uma ideia, mais ou menos por semana temos cerca de cinco novos sócios a entrar (entrevista SNESUP)

mas algumas indicam uma tendência inversa, de diminuição

acho que de para aí 2006 até 2008 sentimos um crescer do número de sócios bastante significativo. Depois começou a estagnar e tem vindo a diminuir. (entrevista ABIC)



porque nos últimos tempos houve uma certa .....amortecimento digamos assim da atividade da Associação, que a Associação chegou a ter à volta de 600 sócios, que eram na sua maior parte membros investigadores dos Laboratórios do Estado e também de outro instituto importante que é o Instituto Gulbenkian de Ciência e alguns mas muito menos técnicos depois não houve uma atividade assim muito importante de captação de novos sócios e portanto esses sócios muitos deles foram-se reformando (entrevista OTC)

Porém, no caso das sociedades científicas e das associações profissionais, mais do que o volume de sócios interessa a sua representatividade, ou seja, a proporção que representam no total de potenciais membros. Se em alguns casos é praticamente total, como na área da medicina,

praticamente todos [os neurologistas] são sócios. Podem os mais velhos estar desinteressados da vida, não é – não é da neurologia, às vezes é só da vida, não é? Praticamente pode-se dizer que será uma exceção haver algum neurologista que esteja de costas voltadas para a Sociedade. (entrevista SPNeurologia)

noutras áreas a taxa de adesão é bem menor. Por exemplo, os 2300 sócios da APS representam pouco mais de um quinto dos 10 mil licenciados em sociologia, e o mesmo sucede com a ANBIOQ:

O que nós sentimos é que atualmente temos cerca de 500 sócios, o que não é uma expressão assim muito grande, são cerca de 20%, nós prevemos que haja 2500 licenciados em bioquímica em Portugal nesse momento. Portanto se são 500 os sócios será cerca de cinco vezes menos (entrevista ANBIOQ)

Nas associações profissionais de cientistas uma das preocupações é a representatividade ou equilíbrio por área científica

quando começou havia um peso muito grande da Faculdade de Ciências, e das pessoas de Biologia e de Química, mas agora, agora começa, começam a aparecer na Direção pessoas de várias áreas diferentes e até já tivemos pessoas de História também... Acho que felizmente está-se a tornar mais homogéneo em termos de áreas científicas. (entrevista ABIC)

Em termos de áreas, a maioria é de facto das Ciências, Ciências Físicas e Engenharias, mas a percentagem, creio eu, não lhe sei dizer os números exatos, mas a percentagem que está nas Ciências Sociais e Humanas não é de todo desprezável. Portanto temos uma percentagem significativa de pessoas dessas áreas. Eh, portanto também penso que a cobertura é mais ou menos transversal. (entrevista ANICT)

mas também por sector

A maioria é sem dúvida o Público, não tenho presente o número exato quer do Politécnico, quer do Universitário, mas eu julgo que andarás equilibrado este número, agora o Particular e Cooperativo é que é um dos sectores em que nós temos menos associados, no entanto acaba por ter alguma expressão em termos até várias instituições Particulares e Cooperativas com delegados sindicais, temos até Membros da Direção e Conselho Nacional que são também instituições no Particular e Cooperativo pelo que nos permite ter assim uma abrangência um pouco maior. (entrevista SNESUP)

e por região ou instituição

somos bastante transversais ao país inteiro. E eu digo, país inteiro é um risco não é? Eh, essencialmente, nós temos, nos Corpos Sociais e nas pessoas, naquele grupo mais ativo, temos pessoas do Minho, da Universidade do Minho, temos pessoas da Universidade do Porto, eh, da Universidade de Aveiro, da Universidade de Coimbra, da Universidade de Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, portanto do, principalmente do IST, da Universidade Nova de Lisboa, da Universidade de Évora, e penso que é isso. (entrevista ANICT)

aquilo que existe mas talvez por resultarem mais de questões da Fundação a SNESup depende com as próprias escolas, nas escolas onde nós temos maior número de associados acabam por ter marcado um.... Ou áreas científicas ou conjuntos de áreas científicas como por exemplo a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Universidade Nova de Lisboa é uma das Faculdades onde nós temos o maior número de associados ou a Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, ou a Universidade do Algarve por exemplo ou o Instituto Politécnico do Porto, temos algumas instituições que pela sua dimensão ou de alguma maneira terem estado mais envolvidas em alguns períodos, acabaram por trazer um maior número de associados ao SNESup, mas talvez tenha sido em função da sua própria dinâmica local fez com que as pessoas se unissem e se tentassem fazer valer através dessa união para conseguirem alcançar os seus objetivos. (...) Posso-lhe dizer até por experiência própria que a minha instituição é da Covilhã que talvez não seja tão fácil chegar às pessoas das instituições de menor dimensão ou em que os contextos são mais fechados é o meu caso concreto, na Universidade da Beira Interior não temos um número significativo de associados em termos percentuais é interessante, mas não é tão significativo quanto se gostaria, para falar praticamente 15% dos Docentes associados do SNESup mas também porque houve um momento na Instituição em que não se era visto com bons olhos ser-se associado a uma organização sindical (entrevista SNESUP)

Um outro limite ao crescimento das associações é a “competição” com outras associações por sócios

depois há associações congéneres e que têm, digamos, fazem fronteira com a nossa, designadamente: a Associação Portuguesa de Meteorologia e Geofísica – faz fronteira connosco porque está mais virada para a parte só da sismologia, mas mete também a meteorologia (...) temos a Associação de Geólogos, temos a Associação Portuguesa de Engenharia Estrutural, para lhe dar só três ou quatro, e portanto, há várias outras associações que estão que estão à volta e que elas próprias têm interceções connosco. E portanto nós somos da engenharia sísmica e tamos, entram alguns elementos dessas associações. Eu diria: se juntássemos todas e se juntássemos a Academia das Ciências e juntássemos a Academia da Engenharia aí já teríamos um grupo mais amplo, que também está interessado nestas coisas, o que é é que não é só a engenharia sísmica, está interessada em coisas... Às vezes é um pouco difícil de dizer: “Mas são só cem pessoas que se interessam por engenharia sísmica em Portugal?” Eu diria que não, eu diria que não, há muito mais gente que se interessa por engenharia sísmica, mas há uma Sociedade Portuguesa de Geotecnia também, e portanto, as coisas tão mais compartimentadas (entrevista SPES)



não estamos em crescimento do que se diz ser associativismo em Portugal. É pena, mas de alguma forma se calhar estamos tão dispersos, há tanta coisa que as pessoas “ah, não posso ser sócio de tudo”. (entrevista SPEA)

No polo inverso, há associações que impõem restrições à adesão de sócios

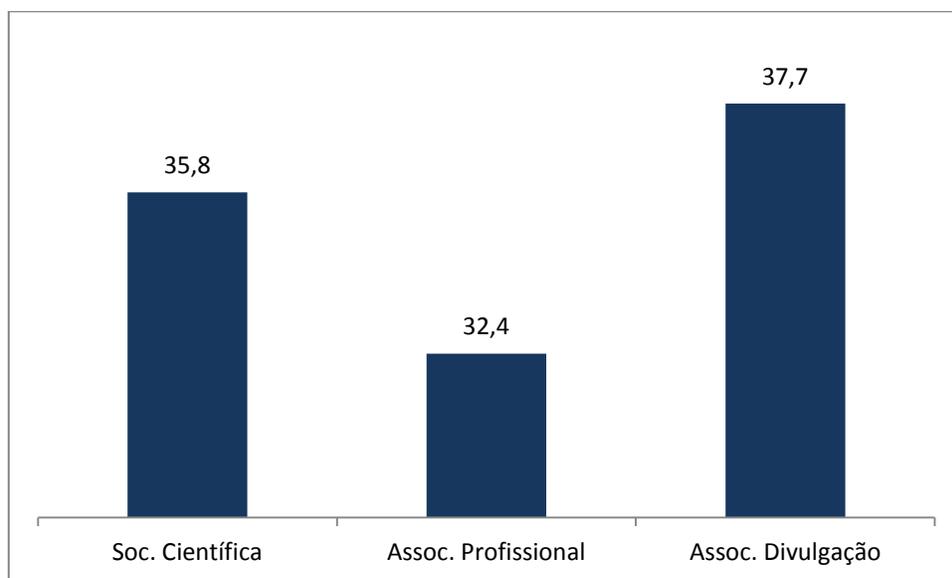
a proposta de sócio é sempre subscrita por sócios que apoiam e submetem a candidatura, e portanto, comprometam-se com a pessoa, não é, não é um fulano qualquer que aparece aí. Às vezes já tem acontecido, não digo na Sociedade de Neurologia, provavelmente também mas, na outra Sociedade bastava a direção, às vezes apareciam assim uns fulanos... quiropráticos e uns fulanos das medicinas naturais e não sei quê e tal ou pronto assim coisas... à margem, e a gente vê que são pessoas que não interessam à Sociedade, vêm para aqui para tirar proveito de qualquer coisa e de modo que nesse caso tem de ter um currículo mínimo ou ser interno (SPNeurologia)

Temos os sócios efetivos, que é qualquer pessoa que se queira fazer sócia, temos investigadores associados, os investigadores associados, por norma são pessoas que a Direção e a Comissão Científica convidem para participar num projeto de investigação e que ao final de 5 anos pedem à Comissão, não têm voto na Assembleia Geral nem pagam quotas, mas ao final desse tempo podem requerer à Comissão Científica para passar a investigadores efetivos. Aí já são sócios de plenos direitos e podem ter funções de coordenar projetos efetivamente, assinar projetos, pedir projetos à FCT, e a outras entidades. Neste momento, esse pedido está reservado à Direção, que é a Instituição, representa a Instituição, ao Diretor do Laboratório e ao Presidente da Comissão Científica. Depois, os investigadores efetivos são todas essas pessoas que passaram por esse processo ou eram sócios efetivos, não investigadores associados, mas que começaram a fazer doutoramentos sobre material, fazem requerimento à Comissão Científica para que possam passar a investigadores, depois a Direção dá o aval definitivo, aquilo acaba por ser um sistema pontual, de transição de sócios de uma área para outra. Isto, porquê? (...) há que criar uma hierarquia, um procedimento também para que haja um sistema de valorização das próprias pessoas, porque uma pessoa pode estar a fazer uma investigação muito boa, mas não ter capacidade para gerir uma equipa e essas coisas têm que ser muito bem pensadas, têm que ser pensadas agora, não é daqui a 20 anos. E depois para que depois não haja pessoas que se façam sócias por terem um interesse de aceder às coleções, “sou sócio efetivo e agora faço o que quero às coleções”, não pode ser. A responsabilidade de gerir uma coleção destas é muito grande, para com os sócios, para com a instituição mas também e pensando que são... que é um espólio que é património, embora a nossa legislação o defenda, os acordos que temos com a Câmara é no sentido de proteger (entrevista ALT-SHN)

## 5.2 Características dos sócios

O inquérito aos sócios das associações permitiu verificar algumas diferenças nas suas características por tipo de associação. Se em termos de género não há variações a registar, em termos de média de idades (Figura 5.1) as associações de divulgação científica tendem a ser ligeiramente mais envelhecidas (ainda que sem ultrapassar os 40 anos).

Figura 5.1 Média de idades por tipo de associação



N=847

A dificuldade em recrutar sócios mais jovens é referida numa das entrevistas deste tipo de associações

Ironicamente uma coisa que nos entristece e que nos preocupa é que temos tido alguma dificuldade em atrair gente jovem para colaborar connosco. O que é irónico porque um dos nossos grandes objetivos é melhorar as nossas condições para a gente jovem, como é evidente. É gente que tem experiência como um grupo de pessoas ao longo dos anos em muitas áreas, muitas áreas variadas da sociedade da informação (entrevista APDSI)

Noutras associações é realçada a importância do recrutamento de jovens como estratégia de sobrevivência (Dawid et al 2009)

E gente nova, eu digo-lhe, aparecem muitos estudantes, é bom, é sinal de vitalidade e que temos hipóteses de continuar, porque eu acho que muitas destas sociedades terão os dias comprometidos. (entrevista APH)

trazer mais gente, trazer mais jovens inclusivamente estudantes porque nós temos nos nossos Estatutos a possibilidade de .... Temos uma cláusula especial para os sócios estudantes, essa dinâmica também é interessante. (entrevista APS)

um grupo que é, eu creio que têm uma matriz muito própria, e que vai, por exemplo, esse grupo vai organizar, na conferencia mundial, vai organizar uma sessão, antes, dois dias antes ou três dias antes da conferencia, vamos organizar workshops, cursos, etc, e há uma iniciativa, que é feita por esse grupo de pessoas que estão a acabar os seus doutoramentos, que estão nos vinte e tais trinta anos e



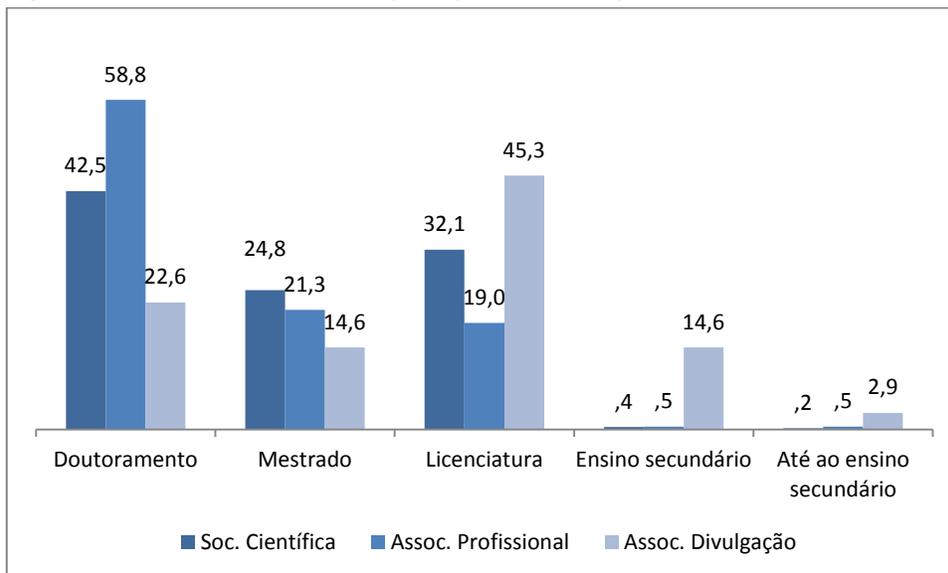
que vai fazer numa numa , uma coisa que se chama *Lisbon in Motion*. As coisas já estão avançadas, que é trazer grupos também de jovens de todo o mundo (...) que vão olhar para uma zona de Lisboa e vão meter mãos à obra, ou seja, vão olhar nas suas múltiplas componentes – olhar para dois ou três componentes, em Lisboa, imagine, a Baixa e uma outra zona qualquer – vão tentar perceber quais são os problemas que há, e fazer um relatório de estratégia, digamos, o que é que se podia fazer sobre esse assunto. (...) Este este grupo de jovens tem trazido a motivação bastante para cima, e portanto, eu acho que, que que que eles vão de facto puxar um bocado por tudo isto, e se calhar daqui a um ano ou daqui a ano e meio vamos ter uma sociedade portuguesa de engenharia sísmica mais ativa mais poderosa, com um lobby mais afirmado, e se calhar até com outras coisas que se podem fazer, com afirmação no exterior (entrevista SPES)

nós estamos numa campanha muito ativa de recrutamento de sócios até porque os sócios velhinhos e antigos estão a sair, a morrer, reformam-se e vão-se embora e também não é o que queremos muito ter a sabedoria dos Médicos dos nossos colegas mais antigos, para nós é criativo, nós queremos muito é que seja uma Sociedade jovem, que não atrai pelas razões que está a ver e portanto nós estamos neste momento a tentar recrutar jovens para a Sociedade, temos recrutado alguns, não muitos (...) E temos recrutado vários, não tanto estudantes de medicina, não, mas está a acontecer da Ordem dos Médicos, alguns que estão a entrar e alguns que são muito sofisticados, são estes jovens Médicos que estão a fazer uma carreira científica paralela, também são muitos os que se interessam, estão em programas de Doutoramento ou que estão a fazer investigação e essa massa crítica interessa-nos muito também mas vai devagarinho, quer dizer, não estou convencida que venha assim uma grande enxurrada de gente. (entrevista SCML)

No que respeita às qualificações (Figura 5.2), as associações profissionais de cientistas tendem a ter uma maior proporção de doutorados, enquanto as associações de divulgação científica registam níveis médios de escolaridade mais baixos.

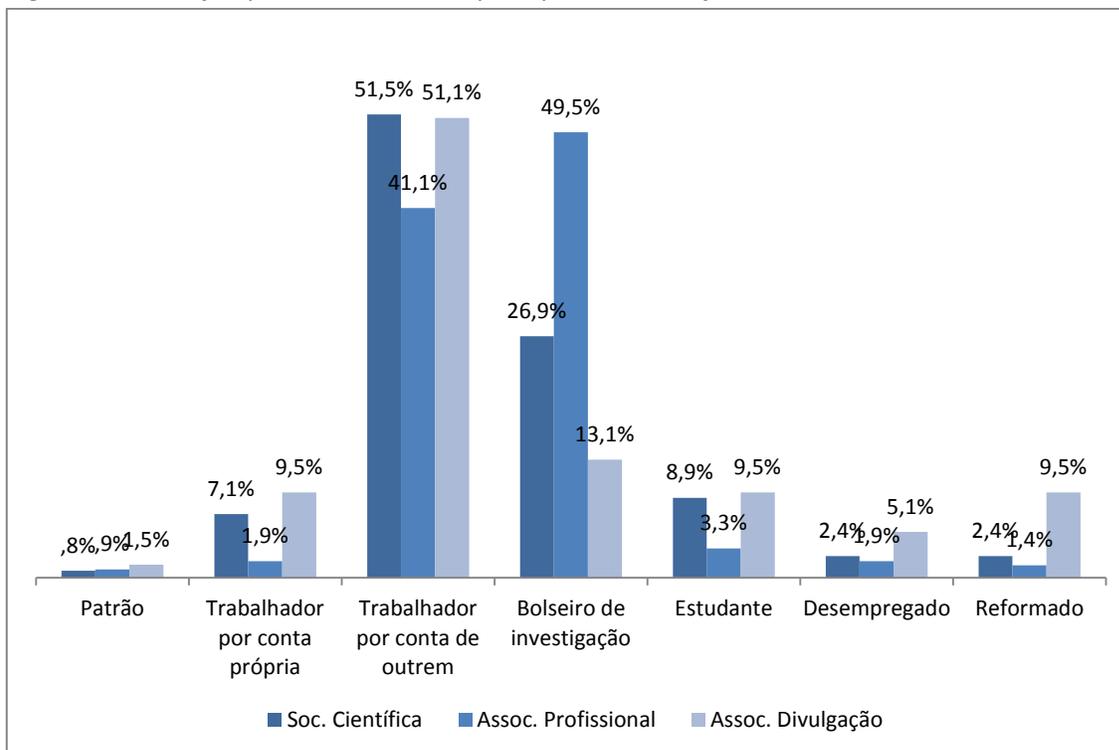
Aferindo a condição perante o trabalho (Figura 5.3), verifica-se que os bolsеiros são predominantes nas associações profissionais de cientistas, o que tem sobretudo a ver com a amostra de associações onde foi aplicado o inquérito (nomeadamente a presença da ABIC), mas salienta-se também a participação de estudantes nas sociedades científicas e associações de divulgação científica e de reformados neste último tipo.

Figura 5.2 Nível de escolaridade por tipo de associação (%)



N=852; associação estatisticamente significativa, testada pelo  $\chi^2$  e V de Cramer:  $p=0,000$ , V de Cramer=0,294

Figura 5.3 Condição perante o trabalho por tipo de associação



N=846; associação estatisticamente significativa, testada pelo  $\chi^2$  e V de Cramer:  $p=0,000$ , V de Cramer=0,231

Por fim, no que respeita ao local de trabalho dos inquiridos (Quadro 5.1), destacam-se nas associações profissionais de cientistas as instituições de ensino superior e laboratórios do Estado e nas associações de divulgação científica as instituições sem fins lucrativos (que podem ser as próprias associações), as escolas de ensino básico e secundário e outros organismos do Estado e os museus.

Quadro 5.1 Local de trabalho dos sócios por tipo de associação (%)

	Soc. Científica	Assoc. Profissional	Assoc. Divulgação	p	V de Cramer
Instituição de Ensino Superior	58,2	<b>69,8</b>	27,9	0,000	0,267
Empresa	10,4	4,4	<b>27,9</b>	0,000	0,233
Laboratório do Estado	12,0	<b>15,1</b>	2,3	0,001	0,129
Instituição Privada sem Fins Lucrativos	9,1	9,3	<b>19,4</b>	0,003	0,120
Escola do Ensino Básico ou Secundário	6,0	1,0	<b>7,8</b>	0,007	0,111
Outro Organismo da Administração Pública	6,2	2,0	<b>12,4</b>	0,001	0,136
Museu	0,2	1,5	<b>4,7</b>	0,000	0,143

N=866; associação entre variáveis testada pelo  $\chi^2$  e V de Cramer

As entrevistas reforçam estes dados quantitativos. Regista-se uma maior implantação das sociedades científicas no meio académico<sup>26</sup>

o público que procura muito estas sociedades tem muito a ver com a fação estudantil e que enquanto, portanto a Sociedade está instalada na Faculdade de Ciências, mas temos pessoas de todas as universidades praticamente como eu disse, e portanto promovem muito junto dos seus estudantes o envolvimento na Sociedade. E nós temos desde a fundação um encontro anual, da Sociedade, que é feito de propósito essencialmente para os jovens ecólogos, não é, irem apresentar os seus trabalhos...(…) Há muitos jovens que se fazem sócios da SPECO enquanto estão a estudar e depois quando saem e não têm lugar assegurado deixam de pagar as quotas, depois alguns vêm outros não vêm, enfim, depende do percurso profissional que têm. E portanto, tem muito a ver, ou seja, digamos que o corpo mais ou menos fixo de sócios ou de associados da SPECO, que são os investigadores e os professores universitários, às vezes alguns professores do ensino secundário, é relativamente mais reduzido relativamente aos outros (entrevista SPECO)

<sup>26</sup> Em alguns casos as sociedades científicas são efetivamente de acesso exclusivo a investigadores. Por exemplo, para ter o estatuto de sócio efetivo da SPNeurologia é necessário não só ser proposto por outro sócio como ser autor de pelo menos dois artigos científicos no âmbito das neurociências ou ciências afins, publicados em revistas científicas arbitradas e indexadas no Science Citation Index. Os não formados em medicina só podem ter o estatuto de sócios correspondentes.



maioria dos sócios estão ligados à investigação, portanto serão membros diretos ou filiados diretamente em alguma Universidade ou Centro de Investigação são pessoas a fazer investigação, sinal dos tempos a maior parte deles são bolseiros uma fração mais pequena infelizmente são os Docentes de carreira (entrevista SPB)

ainda que tal seja em parte explicado pela escassa expressão do sector empresas no sistema científico nacional<sup>27</sup> e pelas características do tecido produtivo português

em termos de sectores de atividade eu diria que a Sociedade Portuguesa de Bioquímica sempre teve mais ligada à parte académica e investigação do que propriamente à parte industrial o que também é fácil de explicar porque obviamente a incorporação científica e de inovação tecnológica na indústria portuguesa, tradicionalmente sempre foi muito reduzida. O panorama está a mudar mas vai mudando lentamente como é normal. Estas coisas nunca são muito rápidas, o panorama está a mudar mas é uma nova realidade e portanto também vai demorar algum tempo à Sociedade a adaptar-se nós temos procurado algumas relações com algumas indústrias, com algumas empresas, eu suponho que com o tempo os Bioquímicos que trabalham nas zonas industriais nas empresas vão também ter mais tendência a fazer-se sócios (entrevista SPB)

Nas sociedades científicas que acumulam funções de associações profissionais, a diversificação da origem profissional dos sócios é valorizada (Schimank 1988).

Claro que hoje a situação também é completamente diferente, sabe que a escolaridade até dos próprios agricultores é muito diferente do que era há trinta anos atrás e por isso muitos deles até já são licenciados e tudo mas mantêm-se. Nós temos exatamente os sócios de todos os níveis sociais, todos os níveis etários, todos os tipos de profissão até e portanto nesse aspeto somos uma associação muito eclética, mas também que nos dá uma certa força porque realmente temos muitos sócios... Comparativamente com a Sociedade de Ciências Agrárias não há comparação, é muito mais elitista. (entrevista APH)

Em número de sócios muito significativo e também com alguma alteração da composição dos sócios, essas mudanças refletiram-se sobretudo numa deslocação para uma maior importância do papel das mulheres na... das sócias mulheres, não é? E também o que é muito positivo numa distribuição mais equilibrada geograficamente e ao nível dos diferentes papéis, dos diferentes tipos de experiência profissional, enquanto inicialmente quando a Associação foi fundada os sócios eram fundamentalmente recrutados no meio universitário atualmente isso já não é assim, portanto, grande volume de sócios está fora da academia, o que também é uma coisa muito positiva. (entrevista APS)<sup>28</sup>

Porém, os sócios provenientes do meio académico tendem no fundo a ter um papel preponderante nas associações, ocupando cargos nos órgãos sociais e funções de coordenação

---

<sup>27</sup> De acordo com os dados do último IPCTN, os investigadores em empresas representavam apenas 23% do total no sistema científico nacional (GPEAR 2011b).

<sup>28</sup> Segundo dados de 2011, na APS 37% dos sócios são investigadores, 41% profissionais, 6% professores do ensino secundário e 16% estudantes.



normalmente diria que são mais os sociólogos académicos, que se envolvem, pelo menos, nos últimos tempos mas isso decorre até provavelmente da maior disponibilidade que nós temos e os outros não têm, a começar pelo facto que poderemos marcar as reuniões fora dos nossos horários letivos mas temos uma margem de liberdade bastante grande, o que não é o caso dos outros colegas, portanto penso que será fundamentalmente por isso. (entrevista APS)

enquanto os sócios não académicos são envolvidos sobretudo em atividades específicas

envolvemos os sócios, pedimos a colaboração dos sócios em várias atividades mesmo que esses sócios não tenham propriamente um vínculo à Direção, são as pessoas que estão mais habilitadas para tomar posição e por exemplo essas reuniões com a Tutela por causa do ensino secundário, essas reuniões são pedidas e são de iniciativa da Direção mas a Direção convida sempre sócios do ensino secundário, enfim para participarem porque eles muito melhor do que nós estão por dentro do assunto. (entrevista APS)

As associações profissionais de cientistas tendem a ser restringir a pertença a grupos específicos, por qualificação ou situação de carreira, ainda que tenda a fazer um esforço de alargamento da sua base de recrutamento

Nós só podemos ter membros licenciados em Bioquímica Se calhar é um aspecto que temos que rever. Mas segundo os estatutos nós só podemos ter membros licenciados em Bioquímica (entrevista ANBIOQ)

nós inicialmente abrimos a Associação apenas aos investigadores com contrato, não é... Mas na, na Assembleia Geral, na primeira Assembleia Geral foi votado essa questão e foi decidido estender também aos Bolseiros de Pós-Doutoramento. Portanto, no fundo, nós consideramos todos os investigadores a tempo inteiro doutorados, quer tenham bolsa, quer tenham contrato. (...) [contratos] Programa Ciência e, antes, dos Laboratórios Associados. Portanto, que era um meio de contratação anterior ao Programa Ciência. Eh, mas temos alguns investigadores que são membros da Associação que são investigadores “de quadro”, vá, não é? Não há muitos que estejam ativamente envolvidos na, na gestão da Associação, de facto, mas temos membros que são, que são investigadores permanentes, no fundo. (entrevista ANICT)

houve sempre uma tendência para manter o SNESup como Sindicato abrangente ao nível do Ensino Superior não excluindo colegas que pudessem de alguma maneira ter uma relação de trabalho subordinada ao nível do Ensino Superior preferencialmente ligada à lecionação mas também não excluindo outras vertentes e outros âmbitos, nós temos feito um esforço mais recentemente para abrangermos também colegas, nomeadamente da investigação (...) obviamente que nós sentimos esse sentimento de frustração por não termos mais associados que sejam investigadores, temos feito alguns esforços logo temos uma mailing list que seja... Mas não é fácil, ou seja, é mais fácil nós pormos alguém a trabalhar para recolher contactos de docentes que se mantém com alguma regularidade e os investigadores desde logo não é por muitos deles são estrangeiros, junto dos estrangeiros o esforço de fidelização é um esforço muito ingrato, nós estamos a falar de pessoas que têm uma perspectiva de permanência curta de três a cinco anos, muitas vezes três a cinco anos é os que circulam junto dessas pessoas é muito baixo e depois por outro lado do mundo dos



Investigadores é muito mais fechado que o mundo dos académicos. Há muitos académicos que estão na sua instituição dão aulas mas os académicos em geral, o professor docente em geral acaba por circular mais, no campo da ciência é muito mais fechado, é muito mais difícil nós entrarmos (entrevista SNESUP)

As associações de divulgação científica tende pois a ter uma maior diversidade em termos de origens profissionais dos associados, ainda que a presença de investigadores e docentes universitários também se faça sentir

É um misto, as pessoas que participam nos nossos eventos vêm da administração pública, vêm das empresas, vêm do mundo académico e vêm dos *media*, é um outro sector. Nós também fazemos iniciativas ligadas à comunicação social e temos alguns jornalistas que são nossos sócios e que acompanham algumas das nossas iniciativas. (...)os nossos sócios são académicos, portanto temos a ligação pela via dos nossos sócios, do Minho, do Porto... (...) O professor Tribolet é professor no Técnico. Eu sou da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, portanto estou aqui num grupo... Ah, o professor Dias Figueiredo, portanto académicos. Eu já lhe mencionei quatro, um, dois... E o António Carlos Santos que foi Secretário de Estado mas que também é académico agora, indiretamente, o professor Tribolet e o professor Luís Amaral; esses foram sempre académicos. E é tudo, portanto, há um misto aqui... (entrevista APDSI)

40 Associados mais ou menos entre astrofísicos, astrónomos amadores e professores. E mais alguns. A verdade é que a Associação não se tem aberto muito ao público em geral porque não tem nada a oferecer além daquilo que já está oferecido porque os associados são aqueles que de alguma forma contribuem ou quando fazemos atividades ou com informação (...) Os cientistas colaboram na parte de revisão do conteúdo científico, os astrónomos amadores que fazem parte da Associação colaboram muito no sentido de adaptar e apoiar o professor na adaptabilidade para os recursos que a escola tem, os professores na adaptação do currículo cada um faz (entrevista Nuclio)

Temos de tudo, de tudo, de várias áreas, várias profissões. (...) la-lhe dar esse exemplo de um senhor que se chama António Marçal, tem uma empresa de metalurgia mas é uma pessoa com o 12º ano, mas tem um interesse enorme, e sabe bastante de astronomia, tem brevet de avião, desenrasca tudo, empresta-nos a carrinha maior para transportarmos ossos grandes quando vamos para as escavações, tem um interesse tal que acaba por auxiliar a instituição, naquilo que ela não tem. (...) Não tem absolutamente nada com a paleontologia mas o auxílio que dá permite poupar imenso dinheiro (...) Esta relação de proximidade, como eu disse há pouco, o aproximar da comunidade à paleontologia permite uma poupança enorme, permite por outro lado satisfazer a própria pessoa, porque sente que está a dar algo de útil, e eu vejo isso, sentem que podem fazer qualquer coisa, as pessoas... nós não pagamos nada do laboratório, temos um mecenas que é uma grande empresa, por exemplo. Essa pessoa é outra, é empresário, o irmão é professor universitário de Direito, também está ligado à empresa. Ele é uma das pessoas que está interessado em construir um museu (...) Nós não restringimos a participação da população, da sociedade num processo científico em construção. E eu acho que essa é talvez a grande mais-valia de instituições como a nossa, sem dúvida que é essa (entrevista ALT-SHN)



a gente tem que trabalhar com as pessoas que fomos conhecendo, que aderiram ao projeto e que estão aqui próximos, mas não há nenhuma restrição, nenhuma... nós somos abertos, a associação é aberta a qualquer pessoa, mesmo sem ser cientista. Não é necessário ser cientista, qualquer pessoa se pode inscrever, tornar-se associado, e desde que se identifique com os nossos objetivos e que possa contribuir, e pode haver contribuições muito relevantes, de pessoas que não são das áreas das ciências duras, mas são da economia, mas se funcionarem, a ideia é que sejam construídos lá e que possam ser um pequeno negócio lá, pessoas da sociologia, da antropologia, etc. ou pessoas que não têm nenhuma atividade acadêmica mas que se identificam com os nossos objetivos, é aberto a todos, com qualquer formação (...) Eu acho que praticamente são todos cientistas (entrevista SiW)

Algumas associações científicas têm a figura de sócios coletivos, reservada a empresas, universidades e outros tipos de instituições. São uma fonte de rendimento extra para as associações porque as quotizações são geralmente mais caras e também uma forma de obter outro tipo de recursos (Rilling 1986)

Repare, a quota individual é simbólica, são trinta euros por ano, a quota institucional sendo simbólica não é tão simbólica, tem um peso maior, é em função do volume de negócios, as empresas grandes pagam mil e quinhentos euros, as empresas pequeninas pagam cem euros... Portanto tem algum peso. Também participam muito em termos de capital ao ano porque algumas das nossas iniciativas exigem conhecimentos técnicos importantes e quem é que traz esses conhecimentos técnicos? Exatamente as pessoas que vêm do sector empresarial, das consultoras e das empresas do sector. Portanto é um contributo enriquecedor, embora haja uma independência total em termos do que levamos a cabo. (...) Em termos institucionais também são quatro sectores mas com organização diferente, as empresas das telecomunicações, as empresas de tecnologias de informação, as empresas de *media* e as consultoras. Temos muitas consultoras (entrevista APDSI)

o sócio patrono é aquele sócio que geralmente é uma empresa que pode fazer publicidade na revista, funciona como tal portanto a cota é muito mais elevada e no fundo são eles que sustentam parte da revista. A vantagem que eles têm é, portanto, fazem a divulgação, fazem publicidade na nossa revista, no nosso site também têm um *link* para as empresas deles e para os sites deles (...) O sócio coletivo é diferente, funciona como se fosse por exemplo uma empresa pequena que quer-se fazer sócia mas em vez de ser... por exemplo, nós os dois fazemos parte dessa empresa, em vez de eu ser sócia e você fazer-se também sócio nós fazemos a empresa sócia como sócio coletivo. O que é que acontece? Por exemplo, quando há um evento ou posso ir eu ou pode ir você pelo preço de sócio, porque se formos os dois individualmente o total... Quer dizer, vão dois por isso é quase a mesma coisa mas imagina, vão três ou quatro pessoas que fazem parte da empresa, ou seja, pode ir ao evento a preço mais económico qualquer uma das pessoas que faz parte da empresa e não só o sócio. O sócio coletivo a única vantagem que tem é essa, é não ser individualmente a pessoa a usufruir das vantagens de ser sócio mas sim a empresa. (entrevista APH)

### 5.3 Adesão às associações

De acordo com o inquérito, quanto às formas de chegada à associação (Figura 5.4), o meio mais comum é a recomendação interpessoal, de um professor ou de um colega de trabalho, seguindo-se-lhe um evento realizado pela associação ou o website da mesma.

Figura 5.4 Como tomou conhecimento da associação (%)



N=894

Quadro 5.2 Como tomou conhecimento da associação por tipo de associação (%)

	Soc. Científica	Assoc. Profissional	Assoc. Divulgação
Através de um professor do ensino superior/ orientador	38,4	4,4	3,4
Através de um colega de trabalho	22,3	33,8	14,5
Através de um evento realizado pela associação	21,2	12,9	17,9
Através do website da associação	5,9	12,9	11,7
Através de um familiar/amigo	2,9	6,2	22,8
Fui um dos membros fundadores	3,1	6,7	8,3
Através de uma publicação da associação	4,4	4,9	4,8
Através dos meios de comunicação social	0,4	4,9	11,0
Outra forma	1,5	13,3	5,5

N=894; associação estatisticamente significativa:  $p=0,000$ , V de Cramer=0,407



São contudo apreciáveis as diferenças segundo o tipo de associação (Quadro 5.2): o papel do professor é especialmente significativo no caso das sociedades científicas e dos colegas nas associações profissionais.

Essencialmente quem os chama são os professores, por exemplo agora neste colóquio da semana passada tivemos muitas pessoas que se inscreveram como sócios, ou seja, estes eventos também chamam muitos novos sócios, muitos diziam “ah eu nem conhecia a associação”, “ah, eu já tinha ouvido falar”, tudo agora se ouve falar com mais facilidade do que dantes porque temos a internet e facilmente as pessoas se chegam e sabem. (entrevista APH)

são pessoas que já estão na carreira que não é a partir do momento em que a pessoa entra que se sindicaliza, são pessoas que vão tendo conhecimento do SNESup, ou diretamente através dos delegados sindicais vamos fazendo um grande apelo aos nossos colegas para se sindicalizarem para fazerem uma sindicalização porta a porta, mas também alguns dos colegas que se têm associado ou porque nos questionam sobre os mais diversos assuntos e sentem que da nossa parte uma resposta que vai ao encontro das suas expectativas e então entendem que é positivo associarem-se ao SNESup mas também pela informação que vamos passando às pessoas pelos comunicados que nós fazemos de alguma maneira faz com que as pessoas reconheçam que a essência é um Sindicato que está próximo, que está preocupado com as pessoas e que no fundo tem uma abertura para se poder estar mais próximo de uma fonte de informação privilegiada dado o suporte maior do que se estiver isolado. (entrevista SNESUP)

Os eventos realizados pelas associações (nomeadamente congressos) são também uma forma importante de divulgação das sociedades científicas.

A atividade que de facto traz quase sempre, é a atividade, nós não temos uma atividade de divulgação, não podemos, não conseguimos ter atividade de divulgação do gênero enviar pessoas para uma localidade e fazer divulgação, não temos nem poderemos ter acho eu alguma vez. Mas sem duvida a atividade que traz mais novos sócios são os encontros. Portanto, além dos que costumam ir, há sempre pessoas locais, normalmente professores de filosofia e estudantes que contactam pela primeira vez com a Sociedade, muitas vezes nunca ouviram falar da Sociedade. (entrevista SPFilosofia)

normalmente tentamos ter uma presença grande em acontecimentos organizados por alunos do Ensino Superior Pré-Graduado, existem os Encontros Nacionais de Bioquímica organizados pelos alunos da Universidade do Minho, com atividades regulares e um Boletim de alunos de Bioquímica da Universidade de Coimbra e nós... Normalmente pedem-nos ajuda pedem-nos alguns patrocínios em termos de dinheiro, para sugerirmos pessoas, especialistas para ir falar deste tema ou daquele que eles acham que deve ser divulgado no seu encontro, nós tentamos estar presentes e tentando aí alertar para as vantagens de ser sócio da Sociedade Portuguesa de Bioquímica, tentamos captá-los logo de princípio (entrevista SPB)

o nosso veículo principal é a internet, claro, claramente, através da nossa página que foi totalmente renovada, e que hoje tá hoje muito mais atrativa e muito mais informativa (...) depois, quando fazemos os encontros, quando os workshops, fazemos uma divulgação maciça, portanto – temos



uma mailing list em que fazemos uma divulgação – mas é obvio que precisávamos de aí um esforço de marketing, tem que ser (entrevista SPECO)

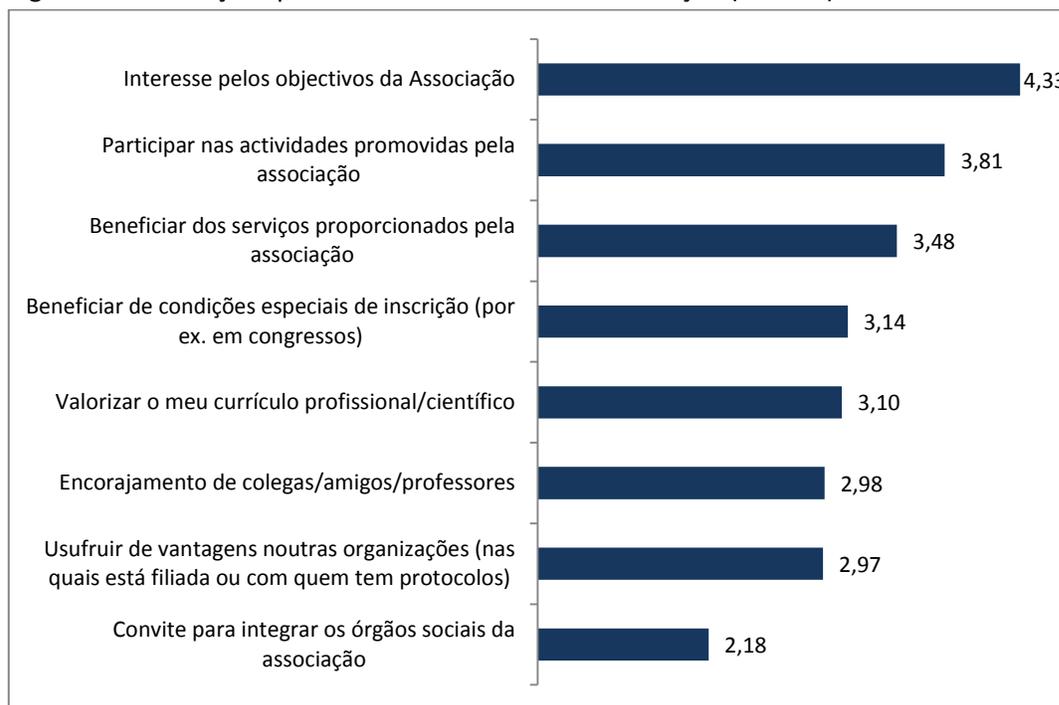
onde nós conseguimos arranjar mais associados é junto às iniciativas. Portanto sempre que fazemos um congresso ou uma jornada, ou participamos... Por exemplo, agora eu vou participar no dia 15 nas jornadas de bioquímica na Universidade do Minho. Vamos ter lá uma banquinha, onde poderemos, onde vamos ter alguns materiais publicitários para dar, divulgar e nós obtemos alguns inscritos, portanto, o padrão tem sido, quando nós participamos em algum evento, e temos uma banquinha que nos represente, conseguimos alguns associados. (entrevista ANBIOQ)

Já no caso das associações de divulgação científica, os meios mais comuns de tomada de conhecimento são os familiares e amigos, seguido dos eventos; a divulgação através de meios de comunicação social também é frequente.

quando nos começámos a profissionalizar e a partir da altura em que arranjámos uma pessoa específica para comunicação, para angariação de sócios, tivemos ajuda de outras associações e tudo, que isto foi há 4 anos, 3 anos. Aí, sim, um site de internet melhor, sistema de “warm names”, cada vez que vamos ao estrangeiro, a um sítio, registamos as pessoas com o email e dados, de vez em quando enviamos a newsletter e um apelo “Que tal fazer-se sócio agora?”, isto é apenas um exemplo, há uma técnicas que foram discutidas e adotadas, o número de sócios tem sido sempre a crescer, 20% ao ano. (...) Atividades em feiras, sentimos que a seguir há um aumento. Se temos tempos de antena na televisão, normalmente a seguir há um contacto mais forte naquela semana a seguir. Se há através do site, uma newsletter com uma notícia mais empolgante, vemos que há um aumento do número de visitantes no site... agora, saber se isso diretamente implica sócios e se eles vêm por aqui ou por ali, se é pela revistas, se é pela internet, se é pelas redes sociais, isso não conseguimos medir. Sentimos, sim, depois de uma atividade presencial, estivemos na NAUTICAMPO como parceiros oficiais, foi excelente, na semana a seguir tivemos um boom muito simpático do número de sócios, portanto, sentimos que nestas atividades as pessoas levam para casa, informam-se, participam numa atividade que temos nesse fim-de-semana a seguir, confiam... se calhar também é isso, há tantas... o que é que esta traz de mais vantagem que a outra não traz? Se calhar a parte da confiança, que não é mais uma associação, que trabalha para um objetivo, que tem resultados práticos visíveis e bem considerados a nível europeu, tudo isso acaba por ajudar que a imagem da SPEA seja forte nos dias que temos. (entrevista SPEA)

Quanto às motivações para aderir à associação (Figura 5.5), surge à cabeça e com bastante distanciamento das restantes categorias, a identificação com os objetivos da associação. A segunda motivação mais importante é a participação nas atividades da associação e só depois são valorizados os fins instrumentais de obter benefícios nos serviços, eventos e no currículo científicos.

Figura 5.5 Motivações para se tornar membro da associação (média\*)



N=886; \* Valor médio entre 1 (nada importante) e 5 (muito importante)

Quadro 5.3 Motivações para se tornar membro por tipo de associação (média\*)

	Soc. Científica	Assoc. Profissional	Assoc. Divulgação
Interesse pelos objetivos da Associação	4,11	<b>4,61</b>	<b>4,66</b>
Participar nas actividades promovidas pela associação	<b>4,00</b>	3,20	<b>4,06</b>
Beneficiar dos serviços proporcionados pela associação	<b>3,66</b>	3,17	3,28
Beneficiar de condições especiais de inscrição (por ex. em congressos)	<b>3,73</b>	1,95	2,42
Valorizar o meu currículo profissional/científico	<b>3,49</b>	2,23	2,88
Encorajamento de colegas/amigos/professores	3,15	2,66	<b>2,81</b>
Usufruir de vantagens noutras organizações (nas quais está filiada ou com quem tem protocolos)	<b>3,43</b>	2,21	2,30

N=886; \* Valor médio entre 1 (nada importante) e 5 (muito importante); diferenças de médias estatisticamente significativas aferidas pelo teste ANOVA ( $p > 0,05$ )



Registam-se variações segundo o tipo de associação (Quadro 5.3). No que respeita às sociedades científicas é mais valorizada pelos sócios a participação em atividades, os benefícios obtidos (serviços, condições de inscrição, vantagens noutras organizações) e o efeito sobre o currículo científico:

isto começa por ser pelos internos – os internos é fatal, porque é importante curricularmente e é de facto um sitio de formação - são os primeiros passos em neurologia, em apresentações e tal, em sessões e tal e posters e isto e aquilo e aqueloutro, faz-se pela neurologia, não é, pela Sociedade de Neurologia. (SPNeurologia)

Houve uma altura que fizemos aqui um projeto que envolvia a questão multimédia e coisas do gênero, e arranamos até um financiamento para fazer uma recolha de dissertações de mestrado e teses de doutoramento feitas em Portugal na área, e portanto ficamos com um repositório de dissertações e teses. (...) pegámos em todas as publicações das conferencias e da revista e criamos um repositório. Passamos a ter aqui um acervo de publicações digitais na área interessante que colmatava a falta de acesso que havia a essa documentação. E o acesso, apesar de... Portanto, era gratuito a sócios, portanto há uma serie de sócios que se inscreveram por via desse acesso, e por alguma razão se tem mantido. Portanto passou a ter essa procura. É evidente que as coisas mudaram e cada instituição passou a ter o seu repositório institucional e esse acesso a essas dissertações e essas teses passou a ter uma alternativa (entrevista APSI)

Já nas associações profissionais de cientistas a única motivação que se destaca é o interesse pelos objetivos da associação. As associações de divulgação científica geram o interesse dos sócios sobretudo pelos seus objetivos e atividades.

#### 5.4 Participação na associação

No que respeita à participação na vida da associação (Figura 5.6), a quase totalidade dos sócios que responderam ao inquérito afirmaram pagar as quotas, o que é geralmente uma condição indispensável de pertença segundo os estatutos das associações, mas também um dos problemas mais correntemente referidos nas entrevistas aos dirigentes:

há gente que não é sócia e estou a falar de sócios, ou que já foi sócio e depois não pagou as quotas, sabe como é que são estas associações (...) nós há pouco tempo tentámos fazer um pouco a limpeza disso, no sentido de dizer “as pessoas têm de pagar as quotas” porque nós somos uma associação que não tem muito dinheiro e as quotas são pequenas portanto porque razão não pagam as quotas? (entrevista SPES)

é uma grande fação de pessoas que não pagam as quotas, portanto, que pagam, vê-se sempre, isto é cíclico, portanto, quando nós temos um encontro há sempre um *boom* de inscrições, porque as pessoas têm uma redução na quota e normalmente é vantajoso, mas logo a seguir deixam de pagar, no ano a seguir já não pagam; e depois também não tendo uma pessoa fixa, a nível administrativo,



também se torna difícil a dinâmica porque muitas das pessoas não pagam porque não se lembram (entrevista SPECO)

temos um problema que possivelmente todas as associações terão, eu não sei, é que as pessoas deixam de pagar cotas e como a associação vive para os associados mas também vive dos associados se os associados não nos pagarem cotas nós não podemos estar indefinidamente assim. (...) há de haver muitas sociedades que estão aflitas, as pessoas não pagam as cotas, as pessoas têm outras necessidades e, claro, há muita gente que vem ter connosco e diz “olhe, eu gostava muito de continuar, gosto muita da Associação e sou sócia há muitos anos mas eu não posso, tenho outras prioridades” e pronto, as pessoas deixam de ser sócias também por isso, por causa da crise (entrevista APH)

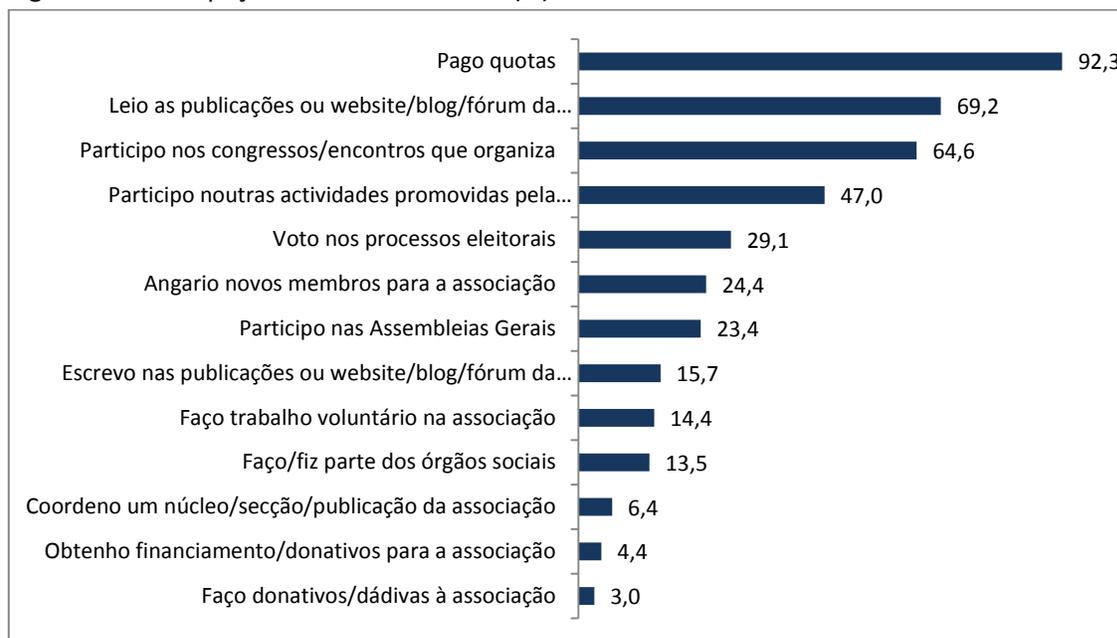
é verdade também que temos sócios com as quotas em atraso, temos feito várias iniciativas para resolver esse problema, com algum sucesso, diga-se de passagem, mas não tanto quanto gostaríamos (entrevista APS)

Neste momento temos 3600 sócios, mas se filtrarmos sócios que não estão com a quota em dia, que acho que é muito mais rigoroso e honesto falar disso, porque legalmente temos 3600 sócios, mas na prática, pessoas que nos estão a apoiar neste momento com a quota em dia e com intervenção, são 1750, mais ou menos. (entrevista SPEA)

não é fácil até porque desde que haja um pagamento numa quota por muito baixa que seja, como sabe desde há três anos a esta parte a única coisa que as pessoas fazem a nível de associativismo, é retirar-se deixar de ser sócios disto e daquilo, eu não estou a falar da AMONET agora em especial, estou a falar conheço muitos casos porque eu também estou envolvida noutras associações e o que acontece é que as pessoas desistem simplesmente por razões económicas e portanto não é fácil e neste momento é extremamente difícil no momento tão crítico que estamos a...que atingimos que não se verificava há muitas décadas, portanto deve ser o momento mais difícil da história, também da AMONET. (entrevista AMONET)

Mais de 60% dos inquiridos afirma também ler as publicações da associação e participar nos encontros científicos que promove. Porém, já menos de um terço assinala votar nos processos eleitorais e menos de um quarto participar nas assembleias gerais, o que indica um significativo afastamento da vida interna da associação. Como seria de esperar, a assunção de cargos nos órgãos sociais ou de funções de coordenação de secções ou de publicações é bastante rara.

Figura 5.6 Participação na vida associativa (%)



N=886

Quadro 5.4 Participação na vida associativa por tipo de associação (%)

	Soc. Científica	Assoc. Profissional	Assoc. Divulgação	p	V de Cramer
Leio as publicações ou website/blog/fórum da associação	61,5	77,9	<b>83,0</b>	,000	,200
Participo nos congressos/encontros que organiza	<b>77,6</b>	49,5	41,5	,000	0,326
Participo noutras actividades promovidas pela associação	38,3	47,7	<b>76,2</b>	,000	0,273
Participo nas Assembleias Gerais	16,1	<b>36,5</b>	29,3	,000	,211
Voto nos processos eleitorais	22,8	<b>45,5</b>	26,5	,000	,210
Angario novos membros para a associação	14,7	<b>48,2</b>	22,4	,000	,327
Escrevo nas publicações ou website/blog/fórum da associação	11,8	<b>23,4</b>	17,7	,000	,136
Faço trabalho voluntário na associação	5,4	17,6	<b>41,5</b>	,000	,372
Faço/fiz parte dos órgãos sociais	10,6	14,9	<b>21,8</b>	,002	,119
Coordeno um núcleo/secção/publicação da associação	3,5	9,9	<b>11,6</b>	,000	,144
Faço donativos/dádivas à associação	,4	5,0	<b>9,5</b>	,000	,202
Obtenho financiamento/donativos para a associação	3,3	4,1	<b>8,8</b>	,014	,098

N=886; associação entre variáveis testada pelo  $\chi^2$  e V de Cramer



Foram encontradas variações significativas nos modos de participação associativa segundo o tipo de associação (Quadro 5.4). Nas sociedades científicas o modo de participação que mais se destaca é a presença em congressos, o que salienta a importância desta atividade neste tipo de associação científica, como acima visto. Já as taxas de participação na vida interna das sociedades são muito baixas, pelo que nas entrevistas, quando instados a identificar o grupo de sócios mais participativos normalmente apenas são indicados os membros dos órgãos sociais.

é apenas a direção. Isso sim. É claramente uma.... digamos que um esforço muito grande da direção. Mas isso também se prende pelo facto de, da dispersão que as pessoas têm no país não é, não há muita gente a trabalhar em ecologia, pronto, ponto numero. Mesmo como carreira não é. E depois estamos dispersos pelo país todo, e é muito difícil, dadas as solicitações que nós temos hoje em dia, em termos de docência, de investigação, de gestão, porque cada vez mais nós estamos envolvidos na gestão do dia-a-dia, da burocracia, é muito difícil arranjar tempo para que as pessoas se encontrem, planeiem, executem atividades, pronto. (entrevista SPECO)

Eu diria, os membros da direção e as pessoas que lhes são próximas, também é verdade, pessoas que já foram próximas da direção, portanto há assim um certo intercâmbio, uns anos são uns, outros anos são outros. (entrevista SPFilosofia)

há um grupo de químicos que tem estado sempre mais envolvido nas atividades da Sociedade; ou porque estiveram na direção ou porque estiveram nas divisões e nos grupos ou porque organizaram encontros no passado (entrevista SPQ)

Um dos entrevistados aventa uma explicação

os cientistas geralmente são cientistas, e portanto normalmente não são muito dados a gostar dos aspectos mais formais e da organização das coisas, isso é um aspecto curioso. De modo que, a direção, as reuniões da assembleia normalmente não tem uma participação assim massiva. Não sei, posso dizer que 30% dos membros participam em assembleias gerais, talvez, por aí assim. Normalmente as assembleias que elegem direções, são um pouquinho mais participadas. Mas só um pouquinho. Portanto, quando me pergunta se os sócios participam ativamente, é essa a ordem de grandeza. Muitas vezes estão na reunião científica, mas depois não aparecem na assembleia geral. Mas penso que isso tem a ver com a natureza dos cientistas. (entrevista SPNeurociências)

Nas associações profissionais de cientistas têm maior peso a participação nas assembleias gerais e o voto nos processos eleitorais, talvez porque seja mais relevante a forma como estas associações são conduzidas na defesa dos direitos dos seus associados. A proporção de inquiridos que afirma angariar novos sócios é também elevada, o que está conforme os dados do quadro anterior. Nestas associações é também mais frequente os inquiridos afirmarem escrever para as publicações, websites ou fóruns da associação, o que se deverá provavelmente a duas destas associações inquiridas (e com uma taxa de resposta mais elevada), a ABIC e a ANICT, terem fóruns online que são bastante participados (ver secção 7).



Por fim, as associações de divulgação científica distinguem-se por um maior envolvimento dos seus associados na vida interna da associação: participação nos órgãos sociais, trabalho voluntário, angariação de financiamento, dadas e donativos. Tal explica-se pela reduzida dimensão de duas destas associações inquiridas (menos de 50 sócios). Por outro lado, a taxa de participação noutros eventos e de leitura das publicações da associação também é elevada, o que se pode atribuir à maior frequência deste tipo de atividades nestas associações (por exemplo, ações de comunicação de ciência).

há uma comunidade muito grande de bird watchers, de amadores que não têm muito mais pretensões que ser nossos voluntários e de aprender a ver as aves no campo e que conhecem melhor que alguns profissionais, mas temos cerca de mais de 400 voluntários que nos ajudam em programas de monitorização. Temos o programa do censo de aves comuns, que todos os anos tem 70 pontos de quadrículas, em que as pessoas têm de visitar 20 pontos e fazer escutas de aves, portanto é um trabalho bastante grande que depende desses voluntários e amadores que nos ajudam. E começa a ser uma ... já começa a ser preciso uma máquina bastante pesada aqui para informar essas pessoas, para as juntar, para ter os contributos deles, para relatar a eles o resultado da participação voluntária deles, já começa a ser um bocado difícil. (entrevista SPEA)

## 5.5 Benefícios da pertença

Tendo sido pedida no inquérito uma avaliação da importância de diferentes benefícios de ser membro da associação (Figura 5.7), os dois mais valorizados são a pertença a uma comunidade e o contributo para o desenvolvimento da ciência, seguido da promoção da cultura científica. Só depois são referidos benefícios mais instrumentais, como o acesso a informação sobre eventos e sobre descobertas, o conhecimento do campo e o convívio com pessoas com interesses semelhantes.

Mas é sobretudo nas diferenças por tipo de associação que residem os resultados mais interessantes (Quadro 5.5). Nas sociedades científicas disciplinares predominam os benefícios de ordem científica, como pertencer à comunidade, obter informação sobre eventos e sobre descobertas, conhecer o campo científico. Nas associações profissionais de cientistas os benefícios mais valorizados são, claro está, de ordem profissional: a representação de interesses, o acesso a oportunidades de emprego. As associações de divulgação científica são valoradas sobretudo pelo contributo para o desenvolvimento da ciência, para a promoção da cultura científica, o acesso a informação científica e o convívio com pessoas de interesses semelhantes.

Figura 5.7 Benefícios de ser membro da associação por tipo de associação (média\*)



N=851; \* Valor médio entre 1 (nada importante) e 5 (muito importante)

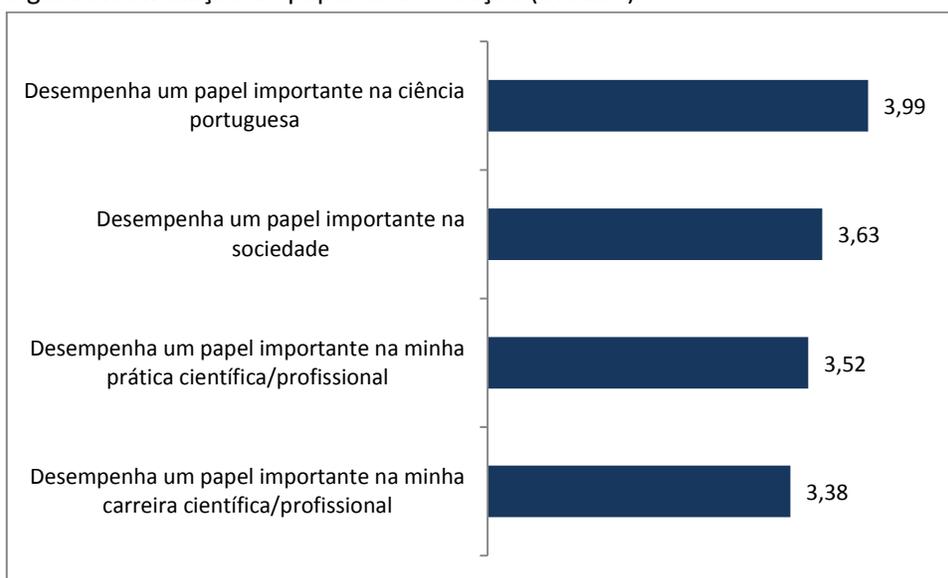
Quadro 5.5 Benefícios de ser membro por tipo de associação (média\*)

	Soc. Científica	Assoc. Profissional	Assoc. Divulgação
Pertencer a uma comunidade científica/ profissional	<b>4,29</b>	4,09	3,96
Poder contribuir para o desenvolvimento da ciência e da sociedade	4,09	4,21	<b>4,41</b>
Poder contribuir para a promoção da cultura científica	4,00	3,79	<b>4,26</b>
Manter-me atualizado sobre eventos, congressos, cursos	<b>4,29</b>	3,26	3,87
Obter informação sobre novidades/descobertas científicas	<b>4,10</b>	3,24	<b>4,09</b>
Ter a oportunidade de conhecer mais o campo científico (pessoas, organizações)	<b>4,06</b>	3,39	3,87
Conviver com pessoas de interesses semelhantes	3,91	3,44	<b>3,99</b>
Ver os meus interesses representados junto do poder político	3,28	<b>4,66</b>	3,67
Poder beneficiar das suas actividades/serviços/publicações/protocolos	<b>3,83</b>	3,26	3,77
Ter acesso a informação sobre oportunidades de emprego	3,25	<b>3,40</b>	2,67

N=851; \* Valor médio entre 1 (nada importante) e 5 (muito importante); diferenças de médias estatisticamente significativas aferidas pelo teste ANOVA

Instados a avaliar o papel da sua associação em diferentes esferas (Figura 5.8), os inquiridos salientaram sobretudo o seu papel na ciência e, em menor escala, na sociedade, menorizando a importância da associação na prática e na carreira científica. A única diferença a registar por tipo de associação (Quadro 5.6) é que os sócios das associações de divulgação científica sobrevalorizam o seu papel em todos os domínios.

Figura 5.8 Avaliação do papel da associação (média\*)



N=852; \* Valor médio entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente)

Quadro 5.6 Avaliação do papel da associação por tipo de associação (média\*)

	Soc. Científica	Assoc. Profissional	Assoc. Divulgação
Desempenha um papel importante na ciência portuguesa	3,93	3,92	<b>4,32</b>
Desempenha um papel importante na sociedade	3,41	3,70	<b>4,31</b>
Desempenha um papel importante na minha prática científica/profissional	3,53	3,39	<b>3,72</b>

N=852; \* Valor médio entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente) ; diferenças de médias estatisticamente significativas aferidas pelo teste ANOVA

## 5.6 Problemas das associações

Quando instados a assinalar os problemas com que se debate a sua associação (Figura 5.9), o mais frequentemente referido é a falta de visibilidade ou de divulgação,<sup>29</sup> seguido do pouco envolvimento dos membros. Mais de um terço acusa a falta de apoio público e perto disso a escassez de membros. Quase um quarto critica a ausência de atividades regulares e quase 20% a falta de oportunidades de participação dos sócios.

Figura 5.9 Dificuldades das associações (%)



N=829

<sup>29</sup> Um problema também assinalado por um dos dirigentes entrevistados: “Um facto, é indesmentível, professores de filosofia que nunca ouviram falar da Sociedade, que não sabem que há uma Sociedade científica, nem da Associação de Professores. Mas assim, as pessoas mais possível de ouvir falar por causa que são sindicais ou, pronto, pessoas mais ligadas a essas praticas. Agora há muitas pessoas que desconhecem por completo, e pessoas, não estou a falar de pessoas de Trás-os-Montes para o fundo, estou a falar de pessoas de Lisboa. Estou a falar de colegas meus! (...) Desse género, e é incrível que, quer dizer, nós não andamos por ai a fazer grande publicidade, mas é suposto as pessoas saberem que em termos de sociedades científicas, praticamente em todos os domínios científicos há uma Sociedade, porque pequena que seja, não é ?” (SPFilos)

Quadro 5.7 Dificuldades das associações por tipo de associação (%)

	Soc. Científica	Assoc. Profissional	Assoc. Divulgação	p	V de Cramer
Ter pouca visibilidade na sociedade ou estar insuficientemente divulgada	69,5	<b>76,2</b>	45,5	0,213	,000
Ter pouco envolvimento dos membros	54,0	<b>60,5</b>	40,3	,128	,001
Falta ou insuficiência de apoios públicos	33,6	38,1	<b>48,5</b>	0,11	,006
Não desenvolver atividades regulares	<b>26,0</b>	23,8	11,9	0,119	,003
Perder importância perante outros organismos do campo científico	<b>26,0</b>	18,1	11,9	0,132	,001
Proporcionar poucas oportunidades de participação aos membros	<b>22,9</b>	11,9	12,7	0,136	,000
Não apostar na abertura da associação ao público	<b>20,2</b>	10,0	9,0	0,144	,000
Ter poucos membros	17,5	<b>50,5</b>	44,8	,332	,000
Falta de pessoal remunerado	12,0	20,5	<b>34,3</b>	0,213	,000
Instalações inadequadas ou insuficientes	11,3	8,1	<b>19,4</b>	0,111	,006
A concorrência com outras associações	<b>11,3</b>	5,7	7,5	0,086	,046

N=829; associação entre variáveis testada pelo  $\chi^2$  e V de Cramer

Considerando as variações por tipo de associação (Quadro 5.7), às sociedades científicas disciplinares é apontado com mais frequência a sua inatividade e fechamento (à participação dos sócios e à sociedade em geral), bem como a perda de importância face a outras instituições do campo científico. De facto, face ao papel predominante das universidades e centros de investigação na produção e disseminação da ciência, a função destas associações vê-se posta em causa.

No que respeita às associações profissionais de cientistas, o que preocupa os seus sócios é a falta de visibilidade e “massa crítica”, em termos de número e envolvimento dos membros, o que faz perigar a sua eficácia na defesa dos direitos profissionais, prejudicando a sua representatividade e capacidade de representação junto do poder político.

Ainda estamos muito longe, o nosso número de sócios não representa... mas também achamos que há muitos simpatizantes... porque muitas das pessoas que nos colocam questões no Fórum, por exemplo, não são sócios, mas quando precisam de alguma coisa recorrem à ABIC. É um problema a representatividade porque é-nos sempre colocado quando vamos a reuniões com a tutela ou com alguma outra instância que pergunta qual é a nossa representatividade, e é um problema dizermos que temos poucos sócios. (entrevista ABIC)



Olhe, uma dificuldade grande é fazer chegar informação sobre a Associação ao universo potencial de associados. Digo concretamente aos investigadores. É difícil porque... Neste momento a maneira que nós temos de obter contactos é, no fundo, à mão, não é? É ir às páginas dos Laboratórios ou das Faculdades e ver quem é que é investigador, tentar obter o *email* e contactá-lo, não é? Pedir autorização para utilizar, utilizar o *email* numa lista (...) Temos tido casos de Instituições – Faculdades, Laboratórios, etc... - que são bastante cooperantes e portanto fazem a difusão da informação entre os seus, os seus quadros, não é? Outros que não, pelo contrário, simplesmente aquilo vai para, para o “geral” e morre por ali, ninguém sabe, não é? (...) Por parte da FCT também já solicitámos várias vezes, mas foi-nos sempre negado, que nos facultassem os contactos de *email* dos investigadores. Portanto, a FCT não faculta por razões de privacidade. É a política, a política da FCT é essa, portanto não, não faculta os contactos. E portanto, eu diria que essa é a nossa principal dificuldade neste momento. Nós sentimos que temos possibilidade de angariar mais membros, e que há muitos investigadores que ainda não conhecem a ANICT. Aliás, diariamente, nós... Por exemplo, imagine, participamos numa iniciativa, e chegamos à conclusão, falamos com alguns investigadores que não sabem que a ANICT existe, não é? Portanto, essa, essa é uma dificuldade grande, neste momento. Penso. (entrevista ANICT)

Já os sócios das associações de divulgação científica, muito voltadas para as atividades dirigidas a públicos alargados, apontam como principais dificuldades a falta de recursos, em termos de apoios, funcionários e instalações.

## 6. Funcionamento Interno

No que diz respeito ao funcionamento interno das associações podemos considerá-lo, por um lado, do ponto de vista político, ou seja, quanto ao dinamismo dos seus órgãos sociais, as estruturas de tomada de decisão; e, por outro lado, na sua dimensão orgânica, onde podemos relevar a existência de grupos de trabalho, o grau de profissionalização dos seus recursos humanos, problemas financeiros e outras dificuldades sentidas. Será ainda explorada a dimensão da comunicação interna e externa das associações científicas.

### 6.1 Órgãos sociais

O modelo de todas as associações contactadas é o que está, mais do que previsto na lei, incorporado nos costumes do país, pois o Código Civil não obriga em rigor à existência de uma Mesa da Assembleia Geral permanente. No entanto os órgãos sociais são invariavelmente compostos por três estruturas: uma fiscal, o Conselho Fiscal, normalmente com três elementos; a Mesa da Assembleia Geral, igualmente composta por três elementos; e a Direção composta geralmente por 5 ou 7 indivíduos, embora podendo ter mais. Estes três órgãos sociais no fundo correspondem à separação moderna de poderes: judicial, legislativo e executivo, respetivamente, mas são normalmente apresentados numa lista única.

Podem existir ainda outros órgãos estatutários como sucede com a APH ou a APS que criaram um conselho consultivo que poderia ser equiparado a um senado, como o próprio entrevistado da APS diz, pois aí se encontram os ex-presidentes, algumas individualidades, etc.

Este conselho consultivo reúne-se uma vez por ano, não se reúne muito mais. No fundo é uma troca de ideias e de impressões sobre o que é que... A primeira reunião até fui eu que solicitei ao presidente, depois é nomeado um presidente... Pronto, qual é que era o rumo que o conselho consultivo achava que a associação devia seguir, depois claro que cada um diz sua coisa, depois há uns que dizem coisas que eu acho que já não têm razão de ser porque isso era no tempo em que era pertinente e não conseguiram fazer (risos), está a perceber? (Entrevista APH)

Bom, esse Conselho é uma espécie de Senado dos Seniores, no fundo é um Conselho Consultivo, Conselho Científico, se quisermos ele começou com um número reduzido, eu não sei exatamente quantas pessoas, mas eram claramente os seniores aqueles a quem pedíamos conselho normalmente para o Congresso ou enfim para situações pontuais que justifiquem a reunião desse Conselho. O crescimento da Sociologia em Portugal e essa preocupação de incluir diferentes sensibilidades e quando digo diferentes sensibilidades refiro-me a orientações teóricas e metodológicas e também diversidade ao nível regional, ao nível dos diferentes Centros de Investigação e de diferentes Departamentos de Sociologia, isso fez com que o Conselho fosse crescendo e neste momento temos um Conselho Consultivo que é um Conselho realmente muito alargado... (Entrevista APS)



Poucas associações científicas entrevistadas contam com um órgão de regulação deontológica, geralmente designado comissão de ética (vide Rego, Delicado e Junqueira 2011). Este é o caso da Sociedade Portuguesa de Neurologia e da APS apenas. No primeiro caso o órgão não terá sido nunca ativado e até parece confundir-se com um órgão de regulação de disciplina interna da associação, tanto mais quando existe uma Ordem profissional com competência deontológica. De resto, a ALT-SHN também interpreta a questão no sentido de uma regulação disciplinar interna. No caso da APS a Comissão deontológica mostra-se ativo mas não na função de julgamento da conduta profissional dos membros, antes no sentido de participar em debates sobre o tema da ética.

...digamos que isto é só uma comissão de reserva. Isto está aqui só para resolver problemas que tenham que ver com a Sociedade, alguma que tenha que ver com os sócios, no âmbito da sociedade. No âmbito geral da própria medicina há o Colégio da especialidade há a Ordem dos médicos; e também há uma Comissão de Ética da Ordem dos Médicos, mais geral, isto não tem a ver com problemas disciplinares, só questões que se ponham só no âmbito da neurologia – nunca se puseram, mas podem vir-se a pôr, até podemos vir a ser solicitados para dar algum parecer e então o que fazemos é encaminhamos as coisas para as diversas estruturas da Sociedade... (Entrevista SPNeurologia)

Tem [atividade], não muita, mas tem quando é solicitada por esclarecimentos dos próprios sócios, quando a própria Direção entende consultar sobre alguma coisa; o Conselho Deontológico tem estado sempre envolvido também naqueles debates de que estávamos a falar sobre a Ordem ou não Ordem, alguns deles até foram mesmo dinamizados pelo próprio Conselho, as dúvidas que se colocam mais frequentemente e que são remetidas para o Conselho têm a ver o exercício da profissão, tem a ver com o reconhecimento das competências, com o reconhecimento da formação têm a ver com os concursos portanto, pessoas que perguntam se podem concorrer a um lugar tal, pessoas que reclamam, reclamam enfim, perguntam não é? Pedem aconselhamento se podem reclamar sobre critérios usados em concursos em relação aos quais se sentem lesados, etc. (Entrevista APS)

Um número mais importante de associações dispõe, no entanto, de um código de ética ou deontológico embora o carácter voluntário das organizações leve a que o seu impacto não seja significativo por não prever sanções relevantes. O código de ética da SPEA por exemplo surge como resultado de garantir a sua independência face a interesses económicos e não preocupado com a conduta ética individual dos profissionais que são seus membros. Por outro lado, a Sociedade Portuguesa de Neurologia criou uma comissão relacionada com o tema mas para servir de mediador/ representante numa federação europeia.

Esse tema surge, começou a surgir mais por causa dos financiamentos, quando aceitamos financiamentos há muitas empresas que tentam aproximar-se de nós para fazer *brain washing*, para tentar dar uma imagem daquilo que não são. O tema começou por aí, começámos a ter algumas propostas de patrocínios que ficámos um bocado sem saber qual era a nossa posição e há casos que são complicados. Há casos de empresas que na prática não tem mal nenhum aceitarmos dinheiro



deles, mas em termos de visibilidade para os sócios e para o público ia ser prejudicial, são empresas que sabemos que têm efeitos nefastos sobre o ambiente, nós também ficamos numa posição desconfortável. Essas coisas têm de ser clarificadas, tem de haver um código de ética, temos de dizer aos sócios quem somos, quais os nossos limites de atuação, estamos a preparar isso neste momento, estamos um bocadinho atrasados, mas vamos lá chegar. (...) Sim, [fomos ver outros códigos], os espanhóis têm um código de ética, está muito bem feito, temos uma base de inspiração. (Entrevista SPEA)

Não tem formalmente um comissão de ética, formalmente nos seus estatutos. Tem uma comissão que foi nomeada para funcionar como comissão de ética em experimentação animal, sobretudo na interacção com as estruturas da FENS. Mas digamos, essa estrutura tem como objectivo sobretudo ajudar a transpor directivas europeias para a legislação portuguesa, quando houver condições para que tal ocorra. Portanto não visa regular de algum modo a actividade interna dos cientistas portugueses, mas é mais uma plataforma de comunicação com a FENS... (Entrevista SPNeurociências)

Finalmente outras associações parecem não se ter debruçado sobre a questão, declarando que o poderiam fazer, mas sobretudo considerando não ser essa a sua vocação.

...tem esse ética de mostrar perante as autoridades... (...) E perante o público que... há que fazer e que... e nós temos feito muito, do ponto de vista do diagnóstico. Temos feito menos do ponto de vista de, digamos, de apresentar soluções. Isso era outro ponto que eu acho que era, que era importante, que era tentar, digamos, apresentar soluções, não apenas o diagnóstico “as coisas não estão bem”, mas dizer, “bom, não estão bem e podemos fazer isto”, quer dizer, temos feito mas de uma forma muito genérica, acho que podíamos fazê-la de uma forma mais concreta, trabalhar nesse campo, acho que sim, publicações, talvez orientadas... (Entrevista SPES)

Não é uma associação de profissionais das empresas, onde neste caso teria um papel importante, aí sim. OK, há o código de ética dos académicos, mas também é um aspecto a que digamos, não assume-se que este código de ética é conhecido e portanto não tem sido objecto de atenção especial, no sentido de publicar este código de ética. (Entrevista APDSI)

Não tem nada a ver, nós somos uma Sociedade das Ciências Médicas não fazemos ciência, se fizéssemos ciência tínhamos que ter um código de ética para a ciência, não fazendo ciência, por exemplo os trabalhos científicos que avaliamos, uma das coisas que se avalia é precisamente a ética do trabalho científico, o que é que lá está e por exemplo nos prémios dou-lhe exemplo, na seleção dos prémios Pfizer por exemplo, no caso da epidemiologia ainda não aconteceu, alguns prémios, alguns trabalhos de investigação já têm sido afastados da competição porque não têm, não obedecem. E não está provado que tenham por exemplo a autorização da comissão de ética do hospital ou a autorização da comissão de ética do instituto de investigação e isso é razão para os afastar. (Entrevista SCML)

Pessoalmente, acho que nunca tivemos uma preocupação desse tipo. (Entrevista SPFilosofia)

Na química há, eu sei que há recomendações de Sociedades em relação às publicações, como é que as pessoas se devem comportar em relação aos trabalhos que publicam, às avaliações que fazem,

etc.; mas não, isso nunca nos surgiu assim como sendo importante... também nunca surgiu a necessidade de expulsar ninguém por razões desse tipo. (Entrevista SPQ)

O Presidente da Direção é normalmente o elemento responsável pela constituição da lista, sendo ele uma figura com um perfil profissional ou científico relevante na área (ainda que não tenhamos aqui espaço para analisar em detalhe os seus *curriculum vitae*). Esse perfil imprime prestígio à associação, a qual pode constituir mais uma via para a sua intervenção na esfera pública, mas pode também ser considerada uma posição honrosa pelo próprio:

...a presidente anterior estava aqui... (...) e...portanto conhecemo-nos, aliás, nós todos mais ou menos conhecemo-nos todos uns aos outros, somos poucos, e portanto houve uma sugestão “porque é que eu não ficava e tal” – é sempre honroso ser presidente da sociedade; nós temos esta ideia dos presidentes assim de há uns anos, pelo menos até há meia dúzia de anos para cá os presidentes da sociedade eram assim os... grandes *patrons*, os velhos diretores de serviço, os velhos... e tal, e portanto é sempre bom estar na esteira das pessoas de grande prestígio (...). Atualmente estamos com direções um bocadinho mais novas (...) tem sido pessoas mais novas, há uma mudança geracional, não é, e portanto, a colega propôs-me e tal, e achei de facto que era uma honra e embora estivesse fora dos meus horizontes – tinha aquela ideia que era assim um professor catedrático, um diretor de serviço do hospital e tal – mas isso não é necessariamente bom, a pessoa nem tem disponibilidade nem tem motivação para isso. (Entrevista SPNeurogia)

Muitos Presidentes aderiram à associação por ser uma etapa natural na sua trajetória científica.

...sou sócio, como todos os neurologistas, o padrão típico é quando se entra para a especialidade entra-se para sócio da Sociedade de Neurologia. Foi assim que aconteceu, já sou sócio da Sociedade há vinte e tal anos. (Entrevista SPNeurologia)

...foi muito naturalmente porque eu sempre trabalhei, sempre tive interesse por ecologia, sempre trabalhei em ecologia, não é; portanto, sendo a sociedade portuguesa de ecologia fundada na faculdade de ciência de Lisboa, que é a minha casa, onde eu estudei e onde depois tive a sorte de ficar como docente, naturalmente que fazia todo o sentido, foi o percurso normal, não é, fazer-me parte de, fazer-me sócia da sociedade. (Entrevista SPECO)

Eu sou sócia da APH há muitos anos, eu já sou sócia há mais de vinte e cinco anos, eu sou investigadora, trabalho no INRB e na altura foi exatamente uma pessoa com quem eu trabalhava, exatamente na própria instituição que me puxou porque essa pessoa veio ter à APH para organizarmos uma coisa, na altura era um colóquio de ervilha para indústria e como eu estava a trabalhar nessa área ela chamou-me e eu fui. E a partir daí foi quando eu tomei o primeiro contacto, também tinha acabado o meu curso, a minha licenciatura, e depois fiz-me sócia da APH desde essa altura. (Entrevista APH)

Estou já sou sócia da Sociedade de Ciências Médicas desde há muito anos, desde quase depois de recém-licenciada no tempo em que eu me licenciiei, e eu licenciiei-me em 75, a Sociedade era ainda muito representativa, olhe ainda estava naquela fase das pessoas irem lá todas... (...) eu trabalhava aqui em investigação com um professor que por sua vez me disse tens que ser sócia da Sociedade,



portanto havia uma transmissão de professor para miúdo estudante, ainda o recém-licenciado, como aliás era sempre o recrutamento nessas alturas a Sociedade ainda toda a gente lá ia e portanto eu sou sócia da Sociedade desde sempre na minha geração, em Lisboa da minha geração somos praticamente todos sócios da Sociedade de Ciências Médicas e pronto e sempre fui... (Entrevista SCML)

Eu entrei na SPEA em 2006 para uma função que havia cá, para acompanhar dois projetos: um projeto da cortiça e o projeto do sisão, os dois já acabaram; e para a parte da comunicação. Profissionalmente e academicamente é a minha formação. (Entrevista SPEA)

Mas a assunção da função resulta em muitos casos de um convite, ainda que tenham exercido outras funções previamente nos órgãos sociais.

Portanto entrei na Direção em 99 como vogal e depois na segunda Direção a que pertenci passei a secretário; e então na terceira e última como presidente (...) ...e surgiu este convite e tal, e pronto, achei que não me daria um trabalho excepcional, uma vez que a Direção já estava aqui em Lisboa, já tinha a estrutura montada, e então foi só... mudar algumas pessoas... (Entrevista SPNeurologia)

...fiz parte da Direção do João Lobo Antunes, depois não fui da do Jorge Soares, não pude porque... cá está cada Presidente convida os que quer e como o Jorge convidou-me mas eu não pude porque estava fora, já não sei, depois voltei a ser da Direção com o António Coutinho, o António Coutinho pediu-me que fosse Vice-Presidente eleita e portanto sou agora Presidente primeira mulher. (Entrevista SCML)

A sua passagem por outras associações parece ir ao encontro de resultados de outros estudos sobre dirigentes, ou seja, é consistente com a ideia de um cidadão muito ativo em várias esferas de participação cívica. E se não assumem funções dirigentes nas outras associações, são pelo menos membros.

[Sou sócia] de todas as sociedades científicas, claro: sou sócia da Sociedade Portuguesa de Hematologia, Portuguesa de Imunologia, sou sócia da Sociedade Americana de Hematologia, da Sociedade Europeia de Hematologia, sou membro titular da Academia de Medicina Portuguesa, sei lá estas coisas de que nós somos sócios. (Entrevista SCML)

Eu sou sócio da Sociedade Portuguesa de Física, da Sociedade Portuguesa de Sociologia, sou... devo ser sócio da Amnistia Internacional, sou sócio do Benfica. (Entrevista SNESup)

Se o Presidente é um dos atores chave numa associação pode também constituir um bloqueio à mudança. A sua permanência por vários mandatos parece recorrente. A tendência para a circulação das elites de que nos falam os autores clássicos da ciência política, como Michels ou Pareto, parece claramente patente nestas associações também, na medida em que os membros mais ativos tendem a rodar entre si nos órgãos sociais:

...é quando muda o Presidente que as equipas têm maiores transformações normalmente... (Entrevista SPB)

Por acaso da Direção anterior está só uma pessoa. Eu é que constituí a lista e contactei até várias pessoas da Direção anterior. Pronto, não se mostraram com tempo, as pessoas também já têm a vida tão ocupada... (...) Mas as pessoas que aqui estão por acaso até já tiveram cargos em Direções anteriores, nomeadamente temos, por exemplo, a editora da revista que já foi presidente da associação há uns anos atrás, que é aquela colega que está ali naquela galeria das fotografias. Ela faz parte agora desta Direção e é editora da revista. E aliás temos mais, temos várias pessoas, olhe por exemplo o professor Carlos Portas que lhe falei, que é o Presidente da Assembleia Geral, já foi presidente, já foi vice-Presidente e portanto continua. Temos outro colega que é o vice-Presidente das plantas ornamentais, que já foi há uns anos atrás também, já foi vice-Presidente e temos gente nova que trouxemos, que nunca tinham pertencido à Direção. Gente mais nova não é, são da minha idade, alguns mais novos, temos o professor Portas que é mais velho. (Entrevista APH)

...de facto, a certa altura quando uma pessoa inicia um processo depois dizer “saí” também torna-se difícil, porque, nem mesmo do ponto de vista exterior e, digamos, com a associação internacional de engenharia sísmica, seria sempre um pouco difícil. (Entrevista SPES)

Tal como em outro tipo de associações, também nas associações científicas, a dificuldade em encontrar pessoas com disponibilidade de tempo é importante, fazendo recair o trabalho associativo no presidente e em poucos mais membros ativos. A questão da fraca adesão e participação é, no entanto, um tema complexo que passa por exemplo pela lógica do *free rider*. A literatura, como é sabido, não tem uma resposta dominante para explicar o que nos leva ou não à mobilização.

Em todo o caso um dos efeitos desta falta de mobilização é a fraca participação eleitoral, mesmo quando existe o voto por correspondência:<sup>30</sup>

A votação é feita no local ou pode ser feita por correio, o que pode facilitar mais a vida e que as pessoas participem mais. Mas ... Eu vou-lhe dizer que talvez um terço dos sócios participem, mais do que isso não participam. Mesmo assim nós fazemos Assembleias Gerais... Mesmo a participação dos associados nas Assembleias Gerais é muito reduzida, é essencialmente a Direção e pouco mais... (Entrevista APH)

Neste sentido é prática corrente, de novo como em outros tipos de associações, a existência apenas de uma lista sujeita a eleições, sendo a perspetiva de mais do que uma considerada uma divisão ou sinal de conflito interno e não apenas propostas alternativas. A pluralidade é no entanto muitas vezes considerada desejável no discurso dos entrevistados.

Não, não tem havido. Ultimamente não, ultimamente não. Não tem havido. Nós temos aparecido, o que é pena não haver mais listas, mas temos..., desde que iniciámos este processo, eu tenho ideia de

---

<sup>30</sup> Tal foi também verificado nas assembleias gerais da APS onde fizemos observação participante.



que tem havido alterações... (...) mas conjunturais... alteração de nomes (...) com certeza que mudaram pessoas mas não têm aparecido outras listas. (Entrevista SPES)

Que eu saiba houve sempre uma lista, nunca houve mais do que isso. Aliás, nós vamos agora ter eleições em Novembro e eu estava exatamente, quando chegou, a ler o editorial que fiz agora para a revista em que eu apelo a que haja mais listas. Não faço ideia, mas não são muitos, à partida somos nós e nós fazemos... (Entrevista APH)

...geralmente há uma lista que se propõe, sempre houve uma só, nunca houve competição para se ser da Direção, no fundo a Direção da Sociedade é entendida pelos que pertencem à Direção como um dever cívico, não propriamente com uma grande excitação como pode calcular... (...). Habitualmente a coisa é muito natural, porque como deve ter reparado há sempre uma continuidade histórica das sucessivas Direções... (SCML)

A existência de uma só lista não pode deixar de contribuir para a fraca participação dos membros das associações dado o fraco impacto do seu voto, como observa o nosso entrevistado da Sociedade Portuguesa de Bioquímica:

Uma coisa arrasta a outra, normalmente com um candidato as pessoas não estão para..... não se sentem muito motivadas a.... Ou não sentem grande necessidade de ir à Assembleia Geral votar. Já agora outro sinal dos tempos também agora já se admite o voto por correspondência, coisa que também é bastante recente e o voto por correspondência precisamente para tentar, isto porquê, a eleição é feita em Assembleia Geral, quando as Assembleias Gerais coincidem com os Congressos, as pessoas já estão no Congresso às vezes vão ali ao lado à Assembleia Geral, mas quando coincide com o ano entre dois Congressos é muito pouca gente para não dizer que é uma pobreza franciscana. Se a Assembleia Geral for aqui no INM, neste edifício as pessoas ainda descem, vão lá abaixo, participam, votam, mas ninguém vem de Coimbra para votar sobretudo se for uma lista única como acaba por ser. (Entrevista SPB)

A composição das listas não resulta apenas da disponibilidade dos indivíduos em se envolverem e obedece muitas vezes também à representatividade que se pretende ter no órgão executivo. Diversas sensibilidades, ramos disciplinares ou profissionais, regiões geográficas, são muitas vezes fatores subjacentes à escolha dos membros dos corpos sociais, como bem ilustra o caso da APH, da APS ou da SCML.

Temos professores de vários sítios de todo o país, temos investigadores, temos técnicos das direções regionais, temos técnicos até de escolas superiores agrárias, mas não professores, técnicos. Temos, portanto... Produtores também, exatamente. Temos tudo. (...) E além, pelo menos foi o que eu tive em conta, além disso é também o país, pelo país inteiro. A minha lista vai desde Bragança até ao Algarve, está a ver que correndo tudo. Mas realmente o que se passa aqui, o que se nota é que os académicos, ou os investigadores, têm mais apetência para esta criação de eventos e para isto. Se nós vamos buscar, e porque vamos buscar outras pessoas, não estão tão talhados para isto e é mais difícil. Daí que eu tenha optado, como lhe digo também há, não propriamente na direção, mas há no conselho fiscal e assim, empresários e tudo. (Entrevista APH)



Há, aliás essa preocupação de haver uma certa diversidade regional mas não apenas também de equilíbrios de género, diferentes sensibilidades, até diferentes idades, temos normalmente essas... diferentes idades não pela idade mas pela tentativa de abranger diferentes tipos de experiências e de perfis, temos normalmente essa preocupação, não apenas na constituição de listas para a Direção mas também quando organizamos algum evento e que escolhemos os oradores, escolhemos os participantes, tentamos sempre assegurar esse equilíbrio, bom, não quer dizer que isso seja sempre possível às vezes não é possível mas procuramos fazer isso. (Entrevista APS)

...há aqui umas regras não escritas como há sempre nestas Sociedades que são de respeito pela figura, pela pessoa, eu fico muito contente que de certa forma a próxima Direção mude, que saiam pessoas que são da Faculdade de Medicina de Lisboa, que sou eu, passe para a Faculdade de Ciências Médicas; o meu sucessor escolherá como muito bem entender a equipa, sempre houve aliás na Direção, sempre houve pessoas das duas Faculdades de Ciências Médicas sempre, a Direção tem vários membros e sempre houve porque aqui de certa forma também por um equilíbrio de representatividade das duas Faculdades Médicas da região de Lisboa, faz todo o sentido. (Entrevista SCML)

...as Direções, digamos, historicamente, e é uma daqueles compromissos da própria sociedade implícitos, a Direção deve ser representativa das unidades de investigação em Portugal, e portanto ter uma certa representatividade regional. (Entrevista SPNeuro)

O mais improvável parece ser incluir pessoas de fora da academia nos órgãos sociais (ao contrário do que sucede na Sociedade Alemã de Química – Rilling 1986).

...já houve, pessoas da indústria... por um lado é mais difícil... as pessoas da indústria parece que se calhar em geral são um bocado mais isoladas... estão lá na sua indústria e... portanto não contactam tanto com outras pessoas, e por outro lado têm muito menos disponibilidade de tempo porque nós temos uns horários que são muito mais flexíveis; não quer dizer que trabalhamos menos mas trabalhamos ao fim de semana ou à noite, etc, e essas pessoas da indústria normalmente não têm essa disponibilidade e portanto é mais difícil para elas. Mas já tivemos, pelo menos a nível de secretário-geral adjunto tivemos, pessoas da indústria. (Entrevista SPQ)

A renovação da composição da Direção parece ser uma questão que preocupa algumas associações: umas vão passando o testemunho a jovens membros que são integrados nos outros órgãos sociais, outras limitam o número de mandatos.

...também andamos à procura dum grupo de pessoas que nos substitua, pronto, é claro, porque há um cansaço um bocadinho grande em termos de dedicação à causa e de perder horas, muitas horas a trabalhar numa coisa que, pronto, que é importante porque, mas é muito por carolice, não é (...); mas também achamos que neste momento, e uma vez que apresentámos uma proposta de revitalização da Sociedade, que quando sairmos queremos deixar alguma coisa concretizada, não é (...) E já incluímos nos corpos sociais pessoas novas – inclusivamente jovens, mesmo jovens, ecólogos – não estão ainda na direção propriamente dita, mas estão nos corpos sociais, mas a ideia é de os introduzir na Sociedade para poderem vir a ser os futuros dirigentes da Sociedade. (Entrevista SPECO)



Portanto, nós em Estatutos, permitimos que haja... São mandatos de dois anos que podem ser... Portanto, cada pessoa é elegível duas vezes consecutivas. (...) Até quatro anos no máximo, mas eu já lhe estou a antecipar isto, portanto com toda a probabilidade, no final dos dois anos eu vou, eu também não me vou recandidatar a Presidente. Portanto nós, para já pelo menos, gostamos de promover a rotatividade. (Entrevista ANICT)

Muitas associações alegam, no entanto, a importância da «continuidade».

Esta lista foi constituída com praticamente metade dos colegas que transitaram da Direção anterior, ou seja privilegiámos uma continuidade de pessoas que cá estavam na anterior Direção; no fundo já tinham vindo a fazer um trabalho anterior no SNESup mas também tentar renovar com colegas alguns deles até recém-sindicalizados que de alguma maneira se mostraram disponíveis e interessados em partilhar algum trabalho mais ao nível da Direção do SNESup e também o tentar ir buscar a experiência de outros colegas que de alguma maneira tinham estado ligados a órgãos do SNESup ou à Direção ou como delegados sindicais... (Entrevista SNESup)

## 6.2 Orgânica das associações

As associações científicas selecionadas para um estudo aprofundado revelam dinamismos vários, como parece ser de resto a situação na generalidade das associações. As diferenças resultam de fatores diversos, como a antiguidade, a composição da Direção, a pertinência dos seus principais objetivos e atividades, etc. A ausência de um registo nacional atualizado sobre o estado de atividade das pessoas coletivas e em particular das associações contribui para a dificuldade em sistematizar este tipo de informação. Alguns indicadores por nós utilizados podem, no entanto, revelar o grau de dinamismo das associações.

A necessidade de reuniões frequentes dos membros da Direção é um deles. Ainda que as novas tecnologias de informação e comunicação obviem muitos obstáculos, a frequência das reuniões da Direção parece-nos evidenciar uma atividade pouco intensa e regular destas organizações.

Nós reunimo-nos, e nestes últimos anos tem sido praticamente três a quatro vezes por ano, não reunimos muito. Hoje em dia com a internet está tudo facilitado e portanto nós estamos sempre em contacto uns com os outros. Mas reunimo-nos... Olhe, ainda esta Segunda-feira aqui. E tentamos fazer, por exemplo no dia das Assembleias Gerais, fazemos reunião de Direção antes, depois fazemos a de Assembleia Geral. Juntamos. Porque, cá está, para as pessoas se deslocarem de todo o país depois é complicado, mas portanto tem sido três... Este ano esta foi a segunda reunião, só tivemos duas reuniões, duas não... Acho que foram três. Mas é suficiente, eu não vejo necessidade para mais, é suficiente porque nós ao telefone ou pela internet ou assim resolve-se tudo e com o conhecimento de todos resolve-se. E depois às vezes sabe o que é? É a dificuldade de arranjar um dia semana que dê para todos... (Entrevista APH)



Em relação à Direção o que dificulta um pouco mais essa gestão de equilíbrios designadamente de nível regional, bom, são as questões práticas do facto de termos que reunir, embora atualmente os emails nos dispensem de muitas reuniões que faríamos noutras ocasiões; mas nós reunimos pelo menos uma vez por mês e de facto até do ponto de vista dos encargos económicos que isso representa e nos tempos que correm essa é uma dimensão fortemente constrangedora da vida das Associações; bom isso não permite que a Direção seja composta, não permite que a Direção tenha a diversidade regional que seria interessante ter. (Entrevista APS)

...as reuniões da Direção embora estatutariamente devessem ser - tem que se modificar isso, porque isso não é verdade há uma série de anos - deveriam ser uma vez por mês, coisa que não são e portanto nós fazemos, sei lá de 2 em 2 a 3 em 3 meses reuniões para acertar coisas que estejam em curso e para fazer... e dar andamento a uma série de assuntos que temos que dar; mas não há reuniões muito frequentes, que me lembre desde o meu tempo nunca houve, embora teoricamente esteja lá escrito, tem que existir mas não acontece porque não se justifica que aconteça. E portanto não são assim muito frequentes... (Entrevista SCML)

Portanto, eu vou-lhe dizer, o ano passado nós reunimo-nos quando dava jeito, simplesmente. Quando era preciso, nós convocávamos uma reunião da Direção e reuníamos. Este ano estamos a tentar reunirmo-nos mais vezes e de forma mais periódica, não é? Portanto, mais regular. Eh, admitindo que é difícil, não é... O que nós tentamos fazer é conciliar isso com outros eventos onde a Direção também tenha de participar, ou alguns membros tenham de participar, nomeadamente reuniões com a FCT, por exemplo... (...) De qualquer modo, eu acho que nunca tivemos uma reunião da Direção em que toda a gente estivesse presente. Eh, portanto, o que nós fazemos é, quando são decisões que é, em que é preciso toda a gente ter... portanto... ou que não são à partida consensuais, nós fazemos votação *online*, por exemplo. E muitas das nossas decisões são tomadas por votação *online*. (Entrevista ANICT)

A atividade das associações gira muitas vezes em torno de um evento principal, designadamente de um congresso e por isso se vai mantendo com um grau de desenvolvimento incipiente.

...não é uma coisa que seja assim de grande preocupação, é mais não deixar desaparecer, mais até pelo valor da conferência do que por outra coisa. (Entrevista APS)

Um outro indicador do seu dinamismo é o grau de complexidade que a organização alcançou. Este indicador relaciona-se com a existência de grupos de trabalho e outras estruturas de descentralização das atividades. Uma grande parte das associações da nossa amostra tem algum tipo de divisão interna, mas existem também associações cuja dimensão é tão reduzida que não o permite.

Não há núcleos nenhuns, somos só nós aqui, somos poucos. Mas sim, gostávamos... não queremos também, da maneira que somos independentes de áreas do país, para nós tínhamos um núcleo no Porto, eu sou do Porto. Mas o que tentamos fazer é que as nossas atividades vão para todos os lados, mas não temos ninguém noutros sítios que não seja... então aí era a dispersão total, porque já somos tão pouquinhos, não podíamos, ainda não temos dimensão para isso mas a ideia era termos. (Entrevista AVaC)



Tão importante quanto saber se foram criadas estas estruturas, é saber se funcionam. Em várias associações elas estão previstas mas não são efetivas. No caso da Sociedade Portuguesa de Neurologia, a atual Direção terá tido a iniciativa de acabar com algumas por não ter na prática atividade.

...as pessoas dizem que “sim senhor”, estão cheias de boa vontade, mas depois chega-se ao fim... e depois também, isto é uma coisa que a gente faz em *part-time*, não é, isto é uma coisa de carolice, não é, ninguém vive dedicado a isto, a gente também tem a nossa vida... (...) depois há grupos, os grupos de estudos de demências e tal, que não fazem parte da direção mas que fazem parte da Sociedade, e que, têm a sua vida mas a sua vida tem que ver com... trabalha na sua Sociedade ou no seu grupo e que no fim acaba por ser também um contributo para a Sociedade. A Sociedade no fim é quase uma sociedade das nações; temos a epilepsia, a não sei dos quantos, enfim, as demências, as cefaleias e tal, e portanto... (Entrevista SPNeurologia)

A associação tem teoricamente [delegações regionais] porque elas não funcionam... (...) Pelo menos no meu mandato eu nunca procurei essas pessoas, nem nunca... Eu não sei muito bem, acho que as delegações regionais eram... São os próprios presidentes que organizam e que fazem esse tipo de... Era bom, era uma ideia boa, pessoas nas regiões que captem gente e tudo. Mas eu nunca funcionei com isso, nunca, nem percebi muito bem se os delegados regionais se é só um mandato quando a direção acaba... Olhe, não percebi. (...) como nós também temos, portanto, a Direção está muito regionalizada pelo país e eles próprios fizeram esse trabalho. E eu também não sinto necessidade de haver mais pessoas a fazer. (Entrevista APH)

Essa Secção [do campo profissional] , esse núcleo foi perdendo atividade e não é por más razões, das pessoas que eu me lembre que estiveram na linha da frente disto se quisermos são hoje pessoas com cargos importantíssimos de grande relevo nas organizações onde trabalham, portanto a razão pela qual deixaram de militar, não penso que seja por desinteresse é simplesmente um bocado o resultado do seu próprio sucesso, não é? (Entrevista APS)

[O Centro para o Ensino da Filosofia] É um centro da Sociedade. Neste momento acho que é o único centro activo, mesmo não tendo muita actividade para ser honesto. Mas... Também porque estas actividades faziam pouco porque... A Direção assumiu esta representação e as pessoas que antes dinamizavam o centro agora, estão um pouco... estão com muito que fazer. Nomeadamente umas das pessoas, e que foi um grande dinamizador desses encontros (Entrevista SPFilosofia)

Por vezes esta organização interna parece resultar mais de um efeito mimético do que de uma resposta a uma necessidade existente.

...é o modelo, é o perfil que têm as outras Associações com quem trabalhamos e portanto aquela aproximação de que lhe falava há pouco com colegas, o interconhecimento de sociólogos dos diferentes países sei lá, que possam fazer projetos conjuntos, portanto essa aproximação se nós não estivermos organizados em secções [temáticas] as coisas ficam bastante mais complicadas; e o facto de estarmos organizados em secções permite que cada secção organize melhor a sua atividade, promova os seus próprios encontros, faça dos seus próprios *call*, possa publicar os resultados das investigações que se fazem nesse domínio da especialidade; portanto parece-nos que isso é vantajoso em todos os aspetos... (Entrevista APS)



...tem havido dentro da Sociedade Portuguesa de Bioquímica uma dinâmica também ela de subgrupos todas as sociedades científicas acabam por ter subgrupos nós temos e tal como a Sociedade Portuguesa de Bioquímica emanou um subgrupo da Sociedade de Ciências Médicas, há vários grupos da Bioquímica, existe o grupo de Biofísica, existe o de Radicais Livres, existe o de Educação em Bioquímica. (Entrevista SPB)

As divisões e os grupos surgiram, eu penso que foi aquando da alteração dos Estatutos, já nos anos 80, talvez; surgiram naturalmente porque eram as divisões que existem na química: divisão de química-física, química inorgânica, química orgânica, por aí fora, e depois as divisões têm uma dinâmica própria se têm de facto interesse, sócios com interesses nessas áreas. E foram surgindo cada vez mais, também grupos, também temos vários, temos um grupo por exemplo, que é um dos mais recentes que é o dos jovens químicos, em que... porque o que acontece nos encontros científicos, também como sabe, é normalmente os estudantes de doutoramento etc., apresentam uns posters, não vão fazer apresentações orais normalmente, e eles nesse encontro têm a oportunidade de falar todos, fazem todos apresentações orais, e tem sido bastante bom, esse grupo tem funcionado bem. Temos outros também mais recentes... (Entrevista SPQ)

De qualquer modo, as estruturas criadas parecem basear-se essencialmente nas especializações, em subdisciplinas, ou ramos, o que lhes confere um carácter mais permanente, podendo até dar origem a novas associações com o desenvolvimento do tema.

...se reparar nasceram muitas secções que no fundo representam muitas delas as novas Sociedades especializadas, nasceram na Sociedade das Ciências Médicas na altura em que não havia propriamente especialidades médicas, começava-se de facto a desenhar o conhecimento especializado em determinadas áreas, mas sem muitos aficionados, digamos especialistas na matéria e foram criadas de facto como secções da Sociedade, que viveram sempre dentro da sede da Sociedade mas já tendo as suas atividades próprias, mas ainda como secções, portanto em que todos eles, todos os Médicos são estatutariamente sócios da própria Sociedade de Ciências Médicas mas ao mesmo tempo sócios da sua secção. Depois as secções foram progressivamente crescendo e a partir de um certo nível de crescimento e de importância acabam por se constituir em Sociedades independentes, e a partir do momento em que se constituem em Sociedades independentes, saem da Sociedade mãe, neste caso a Sociedade de Ciências Médicas ... (Entrevista SCML)

...tem sido interessante verificar a dinâmica destes grupos ao longo dos tempos. Por exemplo a Sociedade Portuguesa de Neurociências emanou da Sociedade Portuguesa de Bioquímica, porque havia um grupo de Neuroquímica que em determinada altura atingiu uma determinada dimensão, saiu e formou-se a Sociedade Portuguesa de Neurociências. (Entrevista SPB)

Os grupos criados em torno de subdisciplinas fazem correr o risco de sobreposição com a atividade de outras associações.

...havia um grupo de radicais livres que teve problemas, porque os radicais são uma área que é interdisciplinar: há os radicais em medicina, nomeadamente, e portanto, acham que “é o envelhecimento e os radicais”, e depois aqueles suplementos que se tomam de antioxidantes e por aí a fora, e portanto, isso tem uma grande importância na medicina e este grupo sofreu um bocado com



isso. Houve pessoas que passaram a organizar encontros semelhantes mas noutras... bem, e nós isso não podemos fazer, nós nunca podemos impedir, e portanto esse grupo esteve um bocado parado mas agora também já foi reativado. (Entrevista SPQ)

Algumas associações entrevistadas sinalizam também a existência de grupos criados em torno da educação, como a Sociedade Portuguesa de Bioquímica, a APDSI ou a Sociedade Portuguesa Neurologia. E outras em torno de interesses mais subjetivos, como nos dá conta a SPEA, ainda que seja evidente a dificuldade em alimentar projetos deste tipo devido à escassez de recursos. A SPEA de resto tem já uma orgânica assente nas suas atividades de prestação de serviços, mas esta é, recorde-se, uma associação de divulgação científica que conta com a participação de muitos voluntários.

Surgiu por grande gosto, interesse, paixão, e acho que já era um sonho de algum tempo. O antigo presidente da associação, Ricardo Tomé, é especialista em Tyto Alba, que é uma espécie de coruja do mato, ele continua a fazer muitos estudos, é a espécie dele, é o especialista que nós temos. Quase por “Por que não fazer este grupo?” e acho que era já uma ideia com algum tempo, portanto, estamos satisfeitiíssimos que as coisas estejam a arrancar bem, há voluntários a colaborar nisto. (...) Não está previsto... (...) Se nos aparecer um sócio ou um grupo de sócios que queiram dinamizar um grupo de trabalho, claro que não é “Sim” logo, gostaríamos de estudar um bocadinho como é que é... (...) A nossa dificuldade está em desperdiçar recursos, se houver um grupo de trabalho que está montado, que tem pessoas voluntárias que não consomem recursos aqui dentro, para nós é excelente, damos o nome, o apoio naquilo que for preciso, mas não conseguimos dar recursos humanos. Pontuais, sim, mas em permanência é difícil. (...) Neste momento estamos divididos em cinco departamentos, temos um departamento que tem a ver sobretudo com atividades e com sócios, damos apoio aos nossos sócios, temos serviços que prestamos aos nossos sócios em termos de saídas de campo, de atividades, de cursos, de formações em ornitologia, de identificação das aves, enfim... uma diversidade enorme de coisas que fazemos. Temos um outro departamento que é de conservação, que está dividido em dois: um de conservação de aves terrestres, outro com aves marinhas. (Entrevista SPEA)

Um terceiro indicador do dinamismo das associações que relevamos é a existência de recursos humanos na associação. Com efeito, se as associações contam com pessoal ao serviço será sinal de que a sua atividade é permanente. O limiar detetado na amostra mais relevante parece situar-se sobretudo entre a existência de um colaborador ou de mais do que um, o que quer dizer que o grau de profissionalização destas organizações parece ser baixo. Mas é de notar também a existência de pessoal técnico numa das associações entrevistadas. Com efeito, a APDSI conta, não só com uma secretária a tempo inteiro e outra a tempo parcial, mas também com uma jornalista a tempo parcial. Nos casos selecionados há essencialmente secretários e o número oscila entre, por



um lado, uma secretária a tempo parcial na SPNeurologia e na APH e, por outro lado, 5 colaboradores do SNESup só nas suas instalações em Lisboa e 52 na SPEA.<sup>31</sup>

...nós temos duas pessoas que trabalham em *part-time*, são secretárias que já vinham da Direção anterior (...) elas também trabalham aqui na Faculdade e fazem isto depois das horas de trabalho... (Entrevista SPNeurologia)

...é exatamente isso o que temos, nós trabalhamos aqui, é a Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal (SCAP) que nos cede aqui estas instalações e temos uma secretária que partilhamos com a SCAP. É o que temos, não temos mais nada. (Entrevista APH)

Sete a dez, não são *full-time* exato, exato ou seja não é o emprego delas, elas todas têm outro emprego mas colaboram o tempo que podem, *part-time* para a Associação... (Entrevista Nuclio)

Uma funcionária na Sede do Porto, uma funcionária na Sede de Coimbra, cinco funcionários na Sede de Lisboa. (Entrevista SNESup)

...só que entretanto isto cresceu um bocado, ainda passou por uma fase de semi-profissionalização, há 10 anos tínhamos aqui dois funcionários mais um em *part-time*, e foi nessa altura que eu ingressei, já depois de ter saído dos órgãos sociais, e ingressei aqui como profissional, passámos a 5 pessoas e hoje somos 52. (Entrevista SPEA)

Há também outros sinais de que a contratação de colaboradores não está subordinada a uma racionalidade economicista, antes numa racionalidade associada às organizações não lucrativas onde os valores humanistas se podem sobrepor à eficiência e que passa também pelas ajudas externas que vão sendo conseguidas.

Temos uma pessoa, que se reformou agora, para o bem e para o mal... foi o senhor que coletou uma boa parte da nossa coleção, foi adquirida entre nós e a Câmara, ele entrou numa situação económica um pouco má, já estava com a garagem cheia de ossos, como ele dizia... ele também não queria deixar de trabalhar, o que é perfeitamente compreensível, e então propusemos ele ficar como funcionário da associação, em vez de “tome lá 15 mil euros”, vamos supor, pela coleção. Trabalha, para mantê-lo vinculado de certa forma à coleção. (Entrevista ALT-SHN)

Depois há uma outra que é a secretária propriamente dita, também é uma senhora muito absentista, não sei quê muito doente, muito frito e muito cozido, mas entrou sabe-se lá há quantos anos e sabe-se lá por que é que entrou e agora vá lá despedi-la. Depois temos um funcionário que alguém se lembrou de o meter também por razões humanitárias que é o que trás a correspondência não sei para quê, agora uma coisa é a gente saber que ali fazia-se uma gestão de custos brutal despedindo mas púnhamos esta gente no desemprego, a opção é essa. (Entrevista SCML)

...quando decidimos implementar a rede LTER, outra coisa que pedimos à FCT foi para nos atribuir uma bolsa de gestão de ciência e tecnologia, que é uma pessoas que tá 100% dedicada à sociedade, e

---

<sup>31</sup> Este número inusitadamente elevado justifica-se pelos múltiplos projetos de investigação e conservação da natureza que desenvolvem.



que felizmente tivemos. Portanto, a propósito do LTER, conseguimos essa bolsa, e é claro que a pessoa não faz só LTER, faz LTER e faz as outras atividades. E tem sido uma peça fundamental, porque só assim é que nós conseguimos ter a revista. (Entrevista SPECO)

Digamos que nesses termos o que tem havido foi em 2007, eu entrei para aqui como assessor da Direção por uma grande boa ação do Ministério da Educação, que foi conceder um docente a tempo inteiro no protocolo com a Sociedade para exercício de atividades na Sociedade. Em todas as Sociedades. Concederam isso pelo menos a todos que o pediram. Não sei se alguma que não pediu, acho que nenhuma foi recusada. E foi um período de dois anos, pronto, isso foi excelente, porque permitiu... normalmente o presidente é professor universitário e tem pouca disponibilidade para questões burocráticas, para questões de secretariado, questões de logística. (...). Isso foi uma coisa muito boa para a Sociedade porque tem uma pessoa a tempo inteiro a poder se ocupar de todas estas coisas. Neste caso não sendo um secretário no sentido que nós temos agora, uma pessoa que é um estudante universitário, que faz trabalho de secretariado mas que nem sequer é de filosofia. Portanto há eu, como estava a acabar o doutoramento, no fim já era doutorado e portanto estava na área, e isso foi ótimo. No ano letivo passado, portanto 2009-2010, cortaram isso completamente. Foi um ano complicado, e tivemos que colocar uma pessoa com um número muito pequeno de horas, para também não termos que pagar muito. E este ano resolveram de novo conceder-nos, só que só meio horário e portanto eu tenho meio horário letivo, tenho meio horário aqui. (Entrevista SPFilosofia)

Do ponto de vista do financiamento destas associações científicas deparamo-nos, com efeito, com duas situações padrão:

- a) um financiamento essencialmente proveniente de fontes públicas; de resto, com a suspensão do Fundo de Apoio da FCT às sociedades científicas, algumas associações parecem vislumbrar dificuldades num futuro próximo para a sua atividade:

...é a FCT, através do FACC não é, que é o Fundo de Apoio à Sociedade Científica, que é um valor muito reduzido, portanto, não dá para, dá... dá... quer dizer, é cerca de 1200 euros ou 1300 euros, dá normalmente, dá para ajudar ligeiramente no apoio do encontro anual, mas que não dá de maneira nenhuma para, para revitalizar a sociedade. (Entrevista SPECO)

...grande parte dos dinheiros da instituição são bolsas, dos projetos, que vamos conseguindo ter da FCT, e a Câmara tem sido exemplar nos nossos apoios. A nível do arrendamento da sede e da biblioteca, o protocolo que temos para a gestão da coleção vem algum dinheiro também, que este ano não veio, porque a Câmara está à espera que o FMI entre aí... (Entrevista ALT-SHN)

- b) outro de fundos europeus, associado a projetos

...estamos dependentes dos projetos que recebemos, do fundo europeu pagam em determinadas alturas, estamos sempre dependentes de gerir financeiramente a tesouraria conforme essas tranches... (Entrevista SPEA)

c) outro de fontes privadas:

...as quotas são coisas simbólicas, não dá para nada, não é. De facto a gente nos congressos a gente tem..., temos algumas inscrições para os congressos, que são pagas pelos laboratórios, habitualmente, poucas pessoas pagam do seu bolso (...) ...a indústria farmacêutica tem investido porque a neurologia também começou a ter um desenvolvimento... (...) ...começaram a aparecer fármacos e portanto a indústria farmacêutica começou a interessar-se pela neurologia, pelas coisas que se receitavam, não é. E agora há cada vez mais fármacos, por exemplo como os anti-epilépticos, com fartura vão aparecer novos anti-epilépticos (...) e portanto os laboratórios vão investindo na sua divulgação, e nós temos feito a política de essa divulgação ser feita através da Sociedade, através de simpósios, através da participação dos laboratórios com standes nos nossos congressos, e portanto vai havendo... receitas... pagam para isso não é, para estar lá e tal, e esse dinheiro que é para a Sociedade. (Entrevista SPNeurologia)

...o sócio patrono é aquele sócio que geralmente é uma empresa que pode fazer publicidade na revista, funciona como tal portanto a cota é muito mais elevada e no fundo são eles que sustentam parte da revista. (...) Como lhe digo, nós, com o que conseguimos sobreviver é com o dinheiro dos sócios, é mínimo. Com o dos sócios patronos que é para pagar a revista e as despesas da própria associação e os eventos é que podem dar... Claro que nós somos uma associação sem fins lucrativos e portanto não precisamos de estar aqui e ter muito dinheiro, mas nos eventos... Só que os eventos cada vez dão menos dinheiro. (Entrevista APH)

No entanto, várias associações referem que, não contando já com as quotizações como fonte privilegiada da sua sobrevivência financeira, os congressos e outros encontros científicos, ou a publicação de revistas são fontes de recursos económicos fundamentais.

Há algum fundo que se constituiu ao longo do tempo e o momento das conferências é também um momento de se conseguir algum financiamento. OK, é possível disponibilizar algum *seed money* para a organização de uma nova edição da conferência; e depois chega-se a um acordo em termos do resultado da conferência e digamos, pagas as despesas todas... (Entrevista APDSI)

Entretanto tivemos este congresso internacional que pelos vistos deu algum lucro, era por isso que este meu colega me estava a telefonar, e que vamos dividir os lucros, portanto eu vou-lhe dizer que não estamos mal de maneira nenhuma. (Entrevista APH)

...organizamos uma reunião científica em 2004 que foi um grande sucesso científico e acabou por ser um grande sucesso económico. Foi a reunião da NENS que foi organizada em Portugal, em Lisboa. (Entrevista SPNeurociências)

A situação financeira é de um modo geral estável, para usar as palavras dos nossos entrevistados, embora também haja associações que se mostram preocupadas com a situação financeira por o saldo ser negativo ou não lhes permitir dinamizar mais a respetiva associação.

...nunca estivemos mal, nunca tivemos saldo negativo nem devemos nada a ninguém. Mas não podemos passar para outros patamares de organização de outros eventos, mais ambiciosos, ou com



mais pessoas, ou com convidados estrangeiros, portanto, às vezes é difícil passar para outro patamar se nós não tivermos verba para isso. Para ter verba para isso é preciso arranjar patrocinadores, para ter patrocinadores é preciso gastar tempo a contactá-los. (Entrevista ANBIOQ)

Portanto a sobrevivência da AMONET é também um exercício de equilíbrio que se faz todos os dias ou todos os meses e que não permite também em voos muito altos... (Entrevista AMONET)

Representam prejuízo, é verdade... porque só fazer a revista, a parte administrativa de apoio aos sócios, o envio da revista e das convocatórias para as Assembleias Gerais, os avisos de pagamento de quotas, se formos a somar, temos mais prejuízo do que receitas. (Entrevista SPEA)

...mas até agora tem sido estável, somos uma instituição que não tem dívidas, nem fazemos questão disso, preferimos não ter dinheiro em conta mas ter tudo pago... (entrevista ALT-SHN)

A situação financeira da Sociedade é positiva... Não, é estável. Sobretudo porque organizamos uma reunião científica em 2004... (Entrevista SPNeurociências)

É estável, neste momento é estável, embora tenhamos por exemplo este ano, como é o ano internacional, temos uma série de despesas mas... e não temos muitas receitas para isso; mas eu penso que é estável. O importante é que o número de sócios não decresça com a crise porque isso podia ser grave para nós... (Entrevista SPQ)

A sustentabilidade financeira destas organizações constitui, em todo o caso, uma das dificuldades que as associações entrevistadas identificam. A ela não é alheio, não só o corte dos apoios da FCT, como o não pagamento de quotas pelos membros, um problema de resto transversal a vários tipos de associações, ou ainda a preocupação com a manutenção de uma posição independente face a interesses económicos.

Total independência, e também nos permite experimentar fazer umas coisinhas assim mais arriscadas. (Entrevista AVaC)

Mal neste momento, é verdade que nós temos também uma atividade bastante intensa e portanto isso é também consumidor de recursos, não é? É verdade também que temos sócios com as quotas em atraso, temos feito várias iniciativas para resolver esse problema, com algum sucesso, diga-se de passagem, mas não tanto quanto gostaríamos; bom e neste momento de facto temos problemas de gestão financeira que não tínhamos há uns anos atrás, não é? E os financiamentos da FCT, não apenas o financiamento anual tem vindo a ser reduzido, como também depois os financiamentos para cada uma das atividades que realizamos; bom e não é apenas a redução dos financiamentos da FCT são também os outros, os patrocinadores que normalmente nos apoiavam e que agora se apoiam, se ainda apoiam, apoiam menos do que antes, não é? Estou a pensar por exemplo nos Bancos, a Caixa Geral de Depósitos (Entrevista APS)

Péssima, estamos em saldo negativo neste momento. Muito má porque as quotas são muito baratas, são 40€ por ano, por outro lado uma fração muito significativa de sócios, não lhe sei dizer a percentagem mas ainda é substantiva. As quotas foram atualizadas para aí há dois anos, acho que foi o Professor Lobo Antunes ainda que as atualizou para 40, e mesmo assim uma percentagem muito



significativa de sócios ainda continua a pagar a quota muito antiga que nem lhe sei dizer quanto é, não atualizaram; nós podíamos dizer obviamente deixa de ser sócio, mas é difícil fazer isso e as pessoas são avisadas, avisadas, avisadas, mas mesmo assim não fazem e despedir um sócio que se mantém ali fiel também é difícil... (...) ...depois temos despesas substanciais, temos despesas com pessoal que em boa verdade neste momento com sites com mails de todo não se justificava esta situação, não há trabalho para eles, mas há um problema humano complicado... (Entrevista SCML)

Neste momento não é economicamente viável, precisamente porque há um plano de execução. Portanto estas são as dificuldades, as dificuldades lançam-se para o futuro, não para o presente. Portanto as dificuldades serão no futuro, adotar um funcionamento da Sociedade de modo a que ela se mantenha muito ativa, muito dinâmica como tem sido, mas com viabilidade económica. (Entrevista Neurociências)

Apenas o sindicato entrevistado deu conta de uma gestão financeira mais estratégica ao referir investimentos. Outras associações sublinham o carácter voluntário e não especializado da gestão da associação.

...depois naturalmente algum do dinheiro que temos, vamos tentando colocá-lo, investi-lo da melhor maneira que conseguimos acaba por trazer algum retorno mas não é significativo como as quotizações dos associados. (Entrevista SNESup)

Não tivemos sucesso porque o que acontece que obviamente esta coisa de angariar fundos, são coisas profissionais, a pessoa tem que saber a quem se vai dirigir, a quem vai falar, nos EUA há profissionais de angariação de fundos, as pessoas sabem fazer as coisas, o que é facto é que nós não sabíamos fazer as coisas, somos cientistas. (Entrevista AVaC)

Finalmente, quando inquiridas diretamente sobre as suas maiores dificuldades atuais (vide também secção 5.6), uma parte significativa da nossa amostra refere as dificuldades em recrutar novos membros ou de chegar aos potenciais membros.

...agora nós estamos numa campanha muito ativa de recrutamento de sócios até porque os sócios velhinhos e antigos estão a sair, a morrer, reformam-se e vão-se embora (...) nós queremos muito é que seja uma Sociedade jovem, que não atrai pelas razões que está a ver e portanto nós estamos neste momento a tentar recrutar jovens para a Sociedade, temos recrutado alguns, não muitos, mas também é verdade que é um trabalho sem fim é um grande trabalho... (Entrevista SCML)

Angariação de sócios... É uma das grandes dificuldades. (Entrevista SPFilosofia)

Existiu durante aquele período em que fomos, o trabalho é voluntário, as pessoas ou são alunos ou professores, há aqueles períodos do ano em que conseguimos estar ausentes da escola, mas não são muitos e também não podemos ficar lá no terreno muito tempo. Uma grande preocupação nossa, para além de atrair pessoas que tentem fazer as coisas seriamente, é que os projetos tenham continuidade... (Entrevista SiW)



...acho que depois outra dificuldade é de contacto mais, de sensibilização dos bolseiros para a ABIC, divulgação da ABIC junto dos bolseiros. (Entrevista ABIC)

Olhe, uma dificuldade grande é fazer chegar informação sobre a Associação ao universo potencial de associados. Digo concretamente aos investigadores. É difícil porque... Neste momento a maneira que nós temos de obter contactos é, no fundo, à mão, não é? É ir às páginas dos Laboratórios ou das Faculdades e ver quem é que é investigador, tentar obter o email e contactá-lo, não é? Pedir autorização para utilizar, utilizar o email numa lista... (Entrevista ANICT)

Também muitas associações científicas entrevistadas referem como dificuldade a mobilização dos seus membros, quer para participarem nas atividades promovidas pela associação, quer para assumir responsabilidades nos corpos sociais.

...as dificuldades, às vezes... era aquilo que estava a dizer, da motivação das pessoas; e a motivação... tem havido altos e baixos: há alturas em que as pessoas estão muito pouco motivadas e há outras alturas em que as pessoas começam a estar muito motivadas, não é. (Entrevista SPES)

Há uns anos para cá, se calhar isso também acontece com outras associações, mas há uns anos para cá temos sentido que as pessoas, algumas sendo as mesmas outras não (...) têm mais atividades, portanto têm a sua atividade profissional, de docência ou de investigação, portanto acabamos por não ter tanto tempo e tanta disponibilidade para dedicar à associação... (Entrevista ANBIOQ)

Não há propriamente muita gente a concorrer a um cargo de uma Sociedade Científica que é um trabalho que tem que ser feito por amor à camisola, porque nada daquilo é remunerado, nem pensar, sei lá, quando os outros elementos da Direção vêm a Lisboa ou que reunimos todos em Coimbra, são pagas as despesas, não se paga honorários de espécie nenhuma para nada e isto são muitas horas, contabilizado ao fim são muitas horas (...) ...portanto não existe propriamente uma grande corrida aos órgãos sociais da Sociedade, isto normalmente exige-se convencer alguém e alguém por amor à camisola dispõe-se a fazer uma equipa. (Entrevista SPB)

Dificuldades internas e externas. Internas, porque às vezes, sobretudo a nível dos órgãos sociais, requer uma grande dose de dedicação e voluntariado, é um esforço muito grande que se pede às pessoas. O Presidente da SPEA não é remunerado, não tem quaisquer benefícios por isso e é um cargo muito exigente. Já tivemos uma situação em que a pessoa que era Presidente teve de sair e não estávamos a conseguir recrutar ninguém. Isto em qualquer organização é uma fraqueza, e todas as organizações acabam por passar por crises destas, e nós tivemos uma significativa o ano passado, ou há 2 anos. Passámos por um momento de dificuldade interna. (...) Outra das dificuldades internas é (...) as pessoas estão muito dependentes de projetos, a 3, 4, 5 anos, e às vezes conseguem ter outro nível de segurança noutra emprego, mesmo que ganhem um pouco menos. As pessoas aqui rodam... hoje em dia não é problema, começamos a ter um quadro mais fixo, mas é um problema... A nível externo, há parcerias que correm melhor, outras pior. Às vezes há rivalidades, competição, parceiros que querem ter as mesmas coisas, umas vezes chegamos a acordo, às vezes correm, bem às vezes surgem problemas... (Entrevista SPEA)

## 6.2. Comunicação interna e externa

As associações científicas, como de resto a maioria das organizações, debatem-se com a necessidade de encontrar estratégias eficazes de comunicação, tanto internamente, de forma a informar e mobilizar os associados, como externamente, lutando por um lugar de maior ou menor relevo no campo científico e na sociedade envolvente. Neste sentido, todas as associações integrantes da nossa amostra responderam a algumas perguntas sobre as suas estratégias de comunicação, quer interna, quer externa.

No que diz respeito à comunicação interna, verificamos que, para lá da comunicação mais pessoal que envolve a Direção ou os associados mais profundamente envolvidos, a maior parte das associações conceberam alguns mecanismos de grande difusão, que cobrem um largo espectro de associados e simpatizantes. Um desses instrumentos, que é utilizado por uma grande parte das associações contactadas é o boletim, ou *newsletter*, uma publicação com um formato regular, mais ou menos constante. Os próximos dois depoimentos encarnam muito bem a forma como estes boletins são encarados:

temos um boletim que é mais ou menos assim uma espécie de jornal de notícias, um noticiário que também publicamos duas vezes por ano, chama-se “Noticias SPN”; começou quando tínhamos uma coisinha muito pequenina que era, ou melhor: chama-se “Correio SPN”, assim é que é; tínhamos uma coisita pequenina que era, primeiro começámos com uma coisa que era “Os reflexos”, que era uma coisa mais ou menos doméstica, depois passámos para uma coisinha que era mais, um bocadinho maior, que eram os “NeuroNoticias”, e agora temos o “Correio SPN” que é fundamentalmente uma coisa mais tipo jornal, em que nós dizemos o que é que está a acontecer agora, o que é que fizemos, quais são... temos uma agenda sobre as próximas...reuniões internacionais (...) pomos umas notícias sobre a reunião anterior que houve e tal (entrevista SPNeurologia)

..mantemos uma atividade de publicação semestral, portanto cada ano tem duas edições de um boletim informativo onde temos artigos científicos. Escritos por bioquímicos ou não, mas que tenham, que façam referencia a investigação ou a alguma atividade na área de bioquímica É uma forma também de divulgarmos as atividades que vamos fazendo ou que vamos fazer (entrevista ANBIOQ)

A par com o boletim, e com uma importância crescente, encontram-se um conjunto de formatos comunicacionais de base digital, entre as quais se destaca, naturalmente, o website. Esta é, de resto, uma tendência geral das associações. ‘Estar na internet’, tem vindo a contribuir, de diversas formas, para o maior impacto associativo; o espaço virtual atua, nestes casos, como um *showcase* que permite a explanação de discursos, projetos e atividades, e a transferência de informação e conhecimento. A presença na internet resulta frequentemente numa eficaz difusão destas associações e no recrutamento de aliados em diversas partes do globo, podendo esta difusão ocorrer de forma extremamente acelerada. Esta necessidade de estar na net é amplamente reconhecida por associações em diversas partes do mundo, não é por acaso que, a cada novo



SOCSCI

coletivo que se forma, uma novo site ou blog é criado, permitindo simultaneamente a divulgação do projeto e o diálogo com diferentes atores. As associações envolvidas no estudo não são exceção a esta tendência e acabam por ter essa presença no ciberespaço consubstanciada num site oficial, sendo que frequentemente ouvimos comentários sobre a necessidade de atualizar este ou de o tornar mais dinâmico ou apelativo. A utilização do website acaba por ser algo mista, pois tanto se destina a associados como a simples interessados e curiosos sendo que, como se verá mais adiante, alguns sites permitem esta dupla utilização.

Para além do website, muitas associações fazem uso de listas de distribuição eletrónica – vulgarmente *mailing lists* – conseguindo, de modo rápido e barato, informar simultaneamente uma grande quantidade de pessoas sobre as atividades associativas:

...é uma daquelas iniciativas que se tem uma vez mas não é preciso mais, é preciso é mantê-la, que é uma lista de divulgação filosófica, chama-se Lekton. Isso foi...foi em 2007 que acho que começou, acho que sim, porque é uma lista de intercâmbio de comunicação, de informação de interesse filosófico, tanto científico como didático, mas principalmente científico. Não é uma lista de discussão, não é permitido a troca de ideias (entrevista SPFilosofia)

De salientar também que uma parte significativa das associações ocupa ainda outras plataformas virtuais, principalmente em espaços como o Facebook, ou outras redes sociais online. A participação em multi-plataformas acaba por ser algo almejado por diversas associações, com efeitos ao nível da comunicação tanto interna como externa:

...a ideia é estarmos numa série de plataformas - o Twitter, o Facebook... mas também sem sermos demais. Mais pela qualidade, do que pela quantidade, não estar sempre a massacrar as pessoas com coisas, mas estamos em todas elas, está na Wikipedia umas coisinhas mais pequeninas, no youtube temos 180 mil (entrevista AVaC)

As novas tecnologias acabam por jogar um papel muito importante do ponto de vista da comunicação interna, substituindo-se, não raras vezes, a outros mecanismos de tomada de decisões como as reuniões presenciais, como o atestam os dois depoimentos seguintes:

...no princípio andava doida atrás dum espaço onde nós pudéssemos funcionar e... porque eu estava a investir o meu esforço a conseguir financiamento para manter o edifício, uma sala, assim cada um de nós trabalha em casa e comunicamos muito bem por skype, por telefone seja como for, não é? e funciona muito bem. eu não sei se alguma gostaria de ter um espaço mesmo (entrevista NUCLIO)

...não há reuniões formais mas há muitas reuniões eletrónicas, que também não havia, mas há, há uma certa de expediente e de decisões que nós tomamos em grupo na Direção uma certa muitas são à noite, geralmente depois de um dia de trabalho, portanto durante o dia não podemos reunir e portanto com exceção daquilo que de facto interessa discutir in loco até porque documentação que tem que ser assinada e isso tudo, há aí muito movimento entre nós na Direção mas é um movimento de mail, decisões por mail depois acertar, ou de tomar por exemplo antigamente o que se fazia antes de haver esta coisa era cada vez que era preciso tomar uma decisão, entra sócio, não entra sócio



chegou isto ou chegou aquilo tinha que haver uma reunião por isso é que elas também eram muito frequentes, agora também isso não se justifica a maior parte das coisas resolve-se por mail (entrevista SCML)

Por outro lado, as ferramentas eletrónicas tornam-se ainda bastante importantes por permitirem formar eficazmente os associados, quer oferecendo formações específicas aos associados, quer, como podemos ver no segundo exemplo transcrito, respeitante à NUCLIO, potenciando parcerias globais:

Dentro da mesma página, nós temos ainda uma subsecção para os bioquímicos clínicos, e aí o colega dessa área desenvolveu bastante... Acho que lhe posso chamar E-Learning ou formação online, na área da bioquímica clínica. Porque é típico haver cursos para por exemplo desenvolvimento de uma determinada técnica com metodologia de laboratório, haver cursos online. Portanto as ferramentas de aprendizagem são lançadas, em formato PDF ou através de documentos. E é suposto os inscritos lerem os documentos e obterem a informação complementar, e depois responderem a perguntas. Portanto nós nesse âmbito da bioquímica clínica já estamos a funcionar como uma plataforma de E-Learning. (entrevista ANBIOQ)

Eu não sinto essa necessidade porque o Nuclio é uma Associação diferente em sentido de que o nosso propósito não é atender os associados, é os associados atender o mundo, eu digo o mundo porque o Nuclio neste momento dá apoio a coisa, iniciativa do mundo inteiro, nós temos por exemplo há pouco tempo tivemos uma formação na Venezuela por skype (...) No âmbito do apoio ao Galileu, nós temos um parceiro na Venezuela que queria dar uma formação a professores e não tinha financiamento para nós irmos até lá, pediu e nós fomos até lá por skype (entrevista NUCLIO)

Para além do potencial de desenvolvimento interno, as ferramentas virtuais acabam por ser também extremamente relevantes no recrutamento de novos sócios, recrutamento esse que, frequentemente, é feito no próprio website da associação.

Um outro instrumento de comunicação eletrónica, de uso sobretudo interno, são os fóruns de discussão, dinamizados sobretudo pelas associações de profissionais científicos (ABIC, ANICT, Snesup)

temos o fórum de bolsiros. E há pessoas que mesmo não sendo sócios, participam regularmente na discussão *online*, que, que há no Fórum. (entrevista ABIC)

No caso da ANICT o fórum (com uma parte reservada a sócios e outra de acesso público) tem inclusivamente sido utilizado para fazer votações ou referendos entre os associados sobre as estratégias e áreas de atuação da associação (por exemplo, sobre onde aplicar a verba extra reunida pela associação, sobre os itens a considerar na avaliação dos investigadores)

Apesar do que tem vindo a ser referido, são também de relevar as dificuldades encontradas na utilização das novas tecnologias por parte de algumas associações, o que é, de resto, consistente com estudos na área de implantação das novas tecnologias. Problemas de conectividade, fraca



literacia digital, pouca capacidade de utilização emancipada na internet, visões reducionistas da tecnologia ou mesmo tecnofóbicas, tudo isto contribui para que, muitas vezes, o potencial das novas tecnologia não possa ser utilizado, razão pela qual muitos dos dirigentes associativos acabam por preferir utilizar outros suportes que não o digital:

Nunca foi, pelo jornal a comunicação com os sócios, foi sempre por carta, continua a ser por carta nós estamos a tentar que seja mais possível por email por causa de poupança e por funcionalidade, por extraordinário que pareça nem todos os sócios abrem o mail, sobretudo a geração mais antiga não usa, os médicos usam pouco e portanto isto acaba por não nos resolver o problema que é muito frequente a gente enviar a convocatória para a reunião tal, ou a convocatória para o debate tal e eles dizerem, ninguém me avisou, não é verdade, foi por mail, mas eles não viram (entrevista SCML)

E a minha vontade, quando eu comecei este mandato, a ideia que eu tinha era disponibilizar a revista só em formato [digital], só que nós temos um problema, a nossa associação, como já percebeu, é uma associação eclética com muita gente e se eu lhe disser que um terço, talvez menos de um terço dos nossos associados nem sequer têm email, o que dificulta. Por exemplo, a nossa congénere espanhola não tem nada em papel, é tudo eletrónico e quando eu disse ao meu colega que há muitos sócios que não têm email ele disse “não têm email?!”, é que eles são muito elitistas, eles são diferentes, são uma SCAP de Espanha (risos). Eles não têm agricultores nem empresários como nós, eles são elitistas. Eles sim, agora nós não é possível, não conseguimos. (entrevista APH)

Como de resto foi possível intuir das últimas paginas, a comunicação digital não cumpre apenas o objetivo de comunicar com os associados mas também é amplamente utilizada para a área da comunicação externa, fundamentada parcialmente sobre o website e a newsletter. Por vezes, tal como citação que se segue, o website acaba por ter uma pequena área reservada apenas a associados, mas o resto do site e frequentemente também a newsletter são dirigidos a todo o público potencial:

Temos uma newsletter, é um veículo de comunicação com os sócios e com o público em geral, é aberta ao público. Porque os sócios têm uma área interna, mas toda a parte mais administrativa podem aceder, relatórios de contas, todas essas componentes, então a newsletter serve para comunicar aos sócios que não estão tão presentes, como ao público em geral. (entrevista ALT-SHN)

Para além da comunicação digital, as associações consideradas utilizam fundamentalmente dois meios de comunicação externa: a utilização/ocupação de canais já instituídos, como revistas da especialidade, e os contactos com a Comunicação Social. Atentemos um pouco nestas duas estratégias.

Agora, geralmente o que eu faço é todos os anos faço uma ligação com as principais revistas do nosso sector, que são três ou quatro. Eu falo com elas e elas o que fazem é muitas vezes publicidade dos nossos eventos, depois nós facilitamos que elas distribuam as publicações (...) Olhe às vezes também funcionamos muito bem é com a imprensa local, nos sítios onde fazemos os eventos. (entrevista APH)



Sim, tudo aquilo que nós fazemos, nós fazemos... “press releases”, sim. Tentamos. Há coisas que pegam bem, há coisas que não pegam, temos alguns contactos com a Comunicação Social (entrevista AVaC)

As tentativas de contacto com a Comunicação Social, quer especializada quer generalista, acabam por estar fortemente dependentes da conjuntura vigente, e também naturalmente, dos conhecimentos e da rede de contatos disponível:

Ainda quando foi estes últimos anos têm sido fartos em sismos e em grandes tragédias, não é, como foi o Haiti, como foi agora o Japão (...) e portanto há muito essa... avidez de perceber o que é que se passa, mas depois não tem consequência, não é, não tem, quer dizer, são aqueles dois/três dias, quatro dias em que, digamos, a comunidade científica e técnica é mais ou menos mobilizada para ir às televisões e para ir a debates, etc, etc, mas passado isso... (entrevista SPES)

Neste sentido, os depoimentos recolhidos sugerem-nos uma posição frequentemente ambivalente face à comunicação social, por um lado, esta é vista como um interlocutor valiosos, que deve ser acarinhado, correspondendo sempre que possível às solicitações efetuadas, por outro lado, as notícias que saem na comunicação social são, frequentemente, vistas com alguma desconfiança ou desilusão, como se pode ver nestes dois depoimentos que se seguem:

... acho que há uma coisa que nós fazemos que é no sentido de corresponder sempre às solicitações da comunicação social quando pedem opiniões, entrevistas, essa preocupação também é no sentido de manter visível a importância do Sociólogo e a opinião do Sociólogo na comunicação social, não? Quando a comunicação social transmite a opinião do Sociólogo está a mostrar a importância do Sociólogo em todos os aspetos e isso é uma coisa que dá algum trabalho, e procuramos corresponder sempre, há essa preocupação (entrevista APS)

Sei que o Simpósio foi, foi noticiado, mas na verdade a notícia que saiu foi sobre declarações do Ministro feitas no Simpósio. Ora bem, se quer a minha opinião pessoal, não fiquei muito contente porque o Simpósio não era sobre o Ministro. O Simpósio era sobre a Associação e sobre a política de ciência... as atividades de política de Ciência da Associação, onde o Ministro participou. Então, se quer que lhe diga, não fiquei nada contente... (entrevista ANICT)

Concluindo, podemos concluir que: (1) as associações utilizam estratégias mistas de comunicação interna, adaptando-a ao perfil dos associados, (2) as novas tecnologias são crescentemente utilizadas e não podem ser descuradas numa análise da comunicação associativa, seja interna ou externa; (3) as associações são, também, dependentes de canais comunicacionais específicos ou generalistas, já instituídos, tendo uma relação ambivalente face à comunicação social, da qual dependem, mas sobre a qual levantam determinadas críticas.



## 7. Relações externas

Se a dinâmica do funcionamento interno é absolutamente essencial para perceber os objetivos, características e potenciais de uma associação, também um olhar atento às suas relações externas pode ser extremamente importante. Encontrar, desenvolver e manter relações com outras organizações – por vezes sob a forma de parcerias inter-organizacionais, outras apenas como colaborações efémeras – são ações que surgem com frequência enquanto parte dos objetivos explícitos ou implícitos de determinadas associações. De resto, uma grande parte dos dirigentes associativos está ciente da importância destas alianças para a prossecução dos seus fins.

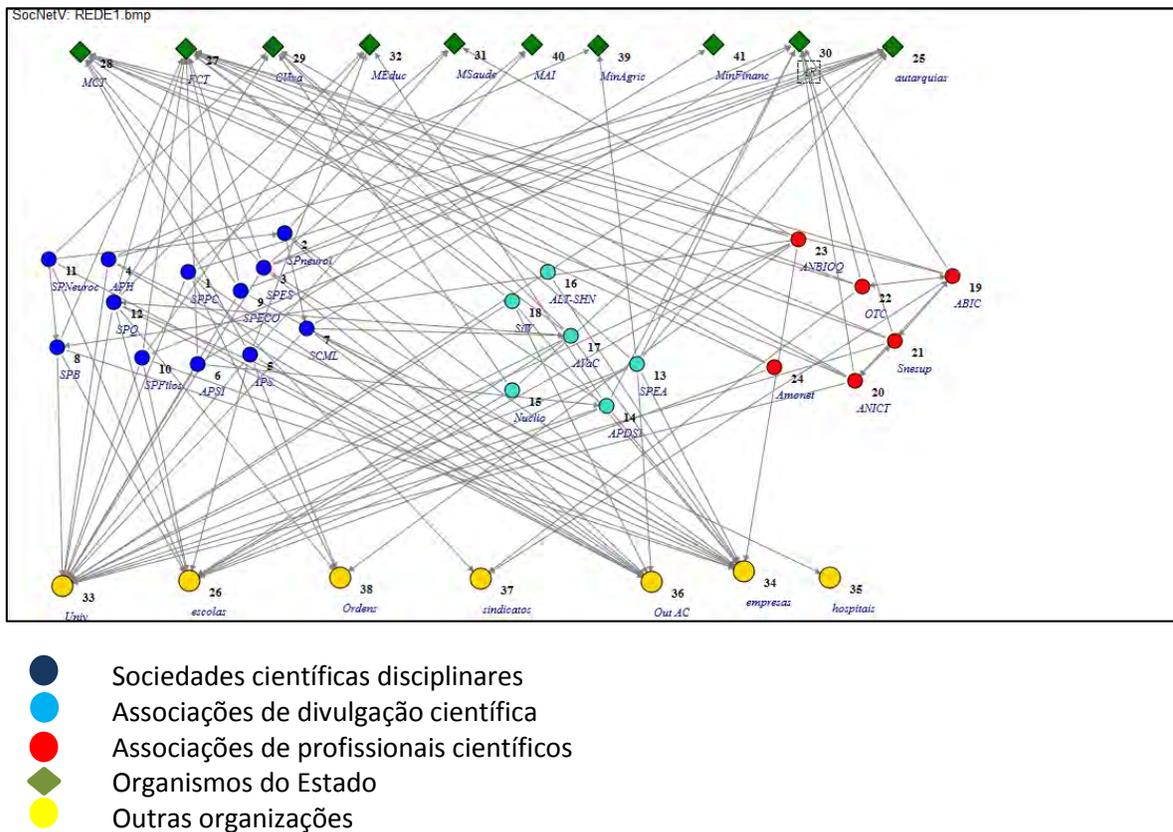
Estas relações podem, todavia, acontecer segundo moldes bastante diferenciados. Em primeiro lugar, podem ser totalmente voluntárias (quando duas associações decidem colaborar num projeto ou num evento) ou condicionadas (quando nos referimos a relações com órgãos do Estado ou financiadores).

Em segundo lugar, podem ser associações transitórias e pontuais (como no caso das alianças que se estabelecem para organizar determinados eventos ou para implementar determinadas campanhas) ou continuadas, perpetuando-se por vezes em projetos, redes e plataformas que adquirem identidades – e por vezes mesmo identidades jurídicas – próprias. Neste sentido, estas relações podem também ser formais ou informais, tendo – ou não – uma existência legal. Finalmente, estas relações podem ainda ser bilaterais ou multi-laterais (consoante envolvem duas ou mais associações de base).

Olhando as relações externas das associações científicas, podemos também identificar tipos diferenciados de interlocutores privilegiados, ou seja, nas parcerias e colaborações das organizações aqui consideradas encontramos uma certa diversidade de tipos de parceiros, caracterizados por lógicas relacionais bastante diferenciadas.

A figura 8.1 permite mapear as relações das associações entre si, com organismos do Estado (central e local) e com outros tipos de organizações do sector privado com e sem fins lucrativos. Mais que as efetivas ligações entre nodos da rede, difícil de visualizar, a figura permite apreciar os principais interlocutores das associações científicas: o Ministério da Ciência e respetivos organismos (FCT e Agência Ciência Viva), a Assembleia da República, universidades e centros de investigação, escolas do ensino básico e secundário, empresas, outras associações.

Figura 8.1 Redes de relações das associações



Nas páginas que se seguem iremos analisar com algum detalhe a dinâmica das relações externas das associações em análise, organizando os dados por tipo de parceiro e procurando, dentro de cada tipo, identificar atores coletivos, objetivos e formas relacionais preferenciais.

### 7.1 Dependência e contestação – as relações com instituições ligadas ao governo central

Um primeiro tipo de relações que aparecem nos discursos de quase todos os nossos entrevistados, ainda que nem sempre testemunhando relações intensas ou particularmente compensadoras, são as relações estabelecidas com organismos estatais ligados ao Governo Central, encarados como relevantes, quer pelos seus deveres de tutela do campo científico, quer como entidades financiadoras ou promotoras, de algum modo, da atividade científica. Neste âmbito enquadra-se a Fundação para a Ciência e Tecnologia, a Agência Ciência Viva, o Ministério da Ciência e Tecnologia e, por vezes, outros ministérios específicos ou a própria Assembleia da República.



Atentemos em primeiro lugar, nas relações estabelecidas com a Fundação para a Ciência e Tecnologia, e com a Agência Ciência Nacional Viva, organizações que se destacam por trabalharem especificamente questões de foro científico.

Muitas das associações entrevistadas afirmaram ter algum tipo de laço com a FCT, no entanto, as relações estabelecidas parecem, na esmagadora maioria dos casos, atribuir à Fundação o papel de entidade que providencia apoios, geralmente não muito substanciais, financiando algumas das atividades mais características das associações científicas, como a organização de colóquios e seminários ou o apoio a edições de livros (através de programas como o FAC). Algumas associações afirmam ter também recorrido à FCT para financiar bolsas de gestão da ciência ou bolsas de investigação científica para o desenvolvimento de projetos. Neste sentido, a relação estabelecida entre a Fundação e as associações acaba por se cingir a um mero aproveitamento daquilo que são as competências regulamentadas da FCT.

é a FCT, através do FACC não é, que é o Fundo de Apoio à Sociedade Científica, que é um valor muito reduzido, portanto, não dá para, dá, dá, quer dizer, é cerca de 1200 euros ou 1300 euros, dá normalmente, dá para ajudar ligeiramente no apoio do encontro anual, mas que não de maneira nenhuma para, para revitalizar a sociedade. (entrevista SPECO)

envolve tanto logisticamente mas que também tem uma visibilidade e que é apoiado pelo FCT, é o prémio de ensaio filosófico. (...) um prémio atribuído...neste momento um valor é muito significativo, é inteiramente financiado pelo FCT, anteriormente era inteiramente financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. (entrevista SPFilos)

agora relativamente à conferência, em pedir à FCT que nos apoie para a organização da conferência. Mas a FCT faz, digamos, faz parte da sua política de apoiar a organização de conferências, claro que esta é uma grande conferência; a FCT apoia, tem uma linha, digamos, de apoio, apoio financeiro à organização de conferências. Nós já falámos com o presidente da FCT e naturalmente que a FCT nos vai apoiar na organização da conferência (entrevista SPES)

A esta regra, apresenta-se uma exceção interessante, consubstanciada pelas associações que defendem direitos laborais dos cientistas como a ABIC ou a ANICT, que acabam por ter uma relação mais estreita com a Fundação, tomando-a como uma interlocutora primordial:

Há outra altura positiva, que agora me lembrei, que foi, mas foi uma alteração pequena, isso foi no Concurso de Bolsas de 2009 que o prazo para entregar as candidaturas era 1 de Setembro e a ABIC alertou que era complicado para os bolseiros terem os orientadores disponíveis para entregar a candidatura naquela data e então foi possível alargar um pouco o prazo, e também a questão dos bolseiros já terem terminado o doutoramento, no caso dos bolseiros pós-doc que tivessem terminado o doutoramento até dia 1 de Setembro também foi, foi alterado ligeiramente o Regulamento para permitir que os bolseiros pudessem participar no Concurso... (entrevista ABIC)

Aliás a FCT foi contactada, e o Ministério da Ciência, antes de se formar a Associação, foram duas das Instituições que nós contactámos, e logo à partida houve muita abertura por parte da FCT de dialogar

connosco e, e colaborar em várias iniciativas. E houve até por proposta da, da própria FCT, a ideia de termos reuniões até trimestrais, não é. Na prática o ano passado tivemos apenas três reuniões e não quatro, mas eu acho que é bastante razoável, quer dizer, não é? E este ano já tivemos outra vez, já tivemos uma, não é, e, e já temos agendada outra. Portanto aí o contacto é, é bastante... é bastante estreito, se quiserem, não é? (...) Eu acho que com a FCT temos tido uma relação bastante, bastante estreita, e sabemos que já houve várias, várias propostas nossas que foram de facto adotadas pela FCT, portanto eu acho que temos tido algum impacto. (entrevista ANICT)

Em relação à Agência Ciência Viva, ela aparece como parceira de algumas associações, principalmente, como de resto seria de esperar, das organizações que fazem atividades de divulgação científica (ver secção 4.3). Dado o seu papel incontornável neste âmbito, a referência à Ciência Viva aparece com frequência nestes casos, havendo, geralmente, exemplos de algumas atividades organizadas em parceria, ou pelo menos, alguns convites mútuos para participação em eventos, como podemos ver neste excerto retirado da entrevista com a SPEA:

Somos apoiados, algumas iniciativas que fazemos são em parceria. Essa iniciativa específica que eu falei é uma ação que começou aqui dentro da SPEA, a que depois a Ciência Viva se juntou, chama-se “De olho nas aves” e é um projeto, uma ideia, vá...uma atividade que se desenvolve para que qualquer pessoa possa observar aves no seu percurso de fim-de-semana... (...), se calhar a Ciência Viva também percebeu que isto era importante... e por isso têm já surgido de há uns anos para cá essa ligação e queremos continuar a promover. Estivemos a participar no projeto “Bosques” da CV também, estamos a fazer algumas iniciativas, queremos começar uma ligação mais forte com eles nos Açores, e na Madeira. Estamos aqui em articulação, mas tem havido porta aberta para um sem número de atividades. A vontade é muita, do nosso lado e do lado deles, porque depois às vezes, enfim, são as circunstâncias, que podem condicionar as coisas, mas tem havido abertura (entrevista SPEA)

Para além destas duas entidades já referenciadas, uma outra instituição governamental que frequentemente se relaciona com as associações científicas: o Ministério da Ciência. As relações com o Ministério acabam por, nas declarações recolhidas, aparecer frequentemente como ficando um pouco aquém do pretendido, embora haja bastante variação nas respostas, consoante o tipo de associação e o tipo de atividade. Muitas vezes os dirigentes entrevistados lamentam-se de não haver mais interesse da parte do Ministério, referindo dificuldades em chegar a estabelecer um contacto:

Há imenso, há imenso interesse quando fizemos a primeira Feira foi muito bem recebida, e fomos apoiados a fazer uma segunda, e mesmo o Secretário de Estado da Ciência e do Ensino Superior teve presente na nossa Conferência de Emprego e o tema principal da sua apresentação foi a investigação privada em Portugal, os centros de investigação privada, e de facto sabemos que este é um ponto que se precisarmos de participação da Tutela deveremos ter apoio, mais do que nos outros pontos porque têm esse interesse, o interesse deles. (entrevista ABIC)

Com o Ministério, não temos tido tanta simbiose eles estão muito apagados, talvez voluntariamente afastados do diálogo connosco, nós no entanto já temos colocado o problema. Ainda há cerca de três



meses fizemos um pedido de audiência conjunto com o Ministério com a ABIC e com a FENPROF sobre este assunto especificamente até ao momento não recebemos qualquer resposta por parte do Ministério, mas temos sentido que não há ali uma preocupação em pelo menos poder dialogar para compreender que problemas é que podem estar a existir. (entrevista Snesup)

Em muitos casos, as associações referem o papel do Ministério na atribuição de apoios ou bolsas, apesar desse papel de provedor ser desempenhado através da FCT:

Não temos [contacto com o Ministério da Ciência e Tecnologia], é só mesmo pelas bolsas que nos dão. (entrevista AVaC)

Surgem também com frequência referências ao papel do Ministério em fornecer apoios de outro tipo, não financeiros, mas sob a forma de incentivos, cartas de recomendação, participação em eventos associativos, etc.:

...estamos convencidos que nos vão apoiar, pelo menos foram esses os indícios já nos apoiaram, até com um outro governo, naturalmente, já nos apoiaram até quando foi da candidatura, quando fizemos a candidatura em 2008 nós tivemos cartas de recomendação de apoio, sei lá, do Turismo, do Ministério da Ciência e Tecnologia, da câmara municipal de Lisboa, etc, que, digamos, nos deram apoio para fazermos a candidatura (entrevista SPES)

Há imenso, há imenso interesse quando fizemos a primeira Feira foi muito bem recebida, e fomos apoiados a fazer uma segunda, e mesmo o Secretário de Estado da Ciência e do Ensino Superior teve presente na nossa Conferência de Emprego e o tema principal da, da sua apresentação foi "A Investigação privada em Portugal", os centros de investigação privada, e de facto sabemos que este é um ponto que se precisarmos de participação da Tutela deveremos ter apoio, mais do que nos outros pontos porque têm esse interesse, o interesse deles. (entrevista ABIC)

Para além das relações com o Ministério que tutela a ciência, uma boa parte dos entrevistados refere relações relevantes com outros ministérios (ver secção 4.4). Estas relações prendem-se, frequentemente, com a área de atuação específica da associação:

Não é assim uma coisa muito frequente; neste cinco, seis meses, foi de facto este o contacto que tivemos, oficial, que a Direção Geral de Saúde nos solicitou colaboração e nós fomos. Também a situação política nos últimos meses não foi propício a um trabalho regular, mas estamos disponíveis para isso e é nosso interesse, de facto, participar, e quando houver qualquer coisa que diga respeito á neurologia, ou que tenha que ver com qualquer coisa neurológica, aliás está no nosso programa, é sermos a cara da neurologia, não é. (entrevista SPNeuro)

tínhamos já uma boa ligação com o Ministério da Agricultura anterior, agora com este temos de começar, isto é o recomeçar outra vez. Mas é importante e agora na última reunião que tivemos do conselho consultivo eles disseram exatamente isso, que era bom que a APH aparecesse nos corredores do ministério, e conseguimos com o anterior ministro e agora vamos ver. (entrevista APH)



Por outro lado, várias das associações afirmaram ter relações particulares com o Ministério da Educação, o que não é de estranhar, se notarmos que essas são as associações que tendem a atuar no âmbito de áreas disciplinares lecionadas no ensino básico e secundário, cabendo às associações, frequentemente, organizar jogos científicos ou emitir pareceres sobre manuais escolares ou provas de avaliação, como ilustra muito bem esta citação.

Relacionados com o ensino secundário temos vários. Temos por ex. já á mais de dez anos organizamos as olimpíadas de química, que são duas, são as olimpíadas de química que são as mais, são para os mais velhos, e depois a júnior, que são depois para o 7º/8º e 9º, e depois as outras são para o 10º/11º e 12º, e isso movimenta muitos alunos e cada vez mais, temos cada vez mais escolas. Por ano 250 escolas e mais de 3.000 alunos. Aqui temos um apoio importante do Ministério da Educação porque para organizar isto obviamente há custos. Depois, dessas olimpíadas, os melhores, os finalistas, vão, escolhem daí quais os representantes que vão às olimpíadas internacionais, que é uma coisa que não existia. (...) temos outra participação importante nesse âmbito que são as provas de química. Nós pertencemos ao Conselho Consultivo do GAVE e atualmente temos um protocolo que começou este ano, em que, por causa sempre destas polémicas que há, teremos um elemento que irá ver os exames antes deles serem, ficarem na forma definitiva. Porque é muito melhor isso do que depois estar a criticar, vir cá para fora. Em tempos foi-nos pedido sobre os manuais escolares, mas são assuntos muito delicados porque, há conflitos interesses, há pessoas que depois são autoras de manuais. Acabámos depois por não entrar por essa via. (entrevista SPQ)

Finalmente, algumas associações referem também ter interagido com Ministérios a propósito de aspetos relacionados com a profissão, como atesta este exemplo, que foca a questão da gestão das carreiras:

Fomos recentemente recebidos pela Ministra da Saúde (...) Ela recebeu-nos no seu gabinete, fomos convidados informalmente pela Ordem dos Biólogos para os acompanhar. (...) em termos das carreiras na saúde, tem havido alguma reestruturação. Portanto está-se a pensar em reestruturar o papel do técnico superior, como é que ascende na carreira, quais as suas funções, em termos de hierarquia depois, como é que funcionam os serviços, e nós fomos apresentar a ministra uma proposta de manutenção da carreira do técnico superior, não é, dessa entidade legal, com as nossas funções, com melhoria na qualidade de formação e as implicações depois na melhoria da qualidade do serviço. (entrevista ANBIOQ)

Ainda do ponto de vista da articulação com o Governo central, verificamos que há alguma interação com alguns dos grupos parlamentares presentes no parlamento. Aqui, novamente, são principalmente as associações que assumem mais diretamente um papel de lobby ou de defesa dos direitos dos cientistas que se destacam pelo número de contactos com a Assembleia da República.

A outra atividade que é regular é o debate dos partidos políticos, que fazemos sempre a meio das campanhas eleitorais, este ano vamos fazer na terça-feira que é daqui a dez dias, e fazemos também a meio da legislatura, quando passa de meio da legislatura, fazemos esse debate. Portanto fizemos um debate há dois anos... É regular porquê? Porque está sempre no nosso programa, porque a todo o



momento pode cair o governo, como é o caso, e fazemos o respetivo debate. Se é fácil? Mandamos uma carta ao secretário-geral a convidar para ele nomear alguém para o debate e depois não o deixamos descansar até ele indicar quem é a pessoa. (entrevista APDSI)

Esta ligação ao parlamento será particularmente importante para associações que assumem diretamente a representação dos interesses dos seus associados, acabando por ter um papel mais político:

Normalmente é sempre um esforço da nossa parte. Recentemente fomos convidados para participar em Audições Parlamentares, Já vem, vem demonstrar que a ABIC é conhecida por alguns partidos ou que o trabalho é conhecido... Somos convidados a participar nessas Audições Públicas. (entrevista ABIC)

...temos também privilegiado outro tipo de contactos com a Assembleia da República nomeadamente com a Comissão Parlamentar de Educação e Ciência mas também com os Grupos Parlamentares. Com os diversos Grupos Parlamentares ainda recentemente, no final deste ano a propósito do Orçamento de Estado nalguns assuntos que ainda estavam pendentes relativamente aos Estatutos de Carreira, mantivemos reuniões de trabalho próximas não só com a Comissão Parlamentar mas com os Grupos Parlamentares também. (...) Na Assembleia da República sem dúvida, na Comissão de Educação e Ciência, impecável, ou seja qualquer questão que a gente levante somos recebidos, qualquer petição que a gente entenda fazer até hoje foi sempre atendida, junto dos Grupos Parlamentares, inteira disponibilidade de todos incluindo o Partido Ecologista os Verdes que tem muito pouca disponibilidade porque não tem Deputados, ou seja tem Deputados mas não tem Deputados em número suficiente, mas portanto na Assembleia da República nos vários níveis sem qualquer problema. (...) Reunimos com os Deputados dos Grupos Parlamentares que se interessam especificamente pela Investigação Científica (entrevista SNESUP)

Que dizer, então, das relações estabelecidas entre as instâncias governamentais mais ou menos direcionadas para a ciência? Que os laços estabelecidos tendem a ser, salvo raras exceções, bastante fracos, e que, do ponto de vista qualitativo, as relações estabelecidas se situam (1) quer numa situação de relativa dependência (em que as associações recorrem, sempre que possível a apoios e fundos governamentais, sem estabelecer vínculos acentuados); (2) quer numa situação de interação que se situa algures num *continuum* entre o *lobbying* e a contestação, havendo reivindicações da parte das associações exigindo mais apoios, melhores condições laborais, uma melhor gestão das carreiras ou, simplesmente uma maior facilidade no contacto. Como possível exceção, situam-se as relações estabelecidas com a agência Ciência Viva, que tendem a ser direcionadas para atividades práticas, e com o Ministério da Educação, que parece recorrer diversas vezes à expertise associativa, quer apoiando a organização de atividades de divulgação, quer para a emissão de pareceres relativos a exames ou outras provas.

Antes de terminar esta secção, e tendo em conta as questões levantadas a nível da dificuldade de acesso e diálogo entre o Estado e as associações, é interessante notar como dois dos entrevistados se referem a uma indiferenciação entre a associação e os seus dirigentes, acabando estes por ter



um papel mais significativo e por serem mais vezes tomados como interlocutores governamentais do que a associação propriamente dita a que eles pertencem, o que nos conduz para uma interessante reflexão sobre a tensão entre dinâmicas formais e informais que tende a pautar as relações institucionais:

Não isso é um calcanhar de Aquiles, mas não é só em Portugal, não há uma relação direta entre as sociedades científicas e as agências governamentais, também isto factualmente é assim não há uma relação direta agora as pessoas são sempre as mesmas (...), quando eu sou chamado para avaliar bolsas (...) não é por ser Presidente, nem é por ser Docente nem é por ser investigador é um bocado tudo ao mesmo tempo, porque dentro do meu currículo eles reconheceram capacidade para o fazer portanto se é verdade que as sociedades não têm ligação direta formal institucional às agências governamentais também não deixa de ser verdade que as pessoas que lá estão, por uma via ou por outra acabam por ter, se quiserem acabam por ter eco junto da FCT. As sociedades em si, por si não têm mas também não é, também não vamos dar ideia que isto são dois mundos completamente separados que nunca se encontram, no fundo as pessoas são sempre as mesmas têm é .....vestem várias roupas não é? Vestem várias roupas mas enfim a comunidade é sempre a mesma. (entrevista SPB)

Somos chamados [por organismos públicos, pelos ministérios, para aconselhamento] a nível pessoal, mas a nível institucional não, mas é uma coisa que a gente tenta sempre meter a sociedade. (entrevista SPN)

## **7.2 Sobreposições, parcerias e filiações internacionais – relações com outras associações e redes de associações científicas**

O estabelecimento de relações entre associações congéneres surgiu, logo desde o início, como um interessante filão a explorar na pesquisa. Com efeito, se no ponto anterior, sobre relações de cariz mais institucional, os laços estabelecidos apareciam enquadrados por dinâmicas de dependência e/ou reivindicação, aqui, ao focarmos as lógicas reticulares interassociativas, previa-se encontrar algumas relações de tipo mais igualitário, fundamentadas sobre a necessidade de sincronizar sinergias e desenvolver projetos comuns. Para efeitos de explanação analítica, vamos separar as relações com associações nacionais das relações de cariz internacional, já que estas tendem a ser bastante diferentes. No final, antes de terminar este ponto, falaremos também das relações estabelecidas com centros de investigação, Universidades e outras instituições científicas de relevo.

Em primeiro lugar, notemos que, muitas vezes, encontramos, entre as associações científicas de um mesmo ramo disciplinar ou de ramos similares, aquilo a que podemos chamar uma certa sobreposição de associados, o que torna as duas ou mais associações envolvidas em estruturas parcialmente sobrepostas, o que leva naturalmente ao estabelecimento de contactos, quanto

mais não seja, informais. Neste caso, é a multiparticipação dos associados a principal motivação e fonte de relacionamento interassociativo:

...neste momento há, sub, digamos, sub-sociedades, umas são autónomas mas andam todas na órbita porque as pessoas são as mesmas, enfim, quer dizer, há uma Sociedade de Epilepsia, uma Sociedade de AVC, que saíram, digamos, da própria Sociedade de Neurologia mas os sócios são os mesmos, quer dizer, os neurologistas estão numa e estão noutra e portanto aquilo acaba por haver, não há uma separação, nem há qualquer conflitualidade, a gente dá-se todos bem até porque no fim somos as mesmas pessoas (entrevista SPN)

A ANBIOQ foi recentemente também contactada pela Sociedade Portuguesa de Bioquímica para trabalhar mais na formação e na alteração... Houve necessidade de alterações da formação superior dos bioquímicos, para responder as necessidades do mercado. Se nós por um lado sabemos e avaliamos através de um inquérito e da informação que vamos tendo na jornada, do estado das coisas, portanto, número de licenciados empregados, em que áreas, dificuldades tidas, na formação e na adaptação, e na resposta que é dada pelos licenciados aos desafios que os trabalhos vão colocando não é, que o emprego lhe vai colocando, a Sociedade Portuguesa de Bioquímica está muito afastada dessa realidade. Portanto nós podemos trazer essa realidade profissional e de integração do bioquímico no mercado português, e a Sociedade Portuguesa de Bioquímica pode nos trazer ou nos ajudar nos aspectos científicos e formação junto das universidades. (entrevista ANBIOQ)

A esta sobreposição de indivíduos junta-se, não raras vezes, uma sobreposição infraestrutural, no sentido em que, não raras vezes, duas ou mais associações partilham espaços muito próximos ou mesmo contíguos, num mesmo edifício, partilhando recursos, o que, naturalmente, conduz a uma certa interação, ainda que pouco consubstanciada em iniciativas concretas, como é o caso da Sociedade Portuguesa de Química com a Sociedade Portuguesa de Física ou com a Sociedade Portuguesa de Matemática:

Pouco, pouco, muito pouca atividade [conjunta]. Falou-se nisso várias vezes, ainda agora quando mudámos de espaço voltámos a falar nisso, mas depois na prática não tem havido... é pena, penso que se podiam fazer coisas interessantes, mas não tem havido. Havia alguma competição também, por exemplo, nós quando lançámos o boletim, a física tinha uma revista muito má que era a “a gazeta de física”, depois copiaram o nosso modelo de boletim, que é um... tudo o que seja para melhorar é bom, mas pronto, viu-se que eles tinham copiado o nosso modelo de revista, penso que a revista deles agora se calhar até está melhor que a nossa, ou pelo menos teve durante algum tempo em termos de conteúdo e pronto...havia assim... um bocadinho essa competição, as vezes através dos funcionários nos diziam “ah, eles estão a fazer isto...” ou os funcionários da física sabiam que os da química estavam a fazer não sei o quê e depois diziam à respetiva direção, mas, enfim, isso até é bom, estávamos em contacto; de resto tínhamos uma reunião para discussão da utilização das instalações, da divisão das despesas, etc. (entrevista SPQ)

Os dois exemplos acima citados sugerem uma interação fundamentada em coexistências e sobreposições quotidianas, conducentes a uma relação discreta e informal, mas ainda assim

perene. No entanto, frequentemente, as relações estabelecidas surgem de forma mais intencional quando – em torno de um evento específico, como um congresso ou um seminário – as associações buscam parcerias com outras que lhes sejam complementares criando aquilo a que poderíamos chamar de confluências efémeras, iniciativas baseadas em redes de diferentes organizações que se juntam em torno de um assunto específico, uma campanha ou evento. Surgem assim como alinhamentos ad-hoc, constituídos a curto prazo, concentrados na prossecução de um fim específico, e dissolvendo-se – ou adaptando-se profundamente – com a sua execução:

...tivemos agora a semana passada em Braga um colóquio de horticultura biológica, juntamente com uma outra sociedade, se calhar não conhece, é a Sociedade Portuguesa de Engenheiros Zootécnicos, eles fizeram a parte animal e nós fizemos a parte vegetal.(...) tivemos também com uma de parques e jardins... Agora fizemos trinta e cinco anos e organizámos aqui, até foi no Instituto Superior de Agronomia, um seminário sobre o tema: a horticultura volta à cidade. Isto porquê? É a temática das hortas urbanas, que agora está muito na moda, até na televisão se ouve muito falar disso. Por acaso até tenho pena de na altura não ter falado do outro tipo de ligação com eles mas funcionou muito bem com a Associação Portuguesa de Arquitetos Paisagistas. Nós depois convidámos uns arquitetos paisagistas e foi muito engraçado porque uma das senhoras que falou, que é também arquiteta paisagista, até nos deu os parabéns por a APH ter conseguido juntar os arquitetos paisagistas com os horticultores no fundo, com as pessoas ligadas à horticultura porque nunca estão muito ligados e nós temos de funcionar, os arquitetos paisagistas (entrevista APH)

Por outro lado, estas relações mais efémeras acabam por se traduzir, com alguma frequência, em relações mais a longo prazo, por vezes consolidadas em protocolos formais, particularmente entre associações atuantes na mesma área. Em certos casos parece assistir-se quase a uma sobreposição – não de membros ou de infraestruturas – mas de mandato, e nesse caso as associações vêm-se obrigadas a articularem-se entre si da melhor forma possível. É o caso da ABIC, ANICT e SNEsup, que, embora com determinadas especificidades, acabam por ter uma sobreposição de orientação relevante, e que se coordenam neste sentido, segundo os seus testemunhos.

Houve um caso, aqui há uns meses atrás, ainda o ano passado, penso que até foi antes do Verão, de uma iniciativa... Eu penso que foi por iniciativa da ABIC, contactou um dos nossos, um dos meus colegas da, da Direção. Portanto, queriam saber se nós nos queríamos associar a uma intervenção que eles estavam a planear... Já não me recordo agora qual era o tema, sinceramente... E estabeleceu-se contacto por aí e tal... Pronto, mas ficou um bocadinho em suspenso. Este ano, já temos agendada uma reunião, reunião institucional com a ABIC, com a Direção da ABIC, que vai ser até, curiosamente, esta sexta-feira. Eh, portanto, para mesmo trocar impressões e ver eventualmente plataformas comuns de ação, etc... Portanto, há, há uma tentativa de diálogo mais institucional. (...) Também já tivemos uma reunião institucional com o SNESUP, eh, aí portanto obviamente já focado na questão profissional, não é, na questão da carreira profissional. Estamos a estudar eventualmente celebrar um protocolo com eles. Tivemos já, fomos contactados pela FENPROF, também para ter uma reunião – ainda não está agendada, portanto... Aliás, estamos à espera de propostas deles para, para datas possíveis. (entrevista ANICT)



Embora a maior parte das associações contactadas tenha algum tipo de relação com outra associação nacional, as redes estabelecidas tendem a ser pouco densas e algo frágeis e foram diversas as entrevistas onde foi identificada a necessidade de trabalhar mais a fundo estas redes:

O nosso voluntário está a fazer o levantamento de todas as associações científicas, e o que ele queria levar aquilo mais longe era que nós criássemos tipo uma comunidade à volta daquilo para que nós nos pudéssemos ajudar uns aos outros, se eles precisassem de um expert de biologia, se calhar podíamos nós ajudar dessa vez e depois vice-versa. Mas ainda não está concretizado. Ainda não fomos por aí, o projeto é esta tal coisa da consciência, começou por “vamos ver tudo o que há, agora que ele viu que há gente com estes interesses, viu que era giro... é quase como um finca-pé mas de associações em que podíamos mesmo partilhar. (entrevista AVaC)

As relações estabelecidas com associações internacionais são, na sua maioria, bastante diferentes das que ocorrem a nível interno. Foram onze as associações entrevistadas que referiram estar, de alguma forma, filiadas numa organização-rede internacional, muitas vezes como representantes nacionais. Trata-se, nesse caso de plataformas constituídas por um conjunto de organizações distintas e independentes, que se unem num espaço comum de cariz mais perene. Estas organizações-rede – quer tenham uma existência legal autónoma quer não – surgem como associações de direito próprio, de segundo grau, constituídas a partir de um conjunto de organizações de base. Frequentemente, a forma de participação nestas associações internacionais, para além do envio de delegados para reuniões de concertação, envolve a participação em congressos ou publicações internacionais, o que acaba por constituir uma mais-valia apelativa:

Depois a associação tem uma parte importante que é a representação internacional; ela está representada em duas associações internacionais, uma: que é a associação europeia de engenharia sísmica – tem um voto nessa associação – e está representada também na associação internacional de engenharia sísmica, onde também tem um voto, que é, nós somos o representante do País nessas associações. Essas associações são importantes porque elas próprias também organizam - da mesma forma que nós aqui organizamos as conferências nacionais, eles organizam as conferências europeia e mundial, cada quatro anos mas alternados. A última conferência mundial, só para ter uma ideia, foi em mil novecentos... em 2008, e foi na China; foi aí que nós concorremos para organizar a próxima conferência mundial, que vai ter lugar cá em Lisboa em Setembro do próximo ano, 2012. (entrevista SPES)

Uma consequência interessante da participação nessas organizações internacionais são as relações bilaterais que daí podem resultar, promovendo laços fortes entre associações congéneres, ambas participantes numa mesma organização-rede, como nos conta, neste excerto, a APS:

...colaborámos com a ESA, Associação Europeia ou Associação Europeia convidou as Associações Nacionais em Outubro para uma grande reunião aliás muito interessante em Paris participaram 23 Associações de Sociologia e portanto o pretexto enfim, a ideia era não só um interconhecimento



entre as Associações, mas também estudar algumas ações comuns entre as Associações e a ESA, (...), organizámos um encontro incentivámos, e aliás está ali o cartaz, aquele encontro “Interconhecimento e Internacionalização dos Saberes”, esse encontro portanto procurou trazer... juntar Associações Nacionais com as quais a APS teria, tem mais afinidades, isto foi de certo modo uma ....o processo de lançamento para muita coisa que veio a acontecer, foi a criação de uma Rede de Associações Nacionais dos países do Sul, tem a designação RESU, essa Rede envolve, tem como parceiros Portugal, Itália, Espanha, França e Grécia e justamente o nosso trabalho tem sido no sentido de discutir as nossas Sociologias, discutir as vias de aproximação, discutir se há alguma maneira diferente de fazer Sociologia no Sul e com a exceção da Grécia trabalhar muito também a questão da divulgação da produção sociológica nas línguas latinas e este tópico também da produção científica e da divulgação da ciência e do reconhecimento da produção nas línguas nacionais, também está presente no encontro que estamos a organizar mas que entretanto está um pouco em standby, é o Encontro Ibérico onde queremos justamente discutir essas questões. (entrevista APS)

Aliás, a questão das relações preferenciais com algumas zonas do globo ressaltou em diversas entrevistas, geralmente citando-se como parceiros privilegiados quer os países de língua oficial portuguesa, quer Espanha:

Não temos um congresso propriamente só nosso, só de horticultura, temos é um congresso ibérico, porquê? Porque nós temos ligações com diferentes instituições ou diferentes associações congêneres, nomeadamente com a congénere espanhola que é a Sociedade Espanhola de Ciências Hortícolas e isto porque, como deve calcular, o nosso meio é relativamente pequeno e numa península que tem tantas afinidades aqui com Espanha, que é um país muito maior que nós, com muito mais gente que já há uns anos que organizamos este congresso em comum. Este congresso funciona de quatro em quatro anos e já fizemos seis edições portanto um ano é em Espanha e outro é aqui em Portugal, de quatro em quatro anos. A primeira foi aqui em Portugal, aqui já fizeram três e em Espanha já fizeram outras três, exatamente. Agora o próximo, estamos noutra, avançamos um bocadinho mais... Isto para lhe dizer que a nossa comunidade é realmente muito mais pequena que a espanhola mas que no conjunto nós chegamos a ter perto de quatrocentas a quinhentas pessoas, portanto Espanha e Portugal. (entrevista APH)

Antes de fechar esta secção, é interessante chamar a atenção para as relações estabelecidas com os centros de investigação e as universidades. Em diversos casos, estes surgem como pares no desenvolvimento de projetos comuns, tal como outras associações, apesar de terem um estatuto diferente. Por outro lado, as relações com as universidades são também pautadas por efeitos de sobreposição, já que a universidade é entidade empregadora de uma boa parte dos dirigentes e associados das organizações consideradas na nossa amostra, e palco natural para o desenvolvimento de algumas atividades, ou até para o estabelecimento de sedes ou polos regionais associativos, pelo que não é de estranhar que ocorra um trânsito de informação acelerado entre associações e centros universitários.

Funciona com o apoio da Escola Superior de Educação. De certa maneira, que nos alberga gentilmente. (entrevista SPPC)



Quanto a esta ligação com o campo profissional, fizemos uma coisa, tivemos uma experiência que foi muito, muito interessante e que está aqui foi este ciclo de conferências Ciência e Profissão que fizemos em todos os locais onde existe formação em Sociologia, fizemos isso com a colaboração dos colegas dessas Universidades e portanto o compromisso foi envolver colegas da Academia não é? Colegas ligados à investigação e colegas do mundo profissional digamos assim e portanto no fundo em que tivemos um panorama nas várias regiões que foi como é que se deu esta trajetória que lhe estou a falar, como é que os pioneiros vão marcar o lugar fora das Universidades e portanto fazem o arranque e são a primeira imagem de marca sobre o que é que um Sociólogo pode fazer fora da investigação. (entrevista APS)

neste momento sou Presidente da Sociedade Portuguesa de Bioquímica, não estou a ser Docente da Faculdade de Medicina mas o Diretor da Faculdade de Medicina não se importa nada com isso e não deixa de me pagar o ordenado, não me obriga a fazer nada em horário pós-laboral nem nada. O que eu estou a dizer é que as Universidades também incorporam dentro do seu próprio espírito a existência das Sociedades Científicas e as Sociedades Científicas dependem muito das instalações do trabalho enfim das permissões das Universidades. Portanto tradicionalmente e por razões orgânicas as Sociedades estão mais ligadas às Universidades. (entrevista SPB)

Por outro lado, o público universitário acaba por ser destinatário preferencial na organização de muitos dos eventos levados a cabo pelas organizações consideradas:

Sim, isso há quase sempre, há quase sempre de jovens quer a nível de doutoramento e tudo quer a nível de estudantes de licenciaturas ou mestrados. Isso há sempre. Até porque nós, é muito engraçado que quando fazemos um evento quando pomos os preços pomos sempre um preço de estudante, que é sempre mais em conta. E isto porque tentamos estar sempre ligados com as escolas superiores agrárias exatamente para trazer alunos. E os alunos participam connosco não só, muitas vezes até a apresentar trabalhos como é lógico, quando estão a fazer as suas dissertações ou quando acabam ou assim, até por exemplo na organização, o que eu acho que é importante porque motiva gente nova para este tipo de eventos. (entrevista APH)

Finalmente, uma última palavra para a existência de alguns acordos e parcerias – ou pelo menos financiamentos – da parte de instituições extremamente relevantes no panorama científico nacional como a FLAD, a Gulbenkian, ou alguns Museus que, por vezes também por via de contactos informais e sobreposições vigentes, acabam por surgir interligados com as associações científicas.

### **7.3 Apoios, pedidos e intercâmbios locais: relações com as autarquias, as escolas e as empresas**

Antes de fecharmos este capítulo sobre relações externas associativas, importa observar um terceiro tipo de conexão estabelecida geralmente a nível mais local – embora não necessariamente – como entidades que têm diferentes níveis de interesse no associativismo científico. Referimo-nos a autarquias, escolas e empresas.



No caso das autarquias, é frequente estas apoiarem as associações na organização de eventos ancorados no espaço local. A iniciativa, como se pode ver nos excertos que se seguem, pode vir da autarquia ou da própria associação:

Há municípios, dou-lhe o exemplo, por exemplo o município de Benavente sempre se interessou muito por esta matéria, e portanto tem havido uma relação muito boa.. (...) traduz-se em medidas, em conferências que eles já organizaram até quando foi os cem anos do sismo de Benavente, de 1909, portanto, há dois anos fez cem anos, eles organizaram uma sessão e nós estivemos presentes, e temos colaborado em várias manifestações de sessões, sessões de divulgação, colaborar em exposições, etc, portanto, isto é um exemplo, não é. Mas não é único, temos feito com outras, com outros municípios temos também trabalhado. Dou-lhe esse exemplo porque tem sido um dos pioneiros e porque tem tido um papel importante por causa do sismo de Benavente, digamos, embora tenham passado cem anos eles têm estado, estão ativos sobre essa matéria. (entrevista SPES)

Com autarquias temos estes cursos técnicos, este workshops, digamos, que a ideia é serem cursos técnicos aplicados, e aí sim, aí há uma ligação direta com as autarquias. E a nossa ideia com estes cursos é de facto, nós entrámos nestas autarquias no sentido de como consultores, como, enfim, mostrar que somos uma peça forte no apoio técnico-científico a eles. Mas, mas de facto, não temos ainda consolidada essa vertente de fluxo financeiro. (entrevista SPECO)

em geral quem nos procura são as escolas ou são as Câmaras, são entidades que querem realizar alguma coisa, a casa da Cultura por exemplo e que nos contactam. Há muitas, muitas a Câmara de Cascais é aquela com quem nós colaboramos muito regularmente, há sempre alguma coisa há um protocolo com a Câmara, mas nós apoiamos muitas iniciativas de muitas Câmaras e temos apoio de muitas Câmaras. À vezes somos nós a contactar aí já é uma abertura diferente, por exemplo agora nós temos em Abril uma ação na Pampilhosa da Serra e que fomos nós (entrevista NUCLIO)

Também a nível local, algumas empresas contribuem para a organização de eventos associativos. Embora as relações com empresas não tenham sido abordadas por todos os entrevistados, elas surgem, com frequência associadas a atividades de índole mais local, por vezes através da atribuição de patrocínios. Diversas associações têm também enquadramento para o associado coletivo, geralmente uma empresa, que paga uma quota mais elevada, contribuindo para o bem-estar financeiro da associação e usufruindo do acesso a determinadas atividades ou serviços (ver secção 5.2).

e depois temos os simpósios que a indústria também promove a propósito de um medicamento novo - que eles querem promover com certeza, não são beneméritos, eles estão aqui para ganhar dinheiro, não é - e nós temos que ter uma relação ética com eles, e a contrapartida que nós temos, além de eles pagarem - dar uma contribuição para a sociedade - organizam nesse simpósio não só a propaganda do medicamento mas habitualmente trazem pessoas - nacionais ou estrangeiras, muitas vezes estrangeiras - que vêm fazer uma panorâmica, uma atualização sobre o tema, se é um medicamento para demência vêm pessoas que falam, claro que especificamente do medicamento mas, geralmente são três ou quatro pessoas, há uma que fala do medicamento mas há três que falam



do tema em geral e atualização o tema das demências e tal. Se é de epilepsia é a mesma coisa, enfim, doença de Parkinson, por exemplo, portanto, nesse simpósio a pessoa vai lá para aprender, não é só para saber... enfim, o que os laboratórios querem dizer sobre o medicamento, falam sobre a doença ou a situação que leva a utilização do medicamento, mas a pessoa a partir dali, além de ficar a saber sobre aquele medicamento, fica a saber sobre... fica atualizado sobre a doença para a qual o medicamento é utilizado... por isso é bom. (SPNeurologia)

E os produtores e tudo sabe como é que são motivados que também é muito engraçado? É outra questão... Cá está, nós não somos uma sociedade científica, somos uma sociedade técnico-científica, portanto estes eventos funcionam, aliás, toda a associação, funciona com os patrocínios, vamos à procura de patrocinadores e muitas vezes o que acontece é que os patrocinadores desses eventos são eles próprios empresas de adubos ou empresas de pesticidas ou assim e chamam agricultores. Eles dizem “damos tanto e queremos tantas entradas grátis”, fazemos uma troca e eles levam muitos produtores com eles o que é muito engraçado. O que é bom, depois é essa diversidade que há. Depois geralmente o que nós também fazemos nesses eventos é que tentamos sempre que haja mesas redondas, em que nós chamamos produtores para discutirem os assuntos, para levantarem os problemas, o que é que têm, o que é que não têm, o que é que acham que se pode fazer no futuro, o que facilita também essa entrada depois dos próprios produtores. As pessoas sentem-se bem porque também discutimos os problemas deles. Juntamos os académicos com as outras pessoas que precisam de nós também. (entrevista APH)

algumas colaborações que temos tido com empresas por exemplo uma empresa de multimédia Take the Wind de Coimbra, nós prestámos alguma assessoria científica num projeto deles estavam a fazer um clout multimédia sobre diabetes e nós demos assessoria científica em contrapartida eles fizeram um filme de uma divulgação de Bioquímica e está no canal de Sociedade Portuguesa de Bioquímica no Youtube (entrevista SPB)

Finalmente, num ou dois casos a colaboração com empresas surge associada a prémios atribuídos conjuntamente (ver secção 4.5), em que a associação oferece o conhecimento científico e a empresa cobre o aspeto financeiro.

a Sociedade das Ciências Médicas tem sempre os prémios tem uma parceria com os Laboratórios Pfizer desde há 50 anos que tem sido uma relação excelente, tem dado uma contribuição muito importante para a investigação médica e essa contribuição, claro que quem a paga do ponto de vista monetário são os Laboratórios Pfizer mas quem lhe dá prestígio é a Sociedade de Ciências Médicas e de facto o grande prestígio que os prémios Pfizer têm deve-o, total e exclusivamente à Sociedade de Ciências Médicas desde há 50 anos (entrevista SCML)

Uma terceira entidade com a qual as associações científicas se relacionam frequentemente também a nível mais local são as escolas. Aqui, as associações surgem frequentemente como prestadoras de serviços, através da organização de palestras e atividades de divulgação e educação científica (ver secção 4.3), surgindo estas iniciativas geralmente em escolas particularmente dinâmicas, com as quais já havia contactos prévios, por exemplo, através de um dado associado:



Aquelas que eu destacaria, que nós temos vindo a realizar regularmente, são: sessões para esclarecimento e um pouco de informação aos alunos do secundário, portanto aqui o secundário vai desde o 10o ano ao 12o ano, são alunos que em princípio estão indecisos quanto a carreira científica que vão seguir, ou não científica, e nós aí temos tido algumas solicitações das próprias escolas e nós também oferecemos essa... esse serviço, não é, a população, na página. Portanto sido requisitados para alguma sessões de esclarecimento, o que é bioquímica, onde é que é possível obter a licenciatura de bioquímica, coisas que hoje dia, 12 universidades oferecem licenciatura em bioquímica, que também foi uma mudança muito grande de há alguns anos atrás, somente três é que tinham essa licenciatura, Lisboa, Porto e Coimbra, agora já há muitas outras que oferecem, o que quer dizer que o numero de licenciados por ano também aumenta muito. Portanto nós contribuímos aí para esclarecer os alunos sobre a nossa área, o que é que o bioquímico se forma, com o que é que nós estudamos, onde é que podemos obter formação, qual é a nossa área de especialização. Geralmente a maior parte dos bioquímicos fazem investigação. (entrevista ANBIOQ)

Desta forma, se as entidades governamentais surgem como instrumentos reguladores e financiadores e as outras associações como parceiros, não podemos descurar também o papel híbrido jogado pelas escolas, empresas e autarquias que, geralmente a um nível mais local, acabam por atuar tanto como fornecedores de apoios como como parceiros na organização de atividades, surgindo estes dois vetores como transversais na análise das relações externas das associações científicas.

## 8. Conclusões

O trabalho desenvolvido neste estudo aprofundado de uma amostra de associações científicas permitiu chegar a um retrato relativamente completo da sua emergência, atividades, participação dos associados, funcionamento interno e relações externas.

No que respeita à emergência das associações científicas, encontram-se dois processos muito distintos: a criação autónoma, de “geração espontânea”, e a separação a partir de uma associação-mãe. Uma parte substancial das associações surge em contexto universitário ou, menos frequentemente, no âmbito de um Laboratório do Estado, ainda que a maioria destes casos manifeste desde cedo uma preocupação em alargar o seu âmbito da associação para além da instituição fundadora (outras universidades) ou mesmo fora da esfera académica (prática profissional). Nas narrativas dos momentos fundacionais está muitas vezes presente a referência à organização de encontros ou workshops que precedem e impulsionam a formalização da associação, o papel de figuras individuais ou a influência do contexto internacional, nomeadamente a existência de associações congéneres no estrangeiro. No caso das associações de teor disciplinar (sociedades científicas mas também associações profissionais), o seu surgimento está frequentemente ligado ao desenvolvimento da área científica de base. A criação da maioria destas associações terá beneficiado fortemente do aumento da massa crítica do sistema científico português, primeiro com a criação de licenciaturas, depois de mestrados e doutoramentos, com os correspondentes aumentos de docentes e discentes nas diversas áreas científicas.

No que respeita às atividades desenvolvidas pelas associações, os encontros científicos têm uma posição preponderante. Apesar dos grandes congressos internacionais conferirem aos seus participantes mais capital científico que as reuniões nacionais, estas ainda são uma “montra” da investigação que é feita no país, um ponto de encontro para gerar sociabilidade e interconhecimento, uma forma de transcender as partições e rivalidades institucionais. São também uma ocasião para captar novos associados, para ajudar à integração de jovens investigadores, para trazer figuras de relevo a Portugal e para dar visibilidade à associação, tanto junto da comunidade científica como de entidades externas (profissionais não ligados à investigação, professores e alunos do ensino secundário, representantes de ministérios e de autarquias).

As publicações mantêm-se como uma atividade muito relevante das associações, mas que sofreram significativas transformações nas últimas décadas. A publicação de revistas científicas dirigidas a especialistas perdeu terreno, face à concorrência das revistas internacionais, muito mais prestigiadas. Em resultado disso, várias associações redirigiram as suas publicações para públicos mais alargados, transformando-as em veículos de difusão científica mais do que de comunicação entre pares. As novas tecnologias de informação vieram permitir reduzir os custos das publicações e aumentar a sua circulação. Também muito comum é a publicação de boletins ou

newsletters, com o objetivo de divulgar as atividades aos associados, bem como de livros e atas de congressos.

Boa parte das associações desenvolve algum tipo de ação de divulgação/educação científica. Para além da publicação de pequenas peças em boletins, newsletters, etc., ou de ocasionais contatos com os média, as sociedades científicas disciplinares tendem neste âmbito a revelar uma abordagem mais minimalista e tradicional. Em regra privilegiam as palestras ou encontros simulares – ora dirigidos a grupos em idade escolar, ora a audiências mais variadas. Já entre as associações especificamente vocacionadas para a divulgação científica, como seria de esperar, o número e a diversidade de atividades neste domínio é bastante superior: às palestras juntam-se projetos de ensino experimental, sessões de observação, visitas a laboratórios, passeios de campo, blogs, livros, exposições, etc. (que acabam por abranger públicos bastante diversificados). Nestes casos, para além da exploração de espaços educativos informais, há a assinalar a tentativa de articulação entre ciência e outras formas de manifestação/intervenção sociocultural, bem como, por vezes, a promoção de experiências de "civic science". As associações de profissionais tendem, por seu turno, a revelar-se bastante mais distantes dos desígnios da divulgação científica.

As associações científicas aqui analisadas têm alguma representação em organismos públicos de consulta e formulam pareceres como especialistas também noutros âmbitos, mas não o fazem de forma sistemática nem parecem confiar que as suas posições tenham um impacto importante nas políticas públicas. Os estudos encomendados pelo poder político, por exemplo a centros de investigação, tendem hoje a concorrer com os pareceres que tradicionalmente as associações científicas forneciam. A auscultação destas associações dependerá em boa parte da visibilidade que as associações conseguem alcançar, designadamente através dos seus dirigentes e da atualidade dos seus objetivos.

Relativamente a outras formas de representação de interesses e influência, concretamente ao nível de ações de pressão a que se chamámos *lobby*, apesar da resistência que o termo pode suscitar entre nós, os estudos de caso revelam situações de sucesso e algumas de insucesso, mas sobretudo uma consciência da necessidade de recursos, humanos e outros, de que nem sempre dispõem, assim como da existência de um tempo adequado para o efeito, sendo que uma mudança de legislatura implica normalmente um reinício do processo; a inexistência de uma estrutura supra-associativa ativa pode ser, a nosso ver, um fator de enfraquecimento da ação destas associações.

As associações científicas proporcionam aos seus sócios um conjunto de serviços que podem ser agregadas sobre o rótulo genérico de apoio profissional. Por um lado, várias associações desenvolvem atividades de formação, que podem assumir a forma de colóquios e conferências ou de cursos especializados. Algumas associações disponibilizam informação de teor científico aos sócios ou ao público, através de bibliotecas ou centros de documentação. Os prémios e bolsas de estudo são uma forma de apoiar financeiramente a investigação científica e estimular a adesão às



associações (são geralmente reservados a associados), mas também de conferir prestígio e reconhecimento simbólico aos investigadores. Outras formas mais raras de apoio proporcionado pelas associações científicas (sobretudo associações profissionais de cientistas), são as bolsas de emprego, os estágios profissionais e o apoio jurídico.

Tudo indica que as associações científicas portuguesas tendem a desempenhar um papel bastante marginal tanto no que toca à realização de atividades de I&D como, mais ainda, no que respeita à transferência de tecnologia para o sector empresarial. Ainda assim, entre as associações orientadas para a promoção de cultura científica, identificaram-se alguns casos de envolvimento direto em projetos de pesquisa. O aspeto mais interessante é que, com alguma frequência, estes exploram novas formas de participação de “amadores” nestas atividades e/ou demonstram uma considerável ligação à realidade específica de determinados territórios. Deste ponto de vista, poder-se-ão equacionar como assentes em modelos relativamente "alternativos" de investigação científica – o que, aliás, pode ajudar a explicar o facto de se encontrarem neste tipo de associações e não nas sociedades disciplinares (onde, proporcionalmente, a classe profissional dos investigadores tende a ter mais protagonismo).

Quanto à participação associativa, verificou-se que o número de sócios é muito variável, podendo ir das poucas dezenas aos vários milhares. Os investigadores e docentes universitários são predominantes, sobretudo nas sociedades científicas disciplinares, mas muitas associações esforçam-se por captar também sócios entre os profissionais e docentes do ensino não superior e entre os estudantes, com o objetivo declarado de rejuvenescer as associações. Quanto às formas de chegada à associação, o meio mais comum é a recomendação interpessoal, de um professor ou de um colega de trabalho, seguindo-se-lhe um evento realizado pela associação ou o website da mesma. Quanto às motivações para aderir à associação, surge à cabeça e com bastante distanciamento das restantes categorias, a identificação com os objetivos da associação. A segunda motivação mais importante é a participação nas atividades da associação e só depois são valorizados os fins instrumentais de obter benefícios nos serviços, eventos e no currículo científicos. Predomina uma participação “passiva” na vida da associação, restrita ao pagamento de quotas, à presença nos encontros científico e à leitura das publicações. Os benefícios mais valorizados de ser membro das associações são a pertença a uma comunidade e o contributo para o desenvolvimento da ciência, seguido da promoção da cultura científica. Só depois são referidos benefícios mais instrumentais, como o acesso a informação sobre eventos e sobre descobertas, o conhecimento do campo e o convívio com pessoas com interesses semelhantes. Quando instados a assinalar os problemas com que se debate a sua associação, o mais frequentemente referido é a falta de visibilidade ou de divulgação, seguindo do pouco envolvimento dos membros.



No que diz respeito ao funcionamento interno das associações científicas analisadas e do ponto de vista dos seus órgãos sociais, poucas têm órgãos para além dos convencionais três, a saber, direção, conselho fiscal e mesa da assembleia geral. Muitas associações consideram por exemplo não ter vocação para desenvolver vigilância deontológica; outras no entanto têm um código de ética cujo impacto prático está desde logo limitado pela inexistência de um órgão que se dedique à sua aplicação.

Os presidentes das associações entrevistadas são de um modo geral indivíduos com um *curriculum vitae* académico importante e que aderem à associação num ato que veem como natural na sua carreira, algumas vezes ocorrendo ainda enquanto estudantes. A constituição da lista, que é, como sucede com outro tipo de associações, prevalentemente única, é da sua responsabilidade e observa-se nela muitas vezes uma preocupação em reunir várias sensibilidades, ramos disciplinares ou regiões diversas. Porém, a iniciativa da assunção do cargo de presidente parte geralmente de um convite feito por outros e não do próprio.

A orgânica das associações científicas estudadas não é de um modo geral muito complexa, já que o seu grau de profissionalização também é baixo. A racionalidade prevalecente parece ser mais próxima de valores humanistas do que economicistas. Para isto concorrerá porventura o facto de muitas associações contarem com apoios públicos, embora haja também quem beneficie de apoios privados e múltiplos obtenham nos seus congressos ou publicações uma importante fonte de recursos financeiros.

As associações científicas debatem-se com a necessidade de encontrar processos eficazes de comunicação, seja interna, seja externa. Neste âmbito tendem a cruzar métodos 'tradicionais' de comunicação com a utilização das novas tecnologias de informação. Se no primeiro caso tendem a apostar na comunicação por boletim impresso ou carta, no segundo caso utilizam uma versão digital do mesmo boletim, tendo também um site, uma ou mais *mailing lists* e, frequentemente, estabelecendo-se em diversas plataformas no ciberespaço, fazendo uso, por exemplo, das redes sociais ou de canais como o Youtube. As novas tecnologias são, também, utilizadas no âmbito mais interno, substituindo-se reuniões presenciais por conversas, por vezes transnacionais, via Web. É no entanto de ressaltar que a utilização de novas tecnologias como a internet não se encontra, de todo, igualmente estabelecida entre todos os associados e potenciais públicos das associações. De resto, continua a ter muita importância a utilização dos contactos com a comunicação social, no sentido de publicitar e esclarecer sobre as atividades associativas, ainda que, frequentemente, a relação com os órgãos de comunicação social levante algumas dúvidas e desilusões.

Por fim, verificámos que as associações desenvolvem e sustentam relações com uma multiplicidade de organizações externas de diversos tipos. É possível organizarem-se estas relações em três grandes tipos de interlocutores: em primeiro lugar, as entidades governamentais como o Ministério da Ciência e outros, a Assembleia da República, a agência Ciência Viva ou a Fundação para a Ciência e Tecnologia. Estas entidades surgem tanto como interlocutoras da ação



associativa como enquanto financiadoras, desempenhando um papel importante, mas não isento de críticas. Em segundo lugar, temos as outras associações, que atuam como parceiras em alguns projetos e que, em certos casos, acabam por estabelecer-se em plataformas mais ou menos formais, por vezes de cariz internacional. Finalmente, encontramos entidades como escolas, empresas e autarquias que, a um nível mais local, atuam tanto como financiadoras ou prestadoras de apoios como enquanto parceiras na organização de determinadas atividades.

## 9. Referências

Bäckstrand, K., (2003) Civic Science for Sustainability : Reframing the Role of Experts, Policy-Makers and Citizens in Environmental Governance. *Global Environmental Politics*, 3(4), pp.24-41.

Baptista, Luís e Machado, Paulo (2010), “Our (scientific) Community and Our Society: rethinking the role and dilemmas of national sociological associations - the Portuguese case”, *Sociologia Online*, nº 1

Barke, R. P. (2003). Politics and Interests in the Republic of Science. *Minerva*, 41(4), 305-325.

Barreto, António (org.) (1996), *A situação social em Portugal 1960-1995*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais

Bloland, H.G., (1982). Opportunities, Traps, and Sanctuaries: A Frame Analysis of Learned Societies. *Journal of Contemporary Ethnography*, 11(1), pp.79-105.

Boltanski, Luc e Thévenot, Laurent (1991) *De la justification. Les Économies de la grandeur*, Paris : Gallimard

Bonney, R. et al., (2009). Citizen Science: A Developing Tool for Expanding Science Knowledge and Scientific Literacy. *BioScience*, 59(11), pp.977-984.

Borne, K.D. et al., (2009). The Revolution in Astronomy Education : Data Science for the Masses. State of the Profession Position Paper submitted to the Astro2010 Decadal Survey.

Conceição, C.P., (2011). *Promoção de Cultura Científica: Análise teórica e estudo de caso do programa Ciência Viva*. Tese de Doutoramento ISCTE IUL.

Conrad, C.C. e Hilchey, K.G., (2011). A review of citizen science and community-based environmental monitoring: issues and opportunities. *Environmental monitoring and assessment*, 176(1-4), pp.273-91.

Costa, António Firmino da (1988) "Cultura profissional dos sociólogos", *Sociologia Problemas e Práticas*, nº5,

Costa, António Firmino da, Ávila, Patrícia e Mateus, Sandra (2002), *Públicos da Ciência em Portugal*, Lisboa: Gradiva.

Dawid, H. et al., (2009). Keeping a learned society young. *Demographic Research*, 20, pp.541-558.

Delicado, A., (2006). Os museus e a promoção da cultura científica em Portugal. *Sociologia Problemas e Práticas*, 51, pp.53-72.

Delicado, Ana et al (2011) *Recenseamento e inquérito a associações científicas: relatório de pesquisa*, Lisboa: ICS (<http://www.socsci.ics.ul.pt>)

Delicado, Ana, Rego, Raquel e Junqueira, Luis (2011), "Associações científicas em Portugal: uma proposta de tipologia", *Conferência Rumos da Sociologia do Conhecimento, Ciência e Tecnologia em Portugal*, Lisboa, (<http://www.socsci.ics.ul.pt>)

Dickinson, J.L., Zuckerberg, B. e Bonter, D.N., (2010). Citizen Science as an Ecological Research Tool: Challenges and Benefits. *Annual Review of Ecology, Evolution, and Systematics*, 41(1), pp.149-172.

Doyle, H., Gass, A. e Kennison, R., (2004). Open access and scientific societies. *PLoS biology*, 2(5), p.E156.

Evans, N. G. (2010). Speak No Evil: Scientists, Responsibility, and the Public Understanding of Science. *NanoEthics*, 4(3), 215-220.

Freire, João (org.) (2004) *Associações profissionais em Portugal*, Oeiras: Celta

Godinho, M. M. e Caraça, J. M. G. (eds.), *O Futuro Tecnológico. Perspectivas para a Inovação em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.

Gonçalves, M. E. (1996). Mitos e realidades da política científica portuguesa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (46), 47-67.

GPEARI (2003a), *Programa de Formação Avançada de Recursos Humanos em C&T (1990-1993)- CIÊNCIA*, Lisboa: GPEARI/MCTES

GPEARI (2003b) *Potencial Científico e Tecnológico Nacional 1982–2001- Duas décadas de evolução do esforço em I&D em Portugal*, Lisboa: GPEARI/MCTES

GPEARI (2005a) *Evolução da Qualificação do Pessoal Docente do Ensino Superior Universitário Público: 1993 – 2004*, Lisboa: GPEARI/MCTES

GPEARI (2005b) *Evolução, por categorias, do pessoal docente do Ensino Superior politécnico público: 1993 – 2004*, Lisboa: GPEARI/MCTES

GPEARI (2006a), *Programas de Formação Avançada de Recursos Humanos em C&T (1994-1999) – PRAXIS XXI*, Lisboa: GPEARI/MCTES

GPEARI (2006b), *Programas de Formação Avançada de Recursos Humanos em C&T (2000-2004) – POCTI/POSI*, Lisboa: GPEARI/MCTES

GPEARI (2011a) *Docentes do ensino superior 2001 a 2009*, Lisboa: GPEARI/MCTES

GPEARI (2011b) *IPCTN10 Resultados Provisórios*, Lisboa: GPEARI/MCTES

GPEARI (2011c) *Sumários Estatísticos IPCTN09*, Lisboa: GPEARI/MCTES

Gregory, J., e Miller, S. (1998). *Science in Public: Communication, Culture and Credibility*. London/New York: Basic Books.

Greenwood, J. J. D. (2007). Citizens, science and bird conservation. *Journal of Ornithology*, 148(S1), 77-124.

Guinovart, J. J. (2009). Mind the gap: bringing scientists and society together. *Cell*, 137(5), 793-5.

Hetland, P. (2011). Science 2.0: Bridging Science and the Public. *Nordic Journal of Digital Literacy*, 6, 326-339.

Hin, L. T. W., e Subramaniam, R. (1999). How scientific societies can build better nations. *Science*, 399 (June), 633.

Irwin, A. (1998). *Ciência Cidadã. Um estudo das pessoas, especialização e desenvolvimento sustentável*. Lisboa: Piaget

Lafer, G. (2003). Graduate Student Unions: Organizing in a Changed Academic Economy. *Labor Studies Journal*, 28(2), 25-43.

Lankford, J., (1981). Amateurs and Astrophysics: A Neglected Aspect in the Development of a Scientific Specialty. *Social Studies of Science*, 11(3), pp.275-303.

Lawless, D. J. (1981). The Canadian University under the impact of Academic Trade Unions. *Minerva*, 19(3), 464-479.



Leach, M., Scoones, I., e Wynne, B. (2005). *Science and Citizens. Globalization and the Challenge of Engagement*. London: Zed Books

Lees, M.B., (2002). Participation of women in neurochemistry societies. *Neurochemical research*, 27(11), pp.1259-67.

Macedo, M. (2001). Enseigner la communication scientifique à des chercheurs et à des journalistes: une chronologie des programmes au Brésil et l'expérience du Labjor/Unicamp. *COMMposite*, (1), 1-14.

Machado, Fernando Luís (1996), "Profissionalização dos sociólogos em Portugal – contextos, recomposições e implicações", *Sociologia Problemas e Práticas*, nº 20, 43-103

Machado, Fernando Luís (2009), "Meio século de investigação sociológica em Portugal – uma interpretação empiricamente ilustrada", *Sociologia*, nº 19, 283-343

Marques, Maria Manuel Leitão, (1996). *Administração Consultiva em Portugal*, Lisboa: Conselho Económico e Social.

Miller, S., Caro, P., Koulaidis, V., Semir, V. D., Staveloz, W., & Vargas, R. (2002). *Report from the Expert group Benchmarking the Promotion of RTD culture and Public Understanding of Science*. Science (p. 197). Brussels.

Penner, R. (1994). Unionization, Democracy, and the University. *Interchange*, 25(1), 49-53.

Ponak, A., Thompson, M., e Zerbe, W. (1992). Collective bargaining goals of university faculty. *Research in Higher Education*, 33(4), 415-431.

Raddick, M.J. et al., (2010). Galaxy Zoo: Exploring the Motivations of Citizen Science Volunteers. *Astronomy Education Review*, 9.

Rego, Raquel, Delicado, Ana e Junqueira, Luis (2011), Regulação ética nas associações profissionais de cientistas: variações por disciplina, in T. Carvalho, R. Santiago e T. Caria (eds), *Grupos profissionais e sociedade do conhecimento*, Porto: Afrontamento, 45-58.

Rhoads, R. A., e Rhoades, G. (2005). Graduate Employee Unionization as Symbol of and Challenge to the Corporatization of U.S. Research Universities. *The Journal of Higher Education*, 76(3), 243-275.

Rilling, R., (1986). The Structure of the Gesellschaft Deutscher Chemiker (Society of German Chemists). *Social Studies Of Science*, 16(2), pp.235-260.



Rogers, C. L. (1981). Science Information for the Public : The Role of Scientific Societies. *Science, Technology & Human Values*, 6 (36), 36-40.

Schimank, U., (1988). Scientific associations in the German research system—Results of an empirical study. *Knowledge in Society*, 1(2), pp.69-85

Scott, J. M., Rachlow, J. L., e Lackey, R. T. (2008). The Science-Policy Interface : What is an Appropriate Role for Professional Societies ? *BioScience*, 58(9), 865-869.

Shad, J.G., (1997). Scientific Societies and Their Journals: Issues of Cost and Relevance. *The Journal of Academic Librarianship*, 18(5), pp.406-407.

Teich, A. (2002). AAAS and public policy: speaking softly and carrying a medium-sized stick. *Technology in Society*, 24(1-2), 167-178.

Toro Alvarez, C.C., (2007). El rol de las Sociedades Científicas en la formación de especialistas. *Revista chilena de cirugía*, 59(4), pp.1-2.

Vesikari, T. (2008). The role of scientific societies in the decision-making process to recommend new vaccines: the example of rotavirus in Europe. *Journal of Public Health*, 16(4), 287-290.

Wiggins, A. e Crowston, K., (2011). From Conservation to Crowdsourcing: A Typology of Citizen Science. *2011 44th Hawaii International Conference on System Sciences*, pp.1-10.

Young, D.R., (1992). Organising principles for international advocacy associations. *Voluntas*, 3(1), pp.1-28.

## Anexo 1 Grelha de análise das associações

Nome da associação
Localização da sede
Ano de fundação
História
Objetivos
Sócios: nº, tipos, critérios e procedimentos de admissão, benefícios proporcionados
Órgãos sociais: tipo, constituição, nº membros, regras eleitorais
Divisão em núcleos/secções
Código /conselho deontológico
Presidente da direção (nome, CV)
Outros potenciais entrevistados
Ligações a outras associações
Ligações a outras organizações nacionais
Ligações a organizações internacionais
Atividades
Reuniões científicas
Prémios e bolsas
Biblioteca/centro de documentação
Cursos de formação
Serviços técnico-científicos
Atividades de ID
Atividades de divulgação científica
Atividades de lobby ou representação de interesses
Atividades consultivas, pareceres
Atividades de ligação academia-indústria
Publicações (tipo, título, tiragem, periodicidade)
Documentos recolhidos



## Anexo 2 Guião de entrevista aos presidentes da direcção

### GUIÃO DE ENTREVISTA ÀS ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS PORTUGUESAS

*No âmbito do projecto SOCSCI – Sociedades Científicas na Ciência Contemporânea, a vossa associação foi seleccionada para a realização de um estudo de caso.*

*O objectivo dos estudos de caso é aprofundar o conhecimento recolhido através do inquérito por questionário, a que já responderam.*

*Pretende-se agora dar conta da acção das associações científicas considerando a sua diversidade em termos disciplinares, de antiguidade, etc. E também conhecer os seus presidentes.*

*A duração da entrevista é assim muito variável.*

*Dada a natureza desta abordagem metodológica, não podemos garantir o anonimato total das respostas. Em todo o caso, os dados serão usados para fins exclusivamente científicos.*

*Recordamos que o projecto de investigação SOCSCI é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ref. PTDC/CS-ECS/101592/2008), conta com uma equipa de investigadores do ICS da Universidade de Lisboa, do CIES-ISCTE/IUL e do SOCIUS-ISEG-UTL.*

*O acompanhamento do projecto pode ser feito através do sítio na Internet: <https://sites.google.com/site/projectosocsci/home>*

*De modo a avançarmos mais depressa na entrevista e retomarmos com maior rigor as vossas declarações, gostaríamos de gravar a entrevista, se estiverem de acordo.*

**SIGLA/ACRÓNIMO E NOME DA ASSOCIAÇÃO:**

.....

**MORADA DA SEDE:**

.....

**ENTREVISTADO(A), FUNÇÃO NA ASSOCIAÇÃO E CONTACTO DIRECTO:**

.....

**DATA E HORA/DURAÇÃO DA ENTREVISTA:**

.....

**ENTREVISTADORES:**

.....



## A ASSOCIAÇÃO

### PARTE I – HISTÓRIA

1. Gostaríamos que começasse por nos contar **como foi criada** a associação...:
  - Porquê
  - Quem foram os seus fundadores
2. Quais as **principais mudanças** que sofreu ao longo do tempo?
  - Se houve mudanças, principais causas (estímulos internos/externos)
  - período mais e menos próspero
3. Como define a **missão** actual da associação?

### PARTE II – ACTIVIDADES

4. Pode falar-nos das **actividades mais importantes da associação hoje?**
  - Mudanças no tempo
  - Peso financeiro
  - Valor identitário/simbólico
  - Associados e públicos envolvidos
5. Que tipo de actividades de **divulgação científica** são desenvolvidas?
  - Públicos
  - Objectivos
  - Impacto
6. Existem **prémios e/ou bolsas** promovidos pela associação? Poderia falar-nos um pouco das **bolsas de emprego** (o que são e como têm funcionado)?
  - Públicos
  - Objectivos
  - Impacto
7. Pode falar-nos das vossas **publicação(ões)** (revista/boletim/livros)...?
  - Públicos
  - Objectivos
  - Impacto
8. Qual a importância dos vossos **encontros científicos** para a vida da associação?
  - Número médio de participantes
  - Públicos
  - Objectivos
  - Impacto
9. Houve iniciativas de **transferência do conhecimento** (tecnologia para as empresas)? Se sim, como se procederam?
  - Objectivos
  - Impacto

### **PARTE III – FUNCIONAMENTO INTERNO**

#### **A - OS ASSOCIADOS**

10. **Quem se envolve** efectivamente na vida da associação?

- Quantos e quem são os associados activos (profissão, idade, relações de amizade, etc. entre eles...)
- Quem são os associados que pagam quotas
- Quem são os associados menos participativos

11. **Como tem evoluído o número de associados?**

- Porquê
- Como são recrutados
- Taxa de representatividade face aos potenciais associados

#### **B – OS ÓRGÃOS SOCIAIS**

12. Quem são os **actuais membros da Direcção?**

- categoria profissional e institucional
- idade, sexo
- proveniência geográfica
- Antiguidade na associação
- Como foi constituída a lista / relação entre membros (amizade, familiar, etc.)

13. Qual tem sido a **participação eleitoral** dos associados?

- Evolução
- Taxa de participação
- Número de listas
- Renovação das listas

14. Com que **regularidade a Direcção se reúne?**

- Como o faz (presencialmente, por telefone, etc.)
- Por que motivos

#### **C – A ESTRUTURA INTERNA**

15. Como funcionam os núcleos regionais da associação?

- Como surgiram
- Como se desenvolveram
- Que importância têm na vida da associação
- Quem são os associados que os dinamizam
- Que autonomia têm

#### **D – O FINANCIAMENTO**

16. Como avalia a **situação financeira** da associação (difícil, estável, positiva)?

- Porquê

- Evolução
- Perspectivas de sustentabilidade (fontes de financiamento, etc.)

17. De um modo geral, quais as **principais dificuldades** que a associação enfrenta ou enfrentou?

#### **PARTE IV – RELAÇÕES EXTERNAS**

18. Como se desenvolvem as relações com outras sociedades científicas?

- Tipo de relação (formal, informal; apoio, parceria...)
- Pessoas responsáveis por esses contactos (eventuais co-pertenças)

19. Como se desenvolvem as relações da ... com escolas?

- Tipo de relação (formal, informal; apoio, parceria...)
- Pessoas responsáveis por esses contactos (eventuais co-pertenças)

20. Como se desenvolvem as relações da ... com empresas?

21. A ... está filiada ou mantém contactos com alguma associação internacional? Qual/quais? Desde quando? Com que objectivos?

#### **PARTE V - COMUNICAÇÃO**

22. Que formas de **divulgação** das suas actividades privilegia a associação?

- Interna e externa

#### **PARTE VI – REPRESENTAÇÃO E LOBBY**

23. Se a associação desenvolve **actividades de representação**, nomeadamente **junto do poder político** (partidos político, Governo, administração local, etc.), como é que tal se procede?

- identificação dos actores sociais em causa (designação completa dos organismos)
- Porquê (razões para pouca ou muita consulta)
- São procurados ou procuram
- Principais problemas com que lidam
- Impacto percebido da consulta

24. A associação já exerceu **pressão sobre o poder político ou económico**?

- Em que situações
- De que forma
- Porquê
- Impacto percebido desse processo

## PARTE VII – ÉTICA

25. No seu entender, uma associação científica **como esta** deve ter uma **função ética**?

- Porquê
- Eventuais obstáculos ao cumprimento dessa função
- Formas de exercício da função
- Outros actores envolvidos no exercício da função
- Casos concretos

26. Poderia falar-nos um pouco do **projecto de criação de uma Ordem** dos Bioquímicos?

## O(A) PRESIDENTE

### **A - PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO**

27. Pode falar-nos um pouco de si, da sua **trajectória até chegar à presidência da associação** começando pela sua formação e profissão?

- Experiência profissional
- Proveniência geográfica

### **B - ENVOLVIMENTO NA ASSOCIAÇÃO**

28. Qual o seu **percurso no interior da associação**?

- Quando aderiu
- Porquê
- Funções noutras órgãos
- Obstáculos e factores promotores da integração
- Como se tornou presidente

### **C – MULTIPERTENÇAS ASSOCIATIVAS**

29. – Finalmente pode dar-nos conta de **outras experiências associativas** que teve?

- Associações científicas
- Partidos políticos
- Funções desempenhadas
- Convites recebidos

***Chegamos ao fim. Muito obrigado!***



## Anexo 3 Questionário do inquérito aos sócios das associações

### INQUÉRITO AOS MEMBROS DA ...

O projecto de investigação [SOCSCI–Sociedades Científicas na Ciência Contemporânea](#) é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ref. PTDC/CS-ECS/101592/2008) e está a ser desenvolvido pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, com a colaboração do CIES-IUL e do SOCIUS-ISEG-UTL.

No âmbito deste projecto, a ... foi seleccionada para a realização de um estudo de caso. Procurando, assim, estudar mais em profundidade esta associação, preparámos um pequeno inquérito para os seus membros, que pretende essencialmente conhecer as suas opiniões e perfil sociológico.

As respostas são anónimas e confidenciais. Os resultados obtidos serão utilizados para fins exclusivamente científicos e serão analisados apenas pela equipa de investigação.

O preenchimento do inquérito não deverá levar mais do que 5 minutos. Caso tenha dúvidas, por favor contacte: [ana.delicado@ics.ul.pt](mailto:ana.delicado@ics.ul.pt); 21 780 48 34.

O projecto prevê uma ampla divulgação das conclusões, inclusivamente às associações abrangidas e seus membros.

A sua colaboração é indispensável para o sucesso do nosso projecto. Muito obrigado!

#### 1. Em que ano aderiu à ...?

#### 2. Como tomou conhecimento da ...?

Através de um colega de trabalho

Através de um professor do ensino superior/orientador

Através de um familiar/amigo

Através de um evento realizado pela ...

Através dos meios de comunicação social

Através de uma publicação da ...

Através do website da ...

Fui um dos membros fundadores

Outra forma, qual?




**3. Assinale o grau de importância que atribui às seguintes motivações para se ter tornado membro da ...:**

	Muito importante	Importante	+/- importante	Pouco importante	Nada importante	Não se aplica
Interesse pelos objectivos da ...						
Encorajamento de colegas/amigos/professores						
Convite para integrar os órgãos sociais da ...						
Beneficiar de condições especiais de inscrição (por ex. em congressos)						
Participar nas actividades promovidas pela ...						
Beneficiar dos serviços proporcionados pela ...						
Usufruir de vantagens noutras organizações (nas quais está filiada ou com quem tem protocolos)						
Valorizar o meu currículo profissional/científico						

**Outra, qual?**

**4. Assinale os aspectos da vida da ... em que participa:**

Pago quotas	<input type="checkbox"/>
Participo nas Assembleias Gerais	<input type="checkbox"/>
Voto nos processos eleitorais	<input type="checkbox"/>
Faço/fiz parte dos órgãos sociais	<input type="checkbox"/>
Coordeno um núcleo/secção/publicação da ...	<input type="checkbox"/>
Faço trabalho voluntário na associação	<input type="checkbox"/>
Faço donativos/dádivas à ...	<input type="checkbox"/>
Angario novos membros para a ...	<input type="checkbox"/>
Obtenho financiamento/donativos para a ...	<input type="checkbox"/>
Escrevo nas publicações ou website/blog/fórum da ...	<input type="checkbox"/>
Leio as publicações ou website/blog/fórum da ...	<input type="checkbox"/>
Participo nos congressos/encontros que organiza	<input type="checkbox"/>
Participo noutras actividades promovidas pela ...	<input type="checkbox"/>

**5. Assinale o grau de importância que atribui aos benefícios de ser membro da ...:**

	Muito importante	Importante	+/- importante	Pouco importante	Nada importante	Não se aplica
Pertencer a uma comunidade científica/profissional						
Obter informação sobre novidades/descobertas científicas						
Manter-me actualizado sobre eventos, congressos, cursos						
Conviver com pessoas de interesses semelhantes						
Ter a oportunidade de conhecer mais o campo científico (pessoas, organizações)						
Ter acesso a informação sobre oportunidades de emprego						
Poder beneficiar das suas actividades/serviços/publicações/protocolos						
Poder contribuir para a promoção da cultura científica						
Ver os meus interesses representados junto do poder político						
Poder contribuir para o desenvolvimento da ciência e da sociedade						

**Outro, qual?**

**6. Como avalia a acção da ... hoje:**

	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente	Não se aplica
Desempenha um papel importante na ciência portuguesa						
Desempenha um papel importante na sociedade						
Desempenha um papel importante na minha prática científica/profissional						
Desempenha um papel importante na minha carreira científica/profissional						



**7. Do seu ponto de vista, quais dos seguintes problemas tendem a ocorrer na ...:**

- Não haver uma maior renovação de dirigentes
- Ter poucos membros
- Ter pouco envolvimento dos membros
- Proporcionar poucas oportunidades de participação aos membros
- Não apostar na abertura da associação ao público
- Não desenvolver actividades regulares
- Não desenvolver actividades adequadas ou relevantes
- Falta ou insuficiência de apoios públicos
- Instalações inadequadas ou insuficientes
- Falta de pessoal remunerado
- A concorrência com outras associações
- Perder importância perante outros organismos do campo científico
- Ter pouca visibilidade na sociedade ou estar insuficientemente divulgada
- Nenhuns problemas


**Outro, qual?**

--

**8. Pertence ou pertenceu a outras associações científicas portuguesas?**

Sim, sou membro  Não, mas já fui membro  Não, nunca pertenci

**8.1 Se é ou já foi membro de outras associações científicas portuguesas, quais?**

--

**9. Pertence ou pertenceu a associações científicas internacionais?**

Sim, sou membro  Não, mas já fui membro  Não, nunca pertenci

**9.1 Se é ou já foi membro de associações científicas internacionais, quais?**

--

## DADOS SOCIOGRÁFICOS

10. Sexo Masculino  Feminino

11. Idade

12. Nacionalidade

13. Concelho de residência

### 14. Nível de escolaridade (concluído):

Até ao ensino secundário   
Ensino secundário   
Licenciatura   
Mestrado   
Doutoramento

15. Área científica da formação académica

### 16. Condição perante o trabalho:

Patrão  Estudante   
Trabalhador por conta própria  Desempregado   
Trabalhador por conta de outrem  Reformado   
Bolsheiro de investigação  Ocupa-se das tarefas do lar

17. Profissão

### 18. Organização laboral onde exerce/exercia a actividade profissional (principal):

Instituição de ensino superior  Laboratório do Estado   
Instituição Privada sem Fins Lucrativos  Hospital   
Escola do ensino básico ou secundário  Museu   
Outro organismo da administração Pública  Empresa

### Observações

## Anexo 4 Caracterização da amostra do inquérito aos sócios das associações

Quadro A4.1 Distribuição por sexo (%)

Feminino	55,6
Masculino	38,1
NR	6,3

N=907

Quadro A4.2 Distribuição por escalão etário (%)

Até 30 anos	26,4
Entre 31 e 45 anos	47,6
Entre 46 e 60 anos	15,3
Mais de 60 anos	4,1
NR	6,6

N=907

Quadro A4.3 Distribuição por nível de escolaridade (%)

Doutoramento	40,8
Licenciatura	29,0
Mestrado	20,9
Ensino secundário	2,5
Até ao ensino secundário	0,7
NR	6,1

N=907

Quadro A4.4 Distribuição por condição perante o trabalho (%)

Trabalhador por conta de outrem	45,5
Bolseiro de investigação	28,3
Estudante	7,1
Trabalhador por conta própria	5,7
Reformado/ocupa-se das tarefas do lar	3,2
Desempregado	2,5
Patrão	0,9
NR	6,7

N=907

Quadro A4.5 Distribuição por local de trabalho (%)

Instituição de Ensino Superior	56,3
Empresa	11,6
Laboratório do Estado	11,3
Instituição Privada sem Fins Lucrativos	10,8
Outro Organismo da Administração Pública	6,1
Escola do Ensino Básico ou Secundário	5,0
Hospital	3,7
Museu	1,2
NR	9,9

N=907

Quadro A4.6 Distribuição por tipo de associação de que é sócio (%)

Sociedade Científica Disciplinar	58,7
Associação Profissional de Cientistas	25,1
Associação de Divulgação Científica	16,2

N=907

Quadro A4.7 Distribuição por área científica da associação (%)

Ciências Exatas	7,1
Ciências Naturais	37,6
Ciências Médicas e da Saúde	8,8
Ciências da Engenharia e Tecnologias	1,0
Ciências Agrárias	9,4
Ciências Sociais	9,3
Humanidades	1,9
Sem disciplina	25,0

N=907

Quadro A4.8 Distribuição por tempo de adesão à associação (%)

5 anos ou menos	47,2
Entre 6 e 10 anos	18,7
Entre 11 e 20	14,4
Mais de 20 anos	5,8



NR	13,8
----	------

N=907